

SAGA VERFLUCHT
VOLUME UM

Amaldicoados

Anne Holt Muller



PERIGOSAS

Amaldiçoados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Verflucht vol. 1

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Amaldiçoados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

2ª Edição
2017

ANNE HOLT MULLER

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Copyright© 2014 por Anne Holt Muller

Título original: *Cursed*

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Notas de rodapé
Anne Holt Muller.

Imagem na capa
ВЕЛИКОЕ ПРЕДАТЕЛЬСТВО , Vespa Revenge © todos os direitos reservados.

Copidesque e revisão final
Camila Bergamini dos Reis

Distribuição
Amazon, Ltda.

Todos os direitos reservados. A duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quais quer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocopia ou outros), sem a autorização por escrito do autor é proibida e constitui violação de direitos autorais. (Lei

NACIONAIS - ACHERON

9.360/98).

Dados Internacionais para Catalogação na publicação (CIP):

M958 Muller, Anne Holt, 1999 —

AMALDIÇOADOS (2ª Edição)/Anne Holt Muller. — Rio de Janeiro: Amazon; 2017

382p. — (Verflucht, v. 1); 14x21 cm

Tradução de: Cursed. — 2ª Edição

ISBN 978-1973243649

1. Realismo mágico. II. Fantasia. III. Romance. IV. Ficção. V. Título. VI. Série

CDD: B869

CDU: 821.134.3(81)

Saga VERFLUCHT:

1. [Amaldiçoados](#)
2. [Predestinados](#)
3. [Apaixonados](#)
4. [Despedaçados](#)
5. [Fragmentados](#)
6. [Entrelaçados](#)

Contos da saga VERFLUCHT:

1. [Eternizados](#)

PERIGOSAS

2. [Estilhaçados](#)

3. [Arrebatados](#)

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Para Alasca.

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

Parte 1 — Mortal

Prólogo

Siga-me para baixo

Meu, meu, meu

Confortavelmente entorpecida

Deixe ir

Não jogo mais como costumava

Leve-me para casa

E está tudo acabado

Parte 1

Mortal

Prólogo

NOVA YORK, SETEMBRO DE 2013

Estive correndo o mais rápido que pude, mas a floresta era maior do que eu imaginava. Parecia que cada passo que eu dava ia ficando mais distante da saída e pude ouvir uma voz muito longe. Tentei correr mais rápido, mas a lama grudava em meus pés, e eles ficavam mais pesados até que não consegui mais correr, estava cansada demais e me deixei cair...

— Juliette, acorde, você não vai querer perder o voo. — Era meu pai, Jon. — Dave está esperando por você, não se atrase.

— Já vou descer. — Levantei.

Minhas malas estavam ao lado do meu criado mudo. Ia me mudar da agitada Nova York para um internato em uma cidade calma, não distante dali. Salém, Massachusetts. Meu avô tinha morrido no NACIONAIS - ACHERON

último ano na queda de seu avião, como o meu namorado, por isso eu precisava de um recomeço para mim.

Minha mãe me abandonou quando eu tinha uns nove meses e morava em Praga ou algum lugar assim. Viajando pela Europa, eu não fazia a menor ideia de onde ela morava *de verdade* porque Jon não me contava nada, assim como o meu avô.

A única coisa que Friedrich e Jon tinham dito sobre minha mãe era que eu era uma cópia fiel dela e aquilo me incomodava bastante às vezes. Como eu podia ser tão parecida com alguém que eu não conhecia? Ou, como alguém podia se parecer comigo e nem se importar em me conhecer? Tomei banho e vesti-me rapidamente antes pegar minha mala e descer. Depois da morte do meu avô a casa parecia negra, escura e inabitada.

— Juliette? Ande logo, Dave está esperando. — A voz de Jon vinha da biblioteca. — Venha cá, preciso te entregar uma coisa antes de você sair. — Andei até lá. A porta estava aberta e entrei.

Parecia o mesmo lugar de alguns anos atrás, ainda tinha o perfume *dele*, apesar de fazer tanto tempo que ele estivera ali, os livros que ele

NACIONAIS - ACHERON

costumava ler para mim ainda estavam empilhados sobre uma cadeira velha em um canto esquecido e meu pai estava sentado atrás da mesa, que outrora pertencera ao meu avô.

— Ah! Você já está aqui.

— Não existem férias para os negócios, você ficará no colégio nas férias? Ótimo. — Ele se levantou e pegou alguns livros na gaveta. — Aqui estão seus livros, sua mesada está na sua conta.

— Talvez venha para cá nas férias ou no Natal.

— Terei de viajar para fechar alguns negócios. — Ele se sentou, sorrindo. Ele era lindo, mas, estranhamente, nunca estivera em um relacionamento desde a minha mãe. Não que as mulheres não se jogassem em cima dele. Bonito e *bilionário*. Parecia uma combinação perfeita, mas não para ele.

Jon estava sozinho desde que minha mãe havia nos deixado, e ele também se parecia comigo, principalmente em suas feições e em seus cabelos negros, uma boa qualidade para se herdar.

— Com a sua idade, eu estava torrando o dinheiro do meu pai em viagens internacionais caras. Por que não viaja para algum lugar? São
NACIONAIS - ACHERON

longos meses longe do colégio. Vou reservar passagens para Roma no fim do ano. Dois dias. Por que não vem comigo?

— Sêrio? — Ergui a sobrancelha e repuxei os lábios enquanto Jon sorria.

— *Sêrio*. — Ele prolongou a palavra pelo máximo de tempo possível.

— É, eu posso ficar na companhia dos empregados. — Revirei os olhos e dei-lhe as costas.

— Vem aqui. Quero te dar uma coisa antes de ir.

— Não quero. — Abri a porta e Jon me alcançou em menos de meio segundo e bateu a porta ruidosamente.

— Venha aqui. — Seu tom suavizado fez com que eu girasse os ombros e o acompanhasse para vê-lo abrir uma gaveta da escrivaninha, tirar um delicado cordão de ouro com um pequeno diamante. — Eu... Quase me esqueci, era da sua avó, quando papai morreu, pediu que entregasse a você.

Lembrava-me da minha avó tão pouco quanto me lembrada da minha mãe, apenas o que diziam. Meu pai sabotou o cordão e deixei que colocasse em

NACIONAIS - ACHERON

mim, afastando meu cabelo com cuidado.

— Está lindo, agora vá antes que Dave se irrite com você. — Ele me abraçou.

Quando entrei no carro, Alex, meu melhor amigo, já estava lá, assim como Dave, o pai dele e nosso motorista.

— Juliette Von der Hohenfels, você está atrasada.

— Eu sei, me desculpe.

— Oi. — Disse Alex.

— Olá. — Eu sorri.

Chegamos ao aeroporto e trinta minutos depois, eu e Alex estávamos no avião. Eu já estava acostumada a viajar, mas tudo aquilo era novo pra ele. Felizmente, o voo não foi rápido, mas durante todo o tempo, nós dormimos. Quando chegamos ao aeroporto um motorista do meu pai foi nos buscar e levar até a escola.

SALÉM, MASSACHUSETTS

A escola tinha dois andares e o mais estranho era que em volta havia uma floresta de mata aberta, porém obscura e assustadora. Parecia que eu já

NACIONAIS - ACHERON

havia estado lá e senti-me tonta ao perceber que era a mesma floresta do meu sonho, parecia ainda mais fria, escura e horrível. Mais assustadora do que quando eu tinha aqueles sonhos estranhos. Meu corpo se arrepiou e respirei fundo quando quase caí.

— Tudo bem? — Alex parou ao meu lado para perguntar.

— Eu estou bem, é só que esta floresta é estranha...

— *Sonhos estranhos que a Julie tem tido durante todo o verão.* — Ele deu um sorriso com o canto dos lábios e fiz o mesmo. O motorista tinha sumido escola adentro com nossas malas e depois que saiu, desapareceu em menos de um minuto, antes mesmo que eu tivesse a chance de caminhar até as portas duplas e pesadas e entrar.

O salão era enorme e aparentemente antigo, como dizia minha pesquisa sobre o lugar; algo em torno da década 1940. À esquerda tinha um corredor e a frente uma longa escada em espiral que desaparecia, mas se seguia ao longo de vários metros.

— Não sei se gosto daqui.

NACIONAIS - ACHERON

— É, parece... Estranho. — Assenti e me senti fraca mais uma vez. Aquele lugar era o mais estranho que eu tinha estado, isso por falta de palavra melhor e mais adequada. Alex colocou as mãos em meus ombros, me apoiando, ao mesmo tempo em que os massageava.

— Anime-se, temos um ano inteiro aqui. Garotas bonitas, *caras* bonitos e depois você vai poder ir para onde quiser.

Ele estava certo, de certo modo. Respirei fundo e me virei com um sorriso. Tínhamos tirado um tempo para conhecer um pouco da pequena cidade antes de chegarmos até ali e almoçado fora, por assim, quando chegamos, já era quase um fim de tarde, com um efeito de nostalgia prolongado pela névoa que envolvia a floresta sombria.

— Você está certo. — Pisquei algumas vezes e meus joelhos se dobraram levemente quando perdi a consciência.

— Ei, *Juliet*, bem-vinda de volta. — Sentei devagar com a cabeça pesada e a ponto de explodir.

— Jesus, o que aconteceu? E como eu vim parar
NACIONAIS - ACHERON

aqui? — Olhei para o rádio relógio acima da cama e me dei conta de quanto tempo se passara. Já era mais de oito da noite.

— Você desmaiou. A enfermeira disse que foi só queda de pressão. — Ele sentou ao meu lado e endireitei-me, apoiando as costas na parede.

Fechei os olhos com força para absorver a sensação de ter me levantado rápido demais.

— Deus, estou morrendo de fome, podemos comer alguma coisa? Agora? — Alex olhou para mim.

— Você está falando como uma britânica. — Ele ficou de pé com muito mais habilidade do que eu conseguiria fazer naquele momento e sorri.

— É porque eu *sou* britânica. Vou tomar um banho. — Levantei e dei uma olhada no quarto claustrofóbico.

Ao lado da cabeceira da cama, encontrava-se um banheiro minúsculo, e no outro lado, a porta. Uma janela pequena na outra extremidade e eu já sentia vontade de fugir dali para voltar a minha suíte luxuosa em Nova York. Respirei fundo e revirei a mala até achar uma toalha, a primeira coisa que não tinha cheiro de tinta de parede naquele lugar.

NACIONAIS - ACHERON

Coloquei uma camiseta preta sem mangas com os dizeres “*I love you, Bristol*”^[1], jeans e botas. Alex ficou mexendo no celular enquanto procurávamos o corredor certo até o refeitório. O meu tocou, mas nem tirei do bolso, empenhada em minha tarefa de encontrar algo para mastigar.

— Espera. — Coloquei a mão em seu braço rapidamente para fazê-lo parar e me olhar. — Você conheceu alguém. Conheceu, não é? Uma garota?

Ele ficou quieto e retorceu os lábios.

— *Não!* Só estamos aqui há algumas horas. Não seja ridícula.

— Onde esteve? — Ele continuou andando e fui atrás dele.

— Conhecendo as instalações. — Ele riu.

Claro que tinha conhecido uma garota. Finalmente achamos o refeitório ou *eu* achei. Ele já parecia devidamente orientado.

— Fala sério... — Empurrei a porta vai e vem e entrei, deixando-a voltar e quase bater em Alex. Ri sozinha por um segundo e peguei uma bandeja.

Coloquei tudo que tinha ali e meu amigo enfiou o celular no bolso, pegando uma bandeja e comida ao meu lado:. — Está certo, eu conheci uma garota

NACIONAIS - ACHERON

durante a reunião de grupos à tarde.

— Deus, sua cama já viu um corpo nu. Acho que estou em desvantagem. — Ele sorriu; peguei suco, mousse de chocolate, uma colher de plástico, depois voltei e coloquei uma pilha de purê de batata. A mulher que trabalhava na cozinha ficou olhando para mim com cara de quem desconfiava que eu fosse comer aquilo tudo.

— Você ainda tem tempo. — Fomos até uma mesa vazia e redonda. As pessoas dali pareciam extremamente comuns e conversavam baixo, outras mais altas e audíveis.

— Ela está aqui? — Murmurei e Alex deu uma olhada rápida e balançou a cabeça afirmativamente. Ergui a sobrancelha e coloquei a colher com purê na boca.

— É aquela loira ali. — Ele apontou com a colher de maneira sutil para a loira mais estonteantemente linda que eu já tinha visto na vida. Meu queixo caiu na mesma hora.

— Dormiu com *aquela* garota?

— Cala boca. — Percebi que tinha falado mais alto que um sussurro.

A garota parecia ter uns dezesseis anos, cabelos
NACIONAIS - ACHERON

loiros naturais não muito longos, olhos verdes, muito verdes num tom que eu nunca tinha visto na vida de tão lindos, não era muito alta, mas também não era baixa e se vestia de maneira sofisticada demais para uma adolescente.

Ela estava sentada ao lado de um cara e eles conversavam de maneira *íntima*, para dizer o mínimo. Um cara lindo de cabelos loiro-acobreado e olhos verde musgo, peitoril definido, mas não musculoso demais. Deus! Devia ser o cara mais bonito que eu já tinha visto na vida. E parecia lindamente comprometido. Desviei os olhos deles, percebendo que já tinha encarando demais, mas era impossível não olhar quando ele sorria. Fechei os olhos por um segundo e girei, voltando minha atenção novamente para Alex.

— Eles parecem...

— Íntimos. — Alex também tinha percebido o mesmo que eu. Ele franziu o cenho de maneira quase imperceptível. — Acha que eles...

— É o que parece.

— Azar o dele, então. — Eu ri e terminamos nosso jantar.

Estava afundando e tentando me agarrar a alguma coisa ao mesmo tempo. Estava em uma praia ou algo assim, bem no meio dela e eu não conseguia nadar até a margem. Comecei a submergir, afundando como se algo me puxasse para baixo, para o fundo. Gritei enquanto meus pulmões se enchiam da água que entrava pela minha boca. Tossi e afundei, balançando meus braços de maneira idiota, tentando nadar, pois não sabia nadar e tinha pânico de água desde os dez anos de idade.

Mas, repentinamente, alguém me segurou forte pela cintura e me puxou até a margem, só que eu não conseguia ver seu rosto, apenas o sentia me segurar pelos ombros, em seguida, deixou-me na beira da água, contudo, ao invés de areia, eu estava coberta de lama e usava a mesma camisola que colocara antes de dormir. Agora estava coberta de lama. Pousei a cabeça naquela sujeira toda, tentando respirar e sentindo uma pressão torácica enorme que me impedia de fazê-lo...

Acordei assustada no quarto e demorei algum
NACIONAIS - ACHERON

tempo até conseguir lembrar onde estava. Ergui a mão procurando por um interruptor e acendi a luz. Minha cama estava encharcada e cheia de lama assim como eu e meu cabelo estava molhado e sujo, enlameado. Cabelo, roupas e os lençóis brancos. Dei um pulo da cama. Estava toda molhada. Olhei ao redor e meu primeiro instinto foi sair correndo dali.

Tirei os lençóis, puxando tudo de uma vez, e joguei tudo na cesta de roupa suja. Decidi que não conseguiria ficar ali nem por um segundo a mais. Fechei a porta e andei pelo corredor, praticamente correndo, até o corredor dos meninos e encontrei o quarto de Alex. E, graças a Deus, eu sabia o número do quarto dele. Bati na porta, levemente para não acordar ninguém além dele.

— Alex. — Chamei uma vez e bati com mais força. A porta se abriu e minha mão ficou no ar por mais um segundo antes de eu abaixá-la. Estava escuro, mas pude ver que ele estava usando apenas uma daquelas calças folgadas de dormir, sem camisa.

— Puta merda, o que aconteceu com você? — Não respondi por vários segundos, apenas balancei

NACIONAIS - ACHERON

a cabeça.

— Posso entrar? — Perguntei finalmente.

— Tem um problema... — Devia estar com cara de coitadinha porque ele me olhou apenas por mais um segundo antes de me deixar entrar sem dizer qual era o problema, mas eu não conseguia pensar direito naquele momento, nem me importar se realmente tinha um problema. — Eu tenho um... Colega de quarto.

Havia uma cama ao lado da porta e a outra na parede aposta e o banheiro alguns metros ao lado. Duas cômodas, cada uma ao lado de uma das camas e uma janela no fim do que parecia ser um corredor e não um quarto. Olhei para a cama ao lado da porta e vi alguém. Um cara. De costas com o notebook no colo, escrevendo alguma coisa, recostado em uma pilha de travesseiros, também sem camisa.

— O que aconteceu com você? — Ele perguntou mais uma vez e puxou uma cadeira que eu não tinha visto e eu sentei. Alex sentou na cama à minha frente, mas eu não precisava responder. Ele sabia o que era e segurou minha mão, depois me deu um copo de água.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu vou... Voltar para o meu quarto. — Disse depois de me acalmar o suficiente para conseguir abrir a boca. Só conseguir me levantar depois de um tempo e saí dali.

No dia seguinte, estava pronta para outra. Ou mais ou menos isso. Usava a mesma roupa que tinha usado por alguns minutos na noite anterior e estava com meu horário, meio amassado, e bolsa a tiracolo com alguns livros. Andei pelo corredor e desci as escadas, voltando ao salão principal em que estivera no dia anterior, e virei à esquerda, indo na direção as salas.

A primeira era na de número 28, mas antes disso, decidi que precisava comer, então fui encontrar Alex no refeitório. Ele parecia estar se enturmando com a garota com quem tinha dormido e que, supostamente, tinha um namorado. Ele acenou para que eu juntasse a ele e demorei um pouco, procurando algo que não me enojasse. O sonho bizarro da noite anterior ainda estava na minha cabeça, e eu não podia fazer muito para tirá-lo de lá; comecei a me esforçar quando sentei à frente do meu amigo e peguei o garfo de plástico, olhando

NACIONAIS - ACHERON

para o bacon e os ovos antes de perceber que Alex estava prestes a me apresentar a sua nova *amiga* quando comecei dar mais atenção à comida.

— Julie, está é a Cassandra. Cass, essa é minha amiga, Juliette. — Antes que a menina pudesse dizer alguma coisa, e eu já estava com os lábios meio abertos para dizer um olá que perdoaria toda a minha falta de educação anterior, o cara de cabelo loiro-acobreado que estivera com ela no dia anterior, apareceu e sentou-se ao meu lado.

Alex fez cara de quem estava esperando que Cassandra explicasse e voltei minha atenção para a comida, ignorando o drama adolescente que se desenrolava à minha frente. Quando comecei a comer, Cassandra finalmente falou alguma coisa, enquanto bebericava água num copo descartável. Tudo parecia descartável naquele lugar.

— Que falta de educação a minha, nem apresentei vocês. Alex, este é meu irmão. — Ela acenou para o cara ao meu lado e ele deu uma mordida em uma maçã verde. — Rafael.

— Irmão gêmeo. — Ele sorriu com o canto dos lábios.

Fiquei olhando para ele por longos segundos

NACIONAIS - ACHERON

antes de perceber que estava encarando e parei, empurrando a bandeja um centímetro para o meio da mesa. Quando Alex voltou a sua conversa com Cassandra, Rafael se inclinou um centímetro. — Um literal centímetro. — Para murmurar:. — Você estava linda de camisola ontem à noite. — E saiu.

Minha primeira aula era ocultismo. Como eles podiam ministrar aulas de ocultismo para alunos do ensino médio? Mesmo sem entender, procurei a sala de número vinte e oito e entrei faltando um minuto. A sala era pequena, assim como todas as outras, e tinha cerca de quinze cadeiras para os alunos sentarem em dupla; alunos que foram entrando rápido quando tocou o sinal e uma linda mulher entrou e fechou a porta. Sentei só em uma cadeira perto da janela do lado direito, oposto a porta. A professora de ocultismo usava um vestido preto até os joelhos que lhe caía perfeitamente bem. Seus olhos verdes e cabelos loiros em um estonteante tom acobreado a faziam parecer uma atriz da The CW^[2] e quando a porta se abriu, Rafael enfiou a cabeça por ela.

— Posso entrar? — Só então me dei conta da
NACIONAIS - ACHERON

semelhança entre eles. A professora suspirou.

— Sempre atrasado. Entre logo. — Ela soou impaciente, como se já estivesse habituada, mas jamais acostumada ao atraso dele.

Rafael se sentou ao meu lado e afundei um pouco mais na cadeira.

— Alguns devem ter se assustado quando viram em suas grades curriculares a matéria *Ocultismo*. Mas o ocultismo não é nada além de algo que não pode ser praticado às vistas. Apesar de ser algo bem óbvio, muita gente nunca pensou assim, então nada melhor para iniciar nossa matéria do que o assunto *bruxos*. — Ela usou um pedaço de giz para escrever o nome BRUXARIA bem grande no quadro negro. — Que não é nada mais do que humanos praticando magia. Nada de bruxas feias, narigudas e enrugadas, usando chapéus compridos e se escondendo em florestas. *Matando* criancinhas inocentes. — Ela falava bem e explicava coisas melhor ainda. Eu poderia acreditar em suas palavras e nunca fui completamente cética com relação a nada.

“Ainda não me apresentei. Meu nome é Elena Hamilton e darei aulas de ocultismo até o fim do NACIONAIS - ACHERON

ano escolar, então, para quem se inscreveu na minha matéria achando que ocultismo é menos pragmático que as outras matérias ou quem não queria se esforçar nas aulas extras. — Ela olhou diretamente para mim quando continuou:. — Pode ir até na secretaria e trocar de aula. Para quem se inscreveu porque realmente tem interesse... Bem-vindos a minha sala.

No fim da aula, acabei descobrindo que Rafael era filho de Elena e, como já suspeitava, ele era o colega de quarto de Alex. Senti-me extremamente constrangida depois de seu comentário, mas o que eu poderia dizer? *Desculpe aparecer no seu quarto no meio da noite, só queria falar com meu amigo sobre uns sonhos que eu estou tendo. A propósito, a água e a lama que eu estava coberta ontem, saíram de um sonho. Nada demais.*

Passei por todo mundo em dois segundos e fui para a segunda aula. Algo mais normal comparada à primeira. Inglês. Tinha mais aula da Sra. Hamilton no período da tarde, mas segundo dizia meu horário as aulas da manhã eram teóricas e as da tarde seriam práticas. Fiquei meio confusa sobre

NACIONAIS - ACHERON

como a professora de ocultismo poderia transformar bruxaria em aula prática, mas ela esteve me surpreendendo desde que entrei na sala dela.

Acabei escolhendo ocultismo como a segunda matéria extra pelo fato de não gostar de correr e ter medo mórbido de água, o que eliminava educação física e natação. Sobrava canto e dança. Não gostava de dançar. Sabia tocar algumas coisas, mas não gostava de fazer isso para ninguém escutar.

A aula de inglês e as outras da manhã correram normalmente. Antes da hora do almoço, Alex mandou uma mensagem, dizendo que estava me esperando para conversarmos, mas depois disse que estaria ocupado com Cassie. Também não estava com fome e tinha uma aula vaga antes do almoço. Fui para o quarto e abri o notebook. Tinha um e-mail de Jon do domingo. Mais uma das mudanças de humor de Jon. Agora ele era o pai presente que se importava.

De: jonhohenfelsvon@gmail.com

Para: juliettevonhohenfels@gmail.com

Alex falou que você desmaiou. Está se alimentando direito? Não liguei porque não sei se celulares são permitidos aí durante dias de aula. Ligue se puder ou responda esse e-mail. Amo você.

Respondi alguma coisa relacionada a eu estar muito bem e ter sido apenas uma baixa na pressão ou alguma baboseira assim. Cochilei por uns quinze minutos, finalmente livre dos sonhos.

A noite anterior tinha me perturbado mais do que os sonhos esquisitos do verão. Soltei meu cabelo negro e ondulado, passei um pouco de base embaixo dos olhos para esconder as olheiras que começavam a surgir e fui para a aula. Biologia, sala doze. Cheguei pouco antes do professor e sentei-me no único lugar vazio; na frente, ao lado de um cara extremamente gostoso de cabelos loiros que parecia mais velho do que era de fato. Tinha o cabelo loiro-acobreado e olhos verdes muito claros e, ao mesmo tempo, intensos, que provocaria uma reação física em qualquer um que olhasse e me fez querer tirar minha camisa assim que entrei naquela sala, algo estranho para mim.

— Certo, para quem não me conhece. — O
NACIONAIS - ACHERON

professor começou, parecia ter seus quarenta anos e usava jeans e camisa social —, eu sou o professor de biologia. Anthony Healthy^[3]. O nome pode parecer ironia, mas o único sarcasmo que usarei será no fim do semestre, no boletim de cada um. E para quem me conhece, a maioria que estudou aqui no último ano. — Ele fez uma pausa, com as mãos nos bolsos e sorriu. Mais para si mesmo do que para nós —, bem, estão todos calados e fingindo que gostam de aprender com o dinheiro que os pais de vocês gastam nisso aqui. Vamos à aula prática. — Franzi as sobrancelhas, questionando se tinha lido direito meus horários direito.

— É uma piada do Healthy. — Disse o cara do meu lado quando o professor começou a falar sobre um trabalho que valeria quase toda a nota e escreveu algumas coisas no quadro-negro. — Me chamo Cedrico, à propósito.

— Juliette. — Ofereci um sorriso que soou idiota. Ele sorriu com o canto dos lábios e afundou na cadeira. Cedrico me fez parar no meio do corredor ao parar diante de mim. Parei abruptamente, um tanto surpresa.

— Oi, desculpe, acho que te assustei. — Suspirei

NACIONAIS - ACHERON

e assenti. — Só quis ter certeza de que sabe sobre a Festa Das Onze.

— Não, na verdade. Não sei muita coisa por aqui. — Várias pessoas passaram por nós e ficamos num canto do corredor estreito.

— Está convidada, então, Juliette. — Ele sorriu de maneira fantástica. — É na piscina lá pelas oito. Pode se vestir como quiser, não temos regras de vestuário. Te vejo lá. — E ele desapareceu na multidão.

Siga-me para baixo^[4]

— Sr. Hamilton, esteve doente? Faltou às aulas da manhã. — Cedrico entrou e reparou numa cadeira vazia ao meu lado e várias outras espalhadas pela sala. Varias pessoas tinha desistido da matéria da Sra. Hamilton depois de sua *aula introdutória*.

— Não. — Eles eram parentes, então. Mas Cedrico não poderia ser filho dela, assim como Rafael e Cassie, porque não tinha como aquela mulher perfeita a minha frente ser mãe de três filhos da mesma idade. Ou dois, considerando que Cassie e Rafael eram gêmeos. Se eu tivesse a oportunidade perguntaria a Cedrico mais tarde na tal Festa Das Onze na piscina.

Ele sentou ao meu lado. Rafael estava sentado algumas fileiras atrás de nós e duas fileiras ao lado.

— Cedrico ficou preso dentro do armário da limpeza e perdeu duas aulas, Sra. Hamilton. — Ele

riu e Cedrico o fuzilou com o olhar. Ambos se pareciam, mas Cedrico parecia pelo menos dois anos mais velho, por causa da barba por fazer em seu rosto. — Eu mesmo o tranquei.

— Seu...

— Chega. Vocês dois. — Elena se interpôs entre eles e apontou para os dois para que parassem a discussão. — Rafael, você o trancou no armário...

— Ei, não o obriguei a entrar. Cedrico estava dando uns amassos numa loirinha do último ano. Eu só virei a chave. — Elena revirou os olhos e voltou para sua mesa e se sentou.

— Resolvam isso, mas não na minha aula. — Afundei na cadeira e Cedrico fuzilou Rafael por três segundos antes de voltar seus olhos para frente. Ainda não tinha decidido se queria ir naquela tal festa, mas pareceu uma ideia melhor a cada minuto que passava.

Alex apareceu no meu quarto as duas enquanto eu digitava alguma coisa sobre um trabalho de história e tinha um livro aberto na perna esquerda. Ganhei uma escrivadinha de Jon e coloquei meu notebook e alguns livros sobre ela e a coloquei aos pés da estreita cama de solteiro. A porta se abriu

NACIONAIS - ACHERON

num solavanco, tinha que aprender a trancá-la para não me assustar na próxima vez.

— Desculpe ter te largado o dia inteiro. — Ele bagunçou meu cabelo e balancei a cabeça sem interromper o que estava fazendo.

— Tudo bem, conheci um cara. Quero dizer, não *um cara*. Ele só me chamou pra uma festa que vai ter mais tarde.

— E parece que você não está com uma desvantagem tão evidente assim. — Alex sorriu e sentou na minha cama, olhando para mim e fechei o notebook, depois de salvar o trabalho.

— Você vai? — Ele ergueu os ombros e falou alguma coisa sobre talvez ir com Cassie.

— Você está nervosa, não está? — Dei de ombros e ele ficou encarando por um tempo.

— Não é um encontro, Alex. Ele só falou sobre a possibilidade de *talvez* nos encontrarmos numa tal Festa Das Onze em que *todos* os alunos vão. Não é nada demais. — Claro que era.

— Claro que é. — Ele sorriu.

— Está bem, eu quero encontrá-lo. Não que goste, é só que...

— Você não sai com ninguém desde o Chris. —
NACIONAIS - ACHERON

Balancei a cabeça devagar e fechei os olhos devagar, deixando que as lembranças viessem devagar, porém corrosivas, então os abri. — Relaxa, bebe um pouco pra relaxar, mas não muito. Por que não vamos pra cidade mais tarde? Não tenho mais aulas e você pode comprar uma roupa bonita pra sair com esse cara. — Eu sorri e ele esteve sorrindo desde que entrou no meu quarto.

— Pensei em usar um jeans e...

— Cala a boca e vamos comprar um vestido bonito para você. — Ele fez uma pausa e levantou, mas quando abriu a boca, foi eu quem falou.

— E cerveja e cigarros. — Ele segurou minha mão para eu levantar.

Jon deixou uma Mercedes azul, conversível, no colégio para mim. E, como não estava quente demais e nem frio demais, coloquei meu Ray-ban, assim como Alex e deixei que o vento agitasse meus cabelos enquanto dirigia a 80km/h na estrada estreita até Salém. Entramos em centenas de lojas com o cartão de crédito de Jon e comprei uns seis vestidos, e foram apenas os que eu mais gostei. Alex parecia mais velho do que eu, bem mais, NACIONAIS - ACHERON

então fiquei no carro quando ele entrou na loja com a identidade falsa. Jon tinha colocado alguns dos CDs que tinha deixado no meu quarto, na casa de Nova York.

Peguei o do Pink Floyd. *The Piper At The Gates Of Dawn* para escutar a sétima música quando uma moto parou ao meu lado. Era Cedrico e fiquei surpresa como ele pareceu ainda mais bonito e atraente em uma moto, vestido uma jaqueta. Ele tirou o capacete.

— Preciso de ajuda. — Coloquei o CD de volta no porta-luvas.

— Tudo bem. Se eu puder ajudar, eu acho.

Cedrico enganchou o capacete no braço e manobrou a motocicleta, deixando-a na frente da lojinha e deixou o capacete lá quando caminhou até mim. Em seguida ele sorriu magnificamente, abriu a porta e entrou. Tirou a jaqueta e jogou perto de onde meu pé estava no freio.

— Em que precisa que eu te ajude?

— Nisso. — Ele se esticou e me deu o beijo mais doce, embora sua boca tivesse gosto suave de vinho e eu conseguisse sentir o cheiro de cigarros em suas roupas. Cedrico segurou meu rosto e em seguida

NACIONAIS - ACHERON

minha nuca, seu corpo inclinado sobre o meu.

Seus dedos ágeis e habilidosos me puxaram pela cintura e fechei os olhos, deixando que ele me beijasse, fosse por que motivo fosse. Não me importava nem um pouco. Eu gostei e poderia beijá-lo por mais um pouco, mas um monte de luzes piscaram e tive que abrir os olhos para ver dois carros da polícia. Um atrás e outro ao lado do meu carro. Cedrico ainda segurava meu rosto quando o carro ao lado abaixou o vidro e dois policiais de meia idade olharam para nós como estivéssemos cometendo um crime ou alguma infração grave.

— Com licença. — Cedrico me soltou, mas pousou a mão na minha coxa nua. Eu estava usando uma mini saia e blusa folgada, no mesmo estilo da minha camisa favorita que estava usando no mesmo dia mais cedo, porém era apenas preta com o desenho de um pássaro voando de cor fluorescente.

— Podemos ajudar? — Cedrico perguntou com ar despreocupado e sorridente ao meu lado, sempre muito confiante.

Ambos os policiais nos avaliaram por um longo momento e me questionei se estavam procurando

NACIONAIS - ACHERON

por ele e concluí imediatamente que sim, mas não tinha o desejo de entregá-lo por qualquer motivo que fosse, independente do que tivesse feito.

— Estávamos procurando um suspeito por conduta inadequada. A motocicleta parecia uma Harley, mas pela velocidade que estava não podemos afirmar com certeza.

— Usava jaqueta. — Disse o que estava no banco do motorista.

A mesma jaqueta que está nos meus pés? Engoli em seco e me perguntei o que *conduta inadequada* queria dizer e supus que podia ser um milhão de coisas.

— Não vi ninguém. Estamos esperando nosso amigo. — Disse finalmente e me assustei em como soei segura mentindo.

Alex saiu da loja e agradeceu mentalmente por ter lembrado a ele de colocar as coisas na mochila. Virei e seus olhos se arregalaram na minha direção e ele olhou para Cedrico por um longo momento, caminhando até o carro. Ele estava com a mochila num dos ombros e uma sacola com um monte de Doritos.

— Esse é o seu amigo?

NACIONAIS - ACHERON

— É, sim. — Cedrico se afastou e Alex olhou para os dois carros.

— O que aconteceu? — Fiquei feliz que ele tivesse perguntado aquilo e não quem era o cara do meu lado com a mão, perigosamente, na minha coxa, me deixando quente e envergonhada, mas não apareceu muito. Apenas uns espasmos onde estava minha perna direita, onde a mão de Cedrico estivera há poucos segundos.

Os policiais estavam ficando impacientes e já tinham visto a moto parada perto da porta da loja, mas tinha algo parecido com uma mata fechada ou algo parecido e o suspeito poderia, facilmente, ter fugido por entre ela. Do outro lado tinha apenas algumas montanhas. O rádio dentro do carro deles começou a chiar e o que estava no banco do motorista falou alguma coisa e desligou.

— Eles estão procurando alguém de jaqueta, acho. — Dei um sorriso despreocupado, fingindo-me de idiota e percebi que Alex estava tão preocupado quanto eu. *Ele tem uma identidade falsa no bolso da frente, duas garrafas de vodka e um pacote com vinte maços de Marlboro Light. Não olhem na mochila dele.* E eu estava rezando

NACIONAIS - ACHERON

para irem embora logo, depois de constatarem que éramos apenas adolescentes idiotas.

— Eles não viram nada, vamos dar o fora. Tomem cuidado, crianças. — Ele fez sinal e o outro carro o seguiu, sumindo numa curva fechada na pista. Alex ficou um tempo parado do lado de fora e eu fiquei estática, com as mãos apoiadas no volante, mas incapaz de me mover para sairmos dali.

Cedrico abriu a porta do carro e finalmente levantei e saí também:. — O que foi aquilo?

Ele parou no meio do caminho e fiquei na frente do carro.

— Eu explico mais tarde, Julie. — Ele sorriu.

— Sua jaqueta... — Apontei, debilmente para o carro e ele pegou o capacete e montou na moto, ligando-a.

— Te vejo mais tarde. — E ele desapareceu como os outros na curva fechada perto da lojinha.

— O que aconteceu? Estavam dando uns amassos no carro? Que vulgar, Julie. — Peguei a mochila na hora de entrar, para o caso de sermos pegos. Não queria que minhas ideias absurdas lhe causassem

NACIONAIS - ACHERON

problemas.

— Nem sei direito. — A escola tinha um estacionamento para os alunos e saí do carro, entrando na escola.

Sempre me causava arrepios quando passava por aquela floresta aberta que cercava a escola, olhei a trilha aberta por onde entramos depois de sair da estrada. Eram apenas quinze minutos até o centro da cidade.

Alex levou as coisas que eu tinha comprado, e tentei decidir mentalmente o que ia usar. Ele jogou um saco de Doritos para mim. Salgadinho de queijo *nacho* nunca teve um gosto tão bom.

Acabei colocando um vestidinho preto e leve, sem mangas e uma camisa de frio fina por cima, da mesma cor. Alex estava com Cass, o que não era uma surpresa. Estava usando botas porque não sabia o que significava a festa da piscina, mas era apenas uma piscina olímpica em um espaço enorme e azulejos no chão. Eram nove horas ainda. Arquibancadas enormes do lado da porta de entrada com algumas pessoas sentadas lá.

Tinha ainda uma mesa improvisada de DJ e uma

NACIONAIS - ACHERON

mesa de ponche, mas não tinha nenhum professor perto demais ali, embora eu tivesse visto pelo menos quatro quando entrei, então colocavam vodka nas bebidas e era permitido servir cerveja depois das onze. Daí o nome da festa.

— Vodka? — Perguntou o garoto com cara de *nerd*, embora bonitinho, quando peguei ponche vermelho que eu não fazia a menor ideia do que era. Assenti, ele me serviu e afastei-me, agradecendo. Fiquei olhando a luz da água refletindo no teto, produzindo nuances bonitas por conta da pouca iluminação e uma bola de espelhos no teto, reproduzindo por todo o ginásio uma luz rosada e fraca.

Girei o copo com cuidado entre os dedos e meu anel de rubi no meu anelar que tinha ganhado do meu avô no meu aniversário de quinze anos e fiquei pensando em Friedrich por um tempo.

— Desculpe pela confusão mais cedo.

Só me dei conta de sua presença quando escutei sua voz atrás de mim e depois ao meu lado. Virei a cabeça para ele, parado ao meu lado, observando a mesma luz cintilante em nossos rostos. Tocava um folk britânico ao fundo, mas não alto o suficiente

NACIONAIS - ACHERON

para que eu precisasse levantar a voz para ele me escutar.

— Ah, tudo bem. Te livreí de uma hoje, não foi?

— Ele sorriu.

— Eu estava rápido mesmo. Acho que fico te devendo essa. — Ficamos um tempão em silêncio apenas escutando os sons difusos atrás de nós e as conversas indistintas dos casais que insistiam em dançar.

— Ainda estou com sua jaqueta.

— O quê?

— Está no meu quarto...

— Pode me devolver depois. Quer dançar? — Desviei os olhos dos dele, mas como ele me olhou por uns três segundos, captou meu olhar.

— Eu não sei dançar. Só ia pisar no seu pé.

Cedrico estendeu a mão:. — Estou usando sapatos, Juliette.

— Desculpa. — Estava tocando *To The Hills* e Cedrico me puxou para mais perto. Pisei no pé dele de novo.

— Para de se desculpar. Quer dar uma volta? — Ele perguntou um tempo depois, quase no fim da
NACIONAIS - ACHERON

música.

— Onde? — Tirei a cabeça de seu ombro e olhei para ele. Seus olhos verdes profundos me deixavam quase que hipnotizada e com as luzes em seu rosto os pelos de seu rosto pareciam mais claros, assim como seus cabelos.

— Dar uma volta de moto. Prometo que não vamos correr da polícia. — Ele sorriu e eu também.

— Não podemos sair, não é? — Meu olhar acabou encontrando Elena e me lembrei que queria perguntar algumas coisas.

— Não. Mas estou te devendo uma. E vou continuar, mas pelo menos vou ter atenuantes. — Passei a língua pelos lábios devagar. — Podemos ir num bar. Perto da estrada principal.

— Vamos dar uma volta. — Saímos pela porta dos fundos, mais escondida que dava em lugar nenhum, já do lado de fora. Tinha terra regular e Cedrico segurou minha mão, não sabia se era por que estava escuro ou por que ele quis, mas também não queria soltar.

— Isso não é uma floresta, é? — Ousei perguntar quando chegamos na frente da escola, mas não se parecia em nada com uma escola. Ele me soltou.

NACIONAIS - ACHERON

— Uns duzentos metros pra lá. Vira uma floresta bem densa, mas não vai sair andando por aí. — Ele se virou para mim com o cenho franzido e nos sentamos nos degraus.

— Por quê?

— Porque iria se perder.

— Você é parente da professora de ocultismo?

— Ahn... Ela é... Minha mãe. — Olhei para Cedrico com a sobrancelha arqueada, quase que perguntando *como* ele era filho dela. — Eu sou adotado.

— Oh, desculpe por perguntar.

— Tudo bem, todo mundo fica querendo saber por causa do sobrenome e pela idade. Meio que me acostumei. — Ele deu de ombros e parecia mesmo habituado.

— Vocês se parecem, fisicamente. Nunca imaginaria uma coisa dessas.

— Não somos tão distantes assim. Na verdade, ela é minha tia. Foi bem confuso no começo, mas ela nunca me tratou diferente. — Não sabia o que responder, então fiquei quieta.

Ficamos um tempão sentados, depois ele de virou, com um sorriso no canto de seus lábios;
NACIONAIS - ACHERON

impecável:. — Quer um baseado?

— O quê? — Eu tinha escutado, mas meio que queria ouvi-lo dizer as palavras de novo.

— Um baseado. Nunca fumou? — Balancei a cabeça. — Não vou te desvirtuar. — Cedrico sorriu.

Ele pegou uma caixa de algo que devia ser inox, do tipo do século passado onde se colocava cigarros e aparentemente evoluiu para baseado. Ele acendeu um com um isqueiro que guardou no bolso de dentro da jaqueta.

— Acho que quero. — Disse meio baixo. Já que ele tinha oferecido, por que não vivenciar as experiências da escola nova?

Cedrico estendeu o braço:. — Tem certeza? — Ele não me deixou pegar até eu assentir, quase segura.

— Ninguém vai ver a gente aqui, não é?

— Não. Está todo mundo naquela festinha. — Ele maneou a cabeça em direção a escola e olhei para trás por meio segundo, depois para o baseado na minha mão.

— É só puxar e soltar devagar. Você já fumou cigarro? É a mesma coisa. — Fiz o que ele falou e
NACIONAIS - ACHERON

soltei devagar. Não tossi nem nada. Nem fiquei tonta nem chapada no mesmo segundo.

Só voltamos para a festa bem depois das dez. Tinha ficado melhor e eu estava um pouquinho chapada e sonolenta. Dançamos uma música e consegui não pisar no pé dele. Alex apareceu com Cassandra e perguntou se não queríamos sair para comer alguma coisa. Fiz que sim e Cedrico falou sobre o bar/restaurante:. — Nem é longe.

— Eu vou pegar o carro.

— Nem pensar. — Cedrico passou o braço pelos meus ombros, me impedindo de quase cair —, vamos no meu carro.

O sol da meia-noite

No dia seguinte, quando entrei no refeitório para tomar um café forte e sem açúcar, tinha uma pequena discussão em torno de Alex e peguei o café rápido para chegar até ele e Cassie.

— O que ta acontecendo? — Estavam todos falando ao mesmo tempo em torno dela, que parecia um coelhinho assustado e frágil. Alex estava com os braços em torno de seus ombros, quase como se pudesse protegê-la. Cedrico não estava ali nem o gêmeo de Cass.

Alex balançou a cabeça e eu continuei sem entender porra nenhuma.

— Vamos sair daqui. — Alex levantou e Cass fez o mesmo, meio que apoiada.

— Ela deve ser uma bruxa igual a família toda.

— Igual a mãe. — Eu podia ouvi algumas pessoas gritarem das mesas em volta.

— Vamos sair daqui. — Cassandra continuou parada, estática, com o braço de Alex em torno dela. Um segundo depois uma garota se virou para ela.

— Bruxa! — Não tenho certeza, mas a mão de Cassandra não tocou a bandeja quando ela saiu voando pelo refeitório e só parou quando quebrou o vidro e caiu do lado de fora.

Alex levou Cassie para a casa da mãe dela. Cedrico não apareceu para as aulas nem ninguém da família dele. Encontrei Alex na hora do almoço e saímos para comer tacos num restaurante no caminho para Salém. A estrada estava completamente vazia e o restaurante ficava no meio da estrada; sem nada em volta. Entramos e pedimos tacos com uma Coca bem grande.

— Não entendi o que estava acontecendo.

— Nem eu. — Ambos estávamos com a boca cheia de tacos e meus dedos estavam sujos de molho picante. — Uns babacas falando sobre a mãe da Cass. E sobre as aulas de bruxaria que ela tem

NACIONAIS - ACHERON

ministrado. É sua aula extra, não é?

Balancei a cabeça e lambi os dedos sujos do molho. Tomei um gole da Coca e Alex ficou encarando.

— Que foi?

— Estou esperando me contar como foi com o irmão da Cassie. — Ele deu um sorriso lascivo e eu ri meio alto, tomando um grande gole da Coca, editando mentalmente as cenas, mas, não que eu quisesse esconder qualquer coisa dele, eu estava preocupada com Cass, fosse o que ela fosse dele. Pra mim já era *a namorada do Alex*, não sei pra eles.

— Não teve nada. Ele nem me beijou. Estou decepcionada. — E estava mesmo.

— Ele te beijou no seu carro.

— Ele tava fugindo da polícia. E eu ajudei. — Depois de um segundo me consertei no banco estofado e olhei para ele. — Quero dizer, não sei se tinha necessidade do beijo, mas foi *incrivelmente* bom. Eu amo essa escola. Podemos ficar até o ano que vem?

— Claro. — Terminamos com os tacos e Alex fez uma cena quando eu puxei uma nota da carteira

NACIONAIS - ACHERON

para pagar a conta. — Deixa que eu pago.

— Não, eu pago. — Dei o dinheiro ao garçom e Alex fechou a cara.

— Não fica com essa cara. Poupa seu dinheiro pra faculdade.

— Só não gosto quando faz isso. Dar uma de menina rica pro meu lado.

— Relaxa, são só tacos.

Recebi uma mensagem de Alex no meio da aula de álgebra III. Ele perguntou se eu estava livre depois das três e digitei um sim, antes de voltar ao que estava fazendo. Terminadas as aulas, fui para o quarto, fazer alguma coisa no trabalho de história. O telefone vibrou dentro da bolsa e atendi.

— Oi, como está indo a escola nova?

— Ótima, não poderia estar melhor.

— Mesmo?

— Sério. Sem ironias, gostei mesmo daqui. Acho que quero até ficar próximo e último ano. — Quando dei por mim estava sorrindo e olhando para a tela do computador.

— Conheceu alguém? — Até Jon já tinha imaginado o porquê da mudança de humor.

NACIONAIS - ACHERON

— Conheci várias pessoas, tem...

— Você me entendeu. — Ele até riu e tive que fazer o mesmo. Meus olhos acabaram captando uma coisa jeans e azul-clara na cabeceira da cama.

— Meio que conheci, mas não é nada. Enfim, queria agradecer pela escrivadinha e a Mercedes. É bem legal.

— Bom que gostou. Ligue se precisar de alguma coisa. — Ele pediu para esperar e escutei a voz de Dave, pai de Alex, mas não deu pra escutar o que tava dizendo.

— O que foi?

— Peça para Alex ligar para o pai mais tarde, ele não consegue ligar.

— Deve ser o sinal. Está tudo bem com ele? E com a Merge?

— Não sei, querida. Só dê o recado, tudo bem? Tenho que ir.

Corri para o quarto de Alex e bati na porta, mas como estava aberta, empurrei e entrei. Ao invés dele, quem estava lá era Rafael. Ele estava sem camisa, usando calça folgada e descalço, secando o cabelo com uma toalha; ele olhou para mim quando

NACIONAIS - ACHERON

parei na porta, fechando-a parcialmente, ficando entre o quarto e o corredor.

— Desculpe, achei que Alex estivesse por aqui.

— Bem. — Ele ficou segurando a toalha e me encarou por longos segundos com o olhar impactante sobre meu corpo. Senti espasmos na mão esquerda que segurava a maçaneta do lado de fora, no corredor quase vazio —, ele não está.

— Ta, desculpe.

Saí e fechei a porta. Quando estava a dois passos a porta se abriu.

— Juliette. — Virei. — Ele está na minha casa, se for algo importante. Com a Cassandra. — Ele fez uma pausa. — É a uma milha daqui.

Peguei a estrada de terra e entrei na estrada principal por um quilômetro e entrei numa estrada estreita que me levou a uma enorme mansão do século XVIII, exatamente como Rafael tinha dito. Parei o carro em frente a mansão. Não era longe da cidade, nem um pouco. Para chegar ao centro era apenas uma milha a mais.

Saí do carro e peguei minha bolsa, assim como as chaves. A capota estava abaixada. Pensei um

NACIONAIS - ACHERON

pouco, depois de um banho demorado, o que usar. Estava sendo idiota e sabia disso, mas, simplesmente não podia evitar. Coloquei uma blusa discreta de alcinhas meio transparente. Certo, nada discreta em contraste com a saia xadrez de cintura alta; era uma de botões do lado por toda extensão da minha coxa. Minhas pernas brancas, implorando por um fim de semana mais quente, estavam expostas desde alguns centímetros acima do joelho e usei botas com saltos quadrados de cinco centímetros.

Caminhei até a porta, enquanto um corvo ou alguma ave assim produzia ruídos meio assustadores que me fizeram tremer. Minha pele se arrepiou e ainda nem estava na porta. Andei pela terra de cor clara que separava o lugar onde tinha deixado o carro até a porta de madeira pesada. Subi os três degraus até a entrada e toquei a aldrava duas vezes. Escutei passos quase imperceptíveis e a porta se abriu devagar. Um homem de aparentes trinta anos, cabelo loiro e olhos azuis claros estava parado lá, usando roupa social e cumprimentou-me com um boa noite. Sua voz soava tão calma e compassiva que só me deixou mais nervosa:. —
NACIONAIS - ACHERON

Boa noite, Sr. Hamilton. Desculpe aparecer assim, mas preciso ver o Cedrico, será que ele está? E Cassandra também, fiquei preocupada com ela. — Ele balançou a cabeça devagar.

— Claro, entre. — Ele abriu a porta e entrei, num passo hesitante e ela se fechou atrás de mim.

A sala parecia ainda maior do que aparentava ser do lado de fora. À direita tinham dois sofás bem grandes e escuros, um de frente para o outro, uma mesinha de centro moderna e atrás, em relação a posição que eu estava, uma lareira acesa. O piso era inteiramente de madeira antiga e à esquerda estava a cozinha com a luz acesa e sons de conversas. Na sala estava a escada que conduziam ao segundo andar.

— Cassandra está na cozinha e Cedrico está no quarto. — Segui-o até a cozinha e vi primeiro, Cassandra e depois Alex, sentados numa mesa redonda alguns metros depois da bancada onde Elena cozinhava na moderna cozinha. Tinha ainda uma porta que conduzia a sala de jantar com uma enorme mesa de madeira. Dei um oi meio baixo e todo mundo virou para me olhar.

— Oi. — Cassie me cumprimentou primeiro, NACIONAIS - ACHERON

depois Alex virou e falou oi também. Fiquei meio constrangida por aparecer na casa da professora de ocultismo sem mais nem menos.

— Oi, Cass, tudo bem? — O cabelo dela estava preso com um lápis e algumas mechas caíam pelo seu rosto angelical. Cassie também não usava nenhuma maquiagem e sua roupa era uma calça de dormir e blusa de mangas compridas.

Ela levantou e me abraçou, meio informal; um cumprimento ao qual eu não estava habituada. Ela parecia aliviada em ver alguém do mundo exterior, então me soltou:. — Deve ter vindo ver meu irmão, não é? — Ela sorriu; sutil.

— É. — Assenti um tanto desconsertada.

— Ele está lá em cima. — Disse Elena. Ela não parecia tão séria e seu cabelo também estava preso enquanto ela cozinhava. — Cass, querida, mostre o caminho para ela.

— Obrigada.

— Vem comigo. — Ela me guiou para fora da cozinha e subiu as escadas.

Assim que me deixou na porta do quarto do irmão, Cassandra voltou pelo mesmo caminho. Eu já nem tinha certeza do que estava fazendo ali, mas

NACIONAIS - ACHERON

então, estendi a mão e bati, calmamente, duas vezes:. — Pode entrar. — Hesitei com a mão na maçaneta, então fiz uma leve pressão para baixo e empurrei.

— Oi. — Estava totalmente sem graça e arrependida por ter ido.

— Ah, oi. — Ele estava sentado, digitando algo no notebook, que minimizou no mesmo segundo em que viu quem era.

— Vim ver a Cass e aproveitei pra devolver isso. — Estava segurando a jaqueta e Cedrico se levantou da cadeira, de frente para uma mesinha ao lado de sua enorme cama de casal e lençóis brancos imaculados. Estava usando calça cáqui e suéter verde de algodão por baixo se uma camisa branca:. — Obrigada. — O assoalho rangia sob seus passos até mim.

— Cass está bem? — Ele balançou a cabeça e quando estava perto o bastante, pegou a jaqueta da minha mão, fechou a porta e trancou. Olhei para a maçaneta, prestes a perguntar por que ele tinha feito aquilo, mas Cedrico se aproximou, não o bastante para eu querer fugir assustada.

— Você está tremendo. — Seus lábios estavam
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

entreabertos. — Relaxa, isso é por causa dos irmãos enxeridos.

NACIONAIS - ACHERON

Meu, meu, meu^[5]

Fiquei encarando-o por um longo tempo, até que Cedrico finalmente fez alguma coisa.

Primeiro, tirou minha bolsa a tiracolo do meu ombro direito e colocou numa cadeira atrás da porta, depois seus dedos passearam pela minha mão, subindo pelo pulso até o antebraço e passou o braço pela cintura, mas seus dedos mal tocaram minhas costas quando ele os colocou ali. Prendi a respiração, esperando pelo que ele iria fazer e queria que fizesse. Sua mão direita permanecia imóvel na parte baixa da minha coluna, a esquerda se ergueu até minha bochecha e Cedrico encaixou seus dedos em meus cabelos, enfiando com cuidado e ficando tão perto que minha pele estava pegando fogo.

— Eu queria te beijar de novo ontem. Queria mesmo. — Ele murmurou contra meus lábios

entreabertos e eu não fazia ideia do por que ele ainda não tinha me beijado naquele momento. No segundo que seus lábios roçaram os meus, fechei os olhos, e alguém bateu na porta. Nenhum de nós se moveu um centímetro, então Cedrico afastou o rosto e riu.

— A mamãe está chamando para jantar. — Era a voz de Cassie.

— Já vamos descer. — Ele virou-se para dizer e se voltou para mim.

CEDRICO

Cass deve ter imaginado que deveria interromper o que quer que estivesse acontecendo entre nós e nunca esteve mais certa na irritável existência. Ela sabia que tava rolando alguma coisa e que eu ia machucá-la e era a última coisa que eu queria, mas as coisas não estavam funcionando bem com relação à Juliette. Certo, eu a queria, mas jamais iria querer que ela se machucasse, porém não conseguia me manter longe. Respirei fundo com seu rosto quente contra o meu, eu estava quase beijando-a novamente e não tinha certeza se

NACIONAIS - ACHERON

conseguiria parar. Talvez com alguém com quem me importasse menos, mas não ela.

— Eu vou embora.

— Fica mais um pouco. — *Vá antes que eu te jogue na minha cama e não te deixe sair de lá.* Respirei fundo contra seus lábios, arfando.

— Tenho que ir. — Ela se desvencilhou do meu toque e da minha mão na sua nuca em um segundo, puxou sua bolsa para o ombro e fiquei parado por alguns segundos, sem conseguir me mover com o braço na altura da cabeça, apoiado na porta. Virei e girei a chave. Descemos as escadas e antes de chegar ao último degrau eu a chamei, quase num sussurro e ela parou no penúltimo degrau.

Deslizei o polegar abaixo de seu lábio e limpei o batom borrado:. — Obrigada. — Ela sorriu meio tímida e Elena apareceu.

— Que ótimo. Venha jantar conosco.

— Melhor não, eu tenho que ir.

— Não aceito não como resposta. — Ela deu um sorriso que só ela tinha e praticamente orei para Juliette ser imune aos encantos dela e ir embora logo.

— Ela tem que ir, mãe. — Lancei um olhar e ela

NACIONAIS - ACHERON

entendeu, mas errado e insistiu de novo para Juliette jantar conosco e ela aceitou. Uma hora depois, Juliette finalmente conseguiu convencer minha mãe de que a escola tinha regras sobre horários. Cass e Alex já tinham voltado para o colégio antes do jantar, de modo que foram apenas meus pais de mentirinha e ela, numa mesa, constrangedoramente, grande.

— Puta que o pariu, vocês tinham mesmo que fazer isso? — Elena arqueou a sobrancelha e Joseph ficou olhando para mim, ambos ainda sentados enquanto eu esbravejava de pé.

— Pensei que gostasse dela.

— Eu gosto, mas sabe que vou machucá-la se ficar perto demais. — Apertei os dedos na cadeira de madeira até as dobras de meus dedos ficarem brancos.

— Você consegue. — Elena disse com toda a calma do mundo.

— Eu estou dizendo. Sei que não. Ontem, quando a beijei quase enlouqueci, não consigo controlar as coisas que eu faço. — Respirei fundo sentindo minha pele queimar.

Elena parecia neutra a qualquer tipo de emoção,
NACIONAIS - ACHERON

enquanto Joseph mostrava sua expressão frustrada, quando não conseguia fazer algo dar certo.

— Então é melhor ficar longe dela, para o bem de todos. — Assenti, aquilo já era óbvio. O problema era como eu conseguiria ficar longe frequentando as mesmas aulas e encontrando-a a cada hora, no refeitório, nos corredores e em cada canto daquele maldito colégio.

— Além disso, você a conheceu ontem, quão difícil pode ser esquecer alguém que conhece há um dia? — Elena tentou parecer feliz ou cheia de expectativas vazias, mas as coisas não eram bem do jeito que ela estava falando.

JULIETTE

Estava muito frio quando deixei a mansão dos Hamilton e mais ainda quando cheguei ao colégio. Fui de novo ao quarto de Alex e ele estava sozinho. Ele estava sentado na cama com as costas meio dobradas e o celular pressionado com força contra a palma de ambas as mãos.

— Não vou perguntar se você está bem, ta? — Sentei do seu lado e coloquei o braço em suas

NACIONAIS - ACHERON

costas, só que nenhum de nós tinha muita coisa a dizer.

— A Bella, ela está... Doente. — Ele levantou a cabeça depois de um tempo; seu cenho franzido cheio de dor e angústia.

— Imaginei que fosse isso, mas não deveria ser eu a contar.

Ficamos lá por um tempo.

Quando voltei para o meu quarto já passava das onze, mas não queria dormir nem estava cansada. Coloquei os fones e um pouco de Led Zeppelin para me acalmar. Tomei banho e coloquei camisa de flanela e short azul-marinho. Prendi o cabelo num rabo de cavalo e fiquei andando pelo quarto. Eu não sabia o que fazer com tanta coisa acontecendo e o que tinha acabado de acontecer na casa de Cedrico não tinha muita importância.

Bella era a irmã mais nova de Alex, ela tinha apenas doze anos e uns dois anos antes os médicos descobriram que ela tinha leucemia. E tinha voltado, de uma forma mais agressiva agora e ela teria que fazer quimioterapia. Imaginei-a sem aqueles lindos cabelos loiros e macios e foi algo

NACIONAIS - ACHERON

quase insuportável, porque meu namorado tinha morrido de câncer há um ano.

Mesmo cansada, forcei meu corpo para fora da cama na quarta. Ou quase isso. Eram três da manhã e eu não conseguia dormir de novo por causa de um pesadelo. Fiquei com a luz do abajur aceso por mais de uma hora encarando o teto, e, por fim, levantei. Não conseguia lembrar direito o que era, mas tinha montes de terra debaixo das minhas unhas. Às 3h50, lavei as mãos e joguei um bocado de água no rosto. Meu celular começou vibrar e antes que saísse do banheiro e chegasse até ele, perguntei-me quem poderia ser. Na tela tinha um número que eu nunca tinha visto na vida.

— Oi.

— Te acordei? — Era a voz de Cedrico.

— Ahn... Não. Não estava dormindo. Está tudo bem?

— Podemos conversar?

— Claro. — Sentei na cama.

— Estava pensando em algo... Pessoalmente. Pode vir me ver agora num café?

Ponderei antes de pensar em responder. Eram
NACIONAIS - ACHERON

quase quatro da manhã e ao invés de pensar no por que ele queria falar comigo àquela hora ou quão louca era a simples proposta, peguei pensando que tipo de café ficava até aberto até aquela hora. Suspirei e percebi que não conseguiria mais dormir nem se ele não tivesse ligado.

— Tudo bem. Onde é?

— Te mando o endereço por SMS, mas é bem fácil de achar. — Ele desligou sem nem explicar do se tratava.

CEDRICO

Ela apareceu. Não achei que fosse, mas ela apareceu. Eu só tinha conhecido a garota há dois dias. Três, se quatro horas contassem como um inteiro e estava ficando louco.

Juliette entrou pela porta da frente do único café 24hrs de toda cidade. Eu tinha um café sem açúcar, ainda quente entre as mãos e sabia que ela gostava do dela daquele jeito também. Ela usava jeans e camiseta por baixo do casaco e deu um sorriso quando me viu. Merda, o rosto dela estava marcado com as linhas do travesseiro e parecia mais linda e

NACIONAIS - ACHERON

sexy do que quando tinha me deixado no meu quarto com aquela blusa transparente de alcinhas. Juliette se sentou ao meu lado e pediu um café sem açúcar antes de falar qualquer coisa. Mas era eu quem deveria começar a falar.

Não sabia o quê, só quis vê-la, na verdade. Ela segurou a caneca com ambas as mãos e deu um gole, então virou-se para mim.

— O que você queria falar?

— Eu... Ahn... Quis te ver. Nem consegui dormir depois que foi embora. Meio que te tratei mal quando estive na minha casa. Queria me desculpar, primeiramente. — Ela riu.

— Me tirou da cama às quatro da manhã para se desculpar?

— Fiquei mal mesmo. E você disse que não estava dormindo. — Pareceu um assunto delicado, porque ela ficou séria de uma hora para outra e deu um gole longo no café. — O que aconteceu? — Apontei para suas mãos cheias de terra embaixo das unhas. Ela tinha mãos bonitas, sem esmalte e estavam começando a ficar longas. A terra era preta e parecia que ela estava cavando alguma coisa.

— Longa história.

NACIONAIS - ACHERON

— Cavando túmulos? — Dei um gole no café e minha pele se arrepiou. Estava forte demais. Esperei e esperei por um longo tempo enquanto ela inventava alguma coisa.

— Se eu contar não serei mais a garota normal para você e, provavelmente, vai sair correndo. Então prefiro não contar.

— Qual é! Pode ser nosso segredo, a não ser que não queira. — Toquei o ombro dela com o meu.

Juliette era, pelo menos, vinte centímetros mais baixa do que eu e parecia ainda mais, sentada ao meu lado.

— É que... Está tudo bem normal. Exceto *isso*.

— Por que fica tremendo todas às vezes em que está comigo? Já disse que não precisa ficar nervosa. — E eu não estava ajudando em nada. Qual era a parte que eu fazia o que tinha ido fazer?

Depois de pensar um milhão de vezes, encontrei uma saída para meus problemas de controle. Ou a falta dele toda vez que conseguia relaxar totalmente. Passar um mês com minha tia, a única que poderia me ajudar com meu pequeno problema e depois voltar, claro. E ver se eu podia tentar de novo. Não que um mês fosse o tempo que eu

NACIONAIS - ACHERON

precisava, mas Elena não poderia me ajudar, porque com ela ainda ficaria perto demais de Juliette e nem pensar em pedir ajuda a Rafael.

Era mais fácil ele estragar as coisas. Depois de tantas voltas, decidi que iria aceitar a proposta de Rose. Tia Rose tinha uns quarenta e poucos anos, não nunca envelheceu um ano depois dos trinta e morava com sua filha mais nova em seu remoto chalé do século passado feito de pedras em meio a uma floresta aberta.

— Certo. — Respirei fundo quando se passou um longo momento e ela não tinha dito nada. Juliette tinha chegado por volta das 4h30, sem olhar no relógio, supus que tinham se passado uns dez minutos. — Preciso fazer umas coisas nos próximos dias. Não que eu queria, mas vai ser preciso. Queria dizer *tchau*.

— É isso, então. — Ela parecia decepcionada, assim como eu estava. Juliette se virou, finalmente, para mim. Seus olhos verde escuros e extremamente compassivos e expressivos quase me fizeram desistir, mas eu sabia que estava fazendo a escolha certa e que não podia machucar ninguém. Muito menos ela.

NACIONAIS - ACHERON

— Não é um adeus. Apenas um até logo. É só um tempo, aí eu volto. — Tentei sorrir, mas não tinha motivo nem alegria em meu tom.

— Por quanto tempo?

— Dois meses. Até lá, acho que podemos ser amigos.

Confortavelmente entorpecida^[6]

As olheiras estavam começando a ficar mais que evidentes, e como não usei maquiagem para escondê-las, Alex perguntou com quem eu tinha passado a noite.

Ele era assim, não ficava para baixo por muito tempo, era uma das coisas que eu gostava nele. Depois de conversarmos muito na noite passada, finalmente consegui convencê-lo de que nenhum de nós poderia fazer muita coisa. Ele quis pegar o primeiro voo de volta para Nova York e o convenci a ficar. Na sexta à tarde tínhamos aula de teatro.

Alex e Cassandra faziam essa aula comigo, então fomos juntos para o auditório gigante e nos sentamos na segunda fileira de cadeiras. O enorme palco estava vazio e todos os alunos já estavam lá,

esperando pelo professor. Quando ele chegou, devia ter uns trinta anos, usava calça cáqui e camisa social, Rafael apareceu na porta e perguntou se podia entrar.

— Entre, meu Edgar. — Ele sorriu como se fosse uma piada interna a Rafael fez o mesmo, sentando-se ao meu lado.

— Oi. — Murmurei algo em resposta e me virei para o professor.

— Boa tarde. Devem estar se perguntando o que alguém louco está fazendo dando aula de teatro ao invés de estar em um hospício. Bem, a aula é de teatro, então por que não dramatizar? — Todos olhavam inquietos e curiosos para o professor, eu era a única completamente entediada. — Para uma estreia impactante, escolhi meu romance favorito de *séculos* atrás. *O morro dos ventos uivantes*. E o estudante que chegou atrasado. — Ele olhou para um Rafael presunçoso ao meu lado —, será nosso Edgar. E sei o que devem estar se perguntando.

“Eu *tenho* o nome de todos, lembrando que quem não atuar será zerado na matéria e, provavelmente, no ano. Então, vamos aos papéis. — Ele abriu uma pasta e começou a ler. — Hamilton como Edgar.
NACIONAIS - ACHERON

Switch... Lockwood e, um nome alemão que não consigo pronunciar... — *Não seja eu, não seja...* — Hohenfels. Como a belíssima Catherine Earshaw.

Tive vontade de achar um buraco e enfiar a cabeça.

Não que eu não gostasse de atuar ou não soubesse, já tinha alguns A+ no meu histórico que comprovavam, mas simplesmente não estava com cabeça. Principalmente, não queria atuar com Rafael. Não que achasse que ele fosse o problema, mas eu sentia coisas estranhas quando fazia até um simples contato visual ou quando ele estava perto. E eu odiava que alguém me fizesse sentir coisas que eu não queria e, pior, ele sabia e parecia amar me provocar.

Thomas, como o professor nos disse para chamá-lo, escolheu Cassie como, tecnicamente, minha filha. Tínhamos apenas um mês para ensaiar e o professor queria acelerar as coisas, sendo assim, o restante dos alunos, *os sortudos*, que não precisariam atuar, começaram planejar a arrumação

NACIONAIS - ACHERON

do cenário e Rafael começou me jogar piadas sobre o livro. Claro que eu já tinha lido, assim como a obra inteira as irmãs Brontë, só não queria encenar nada daquilo.

O professor me deu um vestido de cor creme, clássico do século com dezenas de camadas de tecido e me mandou experimentar.

— Com esse seu corpinho, tenho certeza que cabe, mas pode ser que precise de ajuste. — Ele jogou o vestido em cima de mim e deu as costas. O auditório estava quase vazio. Nossos colegas de classe tinham ido pegar as peças para o cenário e só tinham oito alunos. Suspirei e coloquei a bolsa no chão, no canto. Ficamos apenas Rafael e eu, por fim.

— Não vai experimentar? — Ele não estava com um sorriso no rosto. Desta vez. Eu é que estava com cara de idiota. Levantei a cabeça e encarei-o.

— É, eu vou sim. — Coloquei o vestido em uma arara e puxei a blusa de mangas longas e depois tirei a saia curta, colada e preta. Depois as botas e fiquei parada na frente dele, só de calcinha e sutiã preto e de renda. — Vai ou não ajudar a me vestir?

Ele ficou estático, me encarando e depois se

NACIONAIS - ACHERON

aproximou, mas parecia meio constrangido, embora sua reação tivesse mudado rápido. Enfiar as pernas no vestido e puxei para cima. Rafael puxou as fitas, extremamente apertadas, em torno do meu tronco, começando pela parte baixa da minha coluna. Prendi o fôlego enquanto ele puxava, uma por uma e apertava tanto que eu quase não conseguia expirar, mas ele parecia fazer de propósito e ainda estava no meio das costas.

— Está apertado demais.

— Respira, Cinderela, ainda estamos na metade.

— Ele segurou a seguinte e puxou com ainda mais força; tanta que forçou-me a virar.

— Está fazendo isso de propósito. — Franzi o cenho e ele sorriu, mas não daquele jeito irônico.

— Fica de costas. — Hesitei por um momento, então fiz o que ele disse. Rafael voltou a fechar a parte atrás do vestido, com menos pressão, delicadamente, embora eu estivesse espremida naquela coisa. — Eu não sou o canalha que você pensa que eu sou. — Não disse nada por um bom tempo e quando estava prestes a fazê-lo, sua voz soou mais perto do meu pescoço e pude sentir seu hálito quente de hortelã. — Terminei.

NACIONAIS - ACHERON

Virei e dei de cara com seu rosto tão perto do meu que não consegui respirar, mas coloquei na cabeça que era o vestido apertado e não a intensidade com que seus olhos me encaravam; e seus lábios meio abertos que sorriam silenciosamente perto dos meus. Não estava pensando direito, parecia até que eu estava chapada ou bêbada ou simplesmente não queria pensar em nada naquele momento.

Seus olhos eram muito intensos e havia um brilho tão desconhecido neles que eu sentia algo próximo de necessidade em experimentar estar próxima dele do jeito que estava naquele momento. Sempre fui movida a experiências e parecia-se muito ser uma daquelas vezes que eu precisava experimentar para perceber que não era tão bom quanto eu pensei e parar de perder tempo focando naquilo.

E eu estava quase tirando da cabeça, quase perdendo o medo de fazer. Por isso que eu estava tão perto dele. Por isso sua mão estava na minha nuca e a outra tocava minha costela. E aí eu poderia me concentrar em outra coisa e foi daquele jeito que Cass nos viu quando entrou no auditório de NACIONAIS - ACHERON

repente, ao lado de Alex, quando entrou a passos rápidos, mas parou de repente quando nos viu. Nós nos afastamos, rápido e ao mesmo tempo. Eu conhecia aquele olhar dela.

Eu, certamente, não conseguia diferenciar o céu do inferno, mas fui dormir pensando nisso. As coisas tinham ficado meio confusas durante o último dia e resolvi ligar para a Ana antes de dormir. Meus fones estavam conectados no notebook, em cima da cama e eu estava em posição de lótus usando meu pijama de flanela com o cabelo úmido, acabado de lavar. Peguei o celular e tirei os fones quando *Wish You Were Here* acabou e começou a tocar *Comfortably Numb*, de certa maneira era daquele jeito que tinha me sentido durante todo o dia.

Confortavelmente entorpecida.

Digitei o número dela e começou chamar, por um segundo ponderei sobre o que estava fazendo, pensei em desligar, mas então minha amiga atendeu. Sua voz era sonolenta, mas tinha o mesmo tom infantil que eu me lembrava.

— Alô.

— Oi, Ana. — Fiquei meio nervosa. Não
NACIONAIS - ACHERON

esperava que ela fosse atender, nem sei por quê.

— Julie. — Ela pareceu acordar um pouco. E já estava bem tarde. — Meu Deus, quanto tempo. Como você está? Estava esperando você me ligar.

— Eu sei, é que tive muito trabalho com a mudança. — Mentira. — E... Com tudo.

— Fico feliz que tenha ligado. — E eu também fiquei feliz por ter ligado. Relaxei um pouco e deitei na cama, olhando para o teto de gesso.

— Sinto sua falta.

— Eu também. Vai vir nas férias?

— Acho que sim. Talvez no Dia de Ação de Graças. — Ergui os ombros quase que involuntariamente e Ana riu.

— Vamos marcar um lugar no Thor...

— Não. — Disse muito rápido.

— Ok. Onde?

— Qualquer lugar que eu não tenha estado com vocês antes. Eu já esqueci o Chris, Ana. Quero dizer, não *esqueci*, mas... Quase não penso mais nele e é assim que deve ser. Assim que ele queria também. A gente não tem que viver presa no passado.

— Eu sei, Ju, mas você sempre foi mais forte. —
NACIONAIS - ACHERON

Ela respirou pesadamente e acho que estava chorando. — Sinto sua falta aqui. Te ligo depois, ta?

— Até logo.

Marquei duas datas no meu calendário atrás da porta. Primeiro, 26 de Outubro, a data da peça, menos de um mês, o que só queria dizer que teríamos ensaiar muito. Era 1º de Outubro, terça-feira. A segunda era Dia das Bruxas e segundo *todo mundo* a escola tinha boas festas.

Bati o marcador no calendário e produziu um barulho contra a madeira da porta. Ainda tinha o Dia de Ação de Graças. Não queria voltar para Nova York, queria ficar, embora quisesse muito ver a Ana, era melhor ficar, pelo menos até o Natal. Aí eu iria comprar algo que ela amasse. Estava louca para vê-la de novo.

Fui jantar e acabei a noite com uma maçã verde, sozinha numa mesa redonda do refeitório com a vista para o lado de fora, a floresta, através dos vidros que iam do chão ao teto. Tinha uma vasta imensidão de nada e algumas árvores ao longe. Fiquei jogando a maçã de uma mão para a outra,
NACIONAIS - ACHERON

sem fome.

— Ei, Catherine. — Assustei-me quando escutei o som de sua voz e Rafael sentou ao meu lado, sorrindo e usando suéter verde.

— Oi. — Falei sem empolgação alguma.

— Tudo bem? Você não parece bem. — Ele não me deu mais de dois segundos para pensar se falava que estava bem ou se não e contava o que tava acontecendo, só pra desabafar mesmo; não que ele se importasse, só que eu precisava conversar com alguém e Alex tava ocupado com a gêmea dele.

— Não estou. — Nem olhei para ele, continuei jogando a maçã até que Rafael a tomou da minha mão.

— Você precisa comer. Vamos à cozinha arranjar alguma coisa pra você comer.

— Não podemos entrar lá. E por que ta sendo tão legal comigo?

— Vocês, inglesas, e seus problemas com hospitalidade. Anda logo. — Ele já estava de pé e me puxou pela mão.

— Ei, para onde estamos indo?

— Na cozinha. Deve ter café ou algo assim. — Ele segurou meu pulso, mas de qualquer maneira
NACIONAIS - ACHERON

eu não ia a lugar nenhum.

O que me incomodou foram os olhares persistentes em nós dois enquanto atravessávamos o refeitório. Tinha pelo menos três funcionárias na cozinha. Uma já tinha parado de cozinhar e estava sentada e as outras duas terminavam de limpar tudo:. — Ei, Ellen. — Ele abriu uma porta, entre tantas outras, que devia ser a dispensa, mas só tinham umas prateleiras meio vazias.

— Oi, Rafael. — A mulher, a mais nova e a única que não pesava mais de oitenta quilos, de aparentes trinta anos e cabelos castanhos presos num coque impecável sorriu para ele e fez cara feia para mim.

Não foi surpresa, claro.

Rafael sorriu de volta e entrou no pequeno cômodo; ele pegou uma sacola de papel e enfiou umas coisas dentro dela, mas estava escuro demais para eu ver o que era. Ele saiu e segurou minha mão, o estranho era que eu não queria soltar, e saímos dali, passamos por um canto do refeitório até o corredor lotado de gente.

Todo mundo ficou encarando, claro e eu queria arranjar um lugar pra enfiar a cara.

NACIONAIS - ACHERON

— Para onde estamos indo? E não respondeu a minha pergunta.

— Eu não sou esse babaca que você pensa que eu sou, Juliette, vamos nos divertir um pouco. — Ele parou a minha frente. — É o que nos dois precisamos. O que acha? — O convite parecia ótimo vindo de alguém como ele. Respirei.

— Tudo bem. Diversão. — Ele sorriu. Olhei para o lado. Estávamos no meio do corredor que dividia os quartos. De um lado o dos garotos e do outro o corredor das garotas.

— Seu quarto ou o meu?

— Você não tem colega de quarto. — Fomos para o meu quarto. Estava arrumado, ao menos. Tinha uns livros em cima da cama e roupas que enfiei debaixo do travesseiro e puxei a colcha para cima.

— Peguei vinho e queijo e uma faca. — Ele sentou na cadeira da escrivaninha e fiquei sentada na cama. Usando um vestido que mais parecia uma camisa longa, que ia até a altura das coxas e que os ingleses usavam para dormir, ocasionalmente. Era branco e tinha o esboço de um esqueleto e mangas curtas. Rafael me ofereceu um pedaço de queijo e

NACIONAIS - ACHERON

pegou um copo de papel do ursinho Pooh e me serviu vinho.

— Obrigada. — Tomei um gole. — Mas você me ofereceu café.

— Eu sei, mas achei esta opção melhor. — Ele tomou um gole do dele e quando abri a boca para falar alguma coisa meu celular vibrou em cima da escrivaninha, onde eu o tinha deixado quando saí. Rafael pegou e me entregou, poupando-me o esforço de levantar.

Era Jon. Hesitei um segundo, olhando para a tela com seu grande nome e o botão verde piscando.

— Oi.

— Juliette. Como vão as coisas por aí? Não tenho certeza das horas por aí.

— Onde você está?

— Praga. — Falou vagamente, sem as explicações que eu *achava* que ele me devia, de vez em quando.

— O que está fazendo em Praga?

— É sobre isso que eu queria conversar, mas vou dar uma passadinha pra te ver quando terminar por aqui.

— O que está acontecendo?

NACIONAIS - ACHERON

— Não surta, mas estou com a sua mãe.

— Minha, *o quê?* — Falei mais alto que o normal e Rafael virou para me olhar.

— Sua mãe. Falei para não surtar. — Ele fez uma pausa. — Ela disse que quer vê-la.

— Eu não sei o que dizer. Podemos conversar depois?

— Tudo bem, me ligue quando tiver pensado. — Desliguei e apertei o aparelho contra a palma da mão.

Andei devagar pelo quarto, ignorando completamente a presença de Rafael. De um lado para o outro, calma, porém ponderativa, até conseguir relaxar de novo.

Virei o que restava do vinho em meu copo de papel e sentei na cama.

— Tudo bem? — Ele perguntou; um junco havia se formado, pacífico, por entre suas sobrancelhas.

— Agora sim. Estou bem. — Respirei fundo e alcancei um maço de cigarros, sentando-me com as costas pressionadas contra a parede.

— Quer falar alguma coisa?

— Não, eu estou bem. Quer sair e comer alguma
NACIONAIS - ACHERON

coisa? — Eu estava tremendo quando consegui acender o cigarro entre meus dedos.

— Pensei que não estivesse com fome e está tarde. — Ele fez uma pausa e sorriu.

— Você não veio aqui por nada, nem pra me fazer companhia, não é?

— Queria uma companhia. — Ele ergueu os ombros, ainda sorrindo. — Alguém que não fosse uma daquelas Barbies se jogando em cima de mim, não esteja tirando vantagem.

— Então quer dizer que não me pareço com uma Barbie? Isso é bem menos que um elogio.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Ele levantou, devagar e calmo e se sentou ao meu lado. Rafael olhou para mim por alguns segundos antes de pegar o cigarro em minha mão. — Você é linda, não como elas; é ainda mais. Você se parece com a Janet Montgomery.

— Não sei quem é.

— É uma atriz. — Ele colocou o cigarro no cinzeiro, passando o braço por mim até a escrivaninha e se sentou ereto. — E você é um exemplo de merda de britânica riquinha que nunca assistiu *Skins*.

— Eu sei usar um^[7]. E é claro que eu assisti *Skins*. — Ele riu.

— Você nem sabe quem é.

— Eu não morei tanto tempo lá. Acho que lembro quem é. Ela era bem... Dobrável. Não sei se tenho a habilidade de fazer aquelas coisas. — Ficamos um tempão rindo e bebendo vinho e fumando.

Eu ainda queria beijá-lo, mas naquele momento pareceu estranhamente errado. Ele puxou o celular e olhou as horas. Tinha se passado muito tempo desde que estávamos ali.

— 22h14, já passou da hora. — Nós dois nos levantamos, mas Rafael ficou na minha frente e tirou o copo de papel das minhas mãos, colocando sob a escrivaninha.

— O que você está fazendo? — Ele me puxou pela cintura. Com os dedos tocando minhas costelas, como ele fez na aula de teatro, só que, ao contrário do dia no auditório tudo que havia entre os dedos dele era um tecido fino do meu vestido. Ele me beijou, com gosto de vinho em sua boca, deliciosamente; meu corpo pegou fogo no mesmo segundo.

NACIONAIS - ACHERON

Passei os braços pelo seu pescoço e ficamos ali, nos beijando por um tempo até acabar na cama. Gemi contra seus lábios e ele se afastou para que eu tirasse sua camisa. Joguei sua camisa para lá e Rafael enfiou os dedos nas minhas coxas, puxando meu vestido.

Enganchei as pernas em seus quadris e enfiei os dedos em seus cabelos, puxando-o para me beijar novamente. Por fim, Rafael conseguiu se livrar do meu vestido. Pelo menos estava usando roupa de baixo bonita e bege. Ele parou de me beijar, descendo seus lábios pelo meu pescoço e apertei as pernas ainda mais em seus quadris e quando ele voltou a me beijar a porta se abriu.

Merda. Esqueci de trancar a porra da porta, mas antes que eu tivesse tempo de sair de debaixo de Rafael, ou de ele sair de cima de mim. — Não sabia o que era mais plausível fazer naquele momento; parecia que qualquer coisa que qualquer um de nós fizesse seria complicado ou sem sentido —, Alex e Cassandra estavam a porta, fitando-nos. Embolados e com o mínimo possível de roupas.

— Ai. Meu. Deus. — Cassie parecia chocada e fiquei sem reação por um segundo.

NACIONAIS - ACHERON

— Mas que diabos... — Rafael se levantou num segundo. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Eu queria falar com a Julie. Desculpe interromper. — Alex parecia desconcertado de uma maneira que eu nunca o tinha visto. Ele bateu a porta.

Deixe ir

Chovia na segunda de manhã quando forcei meu corpo cansado para fora da cama.

Antes da primeira aula, teatro. — Os horários tinham mudado vagamente —, fui tomar café da manhã. Estava faminta e encontrei o refeitório quase vazio. Peguei uma porção de batata frita e bacon e sentei-me sozinha. Mais alunos saíram e Cass entrou de mãos dadas com Alex. Ela se afastou dele e caminhou até mim, segurando uma maçã verde, de maneira quase ameaçadora e se sentou a uma cadeira de distancia, com os cotovelos apoiados na mesa.

— Oi, Juliette. Posso falar com você? — Assenti e coloquei uma batata na boca. — Sem rodeios, vou ser bem direta com o que eu quero dizer. — Esperei. — Quero que fique longe dos meus irmãos. Dos dois. Caso não tenha percebido, está provocando uma bagunça na cabeça e no coração

NACIONAIS - ACHERON

dos dois. Por favor, pare, não importa o que esteja fazendo ou não vai gostar de uma terceira Hamilton na história e eu não ocupo o papel de mocinha muito bem. — Levantando-se, Cass catou uma das minhas batatinhas. — Ah, deveria checar seu e-mail.

E ela se foi.

Cheguei atrasada para o ensaio, devido a minha dificuldade em achar o auditório em meio a chuva que me distraía em meus pensamentos. Thomas passou um dos braços, muito alegre, em torno dos meus ombros quando passei pela porta, usando camisa preta de algodão, mangas longas, saia jeans curta e botas de cano alto.

— Catherine, está atrasada. A pequena Cathy e seu marido, Edgar, estão esperando por você. — Ele parecia louco, mas divertido, e conseguiu me distrair do que me afligia.

— Desculpe.

— Tudo bem. Vamos vesti-la. — Rafael estava no palco, ensaiando suas falas com uma garota ridiculamente linda que faria o papel de Isabela, a irmã de Edgar. Ela estava no último ano e tinha

NACIONAIS - ACHERON

cabelo loiro escuro, assim como o *verde Hamilton* nos olhos, como eu tinha chamado, porque só eles tinham aqueles olhos. Aquele verde de matar.

Descobri depois de entrar e me vestir, descobri que a garota se chamava Renée e era a irmã mais velha de Rafael; parecia mais linda do que qualquer um deles. Ela era alta e usava jeans e camiseta, assim como botas de cano baixo. Seus cabelos estavam soltos e iam até o meio das costas. Quando se virou uma franja de lado caiu em seus olhos e ela olhou para mim. Subi no palco, segurando o vestido pesado e cheio de camadas.

Thomas estava sentado na primeira fileira assistindo-nos e tinha uma cama bem no meio do palco, onde tudo começaria. Cass estava de pé ao lado de Alex arrumando sua camisa, fechando os botões e ele depositou um selinho em seus lábios rosados, deitando-se na cama. Thomas decidiu começar a encenação pela parte em que Lockwood estava doente e Nelly começava a contar sua história. Fiquei do lado, enquanto Alex e uma garota que eu tinha esquecido o nome, Nelly, ensaiavam suas falas com quase completa perfeição.

NACIONAIS - ACHERON

Rafael, Cassandra, Renée e eu ficamos parados, assistindo e Rafael segurou meu cotovelo, puxando-me, quase imperceptivelmente para o lado. Ele estava do lado aposto à que suas irmãs estavam de mim. Elas estavam conversando e rindo de alguma coisa e os lábios de Rafael estavam muito perto do meu pescoço.

— Tem me ignorado a semana inteira. Até nos ensaios, o que está acontecendo? Foi por causa da minha irmã e do seu amigo?

Balancei a cabeça, abaixando-a, debilmente.

— Não é isso, é...

— Diz. O que é?

— Nada, esquece o que aconteceu no meu quarto, está bem? — Finalmente olhei diretamente para ele, seus olhos tão intensos quanto confusos.

— Não me diz que ficou bêbada. — Ele sussurrou.

— Claro que não. Não seja ridículo. — Cruzei os braços, encarando-o de volta. Rafael franziu os lábios, mas sua expressão voltou ao normal em um segundo. Ele se esticou e antes que eu tivesse tempo de impedi-lo, depositou um selinho em meus lábios. Segurei meu vestido ao subir no palco.

NACIONAIS - ACHERON

No fim da aula me liberei rápido do vestido no camarim vazio e Rafael apareceu atrás de mim quando terminei de colocar as botas.

— Me diz *agora* o que aconteceu. Ou o que está acontecendo. — Ainda estava sem camisa e ele ainda vestido como Edgar, com a camisa aberta e seu peito à mostra até a metade. A camisa branca e imaculada fazia seu corpo parecia melhor do que o normal. Mais tentador e possivelmente irresistível.

Scheisse. [\[8\]](#)

— Você está me perseguindo. — Dei as costas a ele, procurando onde tinha colocado a camisa de mangas longas que estivera usando, mas eu não fazia a menor ideia de onde estava.

Aquilo era uma bagunça, cheio de roupas jogadas por todos os lados. Tinha três espelhos com lâmpadas em volta e atrás várias araras, repletas de figurinos, assim como os que estavam jogados em cadeiras e em todos os lugares daquele cubículo.

— Não estou te perseguindo.

— Está me seguindo por todos os lugares e me *obrigando* a falar com você. *Perseguindo-me.*

— Não estou te perseguindo. — Ele repetiu,
NACIONAIS - ACHERON

enquanto eu tirava algumas roupas do lugar, procurando a minha para poder dar o fora dali.

— Não quero falar com você. — Tentei mudar a tática para me livrar daquela conversa logo.

— É seu jeito agradável de me dar um fora...

— Talvez seja. — Disse sem nem me virar para ele, mas algo em meu tom o calou. Rafael ficou parado ali, sem nem se mover, enquanto eu tirava do lugar. Minha camisa não estava em lugar nenhum e eu precisava ir antes que me atrasasse para a próxima aula.

— Merda. — Resmunguei, tirando a última peça de roupa que restava e deixei meu corpo cair pesadamente na cadeira giratória. — Merda.

— O que foi?

— Não consigo achar a merda da minha camisa e preciso sair daqui. — Ele olhou como se eu fosse retardada e arqueou a sobrancelha. — E, obviamente, não posso sair daqui desse jeito.

Olhei as horas e levantei, puxando minha bolsa para o ombro.

— Acho que tenho que ir. — Passei pela porta. Pelo menos estava vazio, mas eu tinha certeza que os corredores estavam apinhados.

NACIONAIS - ACHERON

— Pegue a minha camisa, não vou te deixar andar seminua pelos corredores. — Ele revirou os olhos e pegou a camisa branca de algodão macio e jogou para mim. — Eu posso sair daqui com essa camisa ridícula, mas você não vai andar por aí assim. — Ele falou como se o modo como eu estava fosse repugnante.

Enfiei a camisa pela cabeça, rapidamente.

— Obrigada. Eu fico devendo essa.

— Então vem jantar comigo.

— Eu não...

— Sem desculpas. *Você me deve essa.* — Ele sorriu e abotoou a camisa. Segurei a maçaneta e ponderei por um segundo.

— Está bem. Às sete. — E segui para a aula de ocultismo.

Ignorei o fato de que Rafael fazia aquela mesma aula comigo e saí do camarim de teatro às pressas, indo para a aula de Sra. Hamilton. Cheguei atrasada e quando empurrei a porta e perguntei se poderia entrar, Rafael veio correndo e parou ao meu lado.

— *Podemos entrar?* — Elena olhou para nós dois

NACIONAIS - ACHERON

com desdém.

— Entrem logo. — Ela se voltou para a classe de nove alunos, contando com a gente. Sentei e Elena colocou um panfleto na minha mesa e um livro sem nome, com a capa grossa, e antigo. Rafael sentou ao meu lado e ela colocou um livro parecido com aquele na mesa dele.

— Elena. — Rafael chamou-a num sussurro.

— Sim?

— O que essa garota está fazendo aqui? — Ele maneou a cabeça em direção a uma garota ruiva. Era linda e supus que devia ser parente deles. Tinha os cabelos bastante vibrantes e olhos castanhos. Usava calça de grife, saltos e camiseta com uma blusa de mangas longas por cima.

— É só uma aluna, Rafael, não faça escândalos na minha aula. — Deu pra escutar, embora tenha falado baixo. Rafael se virou para frente, apertando o celular contra a palma da mão, de maneira furiosa, quase violenta. Pousei a mão em seu antebraço.

— Ei, tudo bem? — Seus músculos estavam rígidos contra a palma de minha mão e ele nem olhou. Depois de alguns segundos ele relaxou e

NACIONAIS - ACHERON

esboçou um sorriso.

— Está tudo bem, só estou ansioso pelo nosso encontro. — A garota ruiva estava nos encarando, quase como se pudesse nos escutar do outro lado da sala.

— Vocês ainda não estão prontos para aprender o que eu tenho a ensinar, por isso, sugeri uma aula teórica e várias outras antes que comecem a aprender de verdade. Não significa que eu vá ensinar conjuros nem nada assim, mas primeiro, quero que amadureçam do mesmo jeito que uma fruta amadurece. Devagar; ampliando os horizontes. Tendo a mente aberta para entender certo tipo de coisas. — Ela sentou parcialmente na mesa baixa; usava jeans caros e uma blusa larga de mangas longas; havia vários papéis em suas mãos, pousados em sua coxa. — Não estou tentando pregar sobre nada, nem querendo que céticos passem a acreditar em coisas que não conseguem, só quero que tentem imaginar um mundo muito maior do que isso. — Ela aumentou a voz quando a chuva do lado de fora se tornou mais forte e audível.

NACIONAIS - ACHERON

“Mais amplo e aberto. Muito, muito mais do que esta imensidão que vocês conhecem. E onde existe grandeza, existe cultura, superstição, magia. Real ou imaginária. Vocês fazem ideia do que há do lado de fora destas janelas? Neste terreno onde estão pisando e por todo lado nesta cidade amaldiçoada, e também noutras, centenas de mulheres e até homens, embora em número menor, foram queimados vivos em fogueiras; acusados da prática de bruxaria, feitiçaria, magia negra... O nome não importa. É tudo semântica. — Elena se levantou. A aula estava começando a ficar melhor do que qualquer outra que eu tivesse frequentado naquela escola ou em qualquer outra em toda a minha vida.

“O século e a cidade. Tempo e espaço. — A Sra. Hamilton fez um sinal abrangente a com a mão. — Mas o que, especificamente, é a bruxaria? Segundos os dicionários de centenas de países e as diversas culturas ao redor do mundo são atos *maléficos*; malignos próprios de bruxos. Mas como definir algo que não se conhece? Como você descreveria o formato de um objeto que nunca viu, nunca pôde tocar, segurá-lo por entre seus dedos e na altura de seus olhos e dizer, exatamente, e com

NACIONAIS - ACHERON

toda convicção que lhe foi conferida, que o limão tem a cor verde e redondo. Não quero que vejam isso como uma aula entediante e desnecessária, uma aula reflexiva, apenas. São elementos que vocês poderão levar para a vida inteira. Sensações, sentidos. Aprendizado, mas do tipo que se vê o tempo inteiro, sendo exposto. Do tipo único que ninguém mais poderia fazer. Eu lamento muito que metade da turma tenha deixado minha aula, porque é aqui que as coisas começam a ficar boas. — Ela sorriu de maneira maliciosa e fez uma pausa breve.

— Juliette Hohenfels. — Tremi quando Elena disse meu nome. — É alemã?

Demorei um segundo para responder a pergunta. Nem sabia mais *o que* era:. — Não. Britânica.

— O que é bruxaria para você, Srta. Hohenfels?
— Por que ela perguntou para mim?

Respirei devagar, tentando não me apavorar em responder uma pergunta que eu não fazia ideia da resposta:. — As primeiras coisas que me vêm a mente são um monte de sinônimos, como conjuradores ou o que a maioria dos adolescentes idiotas pensam e dizem saber sobre um assunto que não conhecem ou não dominam completamente.

NACIONAIS - ACHERON

Nunca me atraí, pessoalmente, por bruxaria ou ocultismo ou qualquer uma das definições que possam dar, porque, como a senhora disse, é apenas semântica, e, confesso que me inscrevi para esta aula pela completa falta de interesse e disposição para as outras, mas têm me instigado. Posso dizer, então, que bruxaria é a busca incessante pelo que não se pode possuir e não é apenas *poder* num conceito de prática de magia em florestas usando mantos negros, e sim, um poder mais amplo, um pouco mais interior, que faz o possuidor se sentir superior, em algum aspecto, ao que não pode desfrutar deste tipo de poder. Superioridade. O poder é um alter-ego, que quanto mais se desfruta, mais você o empodeira para te destruir.

Não jogo mais como costumava^[9]

Passei o resto da tarde, entre às quatro e às seis, terminando o trabalho de história que era para entregar em novembro, mas eu gostava de terminar as coisas antes do prazo e eu ter tempo para fazer correções, caso precisasse.

Fiquei escutando a discografia do *The Doors* no aleatório e acabei escutando *Blue Sunday*, a música mais deprimente do *Morrison Hotel*, particularmente. Quando estava prestes a fechar o notebook e ir tomar um longo banho quente, lembrei no comentário de Cassandra no refeitório mais cedo. Parecia uma memória distante no longo dia.

A conexão insistiu em começar a falhar no momento em que consegui abrir o site. Tinha uns e-

mails que eu não estava nem um pouco afim de ler, então deixei como estavam, não lidos. Procurei e achei rápido o e-mail de Cassandra. Na verdade, não tinha quase nada, era um anexo de uma imagem e uma frase curta. A legenda para a bela fotografia que salvei e pensei que mais tarde poderia se tornar o papel de parede do computador, mas fiquei possessa demais para registrar as coisas naquele segundo. Respirei, mas o oxigênio me faltou.

De: hamiltoncassandralily@gmail.com
Para: juliettevonnhoenfels@gmail.com

Você não deve curtir voyeurismo tanto quanto eu, mas a diretora e seus demais colegas sim e você parecia bem a vontade com isso, então espero que se divirta.

P.S.: Todos sabem, inclusive você, que Rafael não deveria estar no quarto, muito menos naquela posição. Bjos.

Tomei um banho demorado e coloquei um
NACIONAIS - ACHERON

shortinho de cintura alta, até o umbigo, meia-calça e botas baixas e de saltos. Demorei um pouquinho escolhendo a blusa e acabei com uma folgada, de mangas e com umas linhas multicoloridas e de cores vibrantes horizontais que deixou uma parte da barriga exposta. Estava mais chapada do que quando cheguei; tinha passado uns dias praticamente com fome, sem vontade para fazer muita coisa. Deixei o cabelo solto, molhado, e peguei meu celular e as chaves. Tranquei a porta e chequei as mensagens. Uma era da Ana e duas ligações perdidas de Jon e uma mensagem recente dele. Tinha ficado o dia inteiro sem pegar no celular. Respondi a Ana com uma mensagem de texto antes de retornar a ligação de Jon.

Estou meio que indo à um encontro. Te ligo amanhã. Sinto sua falta, nos vemos em dois meses.

— Oi, pensou sobre o que eu disse?

— Primeiro, de onde você tirou essa *mãe* para mim?

— Ei, calminha.

— Estou calma, é só que ela nunca ligou para

NACIONAIS - ACHERON

mim. — Suspirei no meio do corredor vazio. Tinha ciência que estava atrasada cinco minutos e me atrasaria mais cinco se aquela chamada durasse um pouco mais.

— Ela só estava assustada, acho que ainda está. Olhe, tente entendê-la. Quando eu e sua mãe... *Ficamos*, ela era muito nova e teve você muito nova também e, ela tentou muito, mas se assustou. Ela era uma criança, praticamente, não tinha nem a idade que você tem agora. — Jon suspirou, sua voz sugeria uma fragilidade emocional que eu nunca tinha presenciado nele.

— Onde ela está agora?

— Ainda estamos em Praga. Ela ainda tem que ir a Amsterdam, a trabalho, antes de voltar para Nova York. Vou pegar o avião daqui cinco horas e nos encontramos em dois dias em Nova York. Se você quiser vê-la pode ir para casa no Dia de Ação de Graças. — Mordi o lábio, minha cabeça estava começando a latejar e uma dor aguda começou despontar. Era muita coisa acontecendo para eu conseguir pesar e avaliar cada uma.

— Já tomei uma decisão. Só vou voltar para casa no Natal. — A linha ficou muda por uns longos
NACIONAIS - ACHERON

momentos. Eu estava parada no corredor, encostada numa parede, já perto do refeitório e algumas pessoas passavam por mim, mas nenhuma ousava encarar nem nada assim.

— Certo.

— Espera, você tem dito *ela* e eu nem sei... Qual o nome da minha mãe. — Fui caminhando a passos lerdos e entrei no refeitório. A primeira pessoa que notei foi Rafael e a segunda Cassandra, e Alex sentado à frente dela. Nenhum estava comendo, só tinham bandejas com porções de batata frita e bife na frente do casalzinho.

— É Izabel Gray.

— Pai, eu preciso desligar agora. Ligo de volta mais tarde. — Encerrei a chamada, mas o telefone continuou em minha mão. Cassandra estava de costas para a porta, de modo que ela não viu quando entrei, somente Alex, que estava de frente para mim e Rafael estava de lado na mesa redonda.

— Não vai comer nada? — Cassie perguntou para Rafael e ele balançou a cabeça. Parei a um metro da mesa.

— Você está pronta? — Balancei a cabeça, de maneira afirmativa e ele tirou o cotovelo da mesa, NACIONAIS - ACHERON

de onde estava debruçado, conversando com a gêmea malvada. Às vezes até dava para esquecer que eram irmãos, ainda por cima, gêmeos.

— Juliette. — Cass estalou os lábios. Minha vontade era de dar uns tapas na cara dela, mas me esforcei para não fazer nada do que tinha em mente. — O que achou? Sou uma boa fotografa ou não sou?

Passei a língua pelos lábios.

— Não me provoca, garota. Eu enfio a mão nessa sua cara cínica.

— Ei. — Alex levantou e parou do meu lado, com os dedos pousados na parte interna do meu braço direito, como se temendo que eu realmente enfiasse a mão na cara dela, não que ele pudesse me impedir se eu quisesse fazê-lo. — O que deu em vocês duas?

— Parece que alguém esqueceu as roupas no quarto. — Cassie me olhou de cima a baixo. — Mas você não usa nenhuma lá também.

— Cala a boca, Cassandra. — Rafael falou do outro lado da mesa, mas ele não podia fazer mais nada. E o comentário dela foi a gota d'água. Peguei a bandeja que estava na frente dela e virei a tigela

NACIONAIS - ACHERON

de molho e a de ketchup em cima de sua camiseta bege clara folgada, tão rápido que nem Alex pôde me impedir. Ela levantou e Alex apertou os dedos em torno do meu braço, mas me soltei em meio segundo com um puxão.

— O que está acontecendo? — Rafael viu que as coisas tinham ficado sérias, ou estavam prestes a ficar, e levantou, e claro, a irmã dele iria revidar, ninguém esperava menos dela.

Não que eu quisesse chamar a atenção de alguém, mas eu não estava aguentando aquela garota e não ia deixá-la me dizer o que eu podia ou não fazer. Irritou-me ainda mais quando ela veio pra cima de mim, e nem Alex, com todos aqueles músculos pôde impedir, e rasgou minha camisa favorita.

Dei um tapa bem dado na cara dela e Rafael a segurou pela cintura; Alex me agarrou braços e ela gritou e esperneou de raiva, assim como eu, embora estivesse contendo minhas reações muito melhor que a gêmea malvada, que não parecia mais tão malvada assim enquanto Rafael a segurava e o namorado dela segurava-me pela cintura.

— Parem com isso vocês duas. Parem já. Vocês
NACIONAIS - ACHERON

querem ser expulsas? — As palavras de Rafael fizeram algum sentido, e efeito, sobre ambas, porque respirei fundo e Cassie fez o mesmo. Só que não tinha acabado e nenhuma de nós dava a mínima se a diretora quisesse nos expulsar.

Cassandra estava totalmente enfurecida depois do tapa que dei nela e eu também estaria se fosse ela. Seu rosto pálido estava vermelho e começou a ficar mais aparente depois de alguns momentos. Ela se soltou de Rafael num movimento e me empurrou. Não sei como, mas consegui manter o equilíbrio naqueles saltos de sete centímetros, só que ela só me deixou mais irritada. Começamos a nos engalfinhar e naquele momento todo mundo já tinha levantado de suas mesas para observar o showzinho; outra coisa a qual eu não dava a mínima.

RAFAEL

Por favor, não use magia, Cass.

Foi quase um pedido mental, embora não estivesse conseguindo *falar* com minha irmã. Foi em vão, porque nenhum de nós poderia contê-la, a

NACIONAIS - ACHERON

não ser... Elena. Cass era mais fraca do que eu, mas ela sabia dominar algumas coisas melhor, como um escuro projetado usando um conjuro que não consegui quebrar de imediato.

Peguei o celular, rezando para minha mãe ainda estar no colégio, embora fosse tarde. Mandeí um torpedo, mandando-a correr para lá. As coisas tinham ficado complicadas, tentei bloqueá-la, mas também foi em vão, então ela apareceu.

Nenhum de nós podia praticar magia no meio de toda aquela gente, talvez se fôssemos apenas nós cinco, mas não na frente de trinta pessoas e só estava enchendo de espectadores. Elena entrou correndo e assim que *viu*, ela quebrou o conjuro, permitindo que eu e Alex corrêssemos em direção a elas, só que foi tarde demais. Juliette estava por cima de Cass, mas ela ergueu o joelho, chocando-o violentamente contra a barriga dela, não que ela tenha se abalado, mas deu uma leve vantagem a minha irmã.

Foi só nesse momento que percebi que Juliette estava praticamente de sutiã. Cassandra tinha rasgado sua blusa na parte da frente e arranhado-a; da clavícula até a barriga e ela estava em posição

NACIONAIS - ACHERON

vulnerável, no chão, quando Cass explodiu os vidros, do chão ao teto, de todos os lados do refeitório.

O som de vidros trincando a quebrando, voando em todas as direções, como se carregados por um vento inexistente, alarmou a todos. Todos os estudantes saíram correndo, assim como os funcionários, o que dificultou com que Elena, Alex e eu chegássemos até, o que minutos antes foram os vidros que nos separavam do lado de fora. E Juliette tinha caído.

Era uma queda de, no mínimo, vinte metros e ela tinha se machucado. Pulei atrás, nem sequer parando quando Elena deu uma bronca em Cassandra, medindo as palavras na frente de Alex.

— Que merda você pensa que tá fazendo? — E não ouvi mais nada.

Assim que meus pés atingiram o chão, vasculhei cada centímetro com os olhos e encontrei-a de costas e em posição semi fetal e desmaiada. Segurei seus ombros, ajoelhado ao seu lado e toquei seu rosto. Não estava muito ruim, só alguns estilhaços de vidro penetraram sua pele pálida e macia.

NACIONAIS - ACHERON

Chequei seu pulso e dei uma avaliada rápida, e, embora não parecesse grave ela tinha caído de uma altura relativa que poderia tê-la feito fraturar ou quebrar alguma coisa; um osso ou algo assim. Estava escuro e quando a peguei no colo e foi então que vi. Um pedaço de vidro enfiado em sua barriga.

Aquilo era grave.

Leve-me para casa^[10]

Acordei assustada; o suor frio em minha testa, e os espasmos, me deixaram mais assustada do que não saber onde estava quando abri os olhos. Estava muito escuro e os lençóis eram macios, assim como o colchão. Tentei me acalmar e respirei fundo algumas vezes. Quando me sentei a dor na barriga me atingiu como um trem bala, só que mil vezes pior. Lembrava-me da roupa rasgada, mas quando tateei em busca de algum ferimento, meus dedos tocaram uma camisa de algodão macio.

Levei o braço esquerdo em direção ao lado da cama, procurando por um abajur ou qualquer coisa luminosa e achei um interruptor. Tudo ficou claro. Eu estava deitada em uma cama, que não era a minha e nem nenhuma do colégio, o piso era de madeira e quando me virei para a esquerda na cama de casal, vi Rafael dormindo de costas, virado para

o outro lado, de modo que só pude ver seus cabelos bagunçados. Observei-o por uns instantes e então ele se virou para mim, abrindo um amplo sorriso. Rafael se sentou, despertando gradualmente.

— Ei, você acordou. Como está se sentindo?

— Era o que eu ia checar. Não me lembro muito bem do que aconteceu. — Fiquei meio deitada, mais confortável e menos dobrada e a dor abrandou-se de maneira notável e imediata. Levantei a camisa até as costelas e pude ver a gravidade dos ferimentos. Mordi o lábio.

Tinha uma faixa em volta da minha barriga entre a última costela e o osso do quadril. Doía mais abaixo da costela até um pouco antes do umbigo numa linha diagonal, embora eu não conseguisse me lembrar de muito do que tinha acontecido. Fiquei olhando por alguns segundos e abaixei a camisa. Ficamos num silêncio mórbido: —Eu não ia dormir com você. Quero dizer, não queria. Vim ver se estava bem. — Ele fez uma pausa, como se ponderasse as palavras com cautela. — Estava no quarto de hóspedes, mas você estava se mexendo muito e suando frio, então fiquei deitado aqui por um tempo e acabei pegando no sono.

NACIONAIS - ACHERON

Pensei por alguns segundo no que ele estava falando, com certa dificuldade em absorver o que ele dizia com calma e cuidado minuciosos:. — O que estou fazendo na sua casa?

— Você se lembra, *com clareza*, do que aconteceu?

— Não em detalhes. — Balancei a cabeça, perturbada. — Por quanto tempo eu dormi e por que não consigo lembrar o que aconteceu? — Rafael ficou de lado e virei a cabeça para olhar para ele.

— Não sei. — Ele disse calmamente e consultou o relógio em seu pulso. — São 3h16 e você ficou desacordada por um bom tempo depois que a tirei do colégio e a trouxe para cá. Fiquei preocupado quando não acordou. — Ele falou cada palavra com simplicidade, embora cada uma delas tivesse um significado mais profundo do que ele queria demonstrar e ele sabia bem. — Você ficou desmaiada por um período de tempo muito longo, depois acordou. Não se lembra de termos conversado? — Fiz que não com a cabeça.

— Por que me trouxe para cá ao invés de um hospital ou algo assim? — Passei a língua devagar
NACIONAIS - ACHERON

pelos lábios.

— Meu pai é médico. — Ele sorriu. — E, por causa disso, que a trouxe para cá. Joseph tem muita coisa no anexo, ele limpou e enfaixou o ferimento e falou que você ia ficar bem. Segundo ele, você só desmaiou porque sua pressão estava muito baixa. Ainda está um pouco.

— O que aconteceu lá?

— Uma coisa de cada vez. — Ele sorriu e eu quis fazer o mesmo, mas cada músculo meu doía só de piscar. — Primeiro, ia pedir para apagar a luz, se não se incomodar. Estou dormindo há poucas horas e a luz machuca meus olhos. — Fiz o que ele pediu e quase nem pude distingui-lo do resto da escuridão. — Do que você se lembra?

Fechei os olhos com força.

— Eu sei que não devia ter feito aquilo, para começar, só não consigo entender como aquele vidro, simplesmente, se desfez. Estava lá e em um segundo explodiu. — Franzir o cenho, angustiada por nem conseguir me lembrar direito o que tinha acontecido há poucas horas.

— Também não posso te dizer o que aconteceu. Descansa um pouco, nós conversamos amanhã. —
NACIONAIS - ACHERON

Ele demorou um segundo para continuar:. — Quer ligar para seu pai ou alguém?

— Não, ele está em Praga com a minha mãe. — Me senti estranhamente confortável usando aquela palavra. Ainda era novo e desconhecido para mim. — Eu ligo amanhã, não tenho certeza qual o fuso de lá. — Fechei os olhos quando terminei de sussurrar aquelas palavras.

A mão esquerda de Rafael tocou minha bochecha de maneira inesperada; nova e diferente. Era como se ele tocasse cada célula minha, individualmente. Arrastei-me até seu lado da cama e aconcheguei a cabeça em seu peito, estranhamente confortável fazendo aquilo; ficamos ambos deitados de lado, como se estivéssemos repetindo aquele ato pela milionésima vez, mas era a primeira e adormeci pensando que não queria que fosse a última, e sim a primeira e que faríamos aquilo um milhão de vezes depois.

Corri os olhos pelas últimas linhas da página 322 do livro em minhas mãos, *Grandes Esperanças*, e fechei-o devagar.

— Srta. Hohenfels. — Joseph chamou de sua
NACIONAIS - ACHERON

sala. A porta estava entreaberta; levantei e caminhei até lá, fechando-a atrás de mim.

O consultório era enorme e a sala consistia em uma maca no canto, a mesa e duas cadeiras a frente dela. Atrás dele tinha uma cortina fina. A sala não tinha cheiro de nada, era tudo neutro, mas podia sentir o cheiro suave de álcool em gel, luvas de médicos e desinfetante bem fraco. O dia estava particularmente quente e o ar condicionado me deixava inquieta e tinha certeza que teria um resfriado por ter ido visitar o médico.

— Sente-se. — Subi os dois curtos degraus e me sentei na maca com os desenhos de patos segurando guarda chuvas e lembrei imediatamente de um episódio de *The Big Bang Theory* sobre adesivos de patos segurando guarda chuvas na banheira do Sheldon.

Joseph estava sentado na cadeira atrás da mesa, lendo o prontuário e fazendo anotações. Ele levantou os olhos e baixou as folhas.

— Como está a dor? — Ele colocou luvas, parecia extremamente formal de jaleco.

— Acho que em seis, mas está... Curando ou *cicatrizando* rápido. Rápido demais, achei meio
NACIONAIS - ACHERON

estranho.

— Não estava tão ruim ontem. — Tirei a camisa larga e deitei na maca.

— Estou tendo dificuldades para dirigir e dor de cabeça, e, será que poderia me receitar algum remédio para dormir?

— Está com dificuldade para dormir? — Balancei a cabeça, afirmativa. — Desde antes do que aconteceu ontem? Rafael disse que você caiu e bateu com a cabeça. Pela altura ter sido considerável, eu recomendo que vá à um neurologista.

Balancei a cabeça. Suas mãos trabalhavam rápidas, porém, sutis.

— Foi bem antes de ontem. Eu tenho tido...

— O quê? — Ele olhou para mim por um momento, sem interromper o que estava fazendo.

— Não faz muito sentido. Tenho tido sonhos e depois não consigo dormir. — Ele terminou e avaliou o ferimento, colocando uma gaze em cima e fazendo mais coisas que não prestei atenção.

— Pesadelos. — Não foi uma pergunta, mas assenti assim mesmo, só para ele ter certeza e me dar alguma coisa para conseguir dormir.

NACIONAIS - ACHERON

— Tenho tido apneia^[11]. Só tenho dormido algumas horas por noite. Uma ou duas, e isso está me afetando de maneiras mais profundas. Tenho estado letárgica^[12].

— Vou te receitar algo para dormir, não tenho certeza se vai resolver, porque não sei quão profundo é seu problema, mas quero que vá a um neurologista. — Ele tirou as luvas e as jogou no lixo. — Pode colocar a camisa.

Sentei-me devagar e vesti minha camisa, enquanto ele escrevia algo na receita.

— Tome dois antes de dormir. — Joseph me entregou a receita e depois escreveu outra, entregando-me em seguida. — Isso aqui é para a dor, mas só tome se passar de oito.

O Dr. Hamilton era melhor que meu médico, apesar de eu não visitar mais um com frequência. Passei na farmácia e comprei os remédios, esperando, ansiosamente, poder dormir durante a noite.

RAFAEL

Elena insistiu que Juliette ficasse hospedada na NACIONALIS - ACHERON

mansão enquanto estava de atestado, mas ela estava curando rápido, graças à ervas que Joseph deu a ela. Juliette queria voltar para o colégio e não via motivo para perder aula, só que ela não conseguia dirigir, nem ficar muito tempo sentada e nem de pé, para falar a verdade.

Elena ligou para o pai dela, como professora, e disse o que tinha acontecido, com algumas exceções, claro. Ela deu o telefonema em nome da escola, mas foi meio pessoal. Ela era sempre carismática e conseguia convencer todo mundo com um sorriso e uma conversa, e pelo que vi funcionava por telefone e ela nem precisava usar magia. Jon deve ter ficado decepcionado quando Elena disse que o marido dela era médico e que cuidaríamos bem dela.

Quando desligou, ela se ofereceu para me ajudar com o jantar e descascou batatas, em silêncio:. — A Cass tá no colégio? — Perguntei, depois de colocar a carne com as batatas no forno. Lavei as mãos e minha mãe assentiu.

— Ela vai vir aqui mais tarde. Pegar umas coisas, eu acho.

— E o que *você* vai fazer? — Um juncos se
NACIONAIS - ACHERON

formou entre suas sobrancelhas. — Ela é sua filha, você deveria fazer alguma coisa a respeito.

— Quem começou? — Ela não estava acusando ninguém, mas seu tom calmo e pacifista ao extremo estava começando a me irritar mais do que conseguia suportar.

— A *Cassie* começou, com uma foto que... Não importa. Não importa quem começou, o que importa é que Cassandra quase matou alguém, mãe.

— E eu vou fazer alguma coisa, só estou pensando. — Joguei o pano de prato na bancada quando escutei o barulho da porta da frente ser destrancada e aberta. Caminhei até a porta e *Cassie* estava parada lá com a cara mais cínica.

— Rafael. — Elena me chamou e foi atrás de mim.

— Você deve ter enlouquecido, não foi? Em que merda tava pensando quando resolveu *explodir* a porra do refeitório?

— Dá um tempo. — Ela deu as costas, andando em direção as escadas; fui atrás dela.

— Não. Cassandra, você podia tê-la matado. Se o papai... — Ela se virou.

— Aí é que está. O papai a curou; deu uma de NACIONAIS - ACHERON

xamã do século XII e fez a mágica dele.

— Não foi só ele que fez mágica. Por que fez aquilo? Você não faz ideia do que poderia ter...

— Rafael. — Elena chamou atenção para altura com que eu estava falando e me acalmei. — Cassandra, você está de castigo.

— Quê? — Ela agiu como se não fosse justo e passou a língua pelos lábios. — O negócio é, não fui eu quem explodiu o vidro.

— Então quem foi? E por quê? — Cassandra se inclinou para falar perto de mim.

— Pensa bem. Quem, além de *nós*, estava lá?

Desviei os olhos dos seus, perplexo com minha própria conclusão, mas Elena foi a única capaz de dizer em voz alta:. — Emarie.

JULIETTE

Rafael estava irritado de um jeito que eu nunca o tinha visto antes; ele era sempre calmo.

— Eu vou torcer o pescoço magrelo da Cass e depois o da Emma e depois chutar o Cedrico, por não ter avisado que aquela vadia estava vindo para cá. — Ele estava andando pelo corredor e Elena

NACIONAIS - ACHERON

estava atrás dele.

— Rafael, fica calmo, não foi culpa de ninguém, está bem? Ele provavelmente nem sabia que ela estava vindo. — Eles pararam. Não parecia certo ficar escutando, mas o que eu podia fazer?

— Besteira! Alice teria contado. Do jeito que ela é caidinha por ele, tenho certeza que contou. — Escutei mais passos e a voz de Cassandra.

— Claro que a Alice não sabia de nada, não seja ridículo, Rafael. E nem a tia Rose, caso ouse metê-la nesta história. É com a Emma que estamos lidando e ela é forte o bastante e já está nos confundindo. — Escutei-o respirei alto. — Vamos sair daqui antes que *ela* escute alguma coisa.

— O que a Emma quer? — Era a voz de Rafael, mas mais distante em direção ao fim do corredor.

— Atenção. — Disse Elena, por fim e o som da voz deles se dissipou nos remédios para dormir.

Não sei quantas vezes acordei e perdi a consciência, mas o remédio parecia mais forte do que ele tinha dito. Tudo que lembro foi de ter acordado gritando, mas não lembro o que era o sonho daquela vez. Rafael segurou meus ombros no

NACIONAIS - ACHERON

escuro e me balançou com o cuidado com que se embala uma criança em seu sono. Lembro-me de ele ter deitado do meu lado e ficado lá porque eu pedi, mas quando acordei estava sozinha de novo.

Minha própria mente estava me pregando uma peça, estava alucinando ou morrendo. Estava soando frio e levantei, sem saber para onde estava indo. Depois desci as escadas, as luzes estavam acesas como sempre, mas não tinha ninguém em lugar algum, então me sentei ao lado da lareira acesa e fiquei lá um tempo, escutando o som da chuva torrencial do lado de fora. Eu não estava pensando direito, e, talvez, não fosse eu mesma quando tirei o curativo meticuloso de Joseph e arranquei os pontos, um por um, sentindo cada pontada de dor lancinante, mas era como se estivesse sob uma forte compulsão e não conseguisse parar de ferir a mim mesma.

Acordei na manhã seguinte, o sol estava alto e a noite anterior estava confusa na minha cabeça. Por mais que tentasse lembrar, tudo dava em nada, como se não tivesse existido.

— Está se sentindo melhor? — Balancei a
NACIONAIS - ACHERON

cabeça, negativamente.

— Quero sair daqui. — Olhei ao redor para seus livros em estantes à minha frente, mas não me levantei porque não tinha forças.

— Ei, você precisa descansar mais um pouco. Seu pai ligou, ele disse que não está mais em Praga. Ele está vindo para cá no fim de semana com uma tal de... Ana, eu acho.

— Senta aqui. — Pedi e dei uma batidinha no lugar ao meu lado. Ele se jogou na cama e olhou para mim. — O que aconteceu ontem? Estou meio confusa. Parece essa casa... — Balancei a cabeça e fechei os olhos por um momento.

— Joseph disse que você teve um ataque de pânico. — Assenti e ele segurou minha mão mais rápido do que eu teria pensado em não fazê-lo se ele tivesse hesitado.

— Não quero ficar aqui.

— Então não vamos ficar.

Voltamos para o colégio, embora eu me sentisse meio mal, a única lembrança que eu tinha era uma faixa na barriga que doía a beça toda vez que eu me movia, mas estava melhorando aos poucos. Meu estado de espírito melhorou muito depois de sair

NACIONAIS - ACHERON

daquela casa. Rafael e eu ficamos deitados na minha cama estreita, debaixo das cobertas por causa do frio, com meu notebook no colo dele enquanto assistíamos ao filme *Her*. Ele nunca tinha assistido e comemos pipoca com um gosto horrível que ele tinha comprado.

Meu celular tocou e levantei para atender. Rafael deu pausa no filme e jogou uma pipoca na boca; era Alex e tinha uma mensagem de voz dele e da Ana. Escutei a de Ana porque Alex e eu não estávamos nos falando:. — *Juliette, tenho uma surpresa para você. Jon disse o que aconteceu, mais ou menos, parecia confuso. Enfim, espero que goste, te vejo em breve.* — Eu não fazia a menor ideia de quando ela e Jon chegariam, mas estava feliz que eles estivessem indo me ver.

Tinha uma mensagem de Jon, dizendo que estava indo me ver, embora eu tenha dito que não precisava; lembro vagamente de ter dito, mas não tinha certeza. Os últimos dois dias tinham sido completamente desconexos e formaram uma lacuna estranha na minha cabeça:. — *Julie, desculpe pelo que te disse, não é porque eu e a Cass discutimos que estou ligando, é porque me importo. Atende a* NACIONALIS - ACHERON

droga do celular. — Deitei de volta na cama e voltamos ao filme, da cena na praia. Encostei a cabeça em seu ombro e ficamos ali por mais uma hora, uma hora que passou rápido.

E está tudo acabado^[13]

Comecei a me afogar e escutei um som desta vez. Uma risada alegre e uma voz, mas que eu não conseguia discernir o que tentava dizer; soava desesperada. Eu estava em um bote, flutuando num rio. Não havia nada em nenhum dos lados e o rio parecia sugar meus pensamentos e minhas memórias, como se fosse um rio de esquecimento. Era estranho, mas parecia me atrair para ele, com um magnetismo que eu tentei resistir, porque sabia que estaria perdido, mas ele me puxou, sugando minhas lembranças num segundo.

Lutei, como se procurasse por algo que pudesse me salvar, mas que não estava ali. Lutei com todas as minhas forças. O bote de madeira velha desapareceu, e minhas lembranças foram indo. Gradual e de uma vez. Minha cabeça explodia, meu coração batia forte contra minhas costelas e

eu lutava constantemente para não afundar enquanto meus pulmões explodiam pela falta de oxigênio.

Tentei nadar, como eu faria antes, mas meus braços começaram a ficar dormentes e descansei, balançando as pernas para me manter na superfície. Havia uma floresta em volta, eu a conhecia, mas não reconhecia. Não tinha mais minhas lembranças e não fazia a menor ideia de onde aquela floresta aberta pertencia; tudo que podia ver era uma pedra ao longe, como se tivesse uma ilha.

Será que eu estava numa praia? Não. Tudo que eu via era água e o céu negro. Não conseguia mais nadar, nem agitar os braços. Deixei o corpo a deriva e comecei a afundar. Tudo se foi tão rápido. Emoções, memórias pareciam distantes e afundei.

Mais fundo, mais fundo...

Que eu estava viva eu sabia, era a única certeza que eu tinha, na verdade. Acordada, talvez não estivesse consciente. Meu corpo estava frio como se estivesse morto. Baixei os olhos e vi que estava vestida algo branco, encharcado e cheio de tecido

NACIONAIS - ACHERON

jogado um por cima do outro, em babados fora de ordem. Um vestido bonito de verão, mas nada que eu usaria numa noite fria como aquela. Não estava em meu quarto, estava numa superfície dura. Uma mesa.

Não. Estava deitada numa maca, incapaz de me mover com cada espasmo de dor. Não fazia a menor ideia de onde estava.

Não se parecia com um hospital. Mas cada centímetro era preenchido com material cirúrgico. Mais dor. Levei a mão à barriga quando meu corpo se dobrou, involuntariamente para frente e fiquei meio sentada, como se mil estacas atravessassem meu peito e caí na maca novamente, com os olhos fechados.

Meus músculos se moveram em movimentos involuntários e percebi que estava tremendo. Arfei, em busca de ar. Minha garganta se fechou e senti um nó se formar devagar, subindo do estômago até a garganta. Gritei alto. Meu corpo tremeu violentamente e parou. Estava suando frio, os olhos fechados e as pernas dobradas, encarando o teto; tudo que eu consegui ver quando abri os olhos. Ambas as mãos pousadas sobre a barriga; sem me

NACIONAIS - ACHERON

mover, movi os olhos e vi aquelas pessoas paradas no cômodo sinistro.

Não pude ver seus rostos na meia luz, mas identifiquei na mesma hora que eles começaram a falar que a língua era latim. E quando começaram a falar, voltou. A dor e comecei a gritar novamente, sem término para o que sentia. Era pior do que se afogar mil vezes. Os pulmões explodiam; queimavam, o suor era frio em minha testa e meu coração batia forte e audível contra minhas costelas, prestes a parar ou explodir dentro de mim.

O gosto de coisa morta na minha boca. A *sensação* morta na frieza da minha pele. As vozes ficaram mais altas e a dor piorou um milhão de vezes mais. Tentei repelir aquela sensação, mas sabia que aquilo não era um pesadelo e não conseguia suprimir aquele grito em meu peito em meio em toda aquela dor que me consumia e me queimava por dentro, tão intensa que não duvidava que poderia mesmo entrar em combustão.

As vozes foram ficando mais altas, mas mais distantes e desfocadas. Apertei o tecido do vestido entre meus dedos, machucando mais a mim mesma com as unhas na barriga.

NACIONAIS - ACHERON

Minha cabeça pendeu para o lado, comecei a perder a consciência; meus lábios secos e entreabertos. Parecia que os corpos estavam se afastando e desaparecendo, mas era coisa da minha cabeça. Gritei com o corpo em posição fetal, ferindo-me ainda mais, com a unha cravada em meu braço esquerdo e segurando o tecido do vestido; era algo que eu não conseguia evitar em meio a todo aquele golpe. Os gritos saíam meio roucos, como um animal ferido e fechei os olhos, sem saber o que viria a seguir e sem saber o que esperar que viesse até mim.

Os corpos ficaram mais distantes, mas suas vozes entoando o sinistro canto naquela língua morta ficaram mais perto. Meu coração começou a desacelerar e pude discernir vozes mais claras e dóceis, falando outra coisa, mais gentis, porém convictos. Forcei meus olhos a se abrirem, nem que fosse pela última vez e vi um homem jovem e uma menina segurando sua mão, mas era impossível ver seus rostos. Meus olhos se fecharam mais uma vez. Meu coração foi parando, mas minha cabeça ainda explodia.

O homem continuou falando, entoando aquelas
NACIONAIS - ACHERON

palavras; evocando-as, gentilmente e meio que consegui abrir os olhos, mas vi apenas borrões. Os que estavam lá antes formavam um círculo, com suas mãos dadas e o jovem casal estava atrás do círculo, onde ele se abria e havia espaço para eles passarem e penetrarem aquela coisa sinistra. Uma pontada despontou do meu estômago e a dor voltou toda outra vez.

Gritei alto, bem mais alto que o cântico maligno, voltando meu corpo à posição anterior, com as costas pressionadas contra a maca. O casal entoou suas palavras com mais segurança, adicionando novas palavras ao que diziam anteriormente.

— Ela está resistindo. — Disse uma voz que me soou familiar, mas não fazia a menor ideia de quem era, e se voltou para o casal. — *Saiam*.

Ao invés disso, o casal se concentrou e passou por entre eles. O homem caminhou até mim e ninguém o impediu de me pegar em seus braços. Ele me ergueu da maca e meus olhos se fecharam pesadamente; minha cabeça pendeu para o lado e perdi a consciência em meio a tudo aquilo.

CEDRICO

NACIONAIS - ACHERON

Deixei Alice ao lado dela em meu quarto e fui até a sala de estar, onde estavam todos reunidos. Até Renée estava lá. Rafael se aproximou, segurando uma taça de vinho; seus dedos segurando o bojo. Ele tomou um gole e olhou para mim, enquanto eu praticamente voava pelas escadas, indo rapidamente até eles.

— Como ela... — Nem esperei que ele terminasse aquela pergunta e acertei-lhe um soco na cara. Sua taça caiu, assim como ele. Havia sangue em seu nariz quando ele se levantou em um pulo. Renée se interpôs entre nós e colocou a mão em meu peito, impediu-me de avançar contra ele.

— Você quase a matou, seu filho da puta. Se encostar em mais um fio de cabelo dela... — Meu peito subiu e desceu com força e Renée me empurrou pela fora da sala, conduzindo-me até a cozinha.

— O que deu em você, Cedrico? — Ela me fez sentar e deu a volta na bancada, pegou um copo de água e colocou diante de mim, ao que me virei e observei-a sentar-se ao meu lado antes de respirar fundo.

— Eles quase a mataram, Ree.

— Eu sei. Não era a melhor maneira para acabar com a Emma, mas foi o que eles escolheram. — Ela passou os dedos pelos meus cabelos, penteando-os para trás. — Se acalma. Alice está com ela?

Agitei a cabeça. Fomos pelas escadas até meu quarto, onde evitei o olhar de todos, abri a porta para Renée entrar e vimos Alice sentada ao lado da cama.

— Ree, venha aqui. Ela está tremendo e soando frio. — Ela se virou. — Eu aprendi feitiços, não cuidar de alguém doente por causa de um. O que eu faço?

Ela se parecia mais com a criança que ela era, mas mais desesperada.

— Deixa comigo, Alice. — Renée se sentou ao lado dela, que ainda se encontrava desacordada, e Alice foi até mim. Fiquei parado na porta, segurando a maçaneta. Alice me olhou com aqueles grandes olhos verdes.

— O que está acontecendo?

— Minha família enlouqueceu. — Fechei a porta e saímos dali.

Levei Alice até a cozinha e servi-lhe uma xícara de café, contando o que eu sabia sobre a irmã mais velha dela. Alice fungou quando eu terminei e olhou em meus olhos, sentando. Tomou um gole do café e olhou para mim.

— Precisamos fazer alguma coisa. A Emma não pode... Continuar com isso. Precisamos pará-la.

— Você é bem mais forte do que pensei. Conseguiu quebrar o círculo sem nenhum esforço.

— Isso não vem ao caso.

— Claro que vem. É sobre isso, Alice. Precisamos ser mais fortes que ela.

— Não quero que ela se machuque. — Alice encolheu os ombros, como se sentisse repulsa à possibilidade.

— Eu sei. Mas não vai ser fácil.

Fiquei de pé, observando-a executar uma série de gestos simples. Ela levou a caneca aos lábios, depois bebeu; colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, que caía em seu rosto. Parecia-me extremamente inofensiva, mas forte e poderosa, como ninguém poderia negar que era.

— É ela, não é?

— Hum? Ela, o quê?

— A garota. Você não voltaria atrás *assim*, nem se não te importasse e muito. Além disso, como sabia que tinham formado o círculo?

— São muitas perguntas, Alice. Sim, é ela, a garota. E, eu a uni a mim, não sua vida, mas de modo que eu soubesse se ela se machucasse. Desculpe-me por te envolver nisso.

— Não, tudo bem. Preciso falar com a Rose, ela vai saber o que fazer com relação à Emma. — Rafael entrou na cozinha.

— Isso se você não estiver tramando com sua irmãzinha. — Ele riu.

— *Subtrahatis*. — Alice murmurou e fez um sinal com a mão. Ri e Rafael ficou olhando para ela. Ele tentou quebrar o conjuro, mas era óbvio que Alice era mais forte e ele não pôde se aproximar dela e nem de mim.

— Ah, Alice, você é bem mais forte que a família. — Ele rosnou e saiu.

— Ainda preciso de algumas... Explicações. Pode me emprestar seu celular? — Saquei do bolso, rapidamente, e entreguei a ela. — Esqueci o meu quando me arrancou de casa.

Ela sorria, mas tudo que via era preocupação.
NACIONAIS - ACHERON

Sabia que ela amava Emma, mas também amava sua natureza bondosa, algo que ela jamais abandonaria. Era como se Alice fosse a irmã boa e Emma a malvada, se estas coisas existissem, enquanto Rose ficava neutra no meio disso tudo.

Ela roeu as unhas o tempo inteiro enquanto falava com Rose e quando desligou tinha uma expressão preocupadíssima no rosto, devolveu meu celular e coloquei no bolso devagar, esperando que ela me contasse o que Rose havia lhe dito.

— Ela está vindo para cá.

— Você perguntou como quebrar o conjuro da Emma. Ela deve ter dito. Como eu faço? — Ela franziu o cenho o mordeu o lábio.

— Isso que me assustou.

— O que ela disse, Alice?

— Que não podemos quebrar. *Ela* tem que desfazer. É poderoso demais. Só me pergunto... Por que a Emma a escolheu? Ela já tinha esses sonhos antes de vocês se conhecerem?

— Ela estava prestes a me contar isso... Não importa. Sim, ela já tinha. — A expressão de Alice se tornou inquieta.

— Então, por quê? — Ela se levantou e ficou
NACIONAIS - ACHERON

parada com o café nas mãos, pensando e caminhando de um lado para o outro, com o cenho franzido, respirando fundo e audível.

— Alice. — Nós nos viramos ao mesmo tempo e vimos Elena parada na entrada da cozinha.

— Ela é bruxa, não é?

— Quem?

— Juliette. — Ela disse; seus olhos se arregalando.

— Não! — Disse rápido demais para ter pensado na conclusão, mas era precipitada, claro. Alice não tinha pensado direito e nem conhecia Juliette para afirmar. Eu saberia se ela fosse e ela também. — Claro que ela não é uma bruxa. Não fale essas coisas descabidas, Alice.

— Tem certeza? — Ela se virou; o sorriso presunçoso em seu rosto angelical. — Ou *você* não sabe?

— Claro que não é.

— É o que vamos ver.

Ela colocou a caneca em cima da mesa e saiu em disparada pelo corredor e subiu as escadas correndo, o som de suas botas contra a madeira ecoando por toda a casa. Segui-a no mesmo passo,
NACIONAIS - ACHERON

pouco atrás dela e Elena seguiu à nós dois até Alice parar na porta do meu quarto e abri-a, violentamente e caminhar a passos largos até minha cama.

Parei na porta e Elena ficou atrás de mim. Ela estava louca para provar seu argumento, eu só não fazia ideia de como ela ia fazer. Renée levantou a pedido de Alice e ficou perto, observando. Ree olhou assustada para mim, quase perguntando o que diabos estava acontecendo ali.

Juliette ainda estava desacordada e Alice sentou do lado dela. Colocou a mão em sua testa e fechou os olhos. Ela murmurou algo que não consegui escutar e não reconheci as poucas palavras. Era latim, claro, mas era um conjuro que eu não conhecia. Um brilho vermelho e estranho surgiu da palma de sua mão e Julie abriu os olhos, e os fechou em seguida. Alice levantou, hábil, num só movimento. Ela ainda tinha o mesmo sorriso presunçoso no rosto.

— Consegui provar meu argumento, Cedrico?

Sumário

Parte 2 — Reunião de família

Sangue e cinzas

Complicações

Vestígios de família

Verdadeiras mentiras

Fora de vista, fora de perigo

Como uma rosa despedaçada

Pelo jeito como diz meu nome

Mais do que você sabe

Em seus sonhos mais selvagens

Profecia iminente

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 2



Sangue e cinzas

Abri os olhos. Não tinha consciência de nada, apenas que estava acordada. Comecei sentir meu corpo, devagar. Estava frio, quase morto, mas não estava. Movi minha cabeça, lentamente e vi uma menina sentada do lado da cama que eu estava deitada e não fazia ideia de onde estava.

— Ana. — Murmurei e ela sorriu. Ela segurava minha mão quando sentei. Meu corpo estava dolorido e fechei os olhos, momentaneamente, lembrando da dor da outra noite.

— Tudo bem? — Ela franziu o cenho e se afastou, sentado ereta na poltrona. Ela mordeu o lábio.

— Acho que sim, onde estamos? O que... O que aconteceu?

— Relaxa e descansa. — Deitei, olhando para ela. Ana levantou.

— Para onde está indo?

— Estou bem aqui, só vou dar a vocês tempo para conversar. Vocês precisam. — Ela saiu, então, repentina e assustadoramente Jon apareceu no meu campo de visão.

— O que está acontecendo?

— Você parece confusa.

— Sim. Eu... — Olhei ao redor, sentando-me e percebi finalmente onde estava. — O que estou fazendo aqui? E o que *você* está fazendo aqui? E a Ana...

— Calma. — Jon se sentou ao meu lado. Ele usava camisa social para fora da calça cinza e sapatos italianos. — Vamos por partes. Eu sei que é muita coisa para absorver de uma vez só, por isso estou aqui. Tudo vai voltar ao normal, Julie...

— Do que você está falando? — Franzi o cenho.

— Está tudo bem agora. Por partes. — Ele respirou fundo e pegou minha mão. Se tinha uma coisa que Jon era incapaz de ser era sentimentalista. — Sua mãe está aqui. Ela queria te ver, então ela quis ir até o colégio, mas sua professora de... *Ocultismo* me ligou e me mandou vir até aqui para vê-la. Joseph me falou das consultas com ele e sobre apneia... Por que não me contou?

NACIONAIS - ACHERON

— Não achei que fosse importante. Ainda não sei como vim parar aqui. — Massageei as têmporas e Jon me olhou como se eu fosse louca de pedra. — Eu falei com Joseph há dias, o que isso tem a ver...

— Joseph disse que você ligou para ele no meio da noite. — Um junco se formou entre suas sobancelhas. — Disse que precisava vê-lo, mas não disse o que estava acontecendo. Ele disse que podia abrir uma exceção e você veio até o consultório dele e então desmaiou. Não se lembra? — Balancei a cabeça. — De qualquer maneira, eu estou aqui e, se estiver tudo bem para você, sua mãe quer vê-la.

— Acho que sim. Me sinto um pouco fraca. Podemos sair daqui, por favor?

— Claro. — Jon me ajudou a levantar. Tentei me lembrar do que ele tinha dito, mas nada daquilo parecia ter acontecido de verdade, a não ser que eu tivesse algum lapso de memória. Pisquei e passei o braço pelo de Jon e ele me ajudou a descer as escadas.

Ana estava na sala de estar dos Hamilton com Cedrico. Os dois conversando e rindo no sofá.

— Cedrico, quando você voltou? — Falei
NACIONAIS - ACHERON

lentamente, apoiando-me em Jon para ficar de pé.

— Ontem a noite. Não lembra? — Outra pessoa que falava como se eu estivesse louca.

— Não nos vimos ontem à noite.

— Claro que nos vimos. — Ele levantou e Ana fez o mesmo. Ele apertou a mão dela. — Foi um prazer conhecê-la, Srta. Davenport. Juliette, nos vemos mais tarde no colégio, se estiver se sentindo melhor. — Ele sorriu e uma loira de grandes olhos verdes apareceu na minha frente, sorrindo.

— Você deve ser a Juliette. E você, Jon. A família Hamilton tem um convite para o jantar. — Ela tinha papéis nas mãos. — E sua mãe, claro. Reunião de família. À propósito, me chamo Alice. — Ela desapareceu no corredor que levava a cozinha.

Olhei, boquiaberta para o lugar onde a menina esteve segundos antes e depois para Cedrico e Ana. Ela foi a primeira se mover, apertando a alça de sua bolsa e disse que iria embora.

— Pode ficar, se quiser. — Cedrico disse a ela e Ana sorriu.

— Não, não quero interromper.

Ela se despediu e Jon disse que o motorista a

NACIONAIS - ACHERON

levaria para o hotel ou para onde mais ela quisesse ir. Cedrico fechou a porta e se voltou para Jon e eu. Engoli em seco, perturbada sobre o que esteve acontecendo desde o dia anterior.

— Sigam-me. — Ele nos guiou pelo curto corredor que nos levou à cozinha, onde Elena estava cozinhando e a tal de Alice estava sentada à mesa.

— Sente-se melhor, Juliette? — Elena perguntou, mas não consegui tirar os olhos daquela garota. Algo nela me inquietava e me assustava.

— Não me lembro bem do que aconteceu ontem a noite. Desculpe. — Ela se virou, sorrindo com uma colher na mão.

— Eu compraria um bolo de padaria. Mais apropriado, mas as crianças não gostam de comemorar. — Ela deixou a vasilha de vidro temperado com a massa sobre a bancada e caminhou até, tirando-me dos braços de Jon como se tira uma criança e me guiou até uma cadeira. Alice se levantou e saiu.

— Desculpe... *Crianças?* — Ela assentiu, voltando para o outro lado da bancada e mordeu o lábio. Tinha muita comida sendo preparada para ela

NACIONAIS - ACHERON

lidar sozinha.

— Sim. É o aniversário dos gêmeos. — Um junco se formou entre suas sobrancelhas e ela parou por um momento. — Pensei que Rafael tivesse dito, mas eles não gostam de comemorar. Enfim, gostaria que ficassem para o jantar.

— Precisa de ajuda? — Jon parecia deslocado e Elena sorriu, aceitando. Observei os dois cozinhareem e olhei o grande relógio. Passavam das quatro da tarde e me perguntei como dormi tarde. Olhei para o vestido que eu usava. Branco, tecido liso, sem marca na cintura.

Me lembrou do estilo da década de 1920; tinha mangas bem curtas e ia até a batata da perna em cortes irregulares e triangulares. Não era uma coisa que eu usaria, mas até que me caiu bem, pela minha falta de curvas. Estava descalça, mas meus pés estavam limpos. Sem barro, nem terra. Olhei para minhas mãos e unhas. Limpos. Onde diabos eu estive?

A voz de Elena me tirou de minha busca por vestígios.

— Desculpe, o que disse?

— Quer beber alguma coisa? Tem suco,
NACIONAIS - ACHERON

refrigerante, água...

— Água. — Depois murmurei:. — Minha boca está seca. O que aconteceu, Sra. Hamilton?

— Desculpe? — A porta da geladeira de portas duplas e inox estava aberta e Elena com um copo na mão.

— O que aconteceu ontem a noite? Eu não lembro.

— Eu não estava aqui, querida. Joseph disse que te receitou algo para dormir. — Ela colocou o copo de cristal à minha frente.

— Obrigada. Ando tendo... Lapsos de memória. — Dei um gole na água e mordi o lábio.

— Deveria procurar um neurologista ou... Bem, eu não entendo sobre especializações. Você gosta de bolo, não é? É de chocolate. — Ela me ofereceu um sorriso largo e retribuí. Já estava me sentindo melhor, como se o humor dela influenciasse o meu. E de certa maneira ela tinha algum poder.

— Por que Rafael e Cassandra não comemoram o aniversário?

— Por hábito. — Ela ergueu os ombros. — Nunca fizeram isso, nem quando pequenos. — Ela se virou para Jon. — Chame a sua mulher para o NACIONAIS - ACHERON

jantar, Sr...

— Ela não é minha... Mulher. — Jon disse, desconsertado. Elena o orientou a tirar a carne grelhada, que eu duvidei que vinte pessoas fossem capazes de comer; era enorme.

— Me perdoe o equívoco. Mas... Faço questão que a convide, se estiver tudo bem. Sua filha é uma das melhores alunas que já tive. — Ela mudou de assunto quando Jon ficou meio desconfortável e apoiou o cotovelo na bancada.

— A senhora leciona o quê mesmo? — Ele sabia bem.

— *Ocultismo*. — Em sua voz pareceu mais bonito.

Ela se parecia mesmo comigo, mas uma versão mais elegante e menos pálida. Seus cabelos tinham cachos modelados e seus olhos eram verdes escuros, como os meus. *Deus!* Ela era igualzinha a mim. Prendi a respiração, fingindo que não era a primeira vez que eu a via. Ela sorriu e cumprimentou Elena e Jon.

— Elena, obrigada pelo convite. — Elas se conheciam ou eu tinha entendido errado?

NACIONAIS - ACHERON

— Vocês se conhecem? — Meu rosto era pura confusão.

— Claro. — Izabel, descobri o nome dela, finalmente, sorriu e se sentou à minha frente. — Nos conhecemos há muito, muito tempo.

— Então... Você é a minha mãe. — Elena me encarou, intrigada e fiquei olhando Izabel a minha frente. O sorriso em seus lábios, seu traços firmes e delicados. Sua beleza clássica e seu corpo esguio.

Ela era uns dez centímetros mais alto do que eu, ainda mais naqueles saltos altíssimos; sua calça jeans de grife e camisa de mangas longas preta dava a impressão que ela era uma supermodelo pronta para ser clicada andando, casualmente, pela rua.

— Bel, vocês não... Ahn... Desculpe minha confusão.

— Ela não se lembra de mim.

— Você me abandonou quando eu nem tinha completado nove meses de vida, como posso me lembrar de você?

— Ressentimentos do passado, querida.

— Não para mim. Gostaria que não fingisse ser uma *mãe amorosa* e... Nem fale comigo. —
NACIONAIS - ACHERON

Levantei e tentando não chegar muito perto.

— Onde está indo?

— Embora daqui. — Quando me virei para o corredor Alice e Cedrico apareceram acompanhados de uma mulher que, se parecia tanto com a menina que concluí na hora que era a mãe dela.

— Não pode ir embora agora. Precisamos discutir alguns assuntos no jantar.

— Rose, não. Fique fora disso. — A voz de Jon me assustou atrás de mim e quando olhei de soslaio para ele, não desviando o olhar da mulher magra parada a minha frente, sorrindo débil.

— O que está acontecendo aqui? — Comecei a tremer de raiva. Por não saber o que estava acontecendo e porque todo mundo decidiu que a verdade não era uma prioridade aquela tarde.

— Jantar em família nunca significa boa coisa, ainda mais quando todos começam a chegar. — Izabel começou. — Rose, querida, deixe que Jon e eu cuidamos da nossa menina.

Meu coração estava batendo forte contra minhas costelas, mas percebi que ficar nervosa não adiantaria de nada porque ninguém estava dando a

NACIONAIS - ACHERON

mínima para o que eu falava ou fazia, além do mais, segundo todos, eles estavam esperando pelo jantar para fazer ou dizer alguma coisa, então, permiti que Izabel passasse o braço pelos meus ombros e me tirasse dali com Jon.

A mesa de jantar dos Hamilton era de madeira antiga e envernizada para doze pessoas. Tinha nomes nos assentos e estava repleta de comida que ninguém conseguiria comer até as olimpíadas de 2016. Na cabeceira estava Joseph, seguindo a ordem dos papeizinhos e eu estava à sua esquerda. Pelo menos Cedrico estava ao meu lado e ele sorriu para mim, como se me preparando para algo muito ruim que estava prestes a acontecer. Mas ao lado dele estava Alice e havia uma cadeira vazia antes de havia. Na outra ponta estava Elena, com um sorriso impecável no rosto. Do lado direito, Rose estava à minha frente; ela parecia boazinha com seu sorriso, mas me assustava. Cass estava ao seu lado. Depois vinha Izabel, Jon e Renée.

Perguntei-me se alguém chegaria para ocupar aquele lugar, mas não tinha o nome de ninguém. Respirei fundo e fiquei quieta, olhando para o meu

NACIONAIS - ACHERON

colo. Joseph levantou e bateu uma colher de sobremesa na taça de vinho, chamando a atenção de todos, que sussurravam uns com os outros:. — Todos presentes, dou esta reunião por iniciada. — Todos ergueram suas taças. Sentia-me mais que deslocada por não saber o que diabos estava acontecendo.

— Tudo bem? — Cedrico sussurrou e assenti, sem saber o que dizer. Eu estava bem, fisicamente, apesar do meu corpo estar meio dolorido e pesado.

— Precisamos discutir algumas coisas que têm acontecido nos últimos... Meses. — Todos ficaram quietos quando Joseph continuou, um silêncio mortal se abateu sobre os presentes. — Por isso, Rose está aqui e Alice... — Houve um baque e me assustei, mas foi apenas a porta se abrindo. Em poucos segundos a garota ruiva da aula de ocultismo apareceu atrás de Renée, perto da porta.

— Parece que se esqueceram de me convidar para a reunião de família. — Ela sorriu, calma e perfeitamente.

Emma, o nome da ruiva, se sentou entre Rafael e Alice. Alice olhou para ela com o olhar raivoso e

NACIONAIS - ACHERON

assassino, mas Emma continuou sorrindo, presunçosamente. Elena se levantou, à contragosto e colocou prato, talheres e uma taça à sua frente.

— Obrigada, tia. — Elena olhou para ela; seu olhar era neutro quando voltou a seu lugar.

— Emma, o que faz com que se junte a nós? — Joseph foi educado como sempre, mas estava óbvio que ela não tinha sido convidada.

E que não era bem-vinda.

Todos se serviram e estavam comendo, sem entusiasmo algum, enquanto Emma se servia, em seguida, comendo com entusiasmo.

— Adoro essa comida. — Ela colocou a carne na boca, saboreando-a com prazer e fechou os olhos. — Amava quando tia Elena cozinhava para mim todos os dias.

— Vá embora, Ems, por favor. — Alice suplicou. Emma se virou e sorriu.

— Relaxa, irmãzinha. — Ela sorriu. — Juliette, está aproveitando a comida? Está muito boa. — Ela sorria com gosto. Achei seu comentário estranho, ainda mais porque eu nem sabia o nome dela há poucos minutos.

— Já chega desse teatrinho, Emarie. — Rose se
NACIONAIS - ACHERON

levantou e Emma colocou uma garfada de purê na boca, deliciando-se.

— Fica calma, mamãe, só estou aproveitando a boa comida da *tia Elena*. — Ela sorriu e Rose se sentou, respirando fundo. Eu não podia fazer nada, era assunto da família, achei que o melhor a fazer era ficar calada e não me intrometer, mas quis que aquele jantar acabasse logo para eu poder sair dali e interrogar Jon e Izabel até arrancar daqueles dois todas as respostas que eu precisava saber.

Fiquei mexendo no molho por cima do macarrão e cortando o macarrão em pedaços pequeninhos com o garfo.

— O que você quer, Ems? — Alice perguntou, tomando um gole de seu vinho e olhando para a irmã. As duas se pareciam, na verdade. Todo mundo estava quieto, comendo calmo e em silêncio mórbido.

— Coma seus legumes e verduras, Alice. — Ela sorriu, carismática. — E, Juliette, todos estão vendo que você não está comendo.

— O que você quer da minha filha, Emarie?

Ela passou a língua pelos lábios e tomou um gole do vinho, calculando uma resposta para a pergunta

NACIONAIS - ACHERON

de Izabel. Quando eu tinha me tornado a filha *dela*? E por que estava falando daquele jeito, como se me defendesse?

— Você a julgou mal, *Bel*. — Ela cantou o nome e suspirou, pousando a taça na mesa. — Vocês estão juntos de novo?

Ela gesticulou com o garfo em direção a Jon e Izabel.

— Emarie, eu juro por Deus. — Jon começou —, se encostar mais um dedo na minha filha, eu acabo com você. Me conhece o bastante para saber que sempre mantenho minha palavra.

— Claro que eu sei, Jon. — Ela continuou comendo e colocou mais carne no prato.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — Finalmente falei alguma coisa.

— *Eu* estou tentando comer o meu jantar. O que há de errado com vocês e seu conceito de jantar em família? — Ela franziu o cenho e olhou para cada um deles, mas seu olhar se demorou em Rose. — Vocês estão *fingindo...* Mentindo, deliberadamente, para a menina, enquanto ela está sentada, achando que está ficando louca e cortando o macarrão em pedaços de um milímetro. Tão sutis.

NACIONAIS - ACHERON

Uma graça.

— *O que está acontecendo?* — Bati a mão aberta na mesa e todos estavam me encarando.

— Jon, conte a ela. Conte. — Jon hesitou, olhando para mim.

— Que seja. — Disse Alice, se levantando. — Somos todos bruxos, Juliette. Até seu pai e sua mãe. Todos nós que estamos aqui. Emarie acha que pode manipular a todos. — Ela olhou de soslaio para a irmã antes de se voltar para mim; aturdida e sem palavras —, e tem usado conjuros para invadir seus sonhos. E vocês são todos uns hipócritas. — Ela olhou para cada um. Sua atitude era invejável e admirável. Vocês souberam a verdade quando nasceram. Você, Jon, a responsabilidade era sua de ter contado a ela. E, se Juliette se machucou ontem à noite, a culpa não é *apenas* da minha irmã por tê-la machucado, mas sua também. Por não ensiná-la a se defender. — Ela jogou o guardanapo na mesa com raiva, fuzilando Jon com o olhar. — Com licença, mas não me caiu bem sentar à mesa com pessoas tão hipócritas e enojáveis.

Alice saiu da sala de jantar. Era muita loucura.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Complicações

Fui a primeira a quebrar o silêncio.

— Preciso sair daqui. — Levantei e saí pela mesma porta que Alice. Em poucos segundos cheguei a saída.

— Juliette, espera, por favor. — Virei e vi Cedrico sair da casa. Eu nem sabia se conseguia voltar para a escola, ainda mais a pé, ou se queria voltar para lá ou qualquer outro lugar. O que eu queria mesmo era uma explicação lógica para aquilo tudo.

— Espera. — Ele repetiu e me alcançou, parada a vários metros da porta de sua casa. Eu olhava ao redor, tentando me localizar e dar o fora dali. Virei-me para ele, repentinamente embriagada de raiva por ter sido tão idiota, mas também raiva, por todos eles me terem feito de tola o tempo inteiro, fingindo que não estava acontecendo nada. Mentindo bem debaixo dos meus olhos e eu fui

NACIONAIS - ACHERON

estúpida, ao acreditar em todos eles e tudo o que diziam.

Pressionei às costas da mão direita contra os lábios, tremendo e nem sabia mais por que, mas foi quando me dei conta que o dia estava nublado e frio pra caralho. Mordi o lábio e baixe a mão, deixando meus braços caírem ao lado do corpo.

— Por que não me disse nada? Foi por isso que fugiu?

— Eu não podia fazer nada com relação a Emarie, pelo menos achei que não podia, mas tive que ir por um tempo por sua causa e não sabia de nada até hoje quando Alice me *mostrou* o que você é. Juro que não sabia. — Ele se aproximei e fiquei parada.

Cedrico tirou a jaqueta e se aproximou mais, colocando-a sobre meus ombros.

— Volta para dentro, está frio aqui.

— Não quero. Não posso. — Ele manteve seus dedos em meus ombros e funguei, prestes a chorar, mas me esforçando ao máximo para não fazê-lo.

— Para onde quer que eu a leve? — Pensei por um longo tempo e nada me veio a cabeça. O colégio...

NACIONAIS - ACHERON

— Tem um hotel... Me empresta seu celular? — Ele pegou no bolso da frente e me entregou. Olhei, rapidamente, a foto dele com Alice e tentei ignorar a imagem, ao mesmo tempo em que tentava lembrar o número da Ana. Liguei para ela, que atendeu no primeiro toque.

— Oi. — Sem perder tempo, perguntei onde ela estava hospedada e desliguei.

Cedrico me jogou o capacete e fiquei observando a garagem com carros de luxo dos Hamilton.

— Não posso subir nessa coisa. — Ele virou a cabeça devagar, de onde estava, em cima da moto, esperando que eu subisse, mas fiquei segurando o capacete.

— Por que não? Pensei que quisesse sair daqui...

— Mas não quero morrer. Já reparou o quanto você corre com essa coisa? Esqueceu que a polícia...

— Anda, Juliette, eu não tenho o dia inteiro. — Ele deu a volta e saiu da garagem, parando ao meu lado. — Ou você sobe agora ou te deixo aqui. Com seu pai e... Sua mãe. E os meus pais.

Inspirei fundo e coloquei o capacete e subi,
NACIONAIS - ACHERON

devagar, segurando o vestido esvoaçante. Procurei algo em que eu pudesse me segurar.

— Segure-se em mim. — Fiz o que ele disse no mesmo segundo em que Cedrico arrancou, em alta velocidade, por dentro daquela floresta. Vi Jon e Elena na porta.

Estava tremendo e não por conta da velocidade e não sabia por que. Entrei no hotel e disse a Cedrico que ele podia ir. Perguntei-me se ele voltaria para casa ou para Alice. Entreguei-lhe seu capacete.

— Não vou deixá-la sozinha por aí. — Ele desceu da moto.

— Não estou... *Por aí*, estou com a Ana. Eu vou ficar bem. — Tentei sorrir.

— Não, você não está. — Ele deixou o capacete na moto e passou o braço pela minha cintura. Fuzilei-o com o olhar, mas não me afastei. Ainda estava com a jaqueta dele, e mesmo assim estava congelando. — Escuta, Julie, sei que está assustada com o que aconteceu lá em casa. — Ele sussurrou, enquanto caminhávamos até a entrada. — E, você tinha que saber, mas Alice não deveria ter contado daquele jeito. Desculpe-me por ter acontecido. Isso não era problema de nenhum de nós.

NACIONAIS - ACHERON

— Como você pode falar assim, tão naturalmente, como se fosse algo comum? — Olhei para ele com o cenho franzido.

— Nós sabemos desde bebês. É mais fácil de lidar do que descobrir assim. — Ele estava falando muito baixo quando passamos por um monte de pessoas que entravam e saíam do hotel. Chegamos a recepção, finalmente. Cedrico falou com a mulher. Passei os braços pelo corpo por causa do frio e tentando absorver tudo aquilo. Era muita coisa de uma vez só para digerir.

— Podem subir

Ana estava deitada na enorme cama de casal e nos mandou entrar. O quarto era enorme e a cama estava cheia de sacolas de lojas e vestidos, chalés e tudo mais que se pode comprar em algumas horas. Passamos pelo corredor até a suíte e Ana deu um pulo da cama, com o cabelo preso em coque com um lápis, usando um robe lilás. O quarto cheirava a lavanda e flores frescas. Ela veio até mim com uma vasilha de chocolates e aceitei um.

— O que aconteceu com você? — Ela perguntou, vendo minha preocupação e angústia, mais do que evidentes. — Com vocês dois? — Ela ficou de

NACIONAIS - ACHERON

costas e pegou o controle, desligando a TV de plasma gigante na parede. — Essa cidade parece amaldiçoada. Você conhece as histórias de bruxos daqui? Um horror. Fogueiras e bruxos queimando vivos... — Desliguei totalmente do que Ana estava falando. Ela escolheu o pior dia de todos para ficar tagarelando e ainda mais sobre *aquela* assunto. Sentei numa poltrona perto da parede.

Nem sabia mais o que estava fazendo ali. Levantei e disse a Ana que precisava ir à um lugar. Cedrico me seguiu quando cheguei à porta.

— Espera aí. Para onde você vai agora?

— Eu não sei, mas estou surtando em qualquer lugar que esteja.

— Me deixe te levar a um lugar, então. — Ele não estava tão perto, mas seus olhos reluziam a iluminação do quarto e me veio aquela sensação que tive, a de querer beijá-lo, desesperadora, de quando nos conhecemos e assenti, débil.

Ele deu tchau e disse que voltaríamos para o jantar, mas nem esperou-a responder e quando vi já estávamos no elevador. Cedrico pilotava aquela *coisa* como louco, mas foi com mais calma, como se não tivesse que correr de ninguém. Segurei-o

NACIONAIS - ACHERON

pela cintura forte. Passamos por toda a cidade e fomos para o lado apostado da escola. — E da casa dele, então fiquei tranquila. — E fomos em direção a um lugar estranho que eu não conhecia em minha curta estadia na cidade dos bruxos. No meio da estrada, ele fez uma curva fechada numa bifurcação e seguiu por uma estrada estreita de terra e apertei-o ainda mais. Seus músculos ficaram rígidos sob minha palma e olhei para ele. Sua camisa cinza e seu jeans preto, seus olhos verdes pelo retrovisor; sorriam para mim, ora lânguidos e taciturnos, ora felizes e apaixonados.

Sentia-me uma personagem numa música da Taylor Swift sobre romances adolescentes. — E ridículos. — à primeira vista. Ou num romance, mais ridículo ainda, da Stephanie Meyer. Mas não, eu não estava. Preferia estar num da Anne Rice ou do Stephen King. Peguei a mim mesma sorrindo, quando reparei que ele me olhava pelo retrovisor e pensei no quanto queria que ele me beijasse de novo, como quando ele estava fugindo da polícia. Ou quando *quase* nos beijamos em seu quarto. Depois de sair das fantasias de meus livros, lembrei-me da foto no papel de parede do celular

NACIONAIS - ACHERON

dele. Alice dando um beijo estalado em sua bochecha, envolvendo seu pescoço com a mão, puxando-o para ela, envolvendo-lhe. Depois, pensei no meu pai. Ele esteve tão feliz com Izabel naqueles poucos minutos e talvez ele a amasse como antes ou eu é que estivesse enganada. Por mais que estivesse tudo confuso, e, tudo tivesse virado de cabeça para baixo, não consegui tirar a foto de Alice e Cedrico da cabeça. Olhei para o lado, pela paisagem rochosa que passava rápido à nossa volta. Fechei os olhos com força, então ele parou. Olhei para os lados, mas estávamos no meio do nada. Ele disse me disse que estava perto e tirou meu capacete e o dele, ficou atrás de mim e cobriu meus olhos com as mãos e me mandou andar. Fiz o que ele disse. Ele foi me dizendo onde não pisar. — Eu ainda estava descalça, devia ter pedido uma sapato emprestado à Ana, mas estava surtando demais para pensar nisso. — E depois de trinta passos senti a grama sob meus pés e me delicieei nela. Era mais confortável que o chão duro, ainda mais estando descalça. Ele me disse para caminharmos um pouco e que poderíamos sentar mais à frente.

Cedrico disse que eu podia abrir os olhos e quase os fechei de novo para ter certeza para ter certeza que era de verdade. Estava diante de um gigantesco campo de íxias. As cores preenchiam o espaço aberto com harmonia, cor, vida. E pura energia. Virei para ele: — O que é tudo isso? — Perguntei sorrindo e ele fez o mesmo com o canto dos lábios e ergueu os ombros.

— Eu gosto delas. Então resolvi que deveriam ficar aqui. Levou um tempinho pra pegar o jeito.

— Meu Deus! — Cobri a boca com as mãos. — Como conseguiu fazer com que florescessem aqui?

— Magia, Juliette. Nem toda magia é ruim. Venha, vamos caminhar. — Caminhamos por entre as flores. Elas traziam com elas o frescor e a vida e levavam a sensação ruim em meu peito. Fechei os olhos, sentindo seu perfume suave espalhado por todo o lugar.

— É muito bonito aqui. — Cedrico assentiu, caminhando calmamente, enquanto eu parecia uma criança entorpecida com aquilo tudo, então me virei para ele, o que o fez parar de repente e fiquei na frente; em seu caminho. — O que você é da Alice? É o... Namorado dela?

NACIONAIS - ACHERON

Ele sorriu vagamente, dando meio passo a frente.

— Não, eu não sou *isso* dela. É complicado.

— Ela é sua prima, não é? Emma chamou Elena de tia e elas são irmãs...

— É, ela é minha prima. Essas semanas que passei longe... Rose, a mãe de Alice, estava me ensinando a ter algum tipo de controle sobre mim mesmo, ou sobre minha... Magia. Não tenho certeza de qual palavra seria apropriada. É uma longa história, a que você deve saber, mas não pertence a mim. Cabe a seu pai te contar sobre o passado da sua própria família. — Ele tomou minhas mãos, docemente, e me olhou por um longo tempo. Suas palavras só fizeram sentido depois de um demorado momento. Balancei a cabeça.

— Que história?

— Ele vai contar. Devo levá-la para algum lugar agora? — Ele olhou para o céu, ficando mais escuro a cada segundo, quase totalmente noite. Era tarde, lá pelas sete da noite, mas não podia ter certeza já que não usava relógio e estava sem meu celular.

— Para o colégio, eu acho. Preciso de um banho e roupas limpas. Nem sei de onde saiu esse vestido,
NACIONAIS - ACHERON

na verdade.

— Venha, vamos. — Caminhamos de volta pelo caminho curto e gramado até a moto e ele colocou o capacete em mim, com cuidado, sorrindo, débil, com o canto dos lábios.

Vestígios de família

Voltar pareceu uma eternidade. Passamos pela cidade, iluminada e movimentada àquela hora do dia e decidi que voltaria para jantar com a Ana, mas antes precisava de um bom banho quente e algo mais quente para vestir; que não fosse aquele vestido branco de tecido fino e forro. Na escola, chamei Cedrico para jantar no centro e fui tomar banho.

Ele foi para o antigo quarto tomar banho e passei um longo tempo no chuveiro e quando saí tinha uma toalha em volta do corpo e usava outra para secar o cabelo. Procurei por uma roupa e achei um vestido branco, estranhamente parecido com o que estive usando naquele dia.

Mangas curtas, mas era marcado no peito, e um pouco mais curto, indo até a metade das coxas e com os mesmos cortes diagonais. Pareceu estranho ser tão parecido, então me lembrei de tê-lo

NACIONAIS - ACHERON

comprado quando saí com Alex. Coloquei-o e quando estava pondo uma sandália de tiras alguém bateu a porta. Jon entrou em meu quarto sem eu o ter convidado e parou no meio do cômodo.

— Precisamos conversar, Juliette, senta aí.

Quando me virei, Izabel estava à porta; ela entrou e fechou.

— Conversar? Sobre o quê? — Alcancei a porta num passo e girei a maçaneta; não estava trancada, mas não consegui abri. Olhei para os dois, parados, lado a lado, numa harmonia singular e respirei fundo.

— Eu tenho compromisso. O que vocês querem?

— Temos uma coisa para contar. — Izabel começou e olhou hesitante para meu pai. — E, quando terminar, vai entender por que a deixei.

Suspirei e desabei na cama quando Izabel começou a falar.

— Primeiro, eu fiquei grávida muito nova. Éramos jovens, inconsequentes e eu não estava pronta para aquilo tudo. Mas eu a amei, Julies, no momento em que a vi, em que a senti em meus braços. Tão pequenina e inocente, seus grandes olhos verdes; tão parecidos aos meus. Mas havia

NACIONAIS - ACHERON

algumas coisas que me impediam de ficar perto de você. Como você era muito pequena e novinha, toda vez que eu a pegava, me alimentava de sua energia vital. Eu não conseguia evitar, eram apenas uma manifestação natural dos meus poderes de necromante. Procurei a Elena, minha amiga que também é bruxa, e ela tentou me ajudar, mas eu sabia que estava machucando você. E também havia a questão... Você não poderia ser bruxa, porque a família de Jon é conjuradora e eu sou necromante. — Ela estava muito nervosa, andando de um lado para o outro no quarto. — Eu comecei a matá-la quando tinha seis meses, na minha barriga. Necromantes não devem ter filhos, foi imprudência minha, mas eu não podia ficar longe. Friedrich me disse para ficar longe de você. Ele mandou ir embora e esquecer que você existe.

— O quê? Pai... Me diga que isso não é verdade.
— Ele olhou, perturbado, para mim, mas não negou.

— É tudo verdade, querida. Mas seu avô fez isso para protegê-la. Izabel a teria matado se a segurasse no colo por mais cinco minutos. Você ficou muito doente e fraca.

— E então?

— Eu descobri que você é bruxa. — Izabel continuou, calma. — Mas decidi partir assim mesmo. Na maior parte desse tempo estive em Praga, onde vive uma bruxa necromante. A última. Ela me ensinou a lidar com meu dom.

— E nenhum de vocês pensou que eu deveria saber disso?

— Claro que pensamos, mas nessa altura, concluímos que você ficaria mais segura e se surgisse algum problema, poderíamos lidar. Você teve uma vida normal. Até aqui. Até que os Hamilton resolveram intervir. Aí começou o problema.

— Não acho que eles sejam o problema.

— Eles são, sim. — Jon sorriu e não entendi o motivo da graça. — Para onde você vai?

— Jantar com a Ana.

— E...

— E com o Cedrico. Por que o interrogatório? Você nunca quis saber para onde vou.

— Agora eu quero e você não vai vê-lo.

— O quê? — Batidas na porta. Dei um pulo da cama para abrir. Cedrico estava à porta.

NACIONAIS - ACHERON

— Juliette. — A voz de Izabel soou ameaçadora. Jon me puxou pelo braço e me colocou atrás dele.

— Você sabe de tudo, não sabe? Então sabe por que não quero que saia com minha filha.

— Sr. Hohenfels, sabe que eu preferiria machucar a mim mesmo do que a ela. — O semblante de Jon passou de furioso para sentimental e Izabel ficou ao lado dele no espaço da porta meio aberta, ambos no meu caminho.

— Mas é a minha filha quem acabaria machucada. — Izabel falou e Cedrico baixou os olhos, mas não a cabeça.

— Não vai acontecer nada. — Ele murmurou.

Sua voz soou firme, mas seu tom foi hesitante. Olhei para Izabel e Jon a minha frente e respirei fundo.

— Alguém me diz o que está acontecendo. Por favor. — Saí de perto deles e passei pela porta sem esforço. Olhei para os dois.

— Eu explico mais tarde. — Disse Jon, naquele tom inflexível que ele usava quando estava fechando um negócio ou quando eu começava insistir em algo que ele já tinha dito não.

— Pai. — Fiz cara de criança pidona. — A Ana
NACIONAIS - ACHERON

saiu de Nova York para vir me ver e não vou poder nem jantar com ela. — Ele respirou fundo e relaxou os ombros. O olhar de Izabel era algo que eu ainda não podia decifrar, mas sempre parecia neutro.

— Vá jantar com a Ana. Vou voltar para o hotel e passo aqui amanhã, antes de ir embora. Não volte tarde. Restaurante. Cama. — Balancei a cabeça, como uma menina obediente e ele saiu com Izabel.

Cedrico puxou a porta.

— Vamos de carro desta vez. — Andamos pelo estacionamento do luxo do colégio. Era gigantesco e tinha todo tipo de carro que se pode imaginar. Andamos por quase todo o lugar e percebi que ele olhava para todos os lados, procurando com atenção. Ele não parecia saber onde tinha deixado o carro ou se estava lá; era meio que compreensível já que não podíamos acender as luzes e ele estava com uma lanterna.

— O que estamos procurando?

— Um Corvette preto. Bem ali. — Ele abaixou a lanterna e destrancou o carro, jogou-a no banco de trás e abriu a porta para mim.

— Obrigada. — Ele fechou a porta, deu a volta e
NACIONAIS - ACHERON

saímos. Cedrico dirigiu devagar até a saída com os faróis apagados e só acendeu quando chegou à estrada principal. — Isso é uma violação de regras? Poderíamos ser expulsos ou algo assim?

— Acho que sim.

— Espera, é para o outro lado. — Disse quando ele pegou o lado errado. Ou talvez eu é que não soubesse onde estávamos indo.

— Eu sei, mas vamos para minha casa. — Ele fez uma curva fechada e antes que eu pudesse falar, ele continuou:. — Vou explicar tudo lá.

A casa estava em um silêncio mortal. A porta sendo fechada produziu um barulho oco que reverberou por toda a casa. Estremeci e passei cruzei os braços na altura do peito, olhando em volta.

— Não tem ninguém. Venha comigo. — Segui-o até a gigantesca biblioteca e Cedrico me disse para entrar; caminhamos até a mesa alta no centro, além de uma escrivaninha de madeira antiga no canto.

— O que é isso? — Apontei para um livro fino e largo, de capa dura a azul, com vários papéis enfiados entre suas páginas.

— São umas anotações. É da minha avó, mas ela

NACIONAIS - ACHERON

já morreu. pode estar... Desatualizado. — Ele abriu o livro e me convidou a sentar no sofá marrom de couro. Respirei fundo e mordi o lábio, espiando por cima de seu ombro.

— É uma árvore genealógica?

— É sim. Vamos começar por aqui. Pode ficar complicado, mas vou tentar explicar. Eu acho uma bobagem, mas Elena acredita nisso, e, aparentemente, seu pai também. Para mim é apenas uma lenda porque quando a beijei nada disso aconteceu. — Ele se virou e corei na hora, envergonhada demais com sua declaração e os pelos da minha nuca se arrepiaram.

— E deveria ter acontecido alguma coisa?

— É uma história. Bem, como eu já te contei, eu sou adotado. Quando meu pai morreu, Elena me trouxe para cá. Ela sempre contou uma história e disse que era a história da minha família. Dizia que minha família e a sua... *Está escrito*. Está escrito. Eu nunca achei que estava mesmo. Cada um traça seu destino, Julies.

Sorri e ele se afastou, olhando para a mesa alta no centro.

— Não temos muito tempo, a Ana vai chegar
NACIONAIS - ACHERON

logo e eu já roubei você dela por tempo demais. É só a história de um soldado desgraçado, meu ancestral e a sua ancestral. — Arqueei a sobancelha, depois relaxei os ombros, esperando, pacientemente, que ele continuasse. — Ele foi ferido durante os confrontos da Independência americana e a sua antepassada cuidou dele, usando um conjuro, claro, mas havia outra garota. Uma que era bruxa, e, mortalmente apaixonada por ele, chamada Emilie. Louis era o nome dele, e, quando os confrontos chegaram ao fim, ele viu sua chance de ficar com sua amada.

“Melanie Hohenfels, mas o destino, nesse caso Emilie, já tinha cuidado de tudo. Os dois eram bruxos e quando a magia se encontrou, e assim Elena o diz, Louis a matou. Um único beijo e ele a perdeu. E segundo os Hamilton, isso vem acontecendo por anos e anos.

— Como assim a matou? — Perguntei, devagar e, de repente, tive medo de sua resposta, mas ele sorriu, calmamente, ainda mantendo uma distancia segura.

— Eles se beijaram e ela caiu morta. Por isso, eu acho uma história fantasiosa. — Ele se levantou, NACIONAIS - ACHERON

segurando o livro fino. — Ou achava, antes de você aparecer. — Abri a boca e pude escutar batidas na porta da frente, o que me fez pular do sofá. Segui Cedrico até a sala e ele abriu a porta, todo cortês e minha amiga sorriu.

— Oi, entra. — Ele fechou a porta e ela me abraçou.

Não podia fazer nenhuma pergunta enquanto a Ana estava ali e pareceu uma estratégia de Cedrico. Pensei e repensei, de frente para trás tudo que ele tinha me dito, mas acabei afastando aquilo da mente e me divertindo à beça com a Ana, como não fazia há tempos com ninguém. Cedrico insistiu que não precisava de ajuda com o jantar e nos preparou *Mimosas*. Ele fez arroz pilaf e frango assado com mel. Quando Cedrico nos deu às costas para pegar champanhe e taças Ana sussurrou: —Me diga onde achou esse cara, por favor.

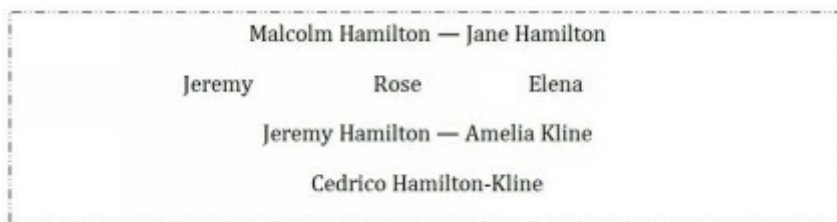
— No paraíso, eu acho. — Terminei minha *Mimosa*.

Ana foi embora depois das dez. quando a porta se fechou e Cedrico se virou, finalmente fiz o que tive vontade de fazer a noite inteira; o dia inteiro desde que o vi. Beije-o, voraz e intenso.

NACIONAIS - ACHERON

Inicialmente, ele ficou surpreso, mas depois relaxou e passou os braços pela minha cintura e me tirou do chão.

— Essa é a da Elena. — Ele me entregou um papel e olhei com atenção, cada um daqueles nomes. — E a minha também.



— Por que seus avós têm o mesmo sobrenome?

— Coisa de família. — Ele observava outro papel, com cuidado e espiei por sobre seu ombro a árvore genealógica rabiscada numa letra de forma no papel antigo. Parecia papiro. — Eles eram primos.

— Sua mãe era bruxa? — Ele fez que não e seguiu seu olhar até as anotações feitas na margem que não consegui ler. A letra era horrível.



— Por que Alice não aparece aí?

— Ela é... Bastarda. Filha da Rose com outro homem; não tenho certeza se era bruxo, mas presumo que sim, pelo tamanho dos poderes dela. É a mais poderosa da família e nem aparece na árvore genealógica. — Ele não falava aquelas coisas de maneira neutra, mas com desgosto, como se afetasse diretamente a ele. — Embora isso não faça diferença para nenhum de nós. O que mais você quer saber?

— Deus, tem tanto. Mas acho que já foi muita coisa num dia só. — Ele sorriu e concordou e nós dois largamos os papéis sobre a mesa. — Quando disse que seus pais voltam?

— *Bem* tarde. — Não estava pensando muito bem em questões sobre bruxaria enquanto ele me beijava, muito menos sobre maldições, mas pensei em morte e amor. Eu não ideia de como nenhum delas funcionava, mas a segunda... Cedrico passou

o braço pela minha cintura, puxando-me para ele, mais para ele, como se fosse possível, ele estava me segurando no ar quando parou, simplesmente parou e olhou para mim e para trás. Segui seu olhar.

— Bem, dizem que a terceira é a da sorte, mas esse não é exatamente o mesmo irmão da sorte, não é? — Cassandra sorriu, adorável.

Verdadeiras mentiras

Afastei-me Cedrico, lentamente, implorando que ela não dissesse a ele sobre Rafael, mas ela contaria e se não fosse naquele momento seria em outro, só por diversão. Expirei, devagar e passei a língua pelos lábios.

— Pare de ficar espionando e vá fazer o que viu com seu namoradinho, Cassandra. — Ele ergueu a mão e a porta se fechou. Olhei para ele, não assustada, mas curiosa. — Desculpe por isso.

Ele se afastou.

— Tenho que ir. — Disse, rapidamente, nem dando tempo para ele pensar.

— Acho que vou ficar no colégio também. — Ele sorriu e me entregou minha jaqueta.

No meu quarto, coloquei o pijama e esperei que os remédios fizessem efeito, olhando para o papel de parede de céu noturno que eu tinha colocado há

NACIONAIS - ACHERON

algumas semanas. As estrelas pareciam estar saindo do teto à quatro metros da minha cama. Acendi o abajur, assustada com o que estava acontecendo em minha mente e em minha vida. Quando estendi o braço para apagar a luz, escutei batidas fracas na porta.

— Julies, eu sei que é tarde, mas precisamos conversar. — Era a voz de Alex, então resolvi abrir. Alguém normal em toda aquela loucura. Abracei-o assim que abri a porta e Alex me envolveu em seus braços. — Tudo bem?

— Não. — Encostei a cabeça em seu peito, sentindo-me meio tonta e mandei-o entrar. — Eu tomei uns remédios, então, estou um pouco sonolenta. — Sentei na cama e puxei os cobertores; chamei-o e Alex deitou ao meu lado na cama estreita.

— O que ta acontecendo, Julies? Você está me assustando.

— *Eu* estou me assustando. Minha vida está um caos agora. — Encostei a cabeça em seu peito, sentindo confortada apenas pela sua presença.

— Esteve com a Ana? — Balancei a cabeça e funguei.

— E com a minha... Mãe. Ela esteve aqui com o Jon e... Me falou um bocado de coisas, me deixou confusa. — Alex ergueu a mão e fez cafuné em meus cabelos até eu dormir.

Fui ensaiar na última aula da sexta feira. Corri para o local dos ensaios, novamente atrasada, usando camisa com estampa de uma ponte enevoadada com uma garota ao fundo, sem mangas apesar do frio, uma calça *skinny* cor vinho e botas. Meu cabelo estava molhado por causa da aula vaga anterior que aproveitei para tomar um banho quente e demorado e reler as últimas páginas de *O morro dos ventos uivantes*.

— Novamente atrasada, Catherine. — O professor estava sentado no palco alto, com as pernas pendurada e me olhou com expressão de quem estava cansado de uma Catherine sempre atrasada. O ensaio já estava no meio.

— Desculpe, Thomas, mesmo. — Subi as escadas e coloquei meu vestido em um minuto; subi ao palco para fazer minha cena com Rafael/Edgar. Assim que subi, vi Cedrico sentado na quarta fileira assistindo ao ensaio. Ele me olhava

NACIONAIS - ACHERON

estranhamente, ainda mais quando percebeu a maneira como Rafael me olhava.

Segurei o papel com minhas mãos trêmulas e Rafael olhou para Cedrico, de maneira profunda e se aproximou de mim, tão repentinamente que me assustou.

— Catherine. — Ele murmurou e os pelos da minha nuca se eriçaram; tentei me desviar dos meus desejos por ele, mas estava claro que ele sentia o mesmo, mas meu corpo tremulou num espasmo quando ele se inclinou, como se fosse o próprio Heathcliff, e sussurrou suas palavras com doçura:. — Se olho para essas lajes, vejo nelas gravadas as suas feições. Em cada nuvem, em cada árvore, na escuridão da noite, refletida de dia em cada objeto, por toda a parte eu vejo a tua imagem. Nos rostos mais vulgares dos homens e mulheres, até as minhas feições me enganam com a semelhança. — Ele baixou ainda mais o tom de voz e fechei os olhos, momentânea e quase involuntariamente. — O mundo inteiro é uma terrível testemunha de que um dia ela realmente existiu, e eu a perdi para sempre. — Rafael caminhou até seu lugar e abri os olhos para ver o

NACIONAIS - ACHERON

lugar vazio da quarta fila. Respirei fundo.

Sentei com Alex e uma amiga dele, que ele estava comendo, chamada Katrina ou alguma coisa assim. Coloquei uma batata frita na boca e quando me virei, tinha uma menina de cabelos loiros preso num coque e olhos enormemente verdes; ela me roubou uma batatinha e sorriu para Alex.

— Oi, Juliette, aproveitou seu jantar ontem?

— O quê? — Franzi as sobrancelhas, encarando-a, estática.

— Preciso conversar com você. — Ela falou mais séria.

— Pode falar.

— Não aqui. É sério. É sobre Friedrich , Juliette. Como ela sabia sobre meu avô?

— Tudo bem. — Levantei, joguei o resto do meu jantar no lixo e me despedi de Alex.

Segui-a até a sala e entramos numa qualquer, que coincidentemente, era a sala de Elena. Não sabia se era mesmo coincidência para ela. Alice segurava uma lanterna e fechou a porta atrás dela; ela puxou a blusa folgada para cima, expondo parte da barriga e percebi uma cicatriz, então tirei os olhos dela

NACIONAIS - ACHERON

quando tirou papéis de lá e abaixou a camisa.

— O que é isso?

— Vamos por partes. — Ela acendeu uma luminária e baixou a lanterna, colocando tudo na mesa e se debruçando sobre ela. — Achei isso na biblioteca dos Hamilton. Roubei. — Ela levantou os olhos para mim e cruzei os braços, esperando que ela continuasse. — Tinha citações sobre um homem, com a letra da minha mãe. *Friedrich Von Hohenfels*. — Ela leu e olhou para mim. — Lembrei que tinha seu nome no celular de Cedrico, então pensei, qual a possibilidade de ele *não* ser seu parente?

Hesitei sobre qual seria o intuito dela e me remoendo de ciúme, de algo que nem era meu, por conta da declaração dela sobre Cedrico e ao lembrar da foto dela dando um beijo estalado nele no papel de parede. Respirei fundo, afastando aqueles pensamentos ridículos e me concentrando no que interessava.

— Ele é meu avô e morreu há menos um ano. É só isso? — Dei às costas, abrindo a porta. Alice ficou de pé, ereta, com um sorrindo presunçoso.

— Ele não está morto. — Virei-me, lentamente,
NACIONAIS - ACHERON

para as loucuras que estavam sendo proferidas.

— Você é louca ou simplesmente sádica? Não veio me fazer essas perguntas e muito menos afirmações à toa, então, o que você quer? — irritei-me um pouco, certo. Tentei relaxar, mas era impossível. Antes que Alice pudesse responder, a porta se abriu.

Quando pensei que estaria arrumando minhas malas com uma expulsão no próximo minuto, Rafael enfiou a cabeça na porta.

— O que as bonequinhas estão aprontando na sala da minha mãe? — Ele entrou sem ser convidado e Alice juntou os papéis num segundo. Rafael fechou a porta, com cuidado. — Pensei que fossem inimigas. — Ele olhou para nós duas, as duas, claramente, sem entender o que ele falava. — Qual é! Sejam *menos* óbvias. As duas, apaixonadinhas, disputando o coração do meu irmão. É até romântico, mas agora a Julies. — Por que todo mundo estava me chamando pelo apelido, de uma hora para outra, como se realmente tivéssemos aquela intimidade toda? — Sabe a verdade. Então... A senhorita Alice Davenport tem uma vantagem.

NACIONAIS - ACHERON

— Que merda você ta falando, Rafael? — Fiquei parada, sem saber o que dizer. Será que eu estava mesmo disputando o coração, ou qualquer coisa de Cedrico, com Alice?

— Ainda não respondeu minha pergunta. — Ele olhou para mim, como se eu estivesse mais propensa a falar a verdade, então, parou no meio da sala.

— Não estamos fazendo nada. — A conversa de Alice estava mais interessante do que as baboseiras e tagarelices sentimentais, inexistentes até aquele momento, sobre triângulos amorosos que só se formaram na cabeça dele. — Vamos, Alice.

Ela andou em direção a porta e pegou sua lanterna. Saímos da sala de Elena, deixando Rafael lá. Disse a Alice que poderíamos conversar no meu quarto, com mais privacidade e fomos para lá. Finalmente vi que o que ela tinha nas mãos eram páginas arrancadas de um livro ou diário. Sentei na borda da cama e ela sentou na cadeira da escrivaninha colocando tudo ali.

— Rose tem feito anotações sobre isso há anos. Anos mesmo. Isso é de um diário que ela mantém. Mas diários de bruxos querem dizer anotações

NACIONAIS - ACHERON

sobre conjuros, não baboseiras sentimentais. Há apenas uma citação ao nome dele, mas está tudo ligado, para mim. Ela escreveu sobre um livro que poderia abrir as portas de um mundo prisão onde *alguém* está escondido ou preso. Ela escreveu sobre ele ter se escondido para escapar da morte, e, me perguntei por que alguém faria algo assim. O mundo prisão é algo terrível e é preciso grande força para mandar alguém para lá, o que geralmente é o caso, ou *ir* para lá. — Ela olhou para mim, os grandes olhos arregalados. — Acho que seu avô pode ter se escondido lá. Do que ele supostamente morreu?

Demorei vários segundos para sair do transe e conseguir absorver tudo que ela estava falando.

— Acidente de avião, mas nunca encontraram restos...

— Mais uma pista.

— Se ele estivesse neste... *Mundo prisão*, por que ainda não saiu?

— Porque precisa de energia de fora, além de um solo consagrado.

— O que é isso?

— Um lugar onde uma bruxa morreu. Quando
NACIONAIS - ACHERON

uma bruxa morre de maneira violenta, sua magia fica marcada para sempre no local. Aqui em Salém tem dezenas de locais consagrados. Você sabe o que aconteceu aqui, mas, no mundo prisão, ele pode estar preso a algum lugar, sem ter acesso... — Ela calou a boca e enfiou os papéis embaixo do meu notebook, como se para não saírem voando ou como se os estivesse escondendo. — Vou deixá-la pensar nisso. Fique com isso, são cópias. Mas é uma chance de trazê-lo, só preciso de sua ajuda.

Ela levantou e saiu.

Liguei quatro vezes para Cedrico: correio de voz. Tentei ligar para Jon quatro vezes: fora da área de cobertura. Joguei o telefone no colchão do meu lado e olhei para as estrelas no teto por um bom tempo. Decidi ficar para o Dia de Ação de Graças; não sentia nenhuma falta de Nova York. Acordei com o som de chuva no sábado e com meu telefone tocando *Comfortably Numb* às sete da manhã. Atendi, sonolenta, sem nem olhar quem era.

— Feliz aniversário, Juliette.

— Meu Deus. Hoje não é meu aniversário, e, mesmo que fosse... Está *tão* cedo para acordar.

NACIONAIS - ACHERON

— Claro que hoje é seu aniversário. — A voz de Jon foi compassiva e levantei a cabeça. 7h02. 12 de outubro. Era mesmo meu aniversário, mas não tinha motivo para aquele alarde todo.

— Desculpe, eu esqueci. Ainda estou sonolenta por causa dos remédios, pode me ligar mais tarde?

— Claro. Mas *Feliz Dezesete*. — Ele desligou e voltei a dormir no mesmo segundo.

Levantei meia hora, ou, mais exatamente, 28 minutos depois, com o alarme no celular. Vesti-me depois de um banho quente, com as roupas mais quentes que eu tinha e coloquei meias, tentando decidir o que usar. Puxei uma camisa cinza de mangas longas e quente, e tirei a que estava usando, coloquei saia azul-clara até os joelhos, de tecido duro e tirei as meias, substituindo-as por sapatilhas azul-cobalto. Olhei minha aparência no espelho. Eu estava potencialmente anoréxica e podia ver os ossos da minha costela quando estava sem camisa, assim como os ossos da clavícula saltavam do decote em V da camisa. Tirei a sapatilha e a saia, sentindo-me com um humor negro naquele dia em especial. Puxei um jeans e coloquei botas, prendi o cabelo com um lápis num coque frouxo e peguei o

NACIONAIS - ACHERON

notebook.

— Feliz aniversário. — Alex chegou por trás de mim no refeitório, depositou um beijo no topo dos meus cabelos e fechou o notebook ao mesmo tempo. — Dá um tempo com isso.

Ele estava se referindo ao trabalho de ocultismo que eu estava terminando para a aula na terça.

— O que você tem para mim? — Ele sentou à minha frente e colocou a bandeja na mesa.

— Pílulas, LSD, baseado e camisinhas no meu quarto. — Bati nele com um panfleto de festa que estava em cima da mesa.

— Você é nojento, Alex Switch. — Ele riu e abriu a mochila, revirando-a.

— Tenho uma passagem para casa. Vem comigo? — Torci o nariz e enfiei a mão no prato dele, roubando bacon.

— Não posso. Tenho um monte de trabalho para terminar e não tenho nada em NY. Você...

— Ei, eu vou ver a minha irmã. Dou um *beijo* na Ana por você.

— Hmm. — Peguei a maça dele e Alex me fuzilou com um olhar brincalhão, devorando seu
NACIONAIS - ACHERON

café da manhã. — Por falar nisso, você não está mais comendo a Cassandra? Quem era aquela ontem?

— O QUÊ? Claro que sim; ela é, tecnicamente, minha namorada.

— Você... Dormiu com uma garota e, pelo que conheço dela, não deve ter levado isso numa boa.

— Não a trai com ninguém. — Ele deixou a comida de lado, tomando um gole da Coca. — Cassie foi quem me colocou chifres e eu falo sério. Eu só dei o troco. Ela apareceu aqui, depois que você foi conversar com aquela loirinha gata. Ela estava conversando com um cara.

— Isso não quer dizer nada.

— Eu vi, Julies. — Arregalei os olhos. Mesmo achando Cassandra uma vadia pretensiosa, não achava que ela iria trair Alex, não assim.

— Viu, *viu*? Ela embaixo do cara, sem roupas, fazendo *aquilo*?

— Quantos anos você tem? — Ele franziu o cenho, sério. — Eles estavam transando. — Ele riu, e em seguida:. — Ela estava por cima.

Sorri, apesar da situação. Ele parecia meio magoado e, claramente, gostava dela, se não
NACIONAIS - ACHERON

estivesse apaixonado, e pude sentir uma pontinha de ciúme e mágoa.

— Enchi o cara de porrada e a gente brigou feio porque... Ainda estávamos juntos.

— Por que não me contou? Quando aconteceu?

— Senti que tinha negligenciado meu amigo. Ele tinha me ligado diversas, mas impedi a mim mesma de me sentir culpada com tudo que estava acontecendo na minha vida. Respirei fundo e apoiei as mãos na mesa.

— Há uns dias. Depois da briguinha de vocês. — Ele torceu o nariz. — Acho que estamos bem agora.

— Ela te traiu, como vocês estão bem?

— Eu também fiz coisas erradas, Julies, eu saí do quarto dela transtornado e peguei a primeira que eu vi na minha frente...

— E ela viu ontem. — Concluí. Então, não foi só uma transa com a garota de ontem.

— Ah, as coisas estão ficando complicadas, Juliette. — Pela primeira vez não vi *nada* em seus olhos. — Mas não quero que pense em mim, é seu dia hoje. Venha, eu tenho um presente para você.

Fomos para o quarto dele.

NACIONAIS - ACHERON

— Você deixou claro que não queria presentes, mas isso não é exatamente um presente, mais um lembrete meu, já que não vamos para a mesma faculdade.

— Mantenha isso sempre em mente: ainda temos um longo ano pela frente. O que tem para mim? — Sentei em sua cama e peguei o livro jogado perto de seu travesseiro, enquanto ele revirava o armário.

Sylvia Plath.

— Romântico. — Agitei o livro no ar e ele riu.

— Espere por *isso*. Puta merda. Achei, achei. — A busca parecia ter exigido-lhe grande esforço. E ele se virou com um embrulho azul escuro, parecia um livro; alto e comprido, porém meio fino. — Isso não é presente, Srta. Von Hohenfels. Abra logo e não me ache brega, mas eu precisava te dar alguma coisa...

— Larga de ser um piegas de merda e guarde suas declarações românticas à uma *certa*. — Falei a última palavra arrastada. — Srta. Hamilton.

Fiquei sentada na cama dele e rasguei o embrulho. Não era um livro. Era uma coisa que eu não conseguia definir. Diário, talvez. Era azul bem escuro, mais do que a maioria das coisas consegue

NACIONAIS - ACHERON

ser; muito intenso. Parecia menor em altura e com maior número de páginas, como se estivessem comprimidas ali dentro e saltassem quando abri. Olhei para Alex, confusa sobre as páginas em branco e esperei que ele continuasse.

— Que porra é essa, Alex? — Escutei um sotaque britânico em minha própria voz que eu conseguia esconder na maior parte do tempo, depois de muita prática, mas saiu naturalmente, sem que eu nem me desse conta.

— Eu explico. — Ele tinha aquele sorriso presunçoso e sentou ao meu lado. — Quero que escreva sobre sua vida, depois devolva ao remetente e aí, eu vou saber tudo que aconteceu com você enquanto estive longe. — Tinha lágrimas embaçando minha visão, mas não se atreveram a cair; meu lábio inferior tremeu.

— Vai me fazer chorar assim. — Elas escorreram pelo meu rosto e nós dois rimos; funguei. — Se eu for fazer isso, você também vai.

— Nem fodendo.

— O quê? Claro que vai. Onde comprou isso? Vou comprar um e você vai escrever, por exemplo, quando for para casa na Ação de Graças. — Ele
NACIONAIS - ACHERON

hesitou, depois concordou com um abraço de urso, esmagando meus ombros.

— Vamos almoçar. Já planejei umas coisas. — Ele levantou e disse que ia tomar um banho porque ainda estava de calça de dormir e camiseta zanzando pela escola; mesmo assim estava sexy.

— Alex. — Ele parou na porta do banheiro. — Onde está o LSD?

Ele tinha entrado no banheiro há dez minutos e fiquei mexendo na estante até a metade da parede, repleta de livros de maneira desordenada e muito propensos a cair.

— Anda, Alex, temos que pegar a estrada antes que volte chover. — Coloquei Sylvia Plath de volta na cama e peguei *O Grande Gatsby* na estante, folheando as páginas.

Foi tudo em meio segundo. As portas se abriram no mesmo segundo. Alex saiu do banheiro, com uma toalha em torno da cintura e o cabelo castanho-claro molhado e Rafael entrou, mas ele não estava olhando para nós, e sim para a garota com quem ele estava agarrado, como se o universo dependesse que ele arrancasse logo a roupa dela.

NACIONAIS - ACHERON

Antes que nos visse, eles já estavam na cama; ele por cima dela, mãos e pernas por todo lado, quando ele finalmente levantou a cabeça e me viu.

Alice saiu de debaixo dele em 0,01 segundo e o volume amarfanhado de *O Grande Gatsby* se fechou na minha mão, quase involuntariamente.

Eu sabia que você era problema^[14]

— Mas que *porra* é essa? — Alex continuou parado atrás de mim, e nem parecia estar se importando com o que Rafael fazia, mas alguma coisa devia ser feitas. Fiquei estática, sem saber o que dizer ou fazer, até perceber que não havia nada que eu pudesse dizer nem fazer.

Pra começar aquilo não era da minha conta.

— Estava sentindo os batimentos dela sem um estetoscópio. O que isso parece? — Mordi o lábio e Alice ficou sentada na cama dele, fechando os botões de seu suéter lilás. Ela parecia tão infantil...

— Eu vou colocar uma roupa, Julies. — Alex puxou a primeira coisa que viu na frente e voltou
NACIONAIS - ACHERON

ao banheiro. Vi-me desconcertada quando ele saiu. Alice e Rafael ficaram olhando para mim e mordi o lábio.

— Vocês também estavam no meio de alguma coisa aqui, não é? — Fuzilei Rafael com o olhar e peguei meu notebook, batendo a porta do quarto ao sair. Esperei um minuto e meio enquanto Alex se enfiava no jeans preto e camisa de mangas longas. Ele saiu do quarto de meias e com o celular e o all star na mão. Ele enfiou o celular no bolso de trás do meu jeans e saiu calçando o sapato enquanto caminhávamos.

— O que temos para hoje?

— Boa pergunta. Cinema às nove. — Virei com as sobrelanceiras franzidas.

— Os filmes durante o dia são horríveis.

— Não, eu já verifiquei. Estão exibindo uma sessão nos fins de semana. Woody Allen. *Midnight in Paris*. — Ele sorriu porque sabia que eu toparia. Meu diretor favorito e um dos meus filmes favoritos dele.

— Só preciso deixar meu notebook no quarto.

Voltamos do passeio cinema e comida no meio da
NACIONAIS - ACHERON

tarde. Ainda estava chovendo e a chuva ia e vinha o tempo inteiro. Tomei um gole do café que tínhamos acabado de comprar enquanto Alex dirigia feito louco de volta a escola. A chuva se transformou numa fina garoa quando entramos e fui para meu quarto. Destranquei a porta, sem pressa, aproveitando o café forte do centro da cidade e quando a empurrei, me deparei com Cedrico, sentado na minha cama. Quase caí para trás ou o aceitei com algum objeto, só de susto, então me acalmei e fechei a porta, tirando a chave do lado de fora e colocando na parte de dentro.

— O que está fazendo aqui? — A pergunta soou comum e, novamente, meu sotaque britânico ficou aparente demais. Ele se levantou, devagar e sorriu. Meus ombros relaxaram no mesmo segundo.

— Fiquei sabendo que é seu aniversário. Comprei uma coisa para você e achei melhor dar pessoalmente.

— Eu não gosto de presentes e... Como entrou aqui? — Depois de meio segundo e seu sorriso presunçoso, senti que a pergunta foi idiota. Vi o que ele podia fazer na noite anterior quando fechou a porta na cara de Cassandra apenas erguendo a

NACIONAIS - ACHERON

mão. Então, a pergunta que pairava era, qual a extensão do que ele podia fazer?

— Vai gostar deste. — Ergui as sobrancelhas e esperei. Ele parecia mais perto e meu corpo mais quente, embora ele continuasse parado no mesmo lugar e o dia permanecesse frio.

Enfim, ele ergueu o braço e abriu a mão, estendendo-a e deixando pairar no ar uma corrente fina de ouro com cristais coloridos, sem formato definido, que refletiam toda a luz do dia nublado que invadia o quarto pela claustrofóbica janela. Fiquei sem respirar, olhando para ele, para seus olhos e o brilho dos cristais refletindo naquele verde, claro e plácido, e, ao mesmo tempo intensos e explosivos.

— Posso colocar em você ou vai mesmo insistir que não gosta de presentes? — Livrei-me do transe e caminhei até a escrivaninha para deixar o café lá.

Então, Cedrico chegou por trás de mim e tocou meu pescoço gentilmente; estava tão perto que sentia sua respiração quente em minha nuca e o cheiro de seu perfume, inebriante. A sensação de seus dedos enviou um arrepio por todo meu corpo, em seguida, um choque lento e excitante, depois

NACIONAIS - ACHERON

seus dedos correram até meu ombro, colocando meu cabelo lá. Ele passou o cordão em torno do meu pescoço e abotoou o fecho. Estremeci novamente sob seu toque.

— Cassandra me contou sobre você e Rafael. — Pareceu um balde de água fria. Fechei os olhos, mas continuei de costas, sem condições de encará-lo naquele momento. Ele completou:. — E eu vi o jeito que ele olha para você. Então, me diga uma coisa, porque não vou competir com meu irmão...

— *O quê?* — Virei de repente sem entender direito o que ele estava tentando dizer.

— Eu não vou entrar numa competição com meu irmão por você. Se você ainda o quiser...

— Eu nunca o quis. — Protestei baixinho.

— Uma imagem diz mais que mil palavras.

— Aquilo não foi nada. Não significou absolutamente *nada*. Foi só... Uma coisa... Naquele momento, que...

— Temos algumas coisas inacabadas, então, olha nos meus olhos e me diz. — Ele segurou meu rosto, delicadamente, e senti meu corpo explodir em chamas e tremi. — No momento em que pus os olhos em você, eu quis que fosse minha. Eu

NACIONAIS - ACHERON

explodiria o inferno e queimaria o céu, se você pedisse, mas isso não adianta nada se quiser estar com outra pessoa. Com meu irmão.

— Eu nunca quis. E nem quero; ele me enoja agora. — Ele riu da minha confusão insólita com as palavras pela segunda.

— Eu posso... Beijá-la agora? Tenho sua permissão?

— Claro que tem.

Ele realmente sabia como fazer aquilo. Seus lábios tocaram os meus num beijo fácil, mas excitante, sua língua penetrou minha boca devagar; ele tinha prática, certamente. Cedrico enfiou os dedos nos meus cabelos, mudando o ângulo, tornando a coisa mais embriagante e cega. Ele fazia uma coisa gostosa com a língua que denotava prática; sugou meus lábios, devagar, antes de voltar ao beijo em si.

Mas, quando voltei a mim por um segundo, me dei conta de que sua mão espalmada em minhas costas produzia um magnetismo e ondas de calor e uma dor profunda e quase inexistente se tornarem cada vez mais latente. A cada segundo que ele me tocava e que eu permanecia perto dele.

NACIONAIS - ACHERON

— Pare. — Abri os olhos me afastei dele num impulso cego, dei dois passos para trás.

— O que foi? — Ele parecia genuinamente preocupado quando olhou para mim e procurou a resposta do que eu não disse em meus olhos.

— Sabe, acho que aquela *História fantasiosa* de ontem... — Ergui os olhos para fitá-lo. — Não era tão fantasiosa assim.

— Não podemos falar sobre isso *com a sua mãe*.

— Ela é a única que vai saber responder minhas perguntas.

— Cedrico. — Chamei e ele se virou. — Para e pensa por um segundo. Por favor.

Ele depositou um beijo em minha testa e me soltou rapidamente, deixando um formigamento em meu pescoço e ombros.

— Ela não é minha mãe, Juliette. Minha mãe está morta. — E saiu do meu quarto. Fui atrás dele.

— Não diga uma coisa dessas e depois me dê às costas. — Suspirei quando a chuva voltou a cair forte do lado de fora.

— Vamos encontrar Elena e tirar essa história a limpo. Ela deve estar por aqui.

NACIONAIS - ACHERON

— Vai simplesmente chegar até ela e dizer que estávamos nos... Pegando e você... Não sei, me deu choques e coisas assim.

— Exatamente. Desculpe se parece desconfortável para você. — Ele finalmente se virou e olhou para mim, parando e me fazendo parar também no meio do corredor. — Queria te beijar de novo, mas sejamos pragmáticos...

— Atrapalho? — Pulei para trás quando Alice apareceu atrás de Cedrico, como um fantasma.

— Puta que o pariu. — Exclamei, falando como britânica pela terceira ou quarta vez naquele dia; fechei os olhos, respirando fundo e buscando alguma calma em meu âmago mais profundo. Abri-os.

— O que você quer, Alice? — Ele a avaliava com cuidado, como se prestasse atenção a cada respiração dela; e ele prestava.

— Não é com você. Desta vez. — Ela olhou para mim, ignorando Cedrico a minha frente. — O que você viu no quarto...

— Eu não vi nada, Alice. Relaxa. — E eu falava sério. Não pretendia me meter na vida dela, muito menos na de Rafael quando se tratava de quem ele

NACIONAIS - ACHERON

levava para a cama; *principalmente* com relação à cama.

— Do que vocês estão falando? O que esteve aprontando, bela? — Ele a encarava com uma expressão tranquila, porém significativa. Alice encolheu os ombros de maneira quase imperceptível e me perguntei por que ele tinha a chamado de bela.

— Nada, coisa minha, Romeu. — Ela revirou os olhos e percebi que a ironia era sobre meu nome, apesar de não ter nada a ver, em suas palavras. — Cuide bem da Julieta.

Ela deu mais um passo e bagunçou o cabelo dele, lhe deu um beijo na bochecha e saiu, sorrindo. Eu teria arrancado os cabelos dela, mas Alice parecia um anjo distante e intocável enquanto praticamente flutuava pelo corredor com as mãos unidas na base da coluna.

A sala de Elena tinha um cheiro de flores frescas, que meu conhecimento nulo em botânica não pôde detectar quais eram, mas era um perfume totalmente diferente do cheiro de desinfetante de lavanda que enchia o corredor e levava à diretoria na última porta em linha reta. As outras eram salas

NACIONAIS - ACHERON

anexas, algumas de arquivos e outras de professores. Era estreito, mas confortável e tinha o nome nas portas. Na de Elena, não. Apenas senti o cheiro de flores e um perfume suave quando paramos à porta. Cedrico bateu três vezes e abriu, quase que num procedimento padrão que anunciava um visitante.

— Olá, querido, entre. — Ela estava sentada atrás de uma pequena mesa de madeira antiga. A sala era pequena, mas ela parecia se esforçar, e conseguir, tornar a sala confortável. Tinha um sofá no canto esquerdo e uma mesa com flores frescas que perfumavam o cômodo.

Atrás dela, uma janela de vidro dava uma vista da floresta aberta e de parte do gramado. Elena esboçava seu sorriso de Mona Lisa e se levantou, fechando o notebook. Ela nos convidou a sentar nas cadeiras a frente dela e nos sentamos. Ela sentou, esperando que nos acomodássemos, seus dedos batendo cordialmente na madeira.

— Tudo bem? — Ela nos avaliou.

— Não, preciso saber sobre... *O feitiço*. Maldição. O que for. — Ele falou com cuidado, colocando uma ênfase controlada em cada palavra, NACIONAIS - ACHERON

não deixando escapar a calma de seus olhos nem de sua postura relaxada perto de mim. Segurei um dos braços da cadeira como se segurasse minha vida.

— Na frente *dela*? — Elena arqueou a sobrancelha e me senti ofendida, mas não disse nada, nem tampouco me movi.

Cedrico a encarou com uma expressão clara, mas indecifrável; calmo, mas eu via algo se agitar dentro dele. Ele ergueu os ombros e quase não pude perceber se não estivesse prestando atenção a cada respiração dele e de Elena.

— Sim, na frente da outra pessoa envolvida nessa palhaçada toda. — Elena ergueu as sobrancelhas, num sinal desdenhoso para dizer o mínimo. Cedrico falou sobre o que tinha acontecido, embora eu achasse que Elena não estava se importando com o que ele estava dizendo, apenas escutava e fingia o mínimo de atenção para não parecer grosseira. Quando ele terminou de falar sobre quase ter me matado, o que eu achava um exagero, foi apenas uma coisinha de nada, Elena crispou os lábios.

— Vá falar com a sua avó, Cedrico. Ela é a única que sabe dessas coisas. Agora, eu tenho coisas a

NACIONAIS - ACHERON

fazer. — Ela abriu o notebook e nos levantamos; ela tinha acabado de nos expulsar.

— Ótimo, eu vou falar com ela agora mesmo. — Nos encaminhamos para a saída, mas quando Cedrico passou pela porta e esperou que eu fechasse a porta, Elena me chamou.

— Tem uma coisa para você. — Ela abriu a gaveta da escrivaninha e me aproximei para pegar o envelope que ela me estendeu. Tinha apenas meu nome escrito à mão e reconheci a letra de Jon.

Dei-lhe às costas sem nem agradecer e escutei sua voz quando ela ronronou um *feliz aniversário*.

Não respondi, apenas fechei a porta quando saí da pequena sala.

— O que vai fazer agora? — Perguntei baixinho, caminhando com Cedrico, silenciosamente possesso ao meu lado. Os corredores pareceram mais longos e mais distantes à meus passos lerdos e sem pressa alguma.

— Me desculpe por colocá-la nessa confusão, nunca foi minha intenção... — Ele se calou, andando a minha frente, pensando em silêncio. As janelas nos corredores nos mostravam o dia nublado do lado de fora, as nuvens de cor cinza,
NACIONAIS - ACHERON

beirando o negro, eram quase assustadoras, mas a chuva caía mais fraca do que todo o dia.

Estremeci, tentando pensar nos últimos acontecimentos. Não me desesperei nos últimos dias e nem pensava em fazer isso, estava tranquila e relaxada mesmo sendo uma loucura grande demais. O único momento em que fiquei assustada foi em meu quarto. Não a dor, que não era tanta, mas a possibilidade de não poder mais beijá-lo como eu ansiava, de tocar sua pele; sentir o macio dela entre meus dedos se afundando nele e em seus cabelos loiro-acobreado claros. Seus olhos fixos nos meus, então, o que diabos eu sentia por ele? Estiquei as mangas e envolvi a mim mesma com os braços trêmulos, e não por causa do frio.

Cedrico se virou de repente, tão rápido que nem vi o que estava fazendo, e me deixou contra a parede, ao lado de uma janela de vidro. Deixei os braços caírem ao lado do corpo, passando a língua devagar pelos lábios secos. Ele inspirou devagar e tudo que eu conseguia escutar era o som da chuva, e tudo que podia ver era aquele verde cristalino à minha frente.

— O que você está fazendo comigo?

NACIONAIS - ACHERON

Ambos fechamos os olhos e nos agarramos no meio do corredor, eu, sem me importar com maldições ou o que fosse; meus dedos em seus cabelos e em sua nuca, em todos os lugares, num pulsante frenesi, arfando. Meus olhos continuaram fechados quando ele se afastou, e foi a única dor que senti.

— Eu quero resolver essa porcaria, mas é seu aniversário. Não quero estragar seu dia. — Ele fez anéis em meus cabelos, o mais próximo que podíamos estar, com cobertores entre nós. Estávamos deitados em minha cama ridiculamente estreita e olhávamos pela janela de vidro larga e alta. A água da chuva batia com força e o vento uivava do lado de fora. Na outra parede, oposta a da cama, eu tinha começado a colocar meus livros na prateleira que ia até o meio da parede de quatro metros, mais ou menos.

— O que vamos fazer? — Ele se ergueu no colchão e ajeitou o cobertor quando sua pele roçou a minha suavemente; uma onda de calor percorreu meu corpo com o contato. Por quanto tempo deveríamos nos manter afastados? Mais um pouco

NACIONAIS - ACHERON

e achei que fosse enlouquecer.

— Vou à casa da minha avó, a mãe de Elena e do meu pai. Não sei o que ela quis dizer, mas deve significar alguma coisa. — Ele fez uma pausa, ainda mexendo em meus cabelos, cuidadosamente sem me tocar. — Quero que venha comigo, se quiser, claro.

— Tudo bem. Isso é estranho para mim, diferente, de certa forma mesmo que eu ainda não consiga dizer de que maneira. — Respirei devagar, aliviada por não ter que olhar para ele enquanto falava aquelas coisas. Senti seu peito subir e descer devagar, sua mão direita vagueando mais devagar pelas ondas de meus cabelos.

— É estranho. — Ele concordou —, mas, de certa forma é conflitante, Juliette. Se posso dizer, sem que se sinta culpada, estou numa briga por sua causa e ainda nem consigo determinar o que está acontecendo. — Levantei o rosto e me virei quase que completamente, apoiando-me nos cotovelos para fitar seu rosto acima do meu.

— Briga?

— Com minha *família*. Cada um tem uma opinião sobre você.

NACIONAIS - ACHERON

— Como o quê?

— Elena acha que devo ficar longe, assim como Cassandra. Cass acha que isso está me fazendo brigar com Rafael ou ele comigo. — Ele sorria enquanto falava lento e calmo; cativante e embriagante. — São ideias estapafúrdias e ridículas.

— Por que todos vocês insistem em fazer insinuações sobre Rafael? Isso sim, é ridículo. Tudo que tenho com ele é uma peça e um papel. — Cedrico balançou a cabeça, lentamente.

— Vou te mostrar uma coisa depois e vai entender o que quero dizer, mas não se preocupe com isso agora. Nenhum deles faz a menor diferença.

— Ele só tem sido um babaca arrogante desde que nos conhecemos.

— O que Alice quis dizer quando nos encontrou no corredor? — Era como se ele soubesse da associação entre Alice e Rafael.

— Acho melhor... Isso é assunto dela, não é da minha conta.

— Não vou contar para ela, prometo. — Ele tinha aquele sorriso convencido com o canto dos

NACIONAIS - ACHERON

lábios. Crispei os lábios, ponderando por um momento se deveria confiar que ele não falaria com ela. Mas fui impulsiva em minha decisão.

— Ela estava no quarto de Rafael. Eles pareciam... Íntimos. — Ergui os ombros.

— Íntimos, como?

— Estavam na cama, Cedrico.

— Ah. Eu sabia que eles tinham tido... Uma coisa, mas Alice nunca sentiu nada por ele.

Um longo momento se passou e desfrutei ao máximo cada segundo ao lado dele como se fosse um privilégio. Eu estava realmente feliz quando percebi e aquilo foi muito estranho porque eu não sabia exatamente o que fazer com relação ao fato de que a pessoa ao meu lado e motivo de toda aquela felicidade era um bruxo e seus *poderes* me assustavam às vezes. E também por conta da tal maldição.

— Como pode supor que ela não sente *nada* por ele? Ela pode sentir e não ter te dito. — Ela se endireitou e fez o mesmo.

— Eu só sei. — Assenti, sabendo que era mais complicado do que eu conseguia lidar. Eles eram complicados e, de alguma maneira, eu tinha

NACIONAIS - ACHERON

acabado bem no meio daquela complicação toda.

Ficamos uma boa parte do fim da tarde ali, e na maior parte sem dizer nada, era estranho, mas de uma maneira diferente. Primeiro, tinha aquela sensação de conhecimento que eu sentia com Cedrico, depois a atração, além da parte estranha de bruxaria e feitiço, eu gostava dele. Gostava muito para alguém tão complicado como ele. Talvez não devesse, mas não era algo que eu conseguisse controlar facilmente. Se ele sentisse o mesmo por mim, eu estaria disposta a passar por aquelas coisas para ficar com ele, mesmo que fosse de uma maneira ridícula, como estar deitada numa cama, sem nem poder tocar sua pele sem sentir dor, olhando para o teto.

— Eu senti sua falta. — Murmurei, sentindo seu peito subir e descer devagar, sabendo que ele tinha pego no sono. Levantei com cuidado e saí.

Andei pelo colégio sem ter certeza se poderia encontrar quem estava procurando, mas ela estava sempre por lá, mesmo que não tivesse uma porta a qual eu pudesse bater. E lá estava ela, sorrindo para Alex e roubando suas batatinhas no refeitório.

NACIONAIS - ACHERON

Cassandra estava sentada de frente para eles, comendo e fuzilando Alice com o olhar enquanto ela flertava descaradamente com meu amigo.

— Alice, preciso falar com você. — Disse, assim que me aproximei o bastante. Apoiei as mãos espalmadas nos ombros de Alex e ele olhou para cima, num olhar interrogativo, quase me perguntando o que diabos eu queria com sua nova amiguinha.

— Claro. — Ela sorriu e levantou, dando um sorriso lascivo para Alex.

— Sobre o que me disse antes... Eu não sei como posso ajudá-la, mas ultimamente as coisas tem estado uma grande confusão, então, se eu puder, quero fazer alguma coisa. — Nos afastamos rápido da mesa e peguei uma bandeja, empilhando uma comida desnecessária, sem nem prestar atenção. Olhei para os lados para me certificar de que ninguém estava escutando nossa conversa para lá de estranha sobre trazer alguém dos mortos ou de mundos alternativos.

— Juliette, não é algo tão complicado assim. Você sabe, praticar. — Ela apoiou uma mão no balcão, diante da longa fila de comida e pegou uma

NACIONAIS - ACHERON

batatinha. Um avanço.

— Então. — Continuei colocando comida na bandeja, já nem sabendo onde tudo aquilo ia parar —, você pode me ensinar?

— Claro. Encontre-me do lado de fora depois da aula amanhã e eu vejo o que posso fazer. — Ela ergueu os ombros e saiu.

Fora de vista, fora de perigo

— Podemos começar com... um feitiço de ocultação. É fácil com uma coisa pequena. — Alice anunciou assim que chegou, depois de me deixar esperando mais de meia hora, encontrando-me sentada nos degraus da entrada.

— Podemos, embora eu não faça a menor ideia de como fazer isso, Alice. — Levantei e limpei as mãos no jeans. Alice girou e andei até ela. Quase tudo a nossa volta eram árvores e terra.

— Não tenho certeza de como você pode aprender, mas deve ser rápido, sua família é poderosa e, você pode não se lembrar, mas já manifestou algum resquício de magia antes. — Ela ficou de frente para mim novamente. — Antes de qualquer coisa, preciso desfazer o feitiço de Jon.

— Feitiço? — Arqueei a sobrancelha.

— É. — Ela tirou um papel pardo do bolso de dentro da jaqueta e sentou nos degraus da escadas, sentei-me também e ela me mostrou o papel, que não fazia nenhum sentido para mim como poderia fazer para ela. — Jon fez o feitiço quando você tinha um ano, mais ou menos. Ele disse que estava preocupado com o rumo que a família tinha tomado por causa dessa coisa toda e fez o feitiço que, basicamente não permite que sua magia se manifeste.

— Mal posso esperar. — Apoiei os cotovelos no degrau de cima e suspirei olhando para cima.

— Me leve a sério. Desfazer não requer nenhum sacrifício ou um ritual com sangue de cabra, mas, obviamente, não pode ser aqui. — Ela me olhou séria e levantei no mesmo segundo que ela.

— Onde, então?

A casa dos Hamilton era assombrada de dia ou a noite, mas o sol do fim do dia fez com que o galpão nos fundos do jardim adquirisse um aspecto assombroso.

— Ainda considero isso invasão de domicílio, a não ser que você tenha a chave e não tenha sido

NACIONAIS - ACHERON

roubada.

— Faça silêncio, pelo amor de Deus. — Ela parou e moveu a mão. Eu não deveria ter ficado surpresa quando o cadeado se destrancou e a corrente caiu no chão. Segui-a e fechei a porta atrás de mim. As brechas entre a madeira permitiam a entrada de feixes de luz que tornavam o lugar claustrofóbico e digno dos piores pesadelos de criancinhas.

— Quais as chances de sermos pegas?

— Uns 40%. — Ela me jogou uma lanterna acesa e começou a revirar as prateleiras, recolhendo algumas coisas e puxou a camisa, colocando alguns frascos e um recipiente de barro lá. Alice caminhava freneticamente pelo cômodo e notei uma maca num canto. Ela abaixou a camisa e colocou tudo em cima de uma mesa no fundo do cômodo. Caminhei até ela e observei enquanto Alice misturava algumas coisas em um recipiente, moendo ervas finas da maneira mais estranha possível.

Respirei fundo, iluminando-a e guiando-a enquanto o fazia. Em seguida, ela pegou uma faca e pegou minha mão esquerda.

NACIONAIS - ACHERON

— Vai doer um pouquinho. — Assenti e mordi o lábio. Ao invés de um corte pequeno, ela colocou o punhal em minha mão, fechei os dedos e ela puxou, cortando minha palma na diagonal. Uma horrível diagonal. O sangue começou a cair sobre as ervas e ela mexeu, pegando a lanterna da minha mão.

— Essa foi a pior parte, eu garanto. Agora sente. Você pode se sentir tonta. — Fiz o que ela disse. Sentei-me numa cadeira de madeira e fechei os olhos enquanto ela murmurava algumas palavras em latim.

Minha cabeça começou a doer e sua voz doce me lembrou algo que jurava ter esquecido completamente. Eu estava deitada naquela maca no meio de uma espécie de ritual quando escutei aquela mesma voz. Enquanto ela entoava um ritmo fora dos outros, quebrando o efeito deles. Cedrico tinha me dito antes que Alice era a mais poderosa, mas não imaginei que fosse mais poderosa que todos os outros juntos. Alice continuou murmurando algo repetidas vezes e abri os olhos. Havia sangue em seu indicador e mordi o lábio quando ela o deslizou da minha testa e pelo meu nariz até a ponta, dando-me calafrios que

NACIONAIS - ACHERON

percorreram minha espinha. Fechei os olhos. Aquilo era para lá de estranho, mas não pareceu tão estranho assim em comparação com todas as loucuras que vinham acontecendo ultimamente.

Respirei devagar enquanto Alice repetia as palavras em latim, então ela parou e abri os olhos com o cenho franzido.

— Não precisa ficar com medo. — Ela sorriu e me ofereceu um pedaço de tecido limpo e úmido para limpar o rosto.

— Eu não estou. — Levantei e limpei o rosto, olhando como estava na tela do celular.

— É normal ter medo. — Ela guardou o punhal num coldre e enfiou na parte da frente da camisa. — Mesmo se não estiver, não é algo com o que se envergonhar, mas o que não pode fazer é deixar o medo controlar você ou impedir que tome decisões.

— Como isso aconteceu? — Apontei para a cicatriz horizontal na barriga dela com o pano e enfiei o celular no bolso. Alice respirou devagar e abaixou a camisa com cuidado, então levantou a cabeça e sorriu.

— Esperava que não tivesse percebido. Isso foi... um desentendimento com minha irmã,
NACIONAIS - ACHERON

Emma. — Ela balançou a cabeça sutilmente, quase no piloto automático e tive a permanente impressão que ela estivesse relembrando o acontecimento enquanto segurava a barra da camisa com força. Ela permaneceu estática por alguns segundos, olhando para o nada, então soltou a camisa e se voltou para mim. — Quando ela decidiu que não queria ser mais minha irmãzinha mais velha que eu amava.

— Como alguém pode machucar outra pessoa da família? Alguém com quem se conviveu a vida inteira.

— Não faço ideia, mas precisamos ir agora. — Assenti e demorei alguns segundos para sair lugar.

Entrar foi definitivamente mais fácil que sair, ainda mais quando estava escurecendo rápido e Alice me parou na porta. Quando vi por quê, dei alguns passos para trás, tentando pensar em quem seria, mas Alice fechou a brecha na porta antes que eu pudesse ver.

— Acho que estamos presas aqui. — Ela se virou com uma expressão preocupada. Meu coração martelava contra minhas costelas num ritmo assustado. Coloquei o celular no silencioso para o

NACIONAIS - ACHERON

caso de ele tocar e olhei a hora, preocupada e batendo com ele contra minha palma, pensando em alguma coisa.

— Quem é? — Alice não parecia mais preocupada, apenas pensativa e andou de um lado para o outro depois de se certificar que a porta de madeira estava fechada. A escuridão foi tomando conta do cômodo devagar e comecei á ficar assustada, fazendo o que Alice tinha aconselhado a não fazer. Permitir que o medo tomasse conta e me impedisse que encontrar uma saída.

— Pelo menos é Cedrico, mas não acho que ele vá simpatizar com nosso pequeno feitiço.

— Por que não?

— Ele é do tipo que não gosta de nada escondido. — A revelação de Alice pareceu mais significativa para mim do que para ela. — Podemos sair e tentar não sermos pegas, mas eu falo com ele, se isso não ser certo. É o que provavelmente vai acontecer.

Ela abriu a porta e deu mais uma olhada antes de gesticular. Aproximei-me com cuidado para não fazer barulho e Alice trancou antes de sairmos de fininho, tentando evitar a parte da frente da casa e

NACIONAIS - ACHERON

entrar na mata, onde meu carro estava parado. Quando achei que estava dando certo demais, escutei uma voz atrás de mim.

— Me pergunto se invasão de domicílio ainda é um crime. — Virei no mesmo segundo e vi Emma parada atrás de nós. Alice e eu nos entreolhamos por um segundo. — Sentiram minha falta?

— É claro que não, ao invés disso a família está procurando uma maneira de te matar.

— Boa sorte com isso. — Ela deu um passo a frente e eu recuei, para mais perto de Alice até estar ao seu lado, observando Emma com cuidado. — Me pergunto se estariam todos tão empenhados em acabar comigo se eu estivesse ligada a Juliette.

Tive a impressão de que ela não estava blefando e os pelos na minha nuca se arrepiaram.

— Você não faria...

— Meu assunto não é com você, irmãzinha. — Ela sorriu docilmente e ergueu o braço, com um movimento ela atirou Alice do outro lado, em uma árvore. Não tinha certeza se ela estava bem. Emma sorriu quando me virei para ela. — Juliette. Temos alguns assuntos a tratar. Por exemplo, como uma garota sem sal como você pôde atrair a atenção de NACIONAIS - ACHERON

toda a minha família em poucas semanas. — Ela andou em volta de mim com um sorriso cínico despontando do lindo rosto diabólico. — Principalmente o interesse de Cedrico. Sabe, Alice gosta dele. — Ela gesticulou e me senti ainda mais ridícula —, além disso, acho que não devemos brincar com os sentimentos das pessoas. Você e Rafael tiveram um envolvimento.

— Nós não tivemos nada, e pare de me acusar de coisas que não sou culpada. Eu não tenho culpa de você ser uma vadia que a própria família vê como uma ameaça sem salvação. Eu não te conheço tanto quanto você não me conhece, mas Alice deve ser a pessoa que mais te ama, provavelmente a única. Se você quer Rafael ou a atenção da sua família, isso não é problema meu.

Emma sorriu e olhou para baixo, irônica.

— O problema é que, você não pode ficar perto de nenhum deles, querida Julies. Entenda que Cedrico é bom demais para você e Rafael... bem, digamos que é uma questão de que quando ambos querem algo acabam abrindo mão disso. A família é mais importante.

Ela ficou mais perto, ameaçadoramente, e

NACIONAIS - ACHERON

murmurou algo em latim. No mesmo segundo, senti-me incapaz de respirar, o ar se fechando a minha volta. Levei ambas as mãos a garganta e caí de joelhos, sentindo-me sufocar lentamente numa agonia horrível. Emma estava com o braço erguido e tinha uma expressão neutral, tranquila enquanto eu sufocava a sua frente. Meu corpo se dobrou para frente numa dolorosa posição e senti minha cabeça girar numa vórtice agonizante, como mãos me puxando para o precipício, então eu caí e vi Cedrico surgir da casa. Ele ergueu a mão em direção a garota ruiva e senti o aperto em torno da minha garganta aliviar cada vez mais até eu conseguir respirar outra vez. Permaneci deitada no chão, com o corpo virado para cima e os olhos fechados. Emma sumiu do meu campo de visão e Cedrico ajoelhou ao meu lado.

— O que diabos está fazendo aqui?

— Alice. — Ele finalmente a viu e correu até ela, chamando-a, quase desesperado. Tinha quase certeza que ela tinha desmaiado, mas levei dois segundos para levantar e caminhar até ela.

— Ela vai ficar bem. — Cedrico respondeu a minha pergunta ainda não feita. Assenti e ele a

NACIONAIS - ACHERON

pegou no colo.

— Eu deveria ir...

— Não, não deveria. Tem muito o que me explicar. — Ele permanecia neutro e aquilo me irritava. Ele não estava bravo por eu ter aparecido, nem falou muito sobre.

— Alice pode te explicar melhor do que eu e ambos ficarão melhor sem mim. Preciso ir, mande uma mensagem se... — Não terminei o que estava falando, revirei os olhos e dei a volta, dando as costas para ele, deixando subentendido que não queria que ele ligasse ou qualquer coisa assim. Estava mais preocupada com Alice, mas tinha quase certeza que ela ficaria bem enquanto eu me embrenhava em meio às árvores, tentando lembrar onde tinha deixado o carro.

— Preciso falar com ela. — Rafael deslizou pelo banco e Alex levantou com um aceno. Virei para ele, deparando-me com aquele verde tão perto. — O que estava fazendo na minha casa três horas atrás?

— Isso importa? Quero dizer, pensei que fosse se preocupar com Alice...

NACIONAIS - ACHERON

— Tentei não me deixar intimidar por aquele tom gentil, nem por aqueles olhos ou aquele sorriso torto, mas era óbvio que me afetavam.

— Emma te machucou? — Pude sentir uma leve alteração em seu tom e virei o rosto, assim como tinha atenção, para a maçã que eu estava comendo antes dele chegar.

— Eu estou bem. — Disse quase que para mim mesma.

— O que ela te disse? — Voltei-me novamente para ele, olhando em seus olhos.

— Para ficar longe de você. — Ele me encarou de volta como de procurasse algo em meus olhos.

— É isso que você quer? — Percebi que ele estava cada vez mais perto e me afastei, deslizando pelo banco, fuzilando-o com o olhar.

— Não importa o que eu quero, e pare de fazer o que está fazendo. — Ele sorriu, pegou minha maçã e mordeu de maneira sexy demais para ignorar.

— O que eu estou fazendo? — Ele parecia quase inocente.

— Agindo dessa maneira quando sabe que está... Me atraindo. Então pare.

— Emma não vai encostar um dedo em você ou

NACIONAIS - ACHERON

eu mesmo irei matá-la.

— Ela não encostou. Você sabe, ela fez algum tipo de mágica ou feitiço. Não sei. — Rafael franziu as sobrancelhas, quase parecendo preocupado, quase consegui acreditar naquilo.

— Eu sei, eu farei ela pagar por isso. — Ele deu um sorriso torto e ergueu a mão, assustando-me, repentinamente, e tocou minha bochecha.

— Ela disse que eu estava brincando com você e Cedrico. — Murmurei olhando em seus olhos. — Alice está bem?

— Está, mas isso não vem ao caso. Eu posso ver alguma coisa em seus olhos. — Ele abaixou a mão e manteve seu olhar. — Posso perguntar o que é?

— É algum tipo de bruxaria? Você me perguntou o que eu estava fazendo na sua casa. Não foi bem minha ideia, mas Alice precisava fazer um feitiço e...

— Entendo. Ela me disse, na verdade. E você está certa. — Ele ficou mais ereto. — Devo entender como se sente. Fraca, mas com todo esse poder em você.

— Eu quero poder me defender de quem quer que seja. Seja com um feitiço...

NACIONAIS - ACHERON

— Acho que posso ajudar. Por que não vem à minha casa no domingo às oito? — Assenti, mesmo sem ter certeza do que ele estava falando e Rafael levantou com um sorriso.

Rafael estava parado na porta quando parei o carro na frente da casa dele. Saí do carro e ele me ofereceu o sorriso.

— É um bom dia para apanhar um pouco. — Ele caminhou até mim e quando achei que fosse me cumprimentar, ele segurou meu pulso e torceu meu braço para trás, pressionando suas peito contra minhas costas até doer e eu achar que poderia quebrar.

— Sem dúvidas, é um bom dia. — Ele me soltou, nada sutil e apoiei as mãos espalmadas no capô do carro.

— Não achei que fosse pegar leve mesmo. — Sorri e ele fez o mesmo. Deslizei os dedos em torno do pulso e senti o quanto doía.

— Você quer se defender, então eu vou ensiná-la, mas não posso pegar leve se você estiver levando a sério.

— E eu estou, mas não use meu interesse para
NACIONAIS - ACHERON

revidar qualquer coisa. — Observei-o com calma e Rafael sorriu e assentiu, calmo e neutro, mas havia algo de lascivo em seu olhar que me impedia de me concentrar.

— Eu não sou esse tipo de cara, Juliette, você aprende com o tempo. Além disso, você deixou claro que é mútuo. — Ele se aproximou.

— Talvez você tenha entendido errado.

— Preste atenção. — Ele tentou me acertar um soco e desviei a tempo, com um sorriso. Rafael deu mais dois passos para frente e sorriu, acertando um soco de leve no meu ombro, aproximando-se ainda mais. — Você cresceu em Nova York, é claro que não sabe se defender nem de um gatinho, além disso, você quer aprender e quer que eu ensine, estou certo? Mantenha os joelhos dobrados, mas não muito. — Mantive o olhar dele sem respondê-lo. Finalmente respirei fundo.

— Eu quero que você me ensine a fazer feitiços ou seja o nome que for, se você se dispor. Mas sinto que está tornando isso uma brincadeira e me fazendo parecer idiota. — Fiquei ereta, encarando-o. Ele não disse nada por longos segundos.

— Admito que não me sinto mais feliz que
NACIONAIS - ACHERON

ninguém com tudo isso. Você quer que eu diga que Emma estava errada e tem esperado que eu o faça desde ontem a noite, mas não acho que ela esteja. — Um junco se formou entre minhas sobrancelhas.

— O que quer dizer? Acha que estou brincando com você? Ou com Cedrico? Quando foi que me tornei a bruxa má? — Ele estava fazendo certo se tentava me irritar. Ao invés de me atacar ele se aproximou e ficou perto demais. Rafael era uns 20 centímetros mais alto e seu olhar era profundo.

— O que está sentindo? — Pisquei sem saber o que dizer. — Raiva? Está brava por eu sempre subestimá-la ou por todos dizerem o que tem que fazer? Talvez devesse sentir qualquer coisa para me provar que eu estou errado.

— Você tem razão, eu esperei que me dissesse que ela estava errada porque não é o que eu acho que estou fazendo. Nós só nos beijamos, isso não pode ter significado nada para você.

— Então você não é melhor que ela.

— O que quer que eu diga para convencê-lo? — Ele recuou alguns passos, mantendo meu olhar. — Quer que eu peça desculpas por ter te beijado ou por ter beijado seu irmão? Ou por achar que Emma
NACIONAIS - ACHERON

está errada? Ou... por me sentir mais atraída pelo seu irmão do que por você? Então, eu sinto muito, mas não quero que seja bom comigo só porque...

Ele não me esperou terminar, me puxou e pressionou minhas costas contra meu peito novamente, segurando meu cotovelo, sua boca perto demais da minha nuca, então, puxou minha jaqueta para o lado e pressionou os dedos em minhas costelas.

— Este é o ponto fraco. O coração. Tanto literal quanto figurativamente. — Dei uma cotovelada nele e me desvencilhei de seu toque.

— Você quer que eu admita minha fraqueza, mas foi você quem me ofereceu ajuda. — Recuei quanto ele tentou me acertar.

— Está com raiva.

— De você, por ser tão presunçoso. — Virei enquanto tentava acertá-lo e demonstrar meu ponto de vista sobre fraqueza. Na verdade, estávamos perto demais da casa e Rafael me segurou pelo maxilar, prendendo-me entre ele e a parede.

— Você me disse ontem que isso a atraía, talvez estivesse enganada sobre isso também. — Percebi pelo seu tom que ele tinha voltado a falar sério e

NACIONAIS - ACHERON

encarei-o, finalmente sentindo a raiva que ele queria que eu sentisse.

— Talvez você apenas não seja quem eu pensei que fosse. — Ele se aproximou ainda mais, nossos lábios quase se tocando ao ponto de eu ignorar a dor dos seus dedos em meu maxilar, e por mais que uma parte de mim lutasse contra aquilo, eu não conseguia me afastar ou dizer àquela parte, que tomava conta de mim, que não era aquilo que eu realmente queria.

— Eu sou exatamente quem você pensou, e você sabe disso. Só está enganada com relação a uma coisa. Eu não sou o cara mau.

Rafael se afastou, mas não antes de deixar uma marca no meu maxilar, logo abaixo da bochecha.

— Vou ensiná-la a praticar magia, se é o que você quer. — Respirei devagar antes de conseguir pensar em qualquer coisa. — Primeiro, precisa se concentrar. Tente clarear sua mente. — Ele ficou parado a minha frente, há um metro, enquanto eu tentava me concentrar.

— E depois?

— Quando conseguir, tente se concentrar em alguma coisa. Vamos entrar, eu te explico melhor

NACIONAIS - ACHERON

lá dentro.

Rafael me ofereceu uma bolsa de gelo e coloquei no maxilar, sentindo uma pontada de dor onde latejava.

— Melhor? — Assenti e ele me convidou a sentar à mesa da cozinha à sua frente, depois tirou as chaves do bolso e colocou no meio. — Tente se concentrar nisso. Feche os olhos. — Fiz exatamente o que ele mandou, focando naquela chave idiota, sem nenhuma ideia do que ele queria que acontecesse. Alguns longos segundos se passaram, mas eu não ia desistir tão fácil. Algo começou a ganhar vida dentro de mim, embora eu não conseguisse explicar o que era. Quando abri os olhos devagar e vi as chaves pairando no ar alguns centímetros acima da mesa.

Meus lábios se entreabriram, mas não consegui dizer nada.

— Eu sabia que você iria conseguir... — Ele se interrompeu olhando por cima do meu ombro.

Segui seu olhar e dei de cara com minha mãe atrás de mim. Seu rosto era uma névoa densa de preocupação.

NACIONAIS - ACHERON

— É sempre assim que começa. — Izabel se aproximou, ainda atrás da cadeira. — Queria falar com você, ou melhor, mostrar uma coisa. Sei que não acredita muito em mim.

Respirei fundo, intrigada com o que quer que fosse.

— Por que não?

17 ANOS ANTES

IZABEL

Eu estava coberta de sangue e via os fantasmas dos que eu tinha matado por todo o lado. Entrei na mansão e Friedrich estava parado na sala. Caminhei decidida até ele, convicta de que nada nem ninguém me impediria de ver minha filha novamente.

— Izabel, veio se desculpar por ter tentado tirar Juliette de nós?

— Onde ela está? — Ergui a mão, jogando-o desacordado do outro lado da sala. Subi as escadas em três segundos e encontrei Jon. — Saia da minha frente. Você faz ideia do que já tirou de mim? A chance de criar minha filha.

NACIONAIS - ACHERON

— Nossa filha, a que *você* quis tirar de mim. —
Tentei passar por ele, mas Jon ficou na minha frente. Estava mais do que possuía de raiva e empurrei-o.

— Todos pelo qual eu lutei e você os amaldiçoou. Amaldiçoou nossa filha e me negou o direito de conviver com ela.

— Você escolheu os Hamilton ao invés da sua filha, aquele maldito *coven*. — Ataquei-o com raiva pelo seu cinismo.

— É isso que vai dizer quando ela perguntar pela mãe quando ficar mais velha? Que eu a abandonei?
— Agarrei seu casaco, fora de mim, esmurrando-o, tentando fazer com que ele saísse da minha frente.
— Minha família me abandonou, a sua nos virou as costas. Tudo que eu quis foi dar a ela algo que eu não tive. Que *nós* não tivemos. Ela merece algo melhor, merece que alguém faça por ela o que não fizeram por mim... — Esmurrei deu peito e dei um tapa em seu rosto com tanta força que sangrou

— Mamãe. — Escutei uma voz doce e infantil atrás de mim. Virei e vi Juliette parada, segurando o balaustre da escada. Cobri a boca com a mão, repreendendo um suspiro ao escutar suas primeiras
NACIONAIS - ACHERON

palavras. Ou talvez ela já falasse e eu ainda não soubesse por ter sido privada de vê-la crescer. Caminhei até ela devagar e peguei-a no colo. Ela parecia ainda mais linda com um ano, mas ainda tão frágil.

— Ela... quando Juliette começou a falar? — Percebi que ia perder algo mais além de suas primeiras palavras, assim como perdi quando ela começou a andar e assim como ainda perderia quando ela comesse a escrever, quando ela se apaixonasse... abracei-a, tirando um peso morto do peito, sentindo seu cheiro e embalando-a. Virei-me para Jon, parado onde estava.

— Você sabe que não pode...

— Por *sua* causa. Você é um monstro e ela vai crescer sem uma família *por sua causa*. — Sem querer, permiti que as lágrimas embargassem minha voz. Jon se aproximou e a tirou dos meus braços, com certa relutância da minha parte. — Eu vou embora, mas eu prometo que vou voltar assim que descobrir um jeito de acabar com essa maldição. Eu prometo.

— Boa sorte em conseguir o afeto dela. Depois de tanto tempo, vai ser como se você não existisse.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Senti uma dor profunda em meu peito, como se meu coração tivesse sido arrancado de mim e apoiei-me na escada. — E boa sorte também em encontrar uma necromante viva.

— Eu irei.

Como uma rosa despedaçada

— Não acredito que Jon teve coragem de fazer todas essas coisas terríveis. — Murmurei, abraçando-a ainda mais forte como se fosse passar a sensação horrível dentro de mim.

— Eu sinto muito, mas essa é a verdade. — Ela se afastou e deu um sorriso meio triste. — Eu não queria que soubesse dessa maneira, mas te mostrar a verdade foi a única maneira que encontrei para contestar a imagem de uma mãe que a abandonou que Jon tem feito todos esses anos.

Sentei-me novamente, sentindo meio tonta e percebi que Rafael já tinha saído furtivamente, como era seu feitio. Izabel se sentou à minha frente e Elena foi para a cozinha.

— Quero que fiquem para o almoço, e não aceito um “não” como resposta. — Ela sorriu, sempre

NACIONAIS - ACHERON

carismática, talvez demais, e Izabel e eu nos entreolhamos por um breve momento. — Izabel, você não ia até a casa de Rose?

Izabel franziu o cenho, imperceptível e se levantou.

— Eu entendi que quer conversar com minha filha. Eu volto em breve. — Ela se voltou para mim e depositou um beijo na minha testa, totalmente o oposto do que eu estava acostumada, e saiu.

— Então, o que quer falar comigo? — Levantei e me aproximei da bancada. Elena estava tranquila, mas algo me dizia que aquela conversa não seria uma troca de amabilidades.

— Sobre você e Cedrico. — Ela parou de mexer nas panelas e se virou para mim, seu olhar cortante. — Vocês vieram a mim para perguntar sobre uma maldição e creio que isso envolve sua família, então, você poderia a preparar o almoço e eu conto o que sei.

— Claro. — Passei para o lado dela e Elena me pediu para mexer um molho que ela tinha acabado de começar a preparar. — Então, eu não entendo muito sobre essas coisas de bruxaria, mas algo aconteceu quando...

NACIONAIS - ACHERON

— Não precisa se envergonhar. Eu sei que vocês só se beijaram e nem tem nada demais nisso. — Ela se aproximou e jogou um tempero na panela, observando-me de maneira que me deixou constrangida. — Izabel lutou por você, não duvide disso nem por um momento. A mãe dela foi a única que a apoiou e a ajudou a suprimir a magia negra nela. Seu lado de necromante, mas isso consumiu toda a energia vital de sua avó e ela morreu antes de você nascer.

Elena se movia em todas as direções enquanto falava devagar, ora ou outra eu conseguia captar seu olhar.

— Mas Friedrich não queria Izabel perto de você, e garanto que não foi para protegê-la. Izabel tentou fugir com você quando tinha três meses, mas Friedrich e Jon a impediram. — Ela parou e olhou nos meus olhos por longos segundos. — Não pare de mexer. — Voltei a mexer a panela e ela começou a cortar legumes, ao meu lado, numa rapidez extraordinária. — Eles lançaram um feitiço para quebrar o da mãe dela, o que tinha suprimido a magia negra. Por fim, ela não podia chegar perto de você sem matá-la aos poucos. Depois que vocês se

NACIONAIS - ACHERON

viram pela última vez, você ficou doente.

— Você disse que tinha a ver com Cedrico e eu. O que Jon fez?

— Você parece ser louca por *spoilers*. — Ela sorriu. — Eu ajudei sua mãe a fugir e Jon viu isso como uma traição. Ele tentou me convencer a ficar ao lado dele, mas quando me neguei, ele usou um antigo livro para conjurar antigos demônios do passado. Em síntese, ele ativou a maldição pela segunda vez depois de todos os esforços da nossa mãe para quebrá-la. Depois de se vingar de mim, ele...

— O quê? — Elena continuou cortando, então parou e se virou com a expressão mais sombria que eu já tinha visto naquele rosto tão belo e alegre.

— Não sei se está pronta para saber o resto. É algo que, possivelmente, irá afetar *tudo* que você conhece e colocará tudo em dúvida constante, então, eu não posso sair por aí contando histórias do passado como se não significassem nada para mim, nem tampouco para você. Talvez você precise desenvolver sua magia individual primeiro antes de saber tanto. — Ela parecia preocupada e pude reconhecer aquele tom protetor em sua voz. Ela

NACIONAIS - ACHERON

devia ser uma mãe perfeita, sempre protegendo os filhos de qualquer mal ou de qualquer verdade que pudesse machucá-los.

— Agradeço a sua preocupação, mas não preciso dela. Preciso da verdade, Elena. Pode parecer doloroso, mas eu acabei de perceber que vivi dezessete anos numa imensa mentira, e tudo já é uma duvida constante, então, por favor, me conte o que você sabe. Por favor. — Ela relaxou por um segundo.

— Ta bem, eu vou contar, mas não tome decisões precipitadas baseadas em qualquer coisa que eu diga. Depois de ativar a maldição, Jon veio até Salém e incendiou a casa onde meu irmão, o pai de Cedrico, morava. Ele matou os pais de Cedrico, e quase o matou, mas Joseph o salvou e o trouxe para cá. Ele tinha cinco meses. — Seus olhos estavam cheios de lágrimas, como se doesse profundamente lembrar. Pensei que fosse ter um ataque do coração. Senti meu peito se afundar em dor e desgosto, tamanha minha raiva por ter acreditado em um milhão de mentiras a minha vida inteira. Como se tivesse parado no tempo, pisquei atônita e Elena me ofereceu um copo de água, que

NACIONAIS - ACHERON

eu não a vi pegar, e disse para eu me sentar.

— Não consigo acreditar que Jon, *meu pai*, teria coragem de fazer uma coisa dessas. — Bebi um gole da água, recusando-me a me sentar. Apoiei os cotovelos na bancada e respirei devagar, tentando acalmar o maremoto dentro de mim, mas eu não conseguia. Sentia quase como se estivesse me afogando. — Cedrico sabe?

— Sim, achei melhor deixar as coisas claras quando você apareceu em nossas vidas. Sua mãe e eu concordamos que seria melhor deixar as coisas como estavam por um tempo. A coisa toda de bruxaria já era demais naquele momento, mas, bem, você não uma criancinha e já estava na hora de saber a verdade. Pode ser muita coisa, mas pense com calma sobre tudo isso. — Assenti, ainda tentando assimilar as coisas corretamente. Dei a volta na bancada e voltei a ajudar Elena no almoço. Ela sorriu quase para si mesma.

Cedrico entrou na cozinha e parou perto da entrada quando me viu despejar *mousse* numa tigela de vidro.

— Juliette, não esperava vê-la aqui. — Ele
NACIONAIS - ACHERON

entrou e Elena o obrigou a ficar e ajudá-la a cortar tomates.

— Nem eu, por incrível que pareça.

— Sua avó espera que vocês a visitem. — Cedrico me olhou, perguntando se eu estava de acordo com aquilo ou Elena estava me obrigando, ou quase isso, apenas colocando seus olhos em mim.

— Por mim, tudo bem. — Ergui os ombros e Elena sorriu, levando aquilo como uma vitória.

Izabel se projetou na cozinha novamente como um fantasma, assim como Joseph apareceu do nada. Parecia tão estranho estar naquele momento e naquele lugar que eu sentia constantemente como se não o pertencesse. Eu ainda pensava em Jon e nos pais de Cedrico. Em como ninguém deveria ser arrancado de ninguém daquela maneira e como eu só consegui pensar nele enquanto o tom era alegre e descontraído. Todas as vezes que Cedrico me olhava nos olhos, era tudo que eu conseguia pensar e a cada vez a dor vinha mais forte.

— Está pronta para ir? — Pisquei, tentando me situar sobre o que Cedrico estava dizendo e me lembrei. Que estávamos indo até a casa da avó dele.

NACIONAIS - ACHERON

Que eu estava no quarto dele mexendo sua estante de livros, parada com cara de boba com um volume de *Madame Bovary* nas mãos quando ele saiu do banheiro depois de tomar um banho.

— Acho que sim. — Devolvi o livro ao seu lugar na estante e acompanhei-o até a porta. Cedrico se virou, antes de abrir a porta, de forma abrupta e jogou meu cabelo, do lado direito, por cima do ombro e ergueu meu maxilar, dando um passo em minha direção.

— O que aconteceu com você? — Seus dedos roçaram meu maxilar com cuidado, como se toca um pássaro ferido. Surpreendi-me por ele ter percebido depois de todo o meu empenho em colocar o cabelo por cima para ninguém ver, especificamente, ele.

— Nada, não é nada. — Mordi o lábio e ele me olhou nos olhos, quase que decidido a tirar de mim, então afastou sua mão, mas continuou perto demais.

— Eu vi você treinar com Rafael hoje de manhã, tanto *isso* quanto magia e devo dizer que ele não é o mentor mais adequado que você pode ter.

— Eu entendo sua... preocupação ou o que quer
NACIONAIS - ACHERON

que isso seja, mas eu vou ficar bem. E isso não foi nada. Não se preocupe. — Ofereci um sorriso quase que na tentativa de desfazer sua expressão carregada, mas ela continuou lá enquanto descíamos as escadas e eu me despedia da minha mãe.

Pegamos o meu carro porque estava prestes a chover. Joguei as chaves para Cedrico, sem querer dirigir para um lugar que eu não sabia onde ficava.

— Ta tudo bem? — Ele perguntou depois de cinco minutos, desviando totalmente a atenção da estrada para olhar para mim. Balancei a cabeça, concentrada em *não* olhar para ele. Respirei devagar, mexendo nas cutículas das minhas unhas. — O que está acontecendo de errado? *Juliette*.

— Nada, eu só... não...

— Podemos não ir, se você quiser... — Virei-me para ele de repente.

— Por que você é tão bom comigo? — Cedrico me olhou com uma expressão preocupada e parou o carro no meio da estrada. Ele me olhou por dois segundos, havia algo em seus olhos que eu não conseguia interpretar direito, mas não parecia nada

NACIONAIS - ACHERON

bom.

— Porque eu me importo, porque gosto de você e da sua companhia. Eu estive esperando que me falasse qualquer coisa sobre sua conversa com Elena, esperei que confiasse o bastante, mas estou puto por estar nesse carro com você enquanto remói isso a cada de segundo. Pare de tornar as coisas mais complicadas do que já são. E não vai ficar mais fácil se decidir que não *pode* confiar em mim ou que não quer falar sobre isso. — Um trovão se fez ouvir no céu um segundo depois, cortando bruscamente o silêncio dentro do carro. Meu corpo tremeu e franzi o cenho, como um cãozinho abandonado.

— Me desculpe.

— *Pare de se desculpar.* — Ele parecia realmente enfurecido, então, abriu a porta do carro e saiu. Tirei o cinto, que ele ignorava usar, e saí atrás dele. Mais trovões clarearam o céu cinzento, quase negro.

— Eu não vou parar de me desculpar. — Ele se virou, no meio da estrada. — Você não faz ideia do que estou sentindo, não faz a menor ideia. Então não aja como se soubesse de tudo o tempo inteiro.

NACIONAIS - ACHERON

Eu sinto muito por cada coisa, me sinto culpada, brava, subjugada, sinto como se estivessem mentindo para mim desde sempre. Que cada coisa foi apenas parte da mentira maior que é a minha vida. — Ele se aproximou a medida que eu começava a chorar ainda mais e eu odiava não conseguir para de chorar, odiava não conseguir para de parecer tão fraca quando não deveria ser. — *Eu sinto muito* por tudo. Pelo que meu pai te fez passar, por tudo que ele fez. Eu sinto muito, mas a cada vez que eu olho para você eu só consigo pensar que minha família o tirou a *sua* família e você não faz ideia de como é se sentir assim.

Sem que eu esperasse, ele me puxou para seus braços e me envolveu neles de uma maneira confortável e natural demais. Inalei o cheiro do seu perfume e funguei, irritada por não conseguir parar de chorar.

— Me desculpe por ter falado daquele jeito com você. É só que você se tornou importante demais, rápido demais e eu talvez não tenha aprendido a lidar com isso. Me importo com qualquer pessoa além de mim mesmo. — Funguei novamente e limpei o rosto com as costas da mão com o rosto

NACIONAIS - ACHERON

pressionado contra seu peito e os braços envolvendo seu corpo num intenso magnetismo.

— Isso soa um pouco egoísta.

— Eu sou egoísta, Juliette, ainda estou me acostumando a isso. A me importar com as pessoas, com você. — Ele me abraçou ainda mais forte, afastando meus demônios para mais longe a cada segundo. — Temos que sair do meio da estrada.

— Tudo bem, vamos logo ver sua avó. — Era difícil me afastar dele todas às vezes, mas naquela, ele entrelaçou os dedos aos meus.

Um minuto depois, começou uma chuva tão forte que Cedrico teve que dirigir tão devagar que achei que nunca fôssemos chegar, mas afinal a casa da avó dele não era tão longe assim. Ele entrou no meio da mata aberta, numa estrada horrível. Vi um chalé elegante, feito de pedras. Parecia o paraíso em meio à lama. Cedrico parou em frente a casa.

— Sei que hoje foi uma loucura completa, mas não precisa ficar nervosa. Você vai adorar minha avó, e ela adora todas as garotas que eu trago em casa. — Ele sorriu e tirei o cinto.

Ele saiu no meio da chuva e fez o mesmo, andando o mais rápido possível para me molhar o

NACIONAIS - ACHERON

mínimo, mas com aquela chuva, estávamos ensopados antes de chegar à porta. Cedrico bateu na porta.

— Quantas você já trouxe?

— Na verdade... Nenhuma. — Ele sorriu e uma senhora, de aparentes oitenta anos e aparência simpática, abriu a porta, nos convidando a entrar. Antes que eu terminasse de fechar a porta, ela puxou Cedrico e o abraçou como se sua vida dependesse daquilo.

— Quanto tempo tem que não vem me ver? — Não foi bem uma acusação, mas havia uma certa mágoa proposital em seu tom.

— Um longo tempo. — Cedrico me puxou antes que eu me desse já estava a frente da mulher. — Vó, esta é a Juliette. Juliette, minha avó, Jane. — Ela me abraçou com menos entusiasmo, mas, ainda assim, animada.

— Fiquem a vontade, sentem-se. — Caminhamos pela sala até o sofá. Jane foi a cozinha, dizendo que tinha biscoitos no forno e ia preparar chá.

Cedrico se dispôs a acender a lareira a gás. Segui Jane e perguntei se ela queria alguma ajuda. Ela me

NACIONAIS - ACHERON

mandou segui-la. Fiz o que ela disse pelo curto corredor até a cozinha. Tudo na casa era em tons escuros e terrosos. A cozinha era moderna com tons do século passado e a avó de Cedrico parecia assustadora, de todas as maneiras possíveis, embora aparentemente fosse apenas uma velhinha indefesa.

— Você me parece especial, de alguma maneira.

— Ela começou a falar.

— Como?

— Ainda não sei, mas Cedrico não trás ninguém aqui e não traria você se não fosse importante. — Ergui os ombros e ela tirou biscoitos do forno e me ofereceu chá de ervas que eu não conhecia, mas aceitei, tentando conhecê-la um pouco melhor sem Cedrico por perto.

— Na verdade, foi ideia de Elena. — Ergui os ombros suavemente do lado oposto da bancada da cozinha.

— De qualquer maneira, ele não teria aceitado se não fosse o que ele realmente quisesse. — Ela ergueu os ombros e nos serviu chá, se sentando a minha frente. A mãe dele morreu quando ele era muito pequeno para se lembrar e o pai também, Elena tê-lo criado foi ótimo, mas não foi a mesma

NACIONAIS - ACHERON

coisa.

— E eu sinto muito por isso. — A expressão dela tinha se tornado ríspida.

— Eu sei que sente, mas isso não muda os fatos. — Bebi um gole do chá, prevendo que aquela tarde seria mais complicada do que previ. — Ainda assim, não podemos romper todos os laços e feitiços com sua família, então, como imaginei que viessem por causa de um, talvez pudessem desfazê-lo, mas precisariam de um livro que está com sua família há algumas décadas.

— Eu sou nova nessa coisa de magia e feitiços, então precisa ser um pouco mais clara. — Segurei a xícara de porcelana com mais força, sentindo como de fervesse em minhas mãos.

— Ela está falando do *Liber spiritus*. — Escutei a voz de Cedrico atrás de mim.

Repassei mentalmente todas as palavras que eu sabia em latim e aquele nome não soou muito atraente, assim como não deveria ser realmente.

— Livro dos espíritos? — Levantei a cabeça e encarei-o, esperando que ele respondesse a pergunta que sua avó não respondeu.

NACIONAIS - ACHERON

— Jane, não diga isso a ela.

— Dizer o quê? Podem me dizer, o que quer que seja. — Ele ficou meio tenso, então sentou ao meu lado.

— É só um livro da minha família que tem estado com seu avô há algumas décadas, e agora com Jon. — Ele se serviu de chá e sentou ao meu lado.

— Não é *só* um livro. — Jane interviu. — É o livro mais poderoso que existe, mas o mais perigoso também, por isso temos que ter cuidado, mas acho que você pode pegá-lo e, se você conseguir, poderemos desfazer a maldição.

— Fácil assim? — Ergui a sobrancelha e olhei para Cedrico e depois para Jane, esperando que algum deles dissesse alguma coisa.

— Não, claro que não. — Cedrico quebrou o silêncio. — O livro pede algo em troca, não é tão simples assim, mas se tivéssemos o tal livro saberíamos se é algo que valha a pena. — Recostei-me por um segundo e relaxei, tomando o chá, absorvendo as palavras dele, pronunciadas numa ênfase assombrosa.

— Se estava com meu avô deve estar no
NACIONAIS - ACHERON

apartamento em Nova York. Eu posso conseguir. — Pousei a xícara, produzindo um som baixo contra a madeira.

— Acho que devemos ir embora. — O tom de Cedrico soou ríspido quando ele se levantou e encarou Jane. Algo estava errado entre eles, ou talvez algo que eu tenha dito. Qualquer coisa que pudesse ter quebrado aquela amabilidade toda entre os dois.

Jane ergueu os ombros e se levantou ao mesmo tempo em que eu o fiz.

— Vocês vieram buscando por respostas e este é o único jeito. — Cedrico apoiou os dedos na base da minha coluna enquanto caminhávamos até a porta. A chuva tinha se tornado uma fina garoa e Cedrico me ajudou a colocar meu casaco.

— Você ficou irritado com o que sua avó falou, não ficou? — Perguntei enquanto corria pelo colégio até o auditório para ensaiar em pleno domingo a tarde.

— Não diria *irritado*, mas talvez tenha sido um excesso de informação por uma tarde, para você, claro. — Virei-me para ele e encarei-o,
NACIONAIS - ACHERON

boquiaberta, por longos segundos. Empurrei as portas vai e vem e Cedrico segurou-me pelo cotovelo, fazendo-me parar. — Não vou ficar.

— Por que não? — Relaxei os ombros, mas eu sabia a resposta.

— Não quero ver você e Rafael se pegando no palco. Só vou estar aqui no dia, mas não preciso ver isso nos ensaios também. — Expirei e pressionei os lábios um contra o outro, sem saber o que dizer porque ele estava certo. Por fim, assenti e deixei-o ir.

Estava quase vazio quando cheguei, o que era um pouco estranho, mas todo mundo tinha ensaiado mais cedo. Eu é que estava meio atrasada e mal ensaiada. Caminhei até o camarim, empurrei a porta e entrei, fechando-a atrás de mim. Coloquei minha bolsa em cima de uma cadeira e tirei o casaco e a blusa de mangas longas, ficando de sutiã. Abri os botões da saia jeans e me liberei dela, puxando o vestido de Srta. Earshaw, enfiei as pernas nele e escutei um barulho do outro lado do cômodo. Virei e Rafael saiu de detrás de um monte de roupa empilhada sobre uma arara.

— Ah, meu Deus. — Puxei o vestido

NACIONAIS - ACHERON

rapidamente para cima e ele me olhou com uma expressão desinteressada e caminhou até mim. — Por que não disse que estava aí? — Baixei o olhar, com os braços para trás, lutando com os botões e o zíper do vestido, mas eu parecia incapaz de realizar aquela tarefa. Todas as outras vezes fora Rafael quem o fizera, mas daquela vez ele parecia zangado demais para fazer qualquer coisa por mim.

— Eu não quis dizer. — Ele ficou me olhando enquanto eu olhava para o chão, então revirou os olhos e deu a volta no cômodo. Achei que ele fosse sair, mas ao invés disso, ele ficou atrás de mim e fechou o zíper, seguido pelos botões, com calma e habilidade. Respirei, tentando me acalmar, mas eu não conseguia ficar calma perto dele.

— Obrigada. — Levantei a cabeça e me virei. Rafael se aproximou e segurou meu queixo. Fiquei paralisada no mesmo segundo, sem poder conter as batidas mais que aceleradas do coração que batia desesperado em meu peito, então ele segurou-me pelo maxilar e franziu o cenho, aparentando estar nervoso.

— Me desculpe por isso, não foi minha intenção...

NACIONAIS - ACHERON

— Está tudo bem. — Dei um longo passo para trás e todos os pelos do meu corpo se eriçaram.

— Não, eu realmente não quis machucá-la...

— Rafael, está tudo bem. — Ele me olhou com expressão calma e sem emoções, então assentiu; consegui relaxar, respirando fundo, e caminhei a porta.

Thomas aplaudiu, de maneira enfática, quando subimos ao palco.

— Juliette, tem alguma cena em especial que você queira rever?

Passei as páginas em minhas mãos e mostrei a ele algo que eu tinha dúvida. A cena em que Catherine estava doente, antes de ela morrer. A peça inteira era uma grande dúvida, mas aquela era um branco faltando poucos dias para a grande, não tão grande assim, estreia. Deitei na cama e Rafael sentou ao meu lado, falando cada palavra de uma maneira tão bela que lágrimas nem um pouco ensaiadas me vieram aos olhos.

— Rafael. — Thomas gritou da segunda fileira de cadeiras e levantei os olhos, assim como Rafael. Estivemos nos entreolhando por longos segundos, era quase hipnotizante olhá-lo por tanto tempo. —
NACIONAIS - ACHERON

Essa é a parte que você a beija.

Rafael se voltou para mim e encarei por um momento.

— Eu não queria ter que fazer isso. — Ele murmurou e enfiou os dedos em minha nuca, por entre meus cabelos, e pousou os lábios sobre os meus, absorvendo meus lábios lentamente entre os seus. Fechei os olhos, absorvendo a sensação da intensa e enorme diferença com relação a primeira vez em que nos beijamos, sem tanta pressa.

Pacientemente, Rafael saqueou meu lábio inferior e se afastou, puxando sua mão de volta, embora tivesse sido tão rápido, minhas pálpebras protestaram em se abrir e encará-lo depois daquele momento tão profundo. Ele continuou sentado na cama, encarando-me até que sentei, embaraçada por fazer com que aquilo significasse mais do que deveria:. — Foi perfeito. — Thomas aplaudiu.

— Está vendo, Catherine? Ele achou *perfeito*. — Ele franziu os lábios e se levantou, evasivo como só ele poderia ser, e praticamente desapareceu.

— Rafael. — Levantei e passei por Thomas, indo atrás dele. Ele me encarou por um segundo, perguntando-se o que diabos estava acontecendo,
NACIONAIS - ACHERON

mas não esperei que ele fizesse a pergunta, saí pela lateral e encontrei Rafael de volta no camarim, sem camisa. — O que quer dizer?

— Você não percebe sozinha? — Soltei um suspiro abafado e ele se enfiou numa camisa preta de manga comprida e três botões que estavam abertos. Ele olhou para mim por um longo momento. — Vai sair ou quer dizer mais alguma coisa?

— Para de tornar tudo um drama ou algo maior do que é. — Andei até ele e sentei, me sentindo idiota naquele vestido estúpido.

— Não estou fazendo isso. — Ele tirou a calça e ficou na minha frente de cueca boxe preta. Girei a cadeira e fiquei de costas, embaraçada, enquanto ele vestia o jeans. Rafael girou a cadeira e se debruçou sobre ela, obrigando-me a encará-lo.

— Acho que não nos veremos mais. Quando essa coisa ridícula de peça acabar, poderemos nos virar para lados opostos no corredor. — Ele ficou ereto e me deu as costas.

— Espera. — Disse frustrada e Rafael se virou, mas qualquer coisa que eu fosse dizer foi interrompida pelo toque do seu telefone. Ele tirou

NACIONAIS - ACHERON

do bolso. — Vamos tomar um café.

Ele atendeu o celular, me ignorando completamente por alguns segundos.

— Oi, eu já estou indo, não precisa ficar brava. Chego aí em vinte minutos, Alice. — Ele desligou e voltou a atenção para mim e o seu último resquício de sua, já esgotada, paciência. — Cinema às sete. Em ponto, e não fique pensando o que estiver pensando sobre mim.

Encarei-o, abismada, então levantei antes que ele fizesse qualquer coisa.

— Você falou o nome dela de propósito para eu saber o que está indo fazer.

— Afirmação ridícula, além disso, eu me encontrar com Alice nunca significou grande coisa. Você era uma bruxinha tão promissora hoje de manhã e agora está bisbilhotando o que não é da sua conta e eu a aconselho a não fazer isso. Vamos ao cinema assistir o filme que estiver em exibição e depois vamos jantar. É a sua última chance. — Ele fez menção de sair, então voltou, ainda mais próximo do que antes. — Acredite, eu sou sua melhor escolha, senão a única.

Voltei para o meu quarto e desabei na cama com as pernas penduradas, sem saber o que fazer. Ir ou não me encontrar com Rafael não era a questão maior, ainda tinha o tal livro de magia que, supostamente, tinha pertencido ao meu avô. Arrastei-me da cama e tomei um banho, depois chequei os e-mails, ainda de toalha, sentada à escrivaninha. Um era de Izabel, ela perguntou se eu estava livre para tomar um café com ela na segunda, respondi com o número do celular para conversamos. Mas algo me dizia que teríamos que conversar muito para colocar dezessete anos perdidos em dia.

Algumas mensagens da direção da escola e professores que preferiam enviar notas por e-mails, um de Jon, dizendo que eu nunca atendia quando ele ligava. E, por fim, um e-mail da diretoria. Algo sobre meu "desentendimento" com Cassandra e uma advertência, se houvesse uma segunda eu seria notificada sobre minha não permanência para o último ano. Suspirei e fechei o notebook, entediada, tendo em vista que tudo que eu poderia fazer até as sete era uma interminável lista de *nadas*, bastante nocivos. Deitei na cama com as pernas penduradas e peguei o celular. Como esperado, uma centena de

NACIONAIS - ACHERON

ligações perdidas de Jon e uma de Alex, além dos meus míseros contatos, tinham mensagens de dois números locais. Um era Izabel, com nada relevante e o outro era de Rafael. Algo sobre filmes em cartaz que não li até o fim. Ele estava com Alice e me perguntando coisas como aquela. Não respondi a mensagem e me encolhi na cama até meu corpo virar uma bola e acabei pegando no sono.

Segurei o cobertor e me virei para a beirada, dando de cara com Rafael, ajoelhado ao meu lado na cama. Segurei o lençol com mais força, lembrando que estava sem roupa e a toalha estava perdida em algum lugar aos pés da cama:. — Rafael, o que está fazendo aqui? — Minha voz não passou de um sussurro enquanto minha cabeça explodia. Apoiei-me nos cotovelos e minha visão ficou meio embaçada. Pousei a cabeça no travesseiro.

— São sete e meia, isso te lembra alguma coisa?

— Claro. Cinema. Acho que perdi a hora. — Virei para o lado do canto e tossi na palma da mão. Sentei e passei os dedos pelos cabelos, lembrando que deviam estar horríveis, como se eu tivesse corrido por uma floresta enquanto fugia de tigres.

NACIONAIS - ACHERON

— Vai deixar eu me vestir ou o quê?

— Você não parece bem. Está sentindo alguma coisa? — Fechei os olhos por um segundo e balancei a cabeça.

— Acho que sim, me sinto quebrada, embora tenha dormido a tarde inteira. — Ele assentiu, nem um pouco convencido e ficou de pé. Achei que ele fosse sair, mas seus olhos se voltaram para minha direita, para o criado-mudo.

— O que é isso? — Ele pegou uma folha do bloco de notas.

— O que está escrito?

— *"Apaixonados demais para pensar direito, totalmente sozinhos, ou então era isso que parecia, mas tinham estranhos nos observando, e sussurros se tornaram conversas, e conversas se tornaram gritos"*. — Ele olhou para mim como se eu fizesse ideia do que aquilo estava fazendo ali. — Parece uma música ruim da Taylor Swift.

— Porque é uma música ruim da Taylor Swift. E antes que pergunte, eu não faço ideia de como isso veio parar aqui. — Ele me entregou o bilhete e vi a caligrafia bonita, as palavras escritas em letra de forma. — O que acha que isso quer dizer? —
NACIONAIS - ACHERON

Continuei tossindo e segurando o lençol na altura do peito, sentia como se fosse tossir meu próprio pulmão a qualquer momento enquanto Rafael me encarava como se eu estivesse tísica.

— A pergunta é quem colocou isso aqui. — Ele abriu a cômoda e pegou uma camisa de mangas e um jeans, jogando em mim.

— Se veste, vamos descobrir o que é, além disso, você parece estar à beira da morte e isso não parece bom.

— Então saia para que eu possa me vestir. — Ele revirou os olhos e virou-se de costas.

— Não vou olhar, prometo. — Enfiei-me na camisa, e fui para o banheiro para por o jeans, aproveitando escovar o cabelo e os dentes enquanto Rafael resmungava coisas ininteligíveis do lado de fora. Abri a porta e encarei-o. Minha aparência estava horrível e eu ainda tossia, sem me lembrar do sonho nem nada que pudesse ter acontecido. Quando eu ia sugerir que fossemos comer, meu corpo se dobrou para frente, involuntariamente, e tossi. Rafael me segurou e me ajudou a ficar de pé.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Pelo jeito como diz meu nome^[15]

Sentei, me sentindo pior a cada décimo de segundo, na minha cama.

— Eu vou perguntar a Joseph se ele tem algo para ajudar. Pode pensar melhor no bilhete. Você disse que conhecia a música, talvez saiba interpretar o que, quem quer que seja, quis nos dizer. — Assenti e peguei o celular, achando a letra da música.

— Talvez tenha a ver com isso. *“Demos uma volta errada e nós caímos na toca do coelho. Você me abraçou bem forte, pois nada era o que parecia e girando fora de controle”*. — Ergui os ombros e Rafael sentou na ponta na cama, enquanto eu estava recostada no travesseiro. Ele digitou uma mensagem breve e voltou-se para mim.

— Então, o que fazemos? Procuramos um coelho e o seguimos até um buraco? Isso é ridículo. — Parecia ainda mais ridículo quando ele falava. Suspirei, sem saber o que responder, e escolhi o silêncio para não receber mais palavras ofensivas vindas dele. Rafael levou um minuto a menos que eu para se acalmar. — Joseph disse que não sabe o que é, mas está vindo aqui. De qualquer maneira, acho que Emma deve ter entrado nos seus sonhos e no seu quarto, aparentemente, o que torna isso tudo uma coisa de família.

— Isso é ridículo. Qual o problema dessa garota comigo?

— Não faço a menor ideia. Que tal me contar o que estava fazendo com Alice? — Ele virou, encarando-me, sério, esperando que eu respondesse aquilo quando ele sabia que eu não iria.

— Não é da sua conta.

Mesmo que estivesse do outro lado do quarto, me olhando quase que com raiva, Rafael insistiu que não poderia me deixar sozinha, para o caso de eu morrer. O pai dele chegou e bateu na porta. Pelo menos era só ele, dois Hamilton já eram demais

NACIONAIS - ACHERON

para eu aguentar, além da bruxa louca.

— Sabe que isso é um feitiço, não sabe? — Ele perguntou e pendurei as pernas. Joseph abriu a maleta dele no criado-mudo e tirou um vidro com um conteúdo suspeito, entregando-me. Franzi o cenho e peguei, esperando que ele me dissesse o que era. — São ervas, vai ajudar com o que estiver sentindo.

Senti o cheiro de mato e um flash de meio segundo me lembrou que eu estivera no meio de uma floresta, mas foi tão rápido que não pude ter certeza do que poderia ter acontecido lá, vi a mim mesma correndo com um vestido branco, igual ao que acordei na casa dos Hamilton, correndo descalça e os cipós e galhos de árvores arranhando meus braços. Tampei o frasco de volta e levantei a manga da blusa até o cotovelo, vendo meus braços arranhados. Levantei a cabeça para Joseph, que me fitava de volta com o olhar compreensivo e Rafael, que aparentava estar mais nervoso do que eu.

— Eu não vou beber isso. — Entreguei o frasco de volta a Joseph. — Até que me explique o que está acontecendo.

— Na posso te explicar nada. — Ele começou,
NACIONAIS - ACHERON

pacientemente, me irritando com sua calma. — Não sei o que Emarie fez, mas até que eu possa desfazer, isso irá ajudar com os sintomas.

— Eu não vou tomar nada. Só quero que me diga o que diabos ela quer comigo ou por que estou envolvida nesse conflito familiar de vocês? Pelo que sei, eu nunca pedi para estar envolvida me nada disso, mas mesmo assim, eu estou...

— Acho que sei o que é. — Rafael se desencostou da parede e caminhou até a cama, avaliando-me com uma arrogância irritante e persistente em seu olhar. — Veneno. É claro. Você está nervosa, irritada com qualquer coisa e com tudo. Está tossindo e aposto que está com febre.

— Isso não importa. — Balancei a cabeça, me sentindo tonta, depois de tudo que ele tinha acabado de dizer, o que me deixava irritada era só o fato de ele estar certo em tudo. Pela primeira vez, comecei a pensar que ele estava mesmo certo. Talvez Emma tivesse mesmo me envenenado ou coisa pior.

— Claro que importa. Se for o que estou pensando, é melhor tomar... as ervas. Vai melhorar. — Ele se aproximou e agachou ao lado

NACIONAIS - ACHERON

da cama. O mundo inteiro estava girando, mas senti como se ele fosse uma âncora, mantendo minha sanidade enquanto eu perdia a cabeça. Ele estendeu o frasco e respirei fundo ao pegar.

Não sei quanto tempo fiquei apagada, mas estava bem escuro do lado de fora de onde quer que eu estivesse. Minha cabeça ainda estava doendo à beça, então pousei a cabeça no travesseiro, com raiva por acordar em lugares que eu não tinha dormido, mas, felizmente ou não, eu sabia que lugar era aquele.

Eu estava no quarto de Rafael, na cama dele. E ele estava de costas, do outro lado do quarto. Fechei os olhos quando ele se virou para checar se eu ainda dormia ou se ainda vivia.

— Ela vai ficar bem. — Escutei a voz de Joseph. Estava tudo tão escuro, mas eu não conseguia distinguir se ainda era noite. — Pare de olhar a cada cinco segundos, isso só o faz parecer desesperado.

— Vai continuar insistindo nisso. E eu vou continuar negando. Por que não desiste de achar que estou... apaixonado por ela? Cedrico é meu

NACIONAIS - ACHERON

irmão, e *ele* está apaixonado por ela e eu não sou do tipo que tenta roubar a garota do irmão. — Escutei o som de dedos batendo contra a madeira.

— Não é assim que funciona. — Joseph sorriu e Rafael fez o mesmo, então um livro se fechou, devagar. Prendi o ar, esperando algo que eu não sabia, talvez que Rafael dissesse que era Joseph estava enlouquecendo, mas ele não disse e eu estava quase surtando. Quase levantando e falando alguma coisa.

— Eu vou dizer como *funciona*. Não importa se tem um milhão de caras apaixonados por ela, o que importa é por quem Juliette está apaixonada. Além disso, eu sempre soube que tem alguma coisa nela que mexeu com você. Com toda essa família. Eu não sei o que é, mas sei que ela é especial para você. Pelo modo como se recusa a falar sobre isso, pelo modo como fala nela quando não quer falar e até pelo jeito como diz o nome dela. — Alguns passos e a porta se fechou. Eu não fazia ideia de qual dos dois tinha saído, então continuei deitada. Depois de um tempo acabei dormindo de novo.

Escutei o som de passos e a porta se abriu, então se fechou com tanta força que achei que sairia

NACIONAIS - ACHERON

voando:. — Merda. — Ele esbravejou e deu um soco na porta. Me movi, querendo *acordar* logo e dar o fora daquele lugar. Era tão estranho estar ali de novo, mas, santo Deus, eu queria beijá-lo mais do que qualquer coisa. Mas eu não podia, por mais que eu quisesse ou que meu coração e meus sentidos tentassem em enganar, eu não podia sair por aí beijando ele depois de tudo que tinha acontecido entre Cedrico e eu mais cedo.

Ele estava certo sobre Emma. Eu queria ficar longe porque estar com Cedrico parecia tão conveniente, tão racional e certo. Enquanto Rafael era impulsivo e levado por loucuras e rompantes. Arquejei e me sentei, com cara de quem tinha acabado de acordar. Ele parou e fitou-me, eu quase podia escutar as batidas do seu coração acelerado de onde estava e ver em seu rosto como ele estava furioso, embora ainda fosse inconstante como o inferno.

— Tudo bem? — Perguntei em tom meio sonolento, mais do que eu tinha planejado. Ele respirou algumas vezes, tentando recuperar a calma e talvez o controle.

— Tudo ótimo. E com você? Está se sentindo

NACIONAIS - ACHERON

melhor? — Joguei as pernas para fora da cama, sentindo o desconforto por ter passado a noite de jeans.

— Bem, ainda não estou acostumada em acordar aqui sem mais nem menos. — Ele sorriu de volta para mim e percebi que estava mais relaxado que antes.

— Desculpe por isso, mas não achei confiável deixá-la sozinha. Você fica comigo hoje. — Ele sentou aos pés da cama e esperei que ele respondesse. — Você já é praticamente da família e nós cuidamos uns dos outros.

— Família, é? — Sorri ainda mais. — Ninguém nunca me disse isso.

Ele respirou devagar antes de seus olhos encontrarem os meus novamente, havia certa emoção que não pude deixar de notar. Aquele brilho intenso naquele verde. Só então reparei que ele não tinha feito a barba pelos últimos dois dias; os pelos claros em seu rosto o deixavam com aparência levemente mais velha.

— Sua mãe é praticamente minha tia, eu a conheço desde que nasci. E é assim que nós somos. Cuidamos um dos outro. Se Emma vier até você, NACIONAIS - ACHERON

ela vem até todos nós. E por isso, eu seria capaz de matá-la. — Minha pele se arrepiou e fitei-o longamente, sem conseguir falar nada.

Abri a boca para fazer uma pergunta ridícula e ele se levantou.

— Vamos para a aula, vai começar em quinze minutos. — Ele pegou alguma coisa na mesa e colocou no bolso. — Não quero que saia de perto de mim, está entendendo?

— Não sei se isso é uma boa ideia, Rafael. — Fiquei de pé e achei meu celular no criado-mudo.

— Claro que não é uma boa ideia, mas é tudo que posso fazer para mantê-la segura, então, não faça nada que a machuque. Tem escovas na gaveta do armário do banheiro, fica a vontade.

Fiz o que ele disse e escovei os dentes, depois observei cada detalhe do banheiro dele. Os tons terrosos, a disposição de cada coisa. Dez marcas de loção de barbear diferentes, as vinte embalagens de escovas de dente na gaveta, várias marcas de pastas, perfumes, desodorantes. Na última gaveta tinha uma centena de camisinhas. Fechei no mesmo segundo e depois abri, revirando tudo. Lubrificante e camisinha, óleos com fragrância de flores.

NACIONAIS - ACHERON

Terminei de escovar os dentes, sabendo mais do que deveria ao invadir a privacidade dele. Olhei a hora e ainda tínhamos alguns minutos e coisas a descobrir. Usei o desodorante e perfume dele; prendi o cabelo com uma coisa elástica que achei na pia. Minha aparência até que não era tão ruim, quando me olhei no espelho, se observasse todos os acontecimentos da noite anterior. Saí de lá e encontrei Rafael sozinho na sala. Aquela casa sempre parecia vazia.

— Você demorou. — Ele resmungou enquanto mexia no celular.

— Vamos lá.

Depois de uma entediante aula de calculo, Rafael ainda estava no meu pé sem me deixar piscar por um momento, como se eu fosse uma prisioneira. Peguei meu almoço e fui sentar com Alex enquanto ele ainda me seguia. Alex estava a frente, comendo sozinho desde que eu conseguia me lembrar, e Rafael sentou do meu lado, encarando-o por dois segundos longos.

— Pensei que não se dessem muito bem. E aquela loirinha que você levou pro quarto? É Alice

NACIONAIS - ACHERON

o nome dela, não é? — Fiz cara feia para Alex, esperando que ele parasse com aquela ceninha.

— Não fale da Alice, e minha vida sexual não é da sua conta.

— É, se estiver transando com ela. — Ele gesticulou com o garfo na minha direção. Algumas cabeças se viraram, mas voltaram aos seus lugares com um olhar de Rafael.

— Alex!

— O quê? Estou te protegendo desse filho da puta que trata as mulheres que ele come que nem lixo e espera que agradeçam. — Desejei que tivesse um lugar para enfiar a cara naquele segundo, mas, ao invés disso, levantei, colocando a bolsa no ombro.

— Vocês querem lavar a roupa suja? Que seja, mas eu estou fora. — Vi Emma nos encarando do outro lado do refeitório com dezenas de pessoas em volta dela. Ela tinha uma maçã vermelha na mão esquerda, quase tão vermelha quanto seu cabelo, que comia de uma maneira sexy. Respirei fundo e Rafael levantou, me puxando pelo cotovelo. — Conversamos depois. — Disse a Alex antes de sair. — Que porra deu em você?

NACIONAIS - ACHERON

Puxei meu braço e ele continuou andando enquanto eu lutava para seguir seus passos apressados.

— Eu ia falar com você sobre isso... — Ele se virou e olhou para mim. Ele estava procurando as palavras para dizer algo e parecia sério. — Não surte. É só que, todo mundo acha que estamos... você sabe.

Franzi o cenho, incapaz de interpretar sua expressão e suas meias palavras.

— Nós, o quê? — Minha careta se transformou em um sorriso com o canto dos lábios quando finalmente entendi. Ele apoiou as mãos na cintura brevemente. — Ai, meu Deus. Era só o que me faltava. Sabe de uma coisa? Chega! Eu quero só viver a minha vida em paz sem essa merda toda. Sem você ou qualquer outro membro da sua família que esteja pronto para tentar me matar a cada cinco segundos.

— E o que vai fazer? — Ele murmurou.

— Eu vou embora. — Dei as costas e ele me fez virar, agarrando-me violentamente pelo cotovelo, me obrigando a encará-lo de uma forma que nós deixou perto demais.

NACIONAIS - ACHERON

— Você quer ir, mas não vai. Não depois de tudo que aconteceu. Você não quer ser deixada no escuro, e nem deve desperdiçar todo este poder que tem dentro de você. — Tentei me soltar, mas ele me segurou com ainda mais força.

— Sua família quer me matar, acha que eu ainda tenho que ficar por perto? Você *quer* que eu continue aqui ou quer uma bruxa para explorar?

— Eu quero que você fique, eu tenho mesmo que dizer sempre? Só que não podemos ser amigos...

— Me solta. — Disse convicta. — Me solte! — Disse mais alto.

— Escuta, você quer saber a verdade, e se for agora...

— Eu poderia viver uma vida normal, sem pessoas que eu nem conheço tentando me matar. Agora me solte. — Respirei devagar, sentindo algo implodir dentro de mim, algo que eu não conseguia controlar, muito menos perto de Rafael. Uma mistura de raiva, por ele querer que eu ficasse depois de todas as coisas que tinham acontecido, e de todos os meus sentimentos inomináveis, vertiginosos e conflitantes.

Ele fechou os olhos por menos de um segundo.
NACIONAIS - ACHERON

— Me escuta antes de pensar nessa possibilidade. — Puxei meu braço mais uma vez, daquela vez mais doloroso e Rafael me puxou, encostando meu cotovelo em seu peito.

— Me solta. — Falei mais alto, e, nem tive tempo de me virar quando os vidros das janelas do corredor inteiro explodiram, lançando sobre nós um milhão de cacos minúsculos. Caímos e senti meu corpo dolorido e os pedacinhos de vidro na minha pele. Tudo estava girando e apoiei o cotovelo no chão para me levantar e Rafael fez o mesmo, ficando de pé mais rápido que eu e estendeu a mão para me ajudar. — O que acabou de acontecer?

Ele passou o braço em torno da minha cintura, ajudando-me a ficar de pé. Virei a cabeça, com a cabeça pousada em seu ombro, tonta:. — Você acabou de ficar brava comigo. É uma manifestação natural dos seus poderes. — Não conseguia nem manter meus joelhos sem se dobrarem, então continuei perto dele, menos ainda conseguia assimilar bem o que ele estava dizendo. — Está se sentindo bem?

— Estou, é só... — Sem motivos aparentes, minha cabeça estava girando, mas fiquei de pé e
NACIONAIS - ACHERON

afastei-me dele com a mão direita em meu rosto, tentando descobrir o que tinha acabado de acontecer.

— Venha, precisa ir a enfermaria. — Assenti, até porque eu compartilhava de tal opinião. Pior para mim, eu não conseguia ficar de pé direito, então aceitei o braço de Rafael em torno de mim até a sala da enfermaria. Ele bateu e empurrou a porta. A enfermeira se levantou quando me viu e foi até mim.

— Meu Deus, o que houve com você? — Ele me ajudou a sentar numa maca e deu uma olhada na minha testa. — Vamos tirar esses cacos.

— A janela quebrou do nosso lado, não sei o que foi. — Rafael cruzou os braços. A enfermeira lançou-lhe um olhar duvidoso e retirou o estilhaço de vidro da minha testa e colocou numa bandeja, depois se voltou para minha mão.

— Sabem que tenho que tornar a diretora ciente disso. — Rafael assentiu, aproximando-se para ver o que ela estava fazendo.

— Eu entendo, mas não sabemos como aconteceu. — Ele ergueu os ombros e a enfermeira tirou os estilhaços da minha mão e colocou um
NACIONAIS - ACHERON

band-aid na minha testa, depois pegou um comprimido e me deu com água num copo descartável, depois fez um curativo na palma da minha mão esquerda, onde tinha um corte diagonal de uns três centímetros, embora não parecesse ruim, doía.

— Melhor? — Assenti, ainda sentindo-me um pouco tonta, sem acreditar no que Rafael tinha me dito e se aquilo tinha mesmo acontecido. — Vou falar com a diretora, vão até a sala dela agora mesmo. — Ela retirou as luvas e Rafael me ajudou a levantar. Saímos da sala e caminhei ainda tonta, mas voltando a mim mesma aos poucos enquanto andava pelos corredores.

Enquanto Rafael parecia não estar ao meu lado, e sim perdido em algum pensamento, ou algum lugar que eu não conseguia acessar. Sua mente parecia perdida enquanto ele apenas olhava para sua frente e eu olhava para ele. Foi a mais estranha em que estive com ele, sem ironia ou sem seu charme quase inocente. Chegamos a porta e ele bateu, finalmente me olhando por um segundo antes de entrarmos. A diretora era uma mulher que transmitia uma imagem firme que quem não

NACIONAIS - ACHERON

parecia admitir nenhum tipo de coisa errada em sua escola. Com olhos verdes e cabelos castanhos, ela vestia blusa social e saia preta, atrás de sua mesa repleta de papéis bem organizados em pilhas.

— Sentem-se. — Ela gesticulou e nos sentamos. Mordi o lábio, meio nervosa, pensando se não seria uma boa sair daquela escola, mas eu não sabia se seria a melhor ideia, mesmo tendo dito a Rafael, sair do colégio significava voltar a Nova York e, conseqüentemente, me afastar da minha mãe, que eu nem tinha conhecido direito. — O que aconteceu? E por que sempre que algo vocês são os envolvidos?

— Isso não posso te explicar. — Rafael começou, inclinando-se na cadeira —, mas posso dizer que não faço a menor ideia do que aconteceu. O vidro simplesmente... quebrou.

— Concorda com esta versão, Srta. Hohenfels? — Ela olhou para mim e entreabri os lábios, sem demonstrar hesitação.

— Sim. — Assenti, demonstrando veemência em minhas palavras. A diretora uniu os dedos.

— Claro, foi só isso? — Assenti outra vez, assim como Rafael. — Podem ir.

NACIONAIS - ACHERON

Levantei e Rafael passou por mim, abrindo a porta e saímos. Ela parecia puto com alguma coisa, mas senti que não deveria perguntar, então fiquei quieta, procurando por que corredor deveria seguir para achar o meu quarto. Olhei para os dois lados no corredor e Rafael me puxou pelo cotovelo, mas ao contrário de antes, ele soltou quando me virei.

— Espera, será que podemos conversar? — Ele sussurrou e respirei devagar, tentando controlar minha respiração e os batimentos no meu coração. Assenti.

— Podemos. Eu não entendi nada do que aconteceu, na verdade. — Coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Eu sei, é uma loucura. — Ele deu um sorriso com o canto dos lábios e todos os pelos do meu corpo se eriçaram. — Sempre foi, mas sei o quão diferente deve ser para você. Eu e meus irmãos crescemos desse jeito, mas você foi jogada nessa loucura toda. Só peço que tenha calma em entender tudo isso. — Ele deu um passo a frente. — Não julgue nada nem ninguém tão rápido, nada é preto no branco como costumava ser.

— Acho que Ems está tramando alguma coisa. — Alice me cutucou com o lápis durante a aula de inglês. Rabisquei algumas coisas, escutando-a sem me virar. — Fiquei preocupada com você ontem. Rafael me disse o que aconteceu sobre Emarie e sonhos.

— Por que se preocupou comigo? — Virei parcialmente a cabeça para a esquerda e olhei Alice com o canto dos olhos. Ela estava com os cotovelos na mesa, inclinada enquanto sussurrava.

— Não quero que nada disso aconteça. Escuta...

— Conversamos depois da aula. Já que quer ajudar, eu tenho algumas perguntas e não sei se alguém mais vai me responder. — Ela relaxou os ombros e recostou-se na cadeira. Parecia meio desconfortável.

— Acho que tem o direito de saber já que a Emma surtou de vez. Vamos tomar um café no centro. Às quatro e meia.

Mais do que você sabe^[16]

Entrei no café e o sino tocou acima da porta. Sentei no banco de couro do canto e pedi um café esperando impaciente por Alice. Muito mais que impaciente. Ela chegou dois minutos depois, estranhamente séria, e se sentou a minha frente. Alice pediu um café forte e suspirou, jogando um caderno com capa de couro em minha direção.

— Boa tarde para você também. O que é isso?

— É o diário da minha mãe. Estava selado com magia, mas consegui abrir hoje. Tudo com o feitiço certo. — Tamborilei os dedos na capa e encarei com os lábios entreabertos.

— Alice, não deveríamos...

— Eu sei. Privacidade e tudo, mas, é a única chance que eu tenho para deter Emarie antes que

ela machuque alguém que eu amo. — Ela puxou o diário, folheando-o, e abriu numa página, estendendo-o para mim. — Isso aqui. Fez-me ter certeza de que Frederick é o meu pai. Por favor, não surte, apenas escute. — Eu estava boquiaberta de uma maneira estranha.

Não conseguia reagir ou enlouquecer, gritar com ela e dizer o quanto Alice deveria estar louca em me dizer uma coisa daquelas, mas aquilo me paralisou de tal maneira que só consegui assentir.

— Estou escutando.

— Eu estive procurando por este diário há meses. Por uma prova de que eu tenho alguma ligação com ele. Minha mãe conheceu meu pai alguns meses depois que Emma nasceu e o pai dela morreu. Mas ela nunca me disse quem era o meu pai, ela me disse que ele também tinha morrido, no entanto, você já deve ter percebido que esta família é constituída, principalmente, de mentiras. E não foi diferente comigo. Daí passei a investigar o que realmente tinha acontecido, mas parei quando Emma me esfaqueou. — Pude sentir a dor de seus sentimentos despedaçados pela irmã em seu tom sufocado e sua pausa mais longa que o habitual. —
NACIONAIS - ACHERON

Depois que saí do hospital, fiquei uns dias na casa de Elena e ela me contou que não sabia muito sobre meu pai, mas que ele vivia em Nova York antes de sofrer um acidente.

“Isso foi três meses antes de você chegar. Juliette, eu senti uma conexão muito estranha quando nos vimos pela primeira vez. Quando Cedrico me pediu ajudar para quebrar o círculo e salvá-la das loucuras da nossa família que pensava que estava ajudando mais que causando mal. Foi algo parecido com a conexão que sinto com minha família, mas não consegui contar a ninguém porque não queria parecer louca com a garota nova. Mas eu contei à Rafael, a única pessoa em que eu confio de verdade, e a que não faria nada para me parar no que estou procurando. É claro que ele não sabia de nada, porque só tinha dois anos quando tudo isso aconteceu, mas ele roubou isso da minha mãe, depois me ajudou a quebrar o feitiço. E, por mais louco que seja... eu tenho quase certeza que sou tia e sei como tirar Friedrich do mundo prisão, mas preciso de uma conexão com a família dele.

Ela terminou de falar e continuei estática, encarando-a sem ser capaz de dizer qualquer coisa.

NACIONAIS - ACHERON

Enfim, respirei e relaxei os ombros.

— Mas... por que não pediu ajuda a Jon? Ele, sim, é um bruxo, eu nunca fiz magia na minha vida, nem sei por onde começar. — Ela tomou um gole do café, com calma e mordeu o lábio.

— Não precisa. Só preciso de uma conexão forte com ele e uma com o lado que ele está, além de canalizar de você. Sei que posso estar pedindo demais, e sei que não tem motivos para confiar em mim, mas você tem motivos o suficiente para me ajudar a tirá-lo de lá, então pense a respeito. — Ela uniu as mãos, mais nervosa não poderia estar.

— Olha, Alice, eu tenho os meus motivos para ajudá-la. Tenho todos os motivos, mas também tenho motivos que me impedem de fazê-lo. Friedrich e Jon... — Meu celular tocou e interrompi-me, vendo que era Alex. — Preciso atender.

Alice assentiu, apreensiva e me levantei, indo até um canto onde entrei no banheiro vazio, apoiando-me no mármore, tremendo e nervosa para responder qualquer interrogatório dele.

— Juliette, por onde esteve? Estava te ligando desde ontem à noite. — Tentei lembrar o que tinha

NACIONAIS - ACHERON

acontecido para eu não ter retornado as chamadas dele. Claro.

Rafael, como sempre. Depois do que tinha acontecido no meio do corredor, me senti cansada demais para ter aquela conversa.

— Desculpe por não ter retornado suas ligações. É que estou uma bagunça agora, Alex.

— Julie. — Ele mudou o tom para algo mais calmo. — Estou preocupado com você. Estou preocupado com tudo sobre você e a coisa estranha com os Hamilton, além de serem esquisitos parecem perigosos para você. Você pode, por favor, ficar longe deles e se manter viva até que possamos conversar na hora do jantar?

— Alex, você não entende. — Arquejei e apoiei o quadril no mármore da pia, enfiando o rosto na mão direita por um segundo. — É mais louco do que eu posso te contar, mas eu estou bem. Sei que estava preocupado...

— Mais que isso. — Ele aumentou o tom de voz. — Você anda estranha, se machucou várias vezes e agora tem um curativo na sua testa. Além de outros acontecimentos que merecem serem lembrados. Julie.

NACIONAIS - ACHERON

— Foi só um acidente. Além disso, depois que minha mãe apareceu, tenho estado confusa sobre muitas coisas. Só preciso de tempo para voltar a ser quem eu costumava. Prometo.

— De qualquer maneira, vamos conversar hoje a noite. Se não vier até mim, eu vou até você.

Ele desligou e olhei estática por vários momentos para a tela desligada do celular até perceber que estava ligada e tocando outra vez. Daquela era Jon. Insistente para que eu o atendesse e percebi que cedo ou tarde teria que fazê-lo e lidar com aquilo.

— Oi.

— Precisamos conversar. Estou no aeroporto, indo para Salém. — A notícia me pegou mais desprevenida do que pensei que poderia estar àquela altura.

— Não temos nada de especial para conversar.
— Além do fato de ele ser um assassino, mas nada especial até então.

— Ah, nós temos. Percebi que passo algum tempo com a sua mãe e os Hamilton e não gosto do modo deles de ver as coisas, então chegarei em Salém em, aproximadamente, uma hora. Esteja no colégio. Também quero uma explicação para
NACIONAIS - ACHERON

aquele e-mail que me mandou hoje mais cedo. — Tudo estava girando tão fora de controle que eu demorava mais tempo que o necessário para conectar o que ele estava dizendo. Levantei a cabeça e mordi o lábio, concentrando-me.

— Está bem, eu estarei no colégio, temos mesmo o que conversar.

O número de Izabel seria útil. Procurei o número dela nos contatos e achei que ela não atenderia depois de sete toques, sentindo meu coração bater mais forte a cada pausa.

— Juliette, está tudo bem?

— Acho que sim. Jon está vindo para cá. Na verdade, eu não sei por que liguei, só que não sei como encará-lo. — Soltei o ar em meus pulmões e Izabel demorou três segundos para responder.

— O que ele disse que vem fazer aqui?

— Ele disse algo sobre não gostar de como os Hamilton veem as coisas. Eu estou nervosa, nem sei como olhar para ele depois do que Elena me disse. E me desculpe se estou te atrapalhando...

— Na verdade, ainda estou no trabalho, mas isso não significa que esteja me atrapalhando. Saio em
NACIONAIS - ACHERON

cinco minutos, me encontre no café ao lado do meu hotel. — Escutei o som de um telefone tocando e alguém a chamando. — Preciso desligar. Por favor, me espere lá.

Ela só desligou quando eu disse que estaria lá, mas além dos problemas em ter que encarar Jon, as coisas que Alice tinha me dito tinham me perturbado, além de eu não conseguir tirar Rafael da cabeça, mesmo contra minha vontade. Eu não queria pensar nele, nem estar mais com ele. Queria pensar mais em Cedrico daquela maneira involuntária, mas não conseguia com tanta espontaneidade. Joguei uma água no rosto antes de voltar à mesa.

— Eu preciso ir. Jon está vindo para cá. — Ela levantou e pegou a bolsa, abrindo a carteira.

— Você está tremendo. — Ela disse, fitando-me ao pagar a conta.

— Eu pago.

— Não precisa. Venha, eu te deixo lá. — Peguei minha bolsa e o diário da mãe de Alice que ela tinha deixado sobre a mesa.

— Não precisa, eu posso dirigir. — Saímos do café e procurei as chaves no bolso, sem nem
NACIONAIS - ACHERON

lembrar onde estava meu celular quando ele tocou pela terceira vez. Não atendei, incapaz de falar com mais alguém e começou a vibrar de novo, sendo ignorado, finalmente achei as chaves. Alice tomou-as de mim e olhei-a, surpresa.

— Você não está em condições de dirigir, Juliette. Eu te deixo no hotel dela. — Seu tom de voz era enfático e soltei, entrando no carro, coloquei o cinto e permiti que Alice que levasse até minha mãe. O celular tocou pela quinta vez na minha bolsa e peguei-o, irritada pela insistência.

Estranhamente, era Rafael.

— Oi.

— Juliette, preciso que venha para o colégio imediatamente. Eu tive uma visão de Emma fazendo um feitiço, e...

— Não posso ir para o colégio agora, preciso falar com a minha mãe e Jon estará aqui em uma hora. — Finalmente me acalmei para conseguir falar sobre aquilo.

— Não vá encontrá-la, vocês podem se falar depois. Pelo amor de Deus. — Respirei devagar, tentando decidir o que era mais importante. Pelo tom de Rafael, ele parecia mais do que
NACIONAIS - ACHERON

desesperado. Soltei o ar preso em meus pulmões.

— Tudo bem, estou indo. — Desliguei e Alice me olhou, esperando que eu dissesse para onde estávamos indo. — Vamos para o colégio, Rafael disse teve uma visão... ou algo assim.

— Parece sério se ele ligou. — Ela voltou os olhos para a rua, mas sentia sua atenção sobre mim, esperando que eu confirmasse ou negasse o que ela tinha acabado de dizer, mas permaneci em silêncio e percebi que estávamos paradas no sinal.

— Posso fazer uma pergunta meio pessoal? — Ela se virou. — Não precisa responder se estiver me achando enxerida, mas eu quero mesmo saber no que estou me metendo.

— Pergunte.

— Naquela noite em que estávamos na sala da Elena, Rafael disse que você tinha uma quedinha por Cedrico, e no quarto de Alex, vocês pareciam próximos. Qual é a sua relação com os dois?

Ela saiu do lugar, fez uma curva e desviou os olhos antes de falar.

— É complicado, mas posso te assegurar que Cedrico e eu jamais nos envolvemos afetivamente. — Ela olhou para mim por breve instantes para
NACIONAIS - ACHERON

reforçar o que estava dizendo. — E sobre Rafael, aquilo não foi nada. Somos amigos há muito tempo, quase como se fôssemos irmãos. Envolver-me com ele parece quase... errado. Mas isso não tem a ver comigo. — Ela fez outra curva fechada, devagar. Não tinha ninguém quando entramos na estrada que levava a escola. Pensei em ligar para Izabel e falar que nos veríamos depois, mas aquilo provavelmente inibiria Alice a voltar ao assunto.

— Eu sei. Você deve pensar como sua irmã. — Ela olhou para mim com os olhos levemente arregalados. — Que eu estou brincando com eles, ou algo assim. Eu juro...

— Não precisa me jurar nada, só que não vai fazê-los sofrer. Nenhum deles. — Ela se virou novamente e ficou em silêncio. Peguei o celular e mandei uma mensagem para Izabel.

Não posso te encontrar agora. Preciso voltar para o colégio. Desculpe. Podemos nos ver amanhã?

Ela respondeu imediatamente, dizendo que estava tudo bem. Alice ficou quieta pelo restante do trajeto e me jogou as chaves quando parou em NACIONAIS - ACHERON

frente a escola. Não parecia irritada, só pensativa.

— Desculpe se te irritei com minhas perguntas.

— Ela subiu dois degraus e andei mais rápido, alcançando-a.

— Não, tudo bem. Só estou preocupada com o fato de Rafael ter visto algo sobre Emarie. — Entramos no saguão e Rafael mandou uma mensagem no exato momento em que eu ia fazer o mesmo para saber onde ele estava. Alice me seguiu, meio taciturna, pelos longos corredores até o refeitório. Repentinamente, lembrei que era provável que Alex estivesse lá e eu queria evitar um pouco mais o drama. Pelo menos até o dia seguinte ou até conseguir me livrar de Jon, mas quando olhei através do vidro da porta, ele está lá com Cassandra.

De costas, mas era impossível falar com Rafael sem que ele me visse. Coloquei a mão na porta e hesitei, enfiei o celular no bolso e Alice passou por mim.

— Não faça tanto drama. Vamos lá. — Abri a boca para protestar, mas quando vi, já estava andando por ele. Meu estômago roncou, lembrando-me que eu tinha tomado só café e

NACIONAIS - ACHERON

almoçado uma quantidade miserável de comida, de acordo com meu humor. Passei o braço pela barriga e me sentei ao lado de Rafael, mais perto do que eu tinha previsto e Alex me encarou do outro lado da mesa.

Na verdade, ele me fuzilou e quase pude sentir como queimava.

— Quero que fique perto de mim. — Ele murmurou e acho que nem Alice escutou. Ela cruzou os braços, de pé a minha frente.

— Vou na casa da mamãe. — O olhar dela pareceu significar um milhão de coisas quando Rafael assentiu e ela saiu. Rafael se voltou para mim e me afastei alguns centímetros, embaraçada com a proximidade.

— Não fique mais longe de mim. Não sei o que Emarie está tramando, mas não quero esperar para ver. — Respirei devagar.

— Onde Cedrico está? Eu não o tenho visto há dias. — Rafael pareceu se irritar, mas respirou fundo e desviou o olhar.

— Ele está... cuidando de Emarie, digamos assim. — Ele comeu uma batata frita e revirei os olhos, afastando-me ainda mais, com os braços

NACIONAIS - ACHERON

cruzados como uma criança birrenta.

— O que quer dizer com isso? — Ele não parecia estar afim de explicar, mas encarei-o por um longo minuto e ele finalmente resolveu falar.

— Não se preocupe com seu namoradinho, ele sabe que estamos próximos...

— Não estamos!

— ... Por um bem maior. Que é protegê-la, então, Cedrico se ausentou por uns dias para cuidar do pequeno problema que Emarie tem criado. — Ele mexeu nas batatas e minha voz diminuiu.

— Ele teria me dito. — Rafael sorriu e fitei-o duramente, mas meu coração estava batendo mais rápido, sendo diluído por aquele sorriso torto.

— Ele não quis falar com você. Na verdade, Cedrico é um cara à moda antiga. Ele ficou irritado com o fato de nos beijarmos repetidas vezes nos ensaios da peça, e depois, na apresentação. Na frente de todo mundo. — Ele mudou o tom de sarcástico para compreensivo antes de continuar:. — Tivemos uma conversa bem franca antes de ele ir para a casa de Rose. Sobre você.

— Sobre mim? — Tentei soar o mais surpresa possível, mas eu sabia que tinha se tornado algo
NACIONAIS - ACHERON

maior do que eu desde que escutei a conversa de Rafael e Joseph. De certa maneira, me perturbava, mas eu não conseguia encontrar uma maneira de resolver o conflito. Se é que existia algum fora da minha cabeça.

— Sim. Ele perguntou se tenho algum interesse em você. — Ele inclinou a cabeça para a esquerda, sutilmente, encarando-me a ponto de me deixar constrangida. Mesmo assim, engoli meu nervosismo.

— E você tem?

— Na verdade, ele tem e não serei eu a entrar no caminho. — Ele se afastou e permaneci imóvel.

— Eu vou comer alguma coisa. — Levantei e fui até onde era servido o jantar. Verifiquei às horas no relógio de parede, 18h13, e peguei uma bandeja, sentindo como se tivesse algo vivo dentro de mim.

— Está me evitando. — Quase deixei a bandeja cair sob o som daquela voz. Virei devagar e segurei a bandeja com mais força, sem encará-lo diretamente.

— Não estou. — Alex segurou meu cotovelo, sutilmente, e me fez girar.

— Quero que me diga a verdade sobre o que está

NACIONAIS - ACHERON

acontecendo. Na verdade, não aceitarei nada menos que a verdade. — Ele me encarou, intensamente e relaxei, voltando minha atenção para a comida.

— Eu vou falar o que quiser saber, mas estou morrendo de fome agora. — Ele relaxou a postura e pus suco de laranja na bandeja, encarando-o.

— Você pode me falar o que ta acontecendo enquanto come. — Respirei fundo, dando-me conta que teria que inventar alguma coisa. E muito rápido.

Caminhei na frente de Alex, agarrando a bandeja com tanta força que poderia ser a minha vida. Rafael revirou os olhos discretamente e virou a cara para Alex. Sentei do outro lado da mesa redonda e mexi nos legumes antes de começar devorar a carne, ignorando a existência, e as perguntas, de Alex. Ele estava sentado do meu lado e Rafael a minha frente.

— Juliette. — Levantei os olhos para Alex. — Podemos conversar em particular pela porra de um segundo?

— Ela não vai. — Rafael entrevistou e nós dois olhamos para ele.

NACIONAIS - ACHERON

— Isso é ridículo. — Alex balançou a cabeça e olhei para ele.

— Rafael, por favor. — Suspirei e empurrei a bandeja para longe de mim. — Eu vou falar com Alex. Eu volto.

— Não, você não vai, porque não tem nada para falar com ele. — De repente, eu entendi por que ele estava agindo daquela maneira. Ele sabia, de alguma maneira, sobrenatural ou não, o que Alex queria dizer, e ele estava preocupado com o que eu poderia falar sobre a família dele. Claro.

— Rafael. — Forcei um sorriso. — Fica calmo. Só preciso explicar umas coisas para o Alex. — Ele me deu aquele olhar intenso que fazia minha pele formigar e meu coração bater tão rápido que eu tinha a breve impressão de que ele podia escutar. Alex pigarreou, ainda mais irritado e saí do meu transe.

— Juliette, você pode me explicar o que esse filho da puta tem a ver com você. Ou melhor, por que você está permitindo que ele se meta na sua vida?

— Não é da sua conta. — Rafael falou antes de mim, e voltei-me para ele. — Olha o que vai dizer.

NACIONAIS - ACHERON

Alex se virou para ele, enfurecido.

— Eu não sei quem você pensa que é, ou o que pensa que está fazendo com ela, mas eu vou descobrir. — Seu tom foi ameaçador demais para Rafael responder no mesmo segundo e intervi antes que aquilo se tornasse algo maior.

Levantei e segurei Alex pelo braço.

— Vamos. — Ele levantou e não soltei-o, mas ele ainda olhava para Rafael. Longos segundos depois, ele se voltou para mim.

— Eu sei que está meio frágil, mas não se deixe levar por esse idiota. — Ele se soltou, encarando-me, seu olhar pesado sobre o meu.

— Podemos conversar fora daqui? — Murmurei, já meio irritada e emotiva.

Ele maneou a cabeça e caminhamos até a saída. No corredor, ele andou na frente, não me dando muito espaço para falar. Passei os braços em torno de mim mesma.

— Sei que deve estar chateado. — Ele diminuiu o passo e virou. — E agradeço a preocupação, mas isso é algo que foge ao meu controle. Envolve Rafael, Cass e a família deles. E espero que me entenda...

NACIONAIS - ACHERON

— Jules, só estou tentando cuidar de você. — Ele se aproximou. — Só me diga o que há de errado com eles. Pelo amor de Deus, Cassandra é minha namorada. Me conta. — Ele franziu o cenho e hesitei, apoiando-me no joelho direito.

— Eu não posso, Alex. Eu queria, mas isso não tem haver só comigo.

— Mas você está envolvida. Não vou mais insistir, porque sei que quando coloca algo na cabeça ninguém consegue tirar, mas vou te dizer uma coisa. Como seu melhor amigo. Fique longe de Rafael. Eu gostaria que Jon estivesse aqui para te dar umas palmadas.

— Agora eu estou. — Vi Jon surgir de detrás dele. Ele ajeitou o sobretudo e se aproximou. Senti um frio na barriga, não de ansiedade ou de saudades, mas de raiva pelo que eu sabia que ele tinha feito. Não disse nada, permaneci estática, com os braços em torno da barriga. A ânsia de vomito embrulhava meu estômago. Jon sorriu, cinicamente. — O que está havendo entre vocês? Achei que fossem melhores amigos.

— Nós somos. Foi só um desentendimento. — Falei hesitantemente.

NACIONAIS - ACHERON

— Mesmo? — Jon levantou os olhos para Alex, que estava ao meu lado, depois um passo a minha frente.

— Eu estou preocupado com a Julies, só isso. O que faz aqui?

— Temos algumas coisas em comum. Também estou preocupado com ela. Venha, vamos jantar.

— Eu já jantei.

— Você mal comeu. — Fuzilei Alex com o olhar e respirei devagar.

— Só se minha mãe puder ir.

— Vocês parecem ter ficado intimas em pouco tempo. — Ergui os ombros. — Claro que ela pode vir. Você também, Alex, sabe que é da família.

— Não, obrigada. Preciso resolver algumas coisas com a minha namorada. — Alex se virou para sair e ofereceu um sorriso. — E você com o seu. Ele está esperando.

— *Ele* não é meu namorado. — Alex saiu, ignorando-me e Jon andou até mim, ainda fitando-me constrangedoramente.

— Vamos lá, convide Izabel para jantar conosco. Eu tenho novidades.

Inventei uma desculpa e fui para o quarto,
NACIONAIS - ACHERON

dizendo que precisava de um banho. No entanto, Jon me seguiu e ficou sentado na cadeira da escrivaninha enquanto eu pegava uma roupa, nervosa. Peguei o celular, observando que ele parecia distraído no dele, e mandei uma mensagem para Rafael.

Jon quer que eu vá jantar com ele. Nos vemos amanhã.

Saia daí. Não confio nele.

Nem eu, mas não posso dizer que não estou afim, ele vai querer saber por quê e não quero envolver sua mãe nisso. Além disso, sugeri que Izabel deveria ir.

Ótimo. Você ficará segura com ela.

Não soube exatamente o que deveria responder e a voz de Jon atrás de mim me tirou a concentração.

— Vista algo bonito. Um vestido, por exemplo.
— Assenti e percebi que tinha feito uma bagunça nas roupas, quando o que eu ia pegar estava

NACIONAIS - ACHERON

praticamente na minha mão.

— Está frio. — Disse ao pegar jeans e uma camisa cinza escura de mangas e decote em V. Tomei o banho bem rápido e me enfiei na roupa. Saí do banheiro e me enfiei num sobretudo, morrendo de frio.

Andei ao lado de Jon em silêncio até o carro enquanto ele falava que tinha uma surpresa. Entrei no carro, ainda quieta e comecei a responder as perguntas dele sobre a escola automaticamente.

— O que Alex quis dizer com aquilo? — Eu sabia o que era, mas fiquei olhando para as mãos, mexendo nas unhas antes de responder.

— Nada. Foi só uma piada idiota dele.

— Juliette, olhe para mim. — Fiz o que ele disse. — Eu vim para cá por sua causa. Quero participar mais da sua vida e ver sua peça. Quero saber tudo o que está acontecendo, e por mim tudo bem se Izabel fizer parte disso. Só quero que fique longe dos Hamilton. De todos eles. Inclusive Cedrico. — Pisquei aturdida, encarando-o, mas ele já não olhava para mim.

— Cedrico não tem nada a ver com isso. — Abaixei a cabeça e Jon estacionou do lado esquerdo

NACIONAIS - ACHERON

da rua, na frente de um restaurante e nos encaramos por dois segundos.

— Isso significa que não estão mais saindo?

— Jon...

— Juliette, fique longe daquela família. Eu falo sério.

A família que você destruiu.

Demorei algum tempo para conseguir respirar e me acalmar para não falar algumas coisas na cara dele. Izabel estava lá, sentada, perfeitamente ereta quando me sentei ao lado dela, com um sorriso torto e Jon se sentou a frente.

— Boa noite. — Ela deu um sorriso forçado.

— Bela noite, Izabel. — Me perguntava como ela conseguia encará-lo depois de tudo que ele tinha feito contra ela e também contra mim. E como eu conseguia suportar aquilo, ansiosa pela hora que eu jogaria tudo aquilo na cara dele, como não suportava nem olhá-lo.

— Por que a felicidade? Se posso perguntar. — Izabel uniu as mãos graciosamente, e me dei conta que estava tão cega que nem me dei conta do que Jon estava falando no caminho.

— Claro que pode. Na verdade, temo que
NACIONAIS - ACHERON

passaremos mais tempo juntos. Eu comprei um apartamento e estou vindo morar aqui. Pelo menos até o ano que vem. Claro que terei de viajar constantemente, mas terei mais tempo com a minha adorável filha. Ela precisa de mim depois de tudo.

— Claro que precisa. — Izabel murmurou, neutra e o garçom nos entregou o cardápio. Queria comer algo com carne, ainda com fome depois de deixar o jantar pela metade no colégio.

— É só por isso que está vindo morar aqui? — Tomei um gole de água e Jon fitou-me. — Você disse que não gostava do modo como os Hamilton viam as coisas, pelo telefone. E quando chegou disse que não me queria perto deles, isso tem alguma coisa a ver com sua mudança repentina?

— Eu já deixei claro o que vim fazer aqui. — Ele falou mais sério. — Você não é uma criança, mas não vou ir e permitir que faça o que quiser, muito menos comigo por aqui.

— Se tem, quero deixar uma coisa clara. — Não me deixei intimidar por ele. — Quero que fique claro que não vou mudar minha vida, nem fazer modificações para acomodá-lo.

— Nunca esperei menos de você. — Ele se
NACIONAIS - ACHERON

recostou na cadeira e pegou o menu. — Porém, quero que se lembre que ainda sou seu pai e posso proibi-la o que eu bem entender.

Sorri cinicamente e pousei a taça com água na mesa.

— Faz um longo tempo desde que você mandava em mim. — Ele me olhou com raiva.

— Acalmem-se. — Izabel interview e Jon desviou o olhar para ela.

— Claro. Estou perfeitamente calmo, no entanto não admitirei afrontas suas. — Ele me fuzilou com os olhos.

— Por favor, estamos num restaurante cheio de gente. Será que podemos nos comportar por hoje?

— Por mim tudo bem. — Peguei o cardápio, mas sabia que Jon ainda me observava. Por trás de todas as minhas palavras, eu estava nervosa. Jon tinha percebido que eu estava diferente com ele e depois eu não saberia como lidar com aquilo tudo. A verdade era que eu queria cair fora dali o mais rápido possível, ou poder conversar com Izabel, mas não podia dizer a Jon que estava caindo fora ou qualquer coisa assim.

Terminamos de jantar em silêncio, não antes de
NACIONAIS - ACHERON

Jon se desculpar por ter se exaltado. Eu disse que estava tudo bem, mas não estava. Izabel insistiu em me deixar no colégio e Jon me entregou a chave e o endereço do apartamento novo.

Em seus sonhos mais selvagens^[17]

Empurrei a porta do quarto caindo de sono e tirei a blusa no escuro. Fui até o banheiro no escuro e escovei os dentes com os olhos quase fechando, depois tirei a calça e vesti um short, ainda blusa, procurando onde estava a camisa.

— Achei que voltaria mais cedo. — Dei um pulo para trás na penumbra, completamente alerta e pude distinguir, pela luz que entrava pela janela, os contornos de Rafael na minha cama.

— Puta que pariu! O que está fazendo aqui? — Cobri-me com os braços, mesmo que ele não pudesse me ver e que eu não estivesse nua. Acalmei-me e peguei minha blusa de volta na cama, enfiando-a antes que ele pudesse responder. — O que está fazendo no meu quarto?

— Quis verificar se estava tudo bem, não fique brava por isso. — Ele falou mais baixo que o normal e meu coração se acalmou.

— Eu não estou. — Ele estava sentado horizontalmente com as costas apoiadas na parede. Rafael acendeu o abajur, mas não iluminou muito. Sentei ao lado dele, quase de frente e fitei-o.

— Eu deveria ir. Temos um ensaio amanhã. Decorou suas falas? — Entreabri os lábios. Aparentemente, ele não queria falar sobre nossa conversa do refeitório, por isso mudou de assunto.

— Acho que sim. Talvez eu precise ensaiar mais um pouco. — Apaguei a luz no momento em que ele se levantou e puxou o cobertor, colocando sobre mim quando deitei. Seus dedos tocaram meu ombro sutilmente e ele se afastou no mesmo segundo.

— Bons sonhos.

— Eu não tenho sonhos bons, lembra? — Sussurrei baixo demais.

— Eu posso ajudar com isso. — Vi-o sorrir sob a luz prateada da lua. Rafael deu as costas e se foi.

Acordei cedo, ainda sorrindo e sentindo minha pele formigar, embora fosse só o frio que entrava pela

NACIONAIS - ACHERON

janela aberta. Fechei-a e voltei para a cama, com preguiça, enquanto ainda era cedo. Meu celular vibrou em cima da escrivaninha e peguei, achando que era Rafael, mas era Cedrico.

— Oi. — Ele parecia bem-humorado, mas eu não.

— Oi.

— Tudo bem? — Sentei na cama.

— Você desapareceu e nem se deu ao trabalho de me ligar, mas talvez achasse que eu não precisava saber. — Falei, calma. Mais do que achei que pudesse conseguir.

— Eu sei, me desculpe por isso. Mas fiquei puto com você e Rafael naquela peça. Além disso, ele deve ter dito que estou com Rose tentando localizar Emarie e detê-la. Não sei quando estarei de volta, mas quero vê-la atuar. — Ele sorriu e meu coração derreteu.

— Eu quero que você venha. — Conversamos por mais dois minutos, depois desliguei e fiquei deitada, vendo a chuva que caía.

Lembrei de Rafael ter estado no meu quarto na noite anterior, do sonho que eu tive. Estar numa floresta, mas não era fria nem sombria como as
NACIONAIS - ACHERON

outras. Era viva. Cheia de flores e plantas e um lago lindo, assim como o sol e o céu tingido de laranja. Balancei a cabeça, tentando tirar o outro irmão de lá, assim como do meu coração, que batia tão forte quando estávamos perto, que podia explodir. Fiquei deitada até às sete, depois fui tomar um longo banho quente.

Coloquei um vestido vermelho leve antes de ir tomar café. Meu cabelo estava molhado e joguei-o por cima do ombro, no refeitório, pegando um suco de laranja e ovos mexidos com bacon. Tinha colocado botas e não vi nenhum dos Hamilton no refeitório, o que já era mais ou menos bom. Menos aventura e mais de uma vida normal. Sentei ao lado de Alex, ciente que ele ainda devia estar bravo comigo.

— Bom dia. — Dei uma garfada nos ovos e Alex fitou-me, obviamente estranhando meu sorriso.

— Você parece feliz.

— Eu estou. — Bebi um gole do suco e ele se virou, voltando sua atenção totalmente para mim.

— O que fez com minha amiga deprimida de ontem? — Ele estava sério.

— Acordei feliz hoje. Vamos lá, Alex. Seremos NACIONAIS - ACHERON

só eu e você hoje, sem os Hamilton. Só na aula de teatro. — Ele ainda me olhava estranho quando meu celular tocou. Revirei a bolsa em cima da mesa e Alex ficou me encarando. Achei o celular e vi que era Rafael.

— Sem os Hamiltons? — Meus lábios se entreabriram e deslizei o botão de desligar.

— É. — Voltei-me para ele. — Sem nenhum deles. Isso inclui sua namoradinha.

— Fechado.

— Eu tenho aula de ocultismo agora, depois vamos almoçar na cidade. — Levantei e afaguei seus cabelos antes de sair, rezando para que as coisas saíssem, ao menos daquela vez, como o planejado.

Elena estava com uma pilha de papéis e livros e peguei alguns dela, ajudando-a levá-los até a sala.

— O que vamos aprender hoje?

— Nada do que eu gostaria de ensinar. — Ela sorriu e fez o mesmo, empurrando a porta da sala de ocultismo. — Acho que uma introdução ao latim seria uma boa.

Virei e me deparei com Rafael agarrando uma

NACIONAIS - ACHERON

garota num canto da sala. Meus lábios se entreabriram no mesmo segundo e fiquei sem saber como reagir. Eu certamente parecia idiota encarando-os, mas me vi estática diante da cena. A garota estava em cima da mesa, com a perna esquerda envolvendo o quadril dele e a mão direita de Rafael estava por baixo de seu vestido, e a esquerda em suas costas.

— Não sabia que chegaria tão cedo. — Ele deu um sorriso presunçoso, que teria me derretido no dia anterior, mas que naquele momento só me enojava. Eu não deveria sentir aquelas coisas, mas não conseguia evitar; sabia que não deveria sentir aquele ciúme doentio dele, mas era forte demais para ir contra. Era insano e inconsciente demais para ter controle.

— Com licença. — Coloquei os papéis de Elena em suas mãos e saí. Ainda faltavam catorze minutos para a aula, então decidi que precisava de uma boa dose de café, nem que fosse solúvel, coado numa meia. Por sorte, tínhamos algo parecido à venda. Pedi um café e paguei antes que alguém se desse conta que eu tinha entrado ali.

Minha reação à Rafael se pegando com alguém

NACIONAIS - ACHERON

não foi das melhores, ainda por cima depois dos últimos dias em que estivemos tão próximos, mas ele era assim, e se seríamos amigos ou se tivéssemos que conviver, eu me acostumaria e ponto final. Voltei para a sala e sentei na minha cadeira na segunda fila, perto da janela. Geralmente, Rafael sentava, mas ele estava sentado na última com a garota que ele estava agarrando antes da aula. Ela me olhou e virei, voltando a atenção para Elena.

Peguei os livros e saí da sala antes de todo mundo, querendo evitar aquela família por um dia, pelo menos. Virei a direita e peguei o horário no caderno, virei a esquerda e vi que estava indo na direção errada. Revirei os olhos e coloquei o papel de volta dentro do livro, no momento que levantei os olhos, vi Jane no meio do corredor.

— Juliette. — Ela caminhou até mim e me abraçou e se afastou rapidamente.

— Ahn... oi. O que faz aqui? — Seu rosto estava carregado de uma expressão angustiada.

— Queria conversar sem ninguém por perto. Podemos?

NACIONAIS - ACHERON

— Eu ia para a aula agora, mas... certo. Por aqui.

— Fomos até o refeitório e comprei dois cafés, sentando-me numa mesa com Jane.

— Obrigada. E desculpe por aparecer. Eu ligaria antes, mas minha família se recusou a ajudar e aqui estou eu. Quando foi até mim, estava procurando por respostas e eu lhe ofereci um meio, mas agora eu sei que Jon está na cidade. — Sua voz era preocupada, assim como sua expressão.

— Ele pode quebrar o feitiço?

— Foi ele quem o executou, ele provável que ele seja o único que pode. Sei também que Cedrico desapareceu por uns dias e Emarie tem a ver com isso. — Fiquei tensa e ereta. Jane suspirou a minha frente. — Não se preocupe, estou aqui para ajudar.

— Acredito nas suas intenções, Jane, mas não sei se Cedrico quer quebrar o feitiço, então...

— Fale com ele, nós podemos encontrar um jeito. Mas ele gosta de você, tenho certeza que há interesse. Além disso, quero fazer um convite. — Ela sorriu e a preocupação foi embora como se nunca tivesse estado ali. — Minha família dará uma festa de dia das bruxas. Renée fez questão que você fosse convidada. — Fiquei um tanto surpresa pela

NACIONAIS - ACHERON

preocupação dela em me convidar, sendo que nunca tínhamos nem conversado. Jane enfiou a mão na bolsa e tirou um envelope com um convite chique. Peguei e guardei na bolsa.

— Obrigada pelo convite, farei o possível para ir.

— Olhei as horas e vi que já tinha perdido o segundo tempo. — Se incomoda se eu fizer algumas perguntas?

— De maneira alguma, já te fiz perder sua aula. Pode perguntar o que quiser. — Uni as mãos e me inclinei, franzindo o cenho.

— Sei que a senhora não estava lá, mas sei que sabe a verdade sobre tudo, então... por que Elena permitiu que Jon fosse até a casa dela e o tratou tão bem, como se nada tivesse acontecido? — Lembrei do que ia perguntar a Elena quando entramos na sala dela mais cedo. Teria sido perfeito, estava vazia, se Rafael não tivesse atrapalhado.

— Juliette. — Ele segurou minhas mãos entre as suas, mais quentes. — Você deve saber que Jon causou muito mal a esta família, mas quando se é um bruxo, há uma consequência para tudo. Devo assumir que nenhum dos meus filhos são santos. Elena e Jeremy tomaram uma decisão quando

NACIONAIS - ACHERON

decidiram ajudar Izabel. — Ela soltou minhas mãos e seu tom se tornou frio.

— Está dizendo que a culpa é de Izabel? — Ela balançou a cabeça devagar, taciturna, olhando para o vazio ao seu lado.

— Não. A culpa foi de Jon, e de Friedrich também. Mas eles sabiam das consequências. De qualquer maneira, eu quero ajudá-la...

— Se Cedrico sabia dessa maldição, e ele sempre soube, e ele também sabia quem eu era, quando me beijou pela primeira, ele sabia o que poderia ter provocado. — Percebi aquilo de repente.

Claro, como eu não tinha pensado naquilo antes? Ele sabia que, dadas as circunstâncias do feitiço que lançou a maldição, ele poderia ter me matado, mesmo assim, ele arriscou. Um arrepio percorreu minha pele quando me dei conta disso e Jane me olhou preocupada. Recostei na cadeira e engoli em seco.

— Juliette, não é bem assim como você está vendo... claro que ele sabia quem você era, mas Cedrico não acreditava na maldição, ele acreditava ser um mito.

— Desculpe, Jane, mas essa é difícil de acreditar.
NACIONAIS - ACHERON

Ele pode dizer que não acreditava antes, mas havia uma possibilidade. — Levantei. — Acho que você pode encontrar a saída sozinha.

— Você está me evitando por causa do que aconteceu na aula da minha mãe? — ignorei-o, fingindo que estava concentrada na atividade de álgebra II, que na verdade, eu não tinha entendido. — Você está e eu não consigo entender por quê.

Rafael se virou e começou a escrever os cálculos. Olhei para o caderno dele, aquela caligrafia mal feita, mas firme e até bela. Suspirei, batendo o lápis no caderno e ele voltou a me olhar. Não queria que ele sentasse do meu lado, ele poderia ter continuado com a garota que estava dando uns amassos, no entanto, eu não podia dizer a ele para sair de perto de mim.

— Eu não estou te evitando. — Mordi o lábio enquanto fitava-me longamente. — Jane apareceu aqui, e falamos sobre algumas coisas bem desagradáveis.

— Quer falar sobre isso? — Ele voltou os olhos para o caderno, escrevendo e me virei para o meu. Respirei fundo e prendi o ar.

NACIONAIS - ACHERON

— Não com você. Quero dizer, talvez eu tenha sido dura demais com ela. — O Sr. Steven olhou para nós dois com o cenho franzido e abaixei a cabeça.

— Srta. Hohenfels, espero que tenha terminado a questão antes do namorico. — Meus lábios se entreabriram e Rafael o fuzilou com o olhar.

— Ela terminou. — Depois da aula, saímos por lados opostos. Rafael decidiu me evitar do mesmo jeito que eu estava fazendo o dia inteiro. Alex mandou uma mensagem para confirmar nosso almoço e Jon mandou uma mais cedo, durante a aula, dizendo que me esperava para almoçar.

Mandei uma mensagem de volta dizendo que não podia e joguei o celular na bolsa, depois de colocar no silencioso, quando vi Alex na saída do corredor. Andei mais rápido por entre as centenas de alunos e abracei-o com força. Ele me segurou com a mesma intensidade e soltei a respiração.

— Ei, tudo bem? — Assenti.

— Tudo bem. — Afastei-me e coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha, sorrindo. — Vamos?

Só tínhamos uma hora e meia de almoço, então acabamos num restaurante, comendo macarrão com queijo. Na verdade, eu estava feliz em poder passar algum tempo com Alex. Ele tinha aquele poder, meio que inconsciente, de me deixar respirar aliviada e me proporcionava momentos de felicidade. Eu quase podia esquecer todo o drama dos Hamilton, mas ainda estava lá. Eu queria me afastar, mas cada um deles conseguia me atrair de volta à sua maneira.

— Deveríamos fazer mais isso, Julies. — Levantei a cabeça e Alex sorriu. Um sorriso presunçoso que eu adorava.

— É, deveríamos. É só que ando com tanta coisa na cabeça que nem tenho encontrado tempo para sairmos. Eu sei também que foi minha ideia vir para Salém...

— E eu ainda não sei por que. Você nunca esteve aqui antes, de onde veio esse interesse repentino?

— Fiquei boquiaberta, depois fechei-a, olhando ao redor antes de dizer.

— Eu encontrei alguns livros antigos do meu avô na biblioteca dele. Fiquei intrigada com o lugar e estava procurando algo novo para este ano. — Alex

NACIONAIS - ACHERON

franziu sutilmente o cenho.

— Então teve a ver com sua família. Posso perguntar uma coisa? — Assenti. — O que você tem com Rafael?

— Alex, sei que não gosta muito dele...

— Só responda a pergunta. — Ele soou impaciente.

— Somos amigos. Eu gosto da companhia dele; ocasionalmente. — Alex ficou em silêncio pelo resto do almoço e achei estranha a mudança de comportamento, mas não queria culpá-lo por todos os aspectos em nosso relacionamento. Escasso nas últimas semanas. para ser honesta comigo mesma, não quis pressioná-lo a colocar a relação que tivemos a vida inteira na mesa depois de eu ter me afastado tanto. Tudo que eu podia fazer era tentar e voltar aos poucos à vida dele.

O almoço ao menos foi um início. Deixei Alex pagar a conta porque ele se sentia contrariado nesse aspecto sempre que saíamos, depois compramos um pote enorme de sorvete. Passeamos pelo centro no tempo que nos restava e decidi comprar uma máquina de café. Antes de voltar para onde tinha deixado meu carro, acabei comentando sobre o

NACIONAIS - ACHERON

convite para o Dia das Bruxas dos Hamilton.

— Cass me convidou, mas não sei se vou. — Ele falou com as mãos nos bolsos do sobretudo. Estava frio e eu também estava usando algo quente, apesar de me arrepender de não ter colocado uma calça e substituído a sandália de tiras e plataforma por botas.

— Você deveria ir. Ela gosta de você. — Ergui os ombros quando Alex arregalou os olhos.

— É você mesma? Achei que odiasse Cassandra com todas as suas forças. — Sorri e ergui os ombros de maneira enfática.

— Eu não posso odiar alguém que você goste, principalmente se for sua namorada. Sobre a festa, acho que não vou. — Torci o nariz e Alex riu.

— Ficaríamos muito felizes se você viesse. — Renée sorriu e não pude entender o entusiasmo por detrás de sua fala suave e doce. Estávamos na aula de teatro, cada um desempenhando seus respectivos papéis. Eu, uma Catherine extremamente desajeitada, e ela lindíssima como Isabela. — Se meus irmãos gostam de você, eu certamente compartilho tal sentimento. Você é bem-vinda em

NACIONAIS - ACHERON

nossa casa, Juliette. Talvez seja até uma chance de desfazer algumas antigas inimizades com sua família.

— Eu não sei se vou poder ir a festa, mas agradeço o convite. — Ela sorriu e se virou, então subiu ao palco, de maneira impecável.

— A Ree está certa. — Senti o hálito fresco de Rafael sussurrar palavras doces, mas meu sangue gelava quando ele estava por perto. E, Deus, como eu queria conter aquele inferno em mim.

— Não acho que esteja, embora tenha sido educado da parte dela me convidar para a festa. — Ele saiu de detrás de mim e ficou ao meu lado, olhando para frente, fitando o vazio.

— Ela está e você sabe. Estamos abrindo as portas de nossa casa para sua família depois de tantos anos dessa guerra fria, você poderia agradecer indo a festa. — Sua declaração me deixou sem palavras, então me calei. Mas mesmo que estivessem sendo gentis, não dependia apenas das pazes entre família, teoricamente rivais. Era sobre mim também.

— Eu vou pensar com carinho. — Sussurrei antes de Thomas me chamar. — Não precisamos
NACIONAIS - ACHERON

revisar essa cena.

Ele ergueu os olhos do papel e me encarou ríspidamente.

— Você está com dúvidas sobre esta cena. — Ele se levantou de sua cadeira na primeira fileira e se aproximou do palco. — Seu problema é no beijo?

— Com certeza. — Rafael se manifestou atrás de mim e revirei os olhos.

— Não é isso...

— Você não está sendo justa comigo. — Ele soou injustiçado e me virei com o cenho franzido para ver Rafael se fazendo de pobre coitado, sentado na cama do cenário. — Eu me comportei como um cavalheiro com você o tempo inteiro.

— Não tem. Eu não confio em você. — Amassei os papéis entre meus dedos com raiva. — Vamos fazer essa maldita cena.

— Por que está dizendo isso? Quando foi que menti ou te enganei? Quando foi que me deturpei? — Parei de frente para ele, tendo certeza que Thomas estava observando nossa briguinha ridícula.

— Eu nunca sei quando está falando sério ou

NACIONAIS - ACHERON

quando é um jogo para você. E sinceramente, eu não quero jogar. — Soltei um suspiro cansado e Rafael me observou, ainda sentado. Ele parecia além de qualquer reação.

— Você quer que eu fique longe? Eu fico. Mas você sabe exatamente o que está em jogo e não são os meus ou seus caprichos ridículos que irão atrapalhar tudo. É melhor assim mesmo.

— Do que você está falando? — Abaixei os braços, cansada de discutir por algo banal.

— Ele está falando sobre paz. — Escutei aquela voz calma e me virei para ver Renée subir ao palco, para dizer algo que Rafael talvez não tivesse coragem. — Sobre nossas famílias estarem neste conflito interminável. Acredito que saiba sobre Jon ter matado meu tio. Estamos nos esforçando para fazer isso dar certo, mas... preciso que fiquem longe um do outro se quisermos resolver isso. Acham que podem fazer isso? — Ela sorriu docemente, mas sabia que não devia estar nem um pouco feliz.

— Renée, fique fora disso. — Rafael se levantou.

— Não, estou cansada. Cansada de vê-lo sacrificar tudo por nós. Sei que não é certo, mas
NACIONAIS - ACHERON

você deveria ter o que quer de vez em quando, só para variar. E Juliette, quanto a isso, não há escolhas. Você tomou a sua.

— Renée... — Rafael inclinou a cabeça para o lado e suspirou. — Renée olhou por cima do meu ombro, para Thomas, que ainda estava lá, e caminhou até ele. — Você deveria ir. Reunião de família, sabe? — Ela desceu e ficou perto dele, pousou a mão em seu ombro. — Sente na última fileira e conte até mil. — Thomas assentiu e se virou, deixando-me boquiaberta. — Em silêncio, por favor.

Olhei para Rafael, assombrada pelo que tinha acabado de acontecer. Meus lábios se entreabriram, mas antes que pudesse falar, Renée pousou a mão em meu ombro por dois segundos antes de ficar entre Rafael e eu. Ela sorriu, meiga.

— Acho que temos um pequeno problema aqui. Sabe, Juliette, como irmãos unidos, nós não queremos o que é do outro e nem roubamos, mas você expor essa regra. Veja, não é minha intenção ser a malvada aqui, mas alguém tem que deixar isso claro. — Ela passeou dois dedos nos ombros de Rafael, dando uma volta atrás dele.

NACIONAIS - ACHERON

— Visto que nenhum dos meus irmãos é fã da verdade, me vi neste papel. — Ela segurou o vestido que ainda usava e se sentou na cama. Eu sabia do que ela estava falando, mas nenhum de nós tinha sido capaz de dizer as coisas tão abertamente. — Cedrico está apaixonado por você e Rafael também está apaixonado por você, *mas...* ele é um idiota altruísta que abriu mão da chance de lutar por isso por Cedrico.

— Renée, *pare*. — O tom de Rafael soou ameaçador, mas Renée sorriu e se voltou para mim. — Meu intuito não é forçá-la a uma escolha óbvia, e sim ajudar meu irmão. — Ela gesticulou em direção à Rafael. — Então, estamos claros de que ele acabou de abrir mão de você?

— Pare. — Murmurei, balançando a cabeça, mantendo-a levemente inclinada. — Essas afirmações são descabidas, além disso, você está errada.

— Estou? — Ela se inclinou apoiando sua mão no colchão.

— Eu não sei o que fez com o Thomas ou quem você e sua família são, mas certamente não são o centro do universo. — Aproximei-me mais. — Se

NACIONAIS - ACHERON

você quer que eu fique longe deles, não precisa pedir duas vezes.

Dei às costas a eles dois e saí. Fui para o camarim e me liberei daquele vestido idiota, enfiando-me nas minhas roupas o mais rápido possível e saí dali. Fui para a parte detrás do colégio e me sentei no banco em meio ao gramado, de costas para o refeitório à dois ou três metros acima. Tentei colocar as coisas em ordem na minha cabeça, mas estava tudo rápido demais. Cedrico tinha deixado seus sentimentos pairando sobre mim como uma nuvem, e eu não negaria que também sentia algo por ele desde o primeiro momento.

Mas Rafael era sempre o problema. Ele me desestabilizava quando eu achava que havia terra firme, surgia do nada, como o anti-herói, quando eu precisava dele e, eu sabia, que nunca tinha me sentido daquele jeito nem me sentiria outra vez, mas ele já tinha demonstrado seu lado impulsivo. Às vezes parecia provocação, mas noutras, era como se ele não pudesse evitar sua própria natureza instintiva, que não podia se dominar. Alguém se sentou ao meu lado e estendeu um panfleto

— Não diga que se cansou da sua vida sem os
NACIONAIS - ACHERON

Hamilton por um dia. — Peguei o papel de Alex e mordi o lábio, sentindo a temperatura me atingir como uma faca. Era um festival de celebração a cultura dos bruxos na cidade. Aparentemente, era uma espécie de tradição celebrar a cultura deles. Apesar de estar farta de bruxos, era só um festival e eu precisava mesmo me divertir.

— Então... não diga que vai vestido assim.

Profecia iminente

Coloquei um vestido leve, preto e sem mangas, visto que a temperatura subiu e a noite estava particularmente quente. Deixei o cabelo solto e coloquei uma jaqueta jeans e sandália de tiras e plataforma. Alex me encontrou na porta, usando camisa de mangas longas cinza escura e jeans.

— Uau, você está... linda. — Sorri e ele segurou minha mão esquerda, me fazendo dar uma voltinha.

— Não me lembro da última vez que me elogiou. Acho que isso nunca aconteceu. — Sorri e peguei as chaves. — Você dirige.

Abaixei a capota, sentindo o cheio da natureza tão perto e o vento agitar meus cabelos molhados durante o trajeto até o centro congestionado e cheio de luz e vida. Não estávamos nem perto, mas Alex teve que estacionar ali mesmo e fomos andando por entre os moradores e turistas até as barracas. A

NACIONAIS - ACHERON

cidade parecia ter um brilho diferente naquele dia. Estava iluminada e parecia pulsar sobre todas aquelas cores.

— Fique perto de mim. — Alex disse perto de mim, mas não prestei muita atenção. Aquilo tudo era inebriante demais, até para mim. Do lado direito, tinham barracas com comidas e bebidas e do lado esquerdo, algumas bruxas lendo a mão de turistas. As barracas eram feitas de madeira com cobertura de tecido das mais diversas cores e pareciam estar unidas umas às outras. Eu nunca tinha estado em algo tão singular.

— Vamos comer alguma coisa. — Puxei Alex pela mão até a segunda barraca à direita. Havia uma variedade infinita de estranhos magníficos e olhei toda aquela comida, mordendo o lábio e acabei escolhendo um bolo.

— É afrodisíaco. — Sorri e paguei a mulher que se vestia como uma feiticeira de filmes, talvez para enfatizar. Alex comprou bolo de carne apimentado.

— Preciso transar mais tarde. — Ele riu ao meu lado e passamos por algumas pessoas até o outro lado da rua enquanto comíamos. — Deveria ver seu futuro.

— Isso não existe, Alex. — Revirei os olhos, limpando as migalhas do meu vestido.

— Era para ser divertido. — Ele me segurou pelo braço até uma mulher com cara de uma bruxa de verdade com um turbante na cabeça. Sua pele era escura e seus olhos pareciam ter o poder de perfurar minha pele. Sorri e caminhei até a mulher. Ela pegou minha mão e traçou a linha da minha palma com uma expressão cortante.

— Não há nada. — A mulher disse, áspera. — Não vejo nada.

— Como assim? — Alex sorriu, assim como eu. Ela deveria ser mais uma charlatona em meio a tantas outras.

— É como se já estivesse morta. Não há nada. — Ela puxou meu braço e meus olhos se arregalaram involuntariamente. Engoli em seco e senti o olhar de Alex sobre mim. — Há apenas dor e sofrimento em seu futuro. Há o sangue de duas famílias. Você é a esperanças das duas, mas não sabe o que fazer. — A mulher apertou meu pulso ainda mais forte, fitando-me profundamente, murmurando suas palavras como uma profecia maligna. — E há um homem, não... dois. Você ama um deles, mas

NACIONAIS - ACHERON

renega sua natureza. O outro parece certo. — Ela parou e encarei-a, assustada, inicialmente estática, e continuou:. — Mas não é. Só há escuridão em você, Juliette.

— Afaste-se dela. — Escutei aquele rosnado selvagem e irritado ao meu lado, mas não me virei, ainda assustada.

A mulher soltou meu pulso gradualmente e senti a dor onde ela tinha apertado tanto; uma marca tinha se tornado vermelha e depois outra cor. Virei e olhei para Rafael parado ao meu lado. Sua expressão era feroz e meus lábios estavam trêmulos e entreabertos, não pela cartomante ter agarrado meu pulso, mas como sua voz foi carregada pela escuridão que ela parecia ter visto em minha alma quando me olhou nos olhos ao pronunciar meu nome.

— Você está bem? — Percebi que Alex estava mais distante de mim do que antes, e dezenas de pessoas ainda estavam no caminho entre nós. Rafael pegou meu braço, gentilmente e avaliou como estava meu pulso, soltando com cuidado. Alex chegou até mim e Rafael recuou um passo. — O que acabou de acontecer?

NACIONAIS - ACHERON

— Uma visão ruim, só isso. — Balancei a cabeça, tentando afastar o pensamento, mas era impossível. Não sabia até que ponto Alex tinha escutado, mas era o bastante. O lugar que tinha me atraído tanto ao chegar me fez querer partir, com a mesma intensidade.

— Tem certeza? — Balancei a cabeça e me virei para perceber que Rafael tinha ido embora tão rápido quanto apareceu.

Decidi comprar meu quarto café e afogar minhas possibilidades de dormir naquela noite, quando Cassandra apareceu e sequestrou Alex. Empurrei a porta, do único café aberto em meio àquela celebração, e vi Rafael sentado à minha esquerda.

— Podemos conversar? — Suspirei e assenti, sentando-me a sua frente. — Queria esclarecer as coisas, e me desculpe pelo que minha irmã disse mais cedo. Ela realmente não sabe quando calar a boca. — Ele tentou um sorriso, mas soou forçado demais.

— O que ela fez com Thomas? — Rafael ficou extremamente sério.

— Um feitiço, me desculpe por aquilo também. Eu já cuidei disso, mas queria que soubesse que

NACIONAIS - ACHERON

sinto muito... — Ele se calou quando a garçonete se aproximou e pedi um café forte e sem açúcar. Rafael ficou em silêncio por um longo tempo depois que a garçonete levou o café e preencheu sua caneca. Observei as ruas inteiramente iluminadas por luzes coloridas.

— Está tudo tão lindo hoje...

— Aposto que nunca estive em nada assim. — Ele sorriu e olhei-o com o canto dos olhos com a atenção completamente voltada para o lado de fora. Balancei a cabeça. — Posso te mostrar uma coisa?

Virei-me para ele, hesitante, e por fim assenti. No fim das contas, era para ser uma noite divertida e eu precisava de alguma diversão que me distraísse. Rafael pagou a conta e caminhamos juntos até a porta.

— Você vai ver mais dias como estes. — Passamos por detrás das barracas. Eu mal podia reconhecer aquele lugar em meio a tanta agitação. Chegamos ao fim da rua. — Me dá a honra desta dança?

— Eu não sei dançar. — Ele me puxou, segurando minha mão, até o meio da rua. Músicos tocavam os mais variados tipos de instrumentos, de
NACIONAIS - ACHERON

banjo e violino a instrumentos que eu nunca tinha visto na vida.

— Não precisa saber, só se divirta. Vem. —
Cheguei mais perto e ele me fez girar, enquanto sorria. — Espero que a noite esteja valendo a pena.

— Agora está. — Falei mais alto que aquele barulho. A música parou e todos olharam para os músicos; eles começaram a tocar algo mais lento e calmo. Fiquei sem graça no mesmo segundo, mas Rafael estava segurava minha mão esquerda e me puxou até seu peito. Dei alguns passos, ainda meio hesitante, e passei o braço em torno de seu pescoço. Ele envolveu minha cintura com o braço direito e entrelaçou seus dedos aos meus.

— Não fique constrangida, é só uma dança. —
Ele sussurrou perto da minha nuca, eriçando, sutilmente, meus pelos.

— Eu não estou. — Minha voz soou entrecortada e o silêncio pareceu uma eternidade frustrante. Havia certa distância entre nós, mas eu podia, perfeitamente, sentir seu cheiro, sabendo que ele estava me encarando. Virei o rosto, fitando-o, vendo-o tão de perto que parecia magnético, consegui ver cada ponto vermelho em seus olhos
NACIONAIS - ACHERON

sob a luz prateada da lua e as luzes roxas penduradas acima de nós.

Rafael afastou-me dele e me girou, lentamente, saboreando a distância entre nós; seus dedos acariciando lentamente a parte de cima da minha mão. Ele puxou meu corpo até o seu, com um sorriso e segurou forte minha cintura, conduzindo cada passo meu com uma leveza e sintonia quase tão perfeita quanto o momento. Ele segurou meu corpo contra o seu e apoiei minha bochecha em seu ombro, sentindo-me preenchida por sentimentos inebriantes que eu ainda me negava a sentir. Olhei uma última vez para o céu e todas as estrelas que brilhavam, quase cegantes acima de nossos corpos e fechei os olhos por um segundo.

— Você está linda. — Sorri e pensei em algo para responder, mas ele me interrompeu:. — Merda! — Escutei-o murmurar e levantei a cabeça, perguntando-me o que diabos poderia tê-lo deixado tão irritado quanto percebi em sua voz, então me virei para olhar na mesma direção que ele e vi Cedrico parado a nossa frente.

Abri a boca para dizer que não era o que ele estava pensando, mas era exatamente o que quer
NACIONAIS - ACHERON

que ele estivesse pensando e não consegui encontrar algo que justificasse. Pisquei e Rafael se afastou.

— Cedrico. — Dei um passo a frente antes dele. Ele se afastou e fiquei parada entre os dois, sem saber o que deveria fazer, então Cedrico me deu as costas e se enfiou entre as pessoas. Rafael se lançou entre a multidão, indo atrás do irmão e segurei-o pelo cotovelo, fazendo-o girar.

— Não posso ir atrás dele, estou puto. Por que tinha que aparecer agora? — Ele não estava me perguntando. — Merda, merda!

— Calma. Eu vou falar com ele, você fica aqui. — Ele meio que assentiu, mas era impossível ter certeza. Fui passando por dezenas de pessoas, a multidão parecia ter aumentado cem vezes desde que eu tinha chegado. Achei que o tinha perdido de vista, mas Cedrico reapareceu, ainda tentando desviar de todos em seu caminho. Alcancei-o, vendo-me no espaço aberto mais vazio e olhei ao redor. Era uma praça em forma de círculo com bancos no meio. — Cedrico.

Ele finalmente se virou, mas não havia expressão em seu rosto. Não era raiva, e ele não parecia

NACIONAIS - ACHERON

bravo, só cansado.

— Me escuta... o que você viu...

— Eu não vi nada e nem cabe e você se explicar.

— Ele está certo, Juliette. — Virei para ver Rafael atrás de mim. Ele passou por mim, ficando entre Cedrico e eu. As pessoas continuavam a passar por nós, mas mal notavam o pequeno desentendimento. — Sou eu quem deve se explicar. Fui *eu* quem disse que você poderia ficar com ela toda para você. — Ele me ignorou, quase fuzilando Cedrico com o olhar. — E você pode. Só estávamos dançamos.

— Não seja cínico. Acha que apesar de todas as suas evasivas, eu não notei o seu joguinho? — Ele falava com calma, mas pude sentir seu estado de espírito agitado.

— Não tem joguinho nenhum. — Rafael gesticulou, aproximando-se.

— Fique longe de mim. — Ele deu um passo para trás e Rafael parou onde estava, suspirando.

— Parem com isso, vocês dois. — Dei alguns passos, ficando entre eles, com medo de que comesçassem a se estapear no meio da rua, com tantas pessoas por perto. — Estamos no meio da
NACIONAIS - ACHERON

rua. E ele está certo, Cedrico. Estávamos apenas dançando.

— Vou deixá-los sozinhos. — Rafael saiu. Senti o olhar de Cedrico sobre mim e fitei-o, levantando a cabeça ao fazê-lo.

— Me desculpe por isso, eu sei que...

— Não. Eu sei que eu disse que encontraríamos um jeito de quebrar o feitiço, e desde que você... *desapareceu*, eu tenho estado próxima demais de Rafael, de uma maneira até nociva. Acho que devo um pedido de desculpas por isso. — Suspirei, sem ter certeza se aquelas eram as palavras certas a se dizer. Mexi nas unhas, desconcertada por estar perto dele daquela maneira tão frustrante.

— Me desculpe de novo, mas eu senti sua falta. Ridiculamente...

— Eu também sentia a sua falta. — E era verdade. Não sabia que tinha sentido tanto a falta dele quando ele estava na minha frente. Aquele olhar poderia me guiar pelo purgatório. Até o céu ou o inferno.

Sumário

Parte 3 — Vínculo inquebrável

Aquela que invade a calmaria

A outra garota

Vamos, amor frágil

O lado escuro da lua

Já estamos fora de perigo?

Lar

Ancestrais

O que antecede a tempestade

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 3

*Vínculo
inquebrável*

Aquela que invade a calmaria^[18]

— Eu adorei, você estava linda. — Inclinei-me, apoiando as duas mãos no banco e dobrando meu corpo para frente, e beijei-o. Izabel sorriu ao lado de Cedrico, ignorando a cena.

— Estava mesmo.

— Obrigada, mas a opinião de vocês dois meio que não conta. — Thomas começou a agradecer e citar nomes e suspirei. Ainda me sentia meio culpada por ele ainda se perguntar o motivo de ter passado horas contando até Elena encontrá-lo. Claro que ela quebrou o tal feitiço de Renée e ele não fazia a menor ideia de nada daquilo e eu sabia que era melhor continuar daquele jeito.

Cedrico colocou-se de pé, assim como minha mãe.

— Deveria ir a festa lá em casa. — Ele falou e Izabel negou com a cabeça. O auditório começou a esvaziar lentamente.

— Estou cansada. Divirtam-se. — Ela sorriu e agitei a cabeça, dando um beijo nela antes de partir. Fomos praticamente os últimos a sair. Cedrico me esperou enquanto eu colocava minha fantasia de Dia das Bruxas para a festa na casa dele.

A escola tinha sua própria festa de Halloween, mas, é claro, a dos Hamilton era muito melhor. Era uma honra ser convidada por um deles.

Decidi vestir algo meio fora do comum, algo que, com certeza, ninguém mais usaria. Talvez fosse chamar um pouco mais atenção do que eu almejava, mas era perfeita. Coloquei a cinta-liga, meia calça e o vestido preto vulgarmente curto, básico de alças e decote com cortes em formato triangular. Deixei o cabelo solto, ligeiramente bagunçado ao ponto de parecer sensual, passei o delineador e o batom vermelho-sangue. O sangue falso em meu pescoço, escorrendo pelo meu peito, e a pior, ou a melhor, parte por último: O salto

NACIONAIS - ACHERON

extraordinariamente alto e preto.

Voilà. Uma prostituta sem nada a desejar.

— Uau, você está...

— Bonita, diferente?

— Gostosa! — Ele murmurou num tom sexy demais para resistir e me puxou para si pela cintura, beijando-me até perder o fôlego. — Vamos? Tenho uma surpresa. — Cedrico esfregou o polegar em meu queixo para limpar o batom borrado.

Seus dedos se entrelaçaram aos meus da maneira mais perfeita possível. O lado de fora da mansão tinha abóboras e esqueletos no jardim. A porta da frente estava aberta, quase convidativa; a casa estava apinhada, a maioria eu nunca tinha visto, todos pareciam elegantes demais. Cassandra estava em um canto da sala, agarrando Alex.

— Preciso me vestir, mas prometo que não demoro. Fique à vontade. — Ele me beijou antes de subir as escadas e desapareceu em sua curva espiral no segundo andar.

NACIONAIS - ACHERON

— Você deve ser a minha garota. — Virei para dar de cara com Rafael, perto demais atrás de mim, demorando tempo demais olhando para ele para perceber que ele estendia um copo vermelho de plástico com cerveja, que peguei, como se fosse uma sucinta oferta de paz.

— Obrigada. — Ele ergueu as sobrancelhas brevemente e tomou um gole da sua. Tentei tomar um gole, embora cerveja não fosse minha bebida favorita, mas suas palavras ficaram na minha cabeça. O gosto era horrível.

Olhei para a fantasia de Rafael por cima do meu copo e me dei conta do sentido das suas palavras. Ele vestia um terno elegante do século XIX e uma cartola que o deixou ainda mais atraente, mesmo que não parecesse ter sido a intenção. Abaixei o copo com os lábios entreabertos, a expressão um pouco surpresa.

— E você é...

— Jack. — Rafael completou quando fiquei sem fala, com um pequeno e lascivo sorriso, ao que me vi incapaz de dizer qualquer coisa diante. Não somente dele, mas da situação coincidente como um todo. — Espero que se divirta.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu também. — Murmurei e ele se dispersou entre os convidados. Cedrico foi realmente rápido. Assim que Rafael desapareceu, ele surgiu atrás de mim, depositando um beijo em meu pescoço.

— Gostei sua roupa, mas ainda não me disse do que está fantasiada. — Cedrico pegou uma cerveja e me ofereceu mais. Sua fantasia era uma mistura de perfeição sexy embalado num embrulho só meu. Lestat, mas se parecia com um vampiro de uma série de TV moderna, incrivelmente sensual, com uma camisa de algodão meio aberta, deixando seu peito meio a mostra, casaco de 1700 e presas magníficas. Ele se virou e me entregou o copo com cerveja.

— Uma prostituta morta, vítima do estripador mais famoso. — Cedrico ergueu as sobrancelhas, sacando que deveria ter a ver com a fantasia de Rafael. — Sei que deve ter achar que está ligada *demais* a Rafael, mas como você disse, as fantasias são um segredo guardado a sete chaves.

— Vou encarar como uma coincidência. — Ele terminou a cerveja. — Vamos dançar, o dia hoje foi horrível e cansativo. — Saímos para os fundos e dançamos à luz da lua refletida na piscina em torno

NACIONAIS - ACHERON

de dezenas de outras pessoas sob o toque fúnebre de uma canção no piano. A água cintilava, cristalina, lançando sua luz bruxuleante sobre nós.

— Você disse que tinha uma surpresa. — Sorri com um dos braços em torno de seu pescoço e o outro em suas costas. Ele guiava meus movimentos, sutil e passional como ninguém além dele conseguiria, segurando minha mão direita, com o braço envolto em minha cintura, mantendo-me perto.

— No fim da noite, não tenha pressa. — Cedrico sorriu e beijei-o, sentindo uma leve dor percorrer minha pele e penetrar minhas veias. Cedrico se afastou e permaneci parada com os olhos ainda fechados. — Vai com calma. — Ele sussurrou e senti como seus lábios estavam perto dos meus.

Beijamo-nos com mais calma, a dor foi sendo lentamente substituída por um prazer inebriante, ele saqueou meu lábio inferior, devagar, soltou, então voltou a prendê-lo, com tanta paciência como se tivesse praticado um milhão de vezes na última hora. Cedrico soltou minha mão e guiou seus dedos aos meus cabelos, tornando o ângulo mais preciso enquanto sua língua entrelaçava-se à minha num

NACIONAIS - ACHERON

ritmo perfeito, com uma imensa habilidade. Senti minhas pernas ficarem bambas com o choque do contato e segurei seu rosto, inclinando meu corpo até o dele.

Suspirei, arfando quando ele se afastou e afagou minha bochecha. A música parou e nos viramos ao mesmo tempo. Elena estava à porta da cozinha e sorriu para nós, usando um luxuoso vestido preto de cetim e um penteado perfeito, como batom seu vinho.

— Preciso de vocês dois na sala de estar em dois minutos. — Assenti em confirmação e ela se afastou. Respirei devagar, desprendendo-me da atração magnética de Cedrico e ele entrelaçou seus dedos aos meus enquanto caminhávamos até a sala. Elena subiu até a metade da escada e bateu com as unhas numa taça de champanhe, produzindo um som mais alto e estridente do que seria humanamente possível.

Todos estavam na sala, inclusive, surpreendi-me ao ver Emarie sorrindo como se fosse a boa moça da história. Os pelos dos meus braços se eriçavam; a verdade era que ela me assustava só com aquele olhar perverso. Cedrico notou minha inquietação e

NACIONAIS - ACHERON

passou os braços protetoramente em torno dos meus ombros.

— Não se preocupe com Emarie, ela está neutra. — Olhei para ele sem entender o termo bruxo. — Ela não pode praticar magia ou sair daqui. Eu conto tudo mais tarde, depois da festa.

Tentei me ater a Elena, ignorando a estranha sensação que vinha de dentro de mim, mas era complicado. Em pouco tempo, tudo no que consegui me concentrar foi na sensação deliciosa dos dedos de Cedrico passeando pelo meu pescoço e brincando com os cabelos da minha nuca.

— Primeiro, eu gostaria de agradecer à todos que vieram, é sempre uma honra. — Todos ali pareciam bruxos mal encarados, e nada me tirava da cabeça a sensação que eram mesmo. — Em segundo, gostaria de apresentar Juliette, uma bruxa recém chegada, embora conhecida, e a bruxa mais poderosa entre nós. — Ela gesticulou em minha direção e me vi constrangida com tantos olhares.

Elena tinha dito que aquelas pessoas estarem reunidas seria uma oportunidade para apresentação formal, só que muitas coisas tinham me distraído naquela noite. Emarie estar lá, a coincidência de

NACIONAIS - ACHERON

Rafael estar fantasiado de Jack, o estripador, o toque de Cedrico, a peça. Meus sentimentos e sentidos mais que aflorados me permitiram esquecer a importância daquela noite.

Estupidamente. Amaldiçoei-me e respirei devagar, sentindo uma dor de cabeça horrível despontar em meio ao estresse daquele dia. Afastei-me de Cedrico com certo pesar e subi até estar um degrau abaixo de Elena, sentindo-me observada sob todos os ângulos, quase paranoica. E eu estava. Cada um dos pares de olhos estavam voltados para mim. Uni as mãos, respirando devagar e observando cada bruxo sob fantasias que quase distorciam a verdade, mas eu podia sentir alguns deles. Era estranho, mas eu sentia o poder ir até mim; fluindo em minhas veias como meu próprio sangue.

— Ela é uma necromante. — Um homem loiro finalmente quebrou o silêncio mortal que estabelecera. Um arrepio frio tomou conta de mim e meu lábio inferior tremulou. Senti o olhar preocupado de Cedrico em mim, mas não desviei o olhar do homem. Suas palavras foram proferidas como uma ameaça, mas não levei muito tempo para

NACIONAIS - ACHERON

entender que ele me via como a ameaça ali.

— Isso deveria ser um problema? — Elena quebrou o silêncio.

— É um problema se ela estiver canalizando de nós. — Ele rosnou, dando um passo a frente.

— Eu garanto que ela não está canalizando de *ninguém*. — Rafael se colocou entre ele e o acesso à escada, repousando a mão em seu peito em um claro sinal de alerta. O homem loiro o fuzilou com o olhar, depois a Elena, e por fim, a mim, então recuou alguns passos e bateu, levemente, a mão no paletó, como se estivesse sujo onde Rafael o tocara. Ergui o queixo quando ele me encarou, deixando claro que ele não me intimidaria com palavras ou atitudes grosseiras, mas a verdade era que eu não estava esperando uma atitude tão hostil. — Heinrich. Eu o aconselho a nos apoiar...

— Nem depois de morto! — Ele disparou na cara de Rafael, que tinha tirado a cartola e assumido uma postura defensiva, porém, extremamente calma.

— ... porque se não está conosco, está *contra* nós. — Heinrich o encarou duramente.

— Que assim seja. — Ele se virou para sair,
NACIONAIS - ACHERON

então se girou, já perto da porta e abriu os braços. — Mais alguém está disposto a apoiá-los, e à esta *raça*... — Ele se referiu a mim, olhando diretamente em meus olhos. — Ou... Alguém prefere arriscar ficar contra eles?

O silêncio dominou o recinto por um longo minuto, até que uma mulher deu um passo em direção a Heinrich.

— Necromantes já demonstraram não ser de confiança, não é à toa que ela é a única da qual se tem notícia em mil anos. — A mulher se posicionou ao lado dele. Seus cabelos castanhos caíam em cascatas por cima de seus ombros e ela, como todos os outros ali, vestia-se impecavelmente, como que para ocultar a expressão dura em seu rosto. — Se ela não é o próprio diabo, não quero ficar para ver o que acontece ou qual é o propósito dos Hamilton ao usá-la ou qual o dela ao usá-los.

Ela não esperou que ninguém se juntasse a ela e partiu. Comecei a tremer, visivelmente abalada, mas me esforçando como o inferno para não demonstrar tamanha fraqueza diante daquelas pessoas que tinham deixado claro que eu não era

NACIONAIS - ACHERON

bem-vinda. Heinrich me olhou com um sorriso presunçoso quando os bruxos de todos os *covens* de Salém começaram a se juntar a ele.

— Acho que estamos *contra* vocês. — Ele ergueu os braços, como se tivesse ganhado algo e se virou para sair, sendo acompanhado por dezenas de poderosos bruxos. Antes que ele colocasse o pé para fora, no entanto, uma garota de cabelos dourados, cortados na altura das clavículas, sorriso doce, franja sutil do lado direito, usando vestido branco e solto, de tecido e cortes leves, longo e de mangas, surgiu à porta. Ela sorriu, não usava maquiagem, mas nunca tinha visto ninguém tão bela, nem os Hamilton pareciam páreo.

— Um pouco antiquado. — Ela inclinou a cabeça para o lado, aparentando estar entediada. — Mas esperado.

— Mas que diabos...

— Shh. Não são modos de tratar uma dama, Heinrich. — Ela encostou-se no batente da porta. Era a garota mais linda em quem eu já colocara meus olhos. Seus olhos, tão claros e gélidos, encontraram os meus, depois se voltaram para os de Heinrich.

NACIONAIS - ACHERON

— Que diabos está acontecendo? — Ele parecia chocado, como se estivesse vendo um fantasma. A garota sorriu e se aproximou dele.

— Eu odeio conspirações e *aquela* garota que você acusou estar canalizando de vocês... Ela é minha. Então tire os olhos dela, seu verme. — Ela demonstrava toda a autoridade, como se fosse a dona do mundo inteiro e ele devesse se curvar diante dela.

— Quem você pensa que é... — Ele começou a esbravejar, mas antes que terminasse, a garota enfiou a mão no peito dele e arrancou seu coração. Todos recuaram vários passos para trás e fiquei gelada. Elena ficou horrorizada e Cedrico subiu as escadas, amparando-me quando achei que pudesse rolar pelos degraus.

Ela jogou o órgão ao lado do corpo de Heinrich, que tombara como um peso morto em um baque surdo contra o piso de madeira, e caminhou por entre os convidados, pulando por cima do corpo, até Rafael.

Quando achei que ela representasse algum tipo de ameaça a ele, ela puxou o lenço do bolso de seu paletó e limpou sua mão coberta de sangue, dando

NACIONAIS - ACHERON

a máxima atenção a seus dedos; às unhas, em especial. Terminado, ela segurou o lenço e abaixou o braço. Seus belos lábios se curvaram no mais perfeito sorriso.

— Também senti sua falta, meu amor.

Não por falta de apoio aos Hamilton, mas depois que a garota apareceu, todo mundo resolveu dar o fora, dando por encerrada a festa antes das onze. Todo mundo estava uma fera, andando de um lado para o outro, como falcões de caça e a garota loira, e louca, se trancou no escritório com Rafael. Fiquei sentada na borda da piscina depois de me livrar da meia-calça e dos sapatos. Mordi o lábio observando o reflexo da lua na água da piscina. Fiquei meio estática, paralisada com o que tinha acontecido.

— Tudo bem? — Só então percebi que Cedrico estava de pé ao meu lado e ergui a cabeça.

— Não, quem é aquela garota? — Ele ergueu as sobrancelhas e tirou os sapatos, sentando-se ao meu lado.

— O nome dela é Lauren. A ex-namorada do Rafael. — Virei-me para encará-lo, boquiaberta.

NACIONAIS - ACHERON

— *O quê?* — Franzi o cenho e balancei os pés na água para ter certeza que ainda estava viva. Era loucura demais por uma noite. A ex de Rafael era uma louca homicida. Respirei devagar, tentando assimilar as coisas com o que ela tinha dito.

— O que ela disse... Antes de matar aquele homem...

— Eu não faço a menor ideia, mas se ela tiver planos, Rafael com certeza vai descobrir. — Balancei a cabeça, vendo que não tinha nada que eu pudesse fazer.

— Acho que essa é a parte que eu dou o fora daqui. — Ergui as sobrancelhas rapidamente e tirei os pés da água. Cedrico se levantou em um movimento hábil e me estendeu a mão.

— Na verdade, Elena quer que você fique. — Mordi o lábio. Claro que não era uma boa ideia ficar na mesma casa que alguém que tinha cometido um assassinato, mas aquele olhar dele poderia me convencer a fazer qualquer coisa. — E eu também, está tarde.

— Não me leve a mal, mas não tem clima nenhum para eu dormir aqui. Não depois de tudo que aconteceu. — Ainda segurava a mão dele com

NACIONAIS - ACHERON

força e fitava-o, tentando encontrar algo em seus olhos, até ele sorrir, transformando todas as minhas as minhas preocupações em nada, dissipando-as todas.

— Eu sinto muito por tudo que aconteceu. Sei que Heinrich não merecia nada daquilo por estar tentando proteger os seus de algo que ele julgou ser uma ameaça, e que Lauren estava completamente errada em suas atitudes, mas... — Ele respirou fundo e se aproximou um passo, ficando perto demais para que eu continuasse negando a ele. — Eu tinha planejado uma noite romântica e disse que tinha uma surpresa. — Permite que ele me puxasse até seu peito e sorri, ainda segurando os saltos na mão esquerda. — E você não me deixou mostrar.

Roubei um beijo rápido, depois permiti que o momento se prolongasse. Estranhamente, eu não estava sentindo minhas veias queimarem como veneno, assim, Cedrico envolveu minha cintura e me jogou para trás, beijando-me até eu perder o fôlego, então me colocou de pé, apoiando-me com seu braço a minha volta, fornecendo-me equilíbrio para continuar de pé.

— Uau. — Soltei o ar que estava prendendo.

NACIONAIS - ACHERON

— Posso considerar isso um “sim”? — Fiquei séria, fingindo hesitar quando ambos já sabíamos a resposta.

— Sim.

Ainda meio abalada, mas revigorada pelo estado de espírito de Cedrico, passamos pela sala de estar tentando chegar ao quarto dele despercebidos, mas o plano falhou miseravelmente. Renée, Cassandra, Emarie e Alice estavam sentadas nos sofás. Cada irmã lado a lado e Joseph na poltrona ao lado da lareira, secreta e silenciosamente espumando de raiva como eu nunca tinha visto. Elena estava no centro da sala de estar, andando de um lado a outro.

— Como diabos essa festa foi dar *tão* errado? — Seu tom era quase descontrolado e eu podia entender as consequências que os acontecimentos iam gerar. — Era algo simples e agora estamos a beira de uma guerra com *todos* os clãs de Salém. — Ela gesticulou quase fora de si em nossa direção. Cedrico e eu paramos na porta entre a cozinha e a sala.

Dei uma rápida olhada na porta do escritório para constatar que ainda estava fechada. Cedrico deu alguns passos na direção de Elena.

NACIONAIS - ACHERON

— Você precisa se acalmar, antes de tudo. — Ela franziu o cenho quando o olhar de Cedrico encontrou o dela. Pareceu vulnerável demais naquele momento.

— Você está certo. — Ela respirou, parecendo voltar a si.

— Por que não se senta enquanto eu pego um copo de água? — Ele se aproximou ainda mais, gesticulando em direção ao sofá.

— Preciso me acalmar antes de arrancar o coração de Lauren enquanto ele bate em minhas mãos. — Ela franziu os lábios, mais possesca do que antes e mais do que jamais poderia estar. Elena avançou rapidamente em direção ao escritório e Cedrico alcançou-a perto demais da porta, segurando-a pelos ombros.

— Elena! — Ele esbravejou, fora de si tanto quanto qualquer um ali. — Você não vai fazer isso. Está me ouvindo? Porque se tocar em um fio de cabelo dela, não será uma guerra contra todos os *covens*, será contra a sua própria família. Rafael, Cassie, Alice, eu... Então sugiro que vá para o seu quarto, tire esse vestido e descanse. Vamos pensar no que fazer amanhã.

NACIONAIS - ACHERON

Ela se afastou e assentiu.

— Que seja! Mas preciso de respostas. — Ela falou mais calma. — Eu não vou apoiar esse circo. Ou vocês estão com ela... Ou comigo. — Elena saiu e Cedrico encarou o lugar onde ela estivera por longos segundos, como Alice e Cassandra.

— Nunca vi Elena tão... Irritada. Sinto que tudo isso que está acontecendo é por minha causa. Aquele homem nunca teria se oposto a sua família se não fosse por minha causa. — Cedrico empurrou a porta e passei os braços a minha volta, penetrando o ambiente escuro antes de ele fechar a porta e acender a luz.

— Não é sua culpa. — Ele se virou. — É culpa da Lauren.

— Mas você a defendeu. — Franzi a testa e ele respirou devagar. Não que tivesse sido a minha intenção inicial, mas meu tom saiu com uma mistura de descrença e acusação, misturados a um suspiro.

— É uma longa história, mas Lauren é uma velha amiga. Sei que alguns dos atos dela são

NACIONAIS - ACHERON

condenáveis. Sei que Rafael também admite isso, mas é meu dever defendê-la quando vejo que ele ainda é tão apaixonado por aquela garota, depois de tudo. Nem que para isso eu precise me afastar do resto o resto da minha família defende. — Ele se aproximou e não pude evitar ficar ainda mais tensa.

— Então, qual surpresa você tem para mim? — Tentei sorrir, mas saiu meio forçado. Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, romântico, sorrindo. — Posso tomar um banho primeiro?

— Claro. — Ele recuou alguns passos e descruzei os braços, andando rápido até o banheiro. — Fica a vontade para pegar o que quiser.

Estava louca para tirar logo aquele vestido e poder relaxar sob um jato forte de água quente, permitindo que todos os acontecimentos da noite fossem pelo ralo, mas não foi bem como eu pensei. Torci o cabelo para tirar o excesso de água e me enrolei em uma toalha antes de escovar os dentes e sair do banheiro. O quarto estava mortalmente vazio e supus que Cedrico tivesse ido acudir a família que estava prestes a implodir. Peguei uma camisa no armário dele, seguindo o conselho que

NACIONAIS - ACHERON

eu poderia pegar o que quisesse, e uma cueca, como suas calças ficariam folgadas demais em mim, a noite estava quente e eu não teria nada para vestir além do vestido.

Escutei o barulho da porta quando coloquei as roupas sobre a cama. Contive um grito quando vi quem era, não que Lauren não fosse suficientemente assustadora.

— Eu te assustei? — Ela sorriu e fechou a porta.
— Me desculpe por isso. Rafael disse que eu a assustei mais cedo, na festa. Desculpe por isso também. — Lauren ergueu as mãos, mostrando as palmas e as abaixou, caminhando na minha direção.

— Por que você o matou? — Foi tudo que consegui dizer. Não havia justificativa alguma para ter matado aquele homem, a não ser que fosse simplesmente sádica louca.

— Você não deveria me culpar. — Ela sentou na cama de Cedrico. — Nenhum de vocês. — Lauren fez um gesto abrangente e virou o braço, estendendo-o e apoiando na cama, inclinando-se para trás num doce deleite.

— O que disse... Sobre...

— Sobre você. — Lauren empertigou os ombros
NACIONAIS - ACHERON

e encarei-a. — Então, diga que não nos conhecemos, mas é você que não se lembra. Eu sei que deixei todos pensando que era Emarie, e ela teve sua contribuição nisso, mas fui eu quem entrou na sua cabeça. Quem você acha que ensinou esse feitiço à Rafael? — Ela fez uma pausa enfática. — Na verdade, eu nunca tive o intuito de machucá-la, isso foi com Emarie, e eu certamente não o fiz. — Ela falava mais seriamente do que antes —, mas eu achava sua proximidade com Rafael... Conflitante. Desculpe se foi incômodo, mas eu acho a interpretação dos sonhos a mais bela forma de saber com o que se está lidando. E sobre o que eu disse mais cedo, você é uma de nós.

— Certamente você não é a bruxa favorita. — Tentei soar o mais confiante possível. — Nem de Elena, menos ainda de Rafael.

Lauren sorriu e ergueu o queixo para me olhar diretamente nos olhos.

— Você pode achar que ele gosta de você, mas é a mim que ele ama. E não insulte minha inteligência, eu já estive na sua cabeça. Eu sei que você está apaixonada por Cedrico, mas Rafael a atrai. Seu lado sombrio, seu comportamento, seus

NACIONAIS - ACHERON

instintos e impulsos. — Lauren se levantou e ficou a minha frente. — Eu sei cada pensamento pervertido que você já teve sobre ele, mas eu sei guardar segredos. — Ele deslizou os dedos por uma mecha do meu cabelo molhado e por mais que eu estivesse pensando em coisas *naquele* momento, tudo que consegui fazer foi encará-la, estática. — Cedrico é meu amigo, e quero que sejam felizes. Se aproxime de Rafael... E eu posso te mostrar coisas bem piores que a morte.

A outra garota

Cedrico entrou pela porta como um furacão e Lauren se virou, sorrindo, delicada.

— Já estou saindo. — Ela andou até o centro do quarto e abraçou-o. Lauren era bem mais baixa e ficou na ponta dos pés para abraçá-lo e pude sentir meu coração bater mais forte de ciúme, raiva daquela garota e uma porção de coisas mais que não pude explicar a mim mesma de imediato.

— Ainda quero saber direito o que aconteceu, mas estou feliz por estar de volta. — Ela deu um beijo na bochecha dele antes de sair e fechar a porta.

— Não fique brava com ela. — Cedrico massageou minhas costas, sentado atrás de mim. Sentei entre suas pernas e ele encostou-se a cabeceira da cama, seus dedos desceram até minhas omoplatas por

NACIONAIS - ACHERON

cima da sua camiseta branca que eu usava. — Sei que Lauren pode ser temperamental e até maluca, mas ela é a garota mais espirituosa e mais forte que eu conheço. Além disso, ela sempre enxergou algo melhor em Rafael, mais do que qualquer um de nós.

— O que você quer dizer? — Fechei os olhos, concentrando-me na sensação de seu toque. Seus dedos patinaram pelos meus ombros.

— Lauren o ajudou a controlar sua magia. Na verdade, não quero falar deles...

— Claro, nem eu. — Virei-me, observando-o calmamente; estendi o braço e rocei sua braba por fazer com as unhas, levemente.

— Sei que muita coisa aconteceu hoje, mas eu disse que tinha algo para você. — Ele estendeu o braço e abriu a gaveta do criado-mudo, pegou um papel pardo, cuidadosamente dobrado e estendeu na minha direção.

— O que é isso? — Havia um pequeno sorriso em meu rosto.

— Um feitiço, o feitiço que quebra maldição. — Meus lábios se entreabriram e Cedrico pegou o papel das minhas mãos, dobrando-o novamente. —
NACIONAIS - ACHERON

É uma chance de podermos ter algo mais próximo de normal.

Não disse nada, olhei para ele emudecida.

— Eu não sei o que dizer. É o que eu mais quero. Algo normal e estável, uma relação que não seja corrompida ou cheia de limitações que não deveriam existir. Isso fez minha noite valer a pena.

— Fico feliz que eu possa fazer isso por você. — Passei o braço pelo seu pescoço e aproximei-me, beijando-o profundamente por um longo minuto, até eu perder o fôlego.

Enlacei seu quadril com as pernas e inclinei-me sobre ele, sugando seu lábio com desespero, tomada por uma insanidade de tê-lo; meus dedos percorreram a pele sensível e macia de seu pescoço até se enfiarem em seus cabelos. Meu pulso estava acelerado e meu corpo agia sob o impulso de adrenalina, sendo dominado como se por uma droga muito forte. Gemi baixo e puxei-o mais para mim.

— Vai com calma. — Cedrico segurou meus pulsos e girou meu corpo, jogando-me na cama, prendeu meus braços acima da cabeça e sorriu, voltando a me beijar, a temperatura aumentando

NACIONAIS - ACHERON

mil vezes mais entre nós.

Sua língua percorreu a veia do meu pescoço, arrepiando os pelos da minha nuca.

— Quebrar um feitiço bobo não significa que precisamos ir rápido demais com as coisas. — Fechei os olhos, louca para me soltar e agarrá-lo, tocá-lo. Ele me soltou e se afastou, expirando a respiração que eu nem tinha percebido que ele prendera.

— Rápido demais! — Murmurei ofegante e fechei os olhos, controlando a respiração.

Coloquei a cabeça em seu peito, enquanto ele fazia anéis em meus cabelos, observando seus contornos totalmente indistinguíveis na completa escuridão.

— Vamos ter que lidar com o que aconteceu, e as bruxas certamente não vão deixar por isso mesmo. Isso me preocupa. — Seu sussurro era a única coisa que me preocupava.

Mesmo que eu não pudesse ver a expressão que ele tinha no rosto, eu podia sentir seus braços rígidos em torno dos meus ombros, o ritmo acelerado e desesperado que assumira seu coração e

NACIONAIS - ACHERON

como sua pele estava fria.

— Nós podemos fazer isso. — Murmurei de volta.

— Me preocupa pensar que eles tenham poder o bastante para machucá-la ou a Lauren. Por isso devo insistir para que pratique comigo.

— Podemos pensar nisso depois? Eu sei que você está certo, mas não posso me tornar uma bruxa de uma hora para outra, sou eu quem precisa de tempo e são três da manhã, nenhum de nós conseguiu dormir... — Suspirei, sem ter mais o que dizer.

— É o que não sou capaz de te dar. Tempo. — Ele pressionou os lábios contra meus cabelos. Consegui adormecer, embolada em seus braços, no emaranhado de lençóis.

Cedrico tinha desaparecido magicamente da cama e nem eram sete da manhã. Sentei-me um tanto decepcionada por ele ter me deixado sozinha, mas era compreensível dada a dimensão dos acontecimentos da noite anterior. Cobri o rosto com as mãos e respirei fundo antes de me livrar das

NACIONAIS - ACHERON

cobertas e ir até o banheiro lavar o rosto. Quando saí de lá, vi o bilhete sobre a cama, perdido nos emaranhado de cobertores.

Julies, desculpe por não acordá-la antes de sair, mas vê-la dormindo em meus braços hoje cedo foi a coisa mais bela na qual me deparei em meus últimos meses. Desculpe de novo, mas precisei usar sua chave para pegar uma roupa em seu quarto, porque, nem pensar eu deixaria você sair daqui com aquele vestido.

Quando estiver pronta, pedi a Rafael para deixá-la no colégio. Devo lembrá-la que não temos aula hoje, então descanse, sei que precisa. Desculpe por não deixá-la dormir a noite. Devo aparecer no colégio mais tarde para te dar um beijo, mas precisei me preocupar com Lauren por algumas horas.

P.S.: seu celular não parou de tocar. Coloquei no silencioso.

Seu, Cedrico.

Suas palavras doces foram invalidadas pelas últimas linhas do bilhete. *Precisei me preocupar com Lauren.* Embora aquilo pudesse sugerir algo que eu não gostasse, tentei me adaptar à ideia de que eles eram bons amigos. Sentei-me mais uma vez na cama, com o bilhete em mãos, e vi minha bolsa com as roupas que Cedrico tinha pego. Jeans e minha camiseta com os dizeres “*I love you, Bristol*” e um sutiã, por fim achei uma calcinha no fundo da bolsa. Sorri comigo mesma, imaginando-o escolher aquilo. Aos pés da cama, estava uma bota, das clássicas que eu adorava, mas numa caixa e com outro bilhete.

Feliz Dia das Bruxas.

Meus lábios se entreabriram, mas não havia ninguém com quem eu pudesse protestar, sobretudo contra um par de Michael Kors. Além disso, eram as botas ou o salto para lá de alto.

Tomei um banho bem demorado na luxuosa banheira, no banheiro amplamente maior que meu quarto no dormitório, muito maior, e simplesmente

NACIONAIS - ACHERON

relaxe, pensei muito sobre o que tinha acontecido. O fato era que eu estava envolvida demais. Não só com Cedrico, mas com aquela família, e embora eu não os culpasse pela morte da noite anterior, ainda vívida demais em minha memória, eles sempre estavam envolvidos.

Vesti-me e finalmente peguei o celular. Tinha pelo menos vinte chamadas perdidas de Jon e um bocado de Izabel desde a noite anterior até o início da manhã. Respirei fundo e fui até as mensagens de Alex perguntando onde eu estava. *Merda!* Justo agora que estávamos nos aproximando, Cedrico e eu parecíamos um caszinho apaixonado e tudo o mais, algo acontecia para desmoronar tudo. Meu correio de voz estava cheio.

— *Quero saber onde diabos você está que não atende o telefone. Deixei um milhão de mensagens e e-mails. Seria educado atender ou retornar minhas ligações.* — O tom de Jon era impaciente e escutei alguém chamá-lo formalmente, indicando que ele estava em NY, longe o suficiente para eu conseguir evitar os interrogatórios por mais um

NACIONAIS - ACHERON

pouco.

Mas não da minha mãe, que estava cada vez mais na minha vida. Como se nunca tivesse se afastado dela.

— *Sei que deveria ter ido a esta festa, mas estou mesmo muito cansada. Elena me disse sobre os covens e agora me sinto culpada por não estar aí. Sei que deve escutar isso tarde demais, mas não diga a ninguém que é minha filha. Gostaria que pudéssemos almoçar juntas hoje.*

Desci as escadas com cuidado para não produzir ruídos desnecessários, mas percebi que seria impossível sair sem ser notada pela família inteira, visto que estavam todos reunidos na sala. Elena, toda confortável num jeans casual e camisa. Joseph usava calça caqui e camisa informal e Rafael estava jogado no sofá de jeans sexy e camisa de mangas longas, incrivelmente desconfortável estando ali com a família.

— Juliette. — Rafael quase suspirou meu nome ao me ver. — Você pode dizer a minha mãe para não se desesperar à toa?

— À toa? Diga isso à família do homem que sua namorada matou. — Elena vociferou e respirei

NACIONAIS - ACHERON

devagar, terminando de descer as escadas.

— Imagino que precise de uma carona. — Rafael levantou, aparentemente aliviado em se livrar da família por algum tempo, mas Elena o impediu de pegar as chaves do carro.

— Na verdade. — Ela se virou para mim —, ia pedir que ficasse. Pelo menos no fim de semana. — Ela se aproximou e apertei a alça da minha bolsa com mais força. — Veja que estou apenas prezando pela sua segurança. — Ela ergueu as sobrancelhas.

— Elena... Não acho que ficar trancada será uma solução para os problemas que *a namorada do Rafael*. Não seria um meio adequado para lidar com a situação, nem tampouco efetivo.

— Não foi Lauren quem começou essa briga. — Fuzilei Rafael com o olhar e girei em meus saltos para poder fazer aquilo de frente para ele.

— Está brincando comigo? — Eu estava completamente descrente, precisa ouvi-lo falar de novo para ter certeza que era sério. — Achou que ela tinha motivos para *matar* aquele homem quando tudo que ele fez foi se opor?

Meus batimentos se aceleraram. Rafael me olhou como se me odiasse.

NACIONAIS - ACHERON

— Isso é sua culpa. Aquela festa ter sido um desastre... Se você tivesse ocultado sua magia, como eu recomendei. Se tivesse praticado, quando eu disse que deveria fazê-lo, nada disso teria acontecido. Não teriam como *sentir* sua magia ontem. Acontece que você quer fazer as coisas *sozinha* e depois precisa de alguém que a salve.

— Eu não preciso que ninguém me salve. Você está delirando tanto assim? Está defendendo um assassinato com a justificativa de que *eu* fui negligente com a minha magia?

— Chega! — Foi Joseph quem nos interrompeu ao se levantar. — Rafael, para o seu quarto. Quero falar com Juliette. À sós.

Joseph fechou a porta do escritório, sentou-se e esperou que eu fizesse o mesmo antes de falar.

— Me desculpe pelo que Rafael disse, ele tem estado fora de si desde que essa garota voltou à nossas vidas. — Ele ficou mais ereto, unindo as mãos. Mordi o lábio, sem saber exatamente o que dizer.

— Eu entendo. Todos estamos exaltados. —
NACIONAIS - ACHERON

Suspirei, cansada.

— Elena também está, por isso chamei-a até aqui. Embora ela esteja certa, temo que as emoções falem mais alto e levem o melhor de nós às vezes. É mais seguro para você aqui, Juliette. Não sei até que pontos os bruxos podem ir, mas eu os conheço o bastante para dizer que não vai ficar assim. Fique aqui, prometo que todos os meus filhos irão se comportar. — Não conseguia pensar com toda aquela pressão em meu peito. Minha cabeça explodindo e meu pulso disparado.

— Joseph, entendo sua preocupação, mas eu vou ficar bem no colégio. — Ele balançou a cabeça.

— Não vai. Quero resolver esse transtorno o mais rápido possível sem que você se machuque, mas Lauren é impulsiva e entendo que nenhum de nós tem controle sobre ela, além de Rafael. Mas ele está fora de si no momento...

— Onde ela e Cedrico estão? — Interrompi-o. Joseph me olhou como se eu não fosse gostar da resposta. Ele parecia entender que o motivo da minha pergunta não era exclusivamente uma preocupação.

— Cedrico a levou até uma propriedade aberta

NACIONAIS - ACHERON

da nossa família. Um campo de íxias que ele cultivava. Nós bruxos temos um contato especial com a natureza, representamos o equilíbrio dela. É calmante, principalmente para Lauren. — Decidi que seria plausível ficar.

— Eu fico, pelo menos até a noite. Depois, precisaremos revolver isso. — Levantei e saí.

RAFAEL

Meus olhos percorreram meu quarto vazio e saí. A casa estava completamente vazia àquela hora da noite e as luzes estavam apagadas. Fechei a porta com cuidado e descí as escadas, usando só uma calça de dormir listrada. O abajur da sala estava aceso e Juliette lia quase que no escuro. Passei os dedos pelos cabelos e ela se virou, quase assustada.

— Oi. — Falei meio sem graça. Queria me desculpar com ela pelo que tinha dito, mas fiquei sem coragem o dia inteiro. Ela abaixou a perna, colocando-a no chão e se sentou ereta, fechando o livro.

— Oi. — Sua voz não passou de um sussurro. Me senti intimidado, pela primeira vez, por saber
NACIONAIS - ACHERON

que estávamos sozinhos. Ela colocou o livro no sofá e se levantou.

— Não quero te atrapalhar, só queria me desculpar pelo que eu disse mais cedo. — Sentei no sofá de frente para ela. Se cabelo estava mal preso, seu rostinho lindo amassado e sonolento. Seu pijama abarrotado. Ela estava completamente irresistível e cruzei as pernas, tentando parecer natural, para ela não perceber minha ereção. — Eu estava errado. Me desculpe, só me exaltei... a Lauren faz isso comigo.

Juliette ficou quieta e bateu o livro contra a palma da mão.

— Eu entendo. — Ela finalmente murmurou, olhando tímida para suas próprias mãos. Balancei a cabeça e me levantei, indo até a biblioteca.

Tocar era a única coisa que me acalmava. Toquei em teclas aleatórias, produzindo sons aleatórios e sem sentido. Sentei no banco e pensei em algo que acalmasse de vez minhas inquietações. Comecei a tocar *The Swan*, do *Saint-Seans*. Meus olhos se fechavam brevemente enquanto meus dedos flutuavam sobre as teclas, naquela triste e nostálgica melodia.

NACIONAIS - ACHERON

Eu me lembrava das vezes incontáveis, num passado tão próximo que eu conseguia senti-lo, de tocar aquela mesma música para acalmar os demônios dentro dela. De Lauren escutar aquela mesma canção, aliviando-a de seus maus presságios. Parecia distante às vezes, embora fizesse só alguns meses; conseguia sentir seu toque macio em meu pescoço, dela me distraíndo enquanto eu tocava; ou quando, por vezes, debruçava-se no sofá, de pijama e fechava os olhos, inebriada pela melodia. Como cada coisa dentro de mim implodia ao vê-los se abrirem, aquele castanho-claro que me fazia gelar por dentro como ninguém tinha me feito sentir antes, nem depois.

A música acabou, o último acorde soou tão sombrio quanto meu coração. Ao virar-me, porém, contemplei a garota à porta. Eu via tanto de Lauren nela que acabei me apaixonando por alguém fora do meu alcance, embora ela estivesse perto o bastante; era a namorada do meu irmão. Seus olhos estavam fechados e sua cabeça encostada ao batente da porta. Os cabelos caíam lidamente pelos seus ombros até os seios num corte irregular, alongando-se por suas costas. Ela passou a língua

NACIONAIS - ACHERON

pelos lábios e abriu os olhos, fitando-me docemente.

— Eu amo essa música.

Julie flutuou como uma pluma pelo cômodo e se sentou no sofá ao lado do piano.

— Mesmo? — Ela assentiu, sorrindo. Eu podia sentir o poder irradiando dela e passando por mim numa velocidade vertiginosa, mesmo que eu soubesse que ela ainda não era capaz de controlar, aquilo me causava uma sensação demais para ignorar, mas não queria estragar o momento.

Poucas vezes estivemos tão próximos sem querer estapear um ao outro e eu queria aproveitar que estávamos sozinhos para conversar. Sem meu irmão por perto se roendo de ciúme, nem o resto da minha família que tinha pirado completamente. E, finalmente, sem Lauren por perto.

— Gosta de Tchaikovsky?

— Prefiro Mozart e Bach. — Entendi que Tchaikovsky poderia ser sombrio demais para alguém tão doce. Comecei a dedilhar algo que ela iria gostar se já não conhecesse. — Schubert. — Ela murmurou, reconhecendo as primeiras notas de *Moments Musicaux*. Sorri de volta quando ela o fez

NACIONAIS - ACHERON

e me virei completamente para ela, ciente que deveria estar mais vestido do que usando só calça.

— O que estava lendo?

— Ahn... Entrevista com o vampiro. Um pouco de ficção para não enlouquecer. — Ela ergueu os ombros, suavemente e as tensões se dissiparam aos poucos. — Na verdade, achei no quarto de Cedrico. Espero que ele não se importe, mas aqui pode ser entediante às vezes.

— Só se não tiver companhia adequada. — Voltei minha atenção ao piano, tentando esconder o tom de insinuação em minha voz. Comecei a tocar *Fur Elise* e Juliette sorriu, fechando os olhos por um breve momento. A música parecia lhe trazer paz e a aprazer tanto quanto a mim. Num momento o ambiente foi preenchido com as notas de Beethoven e no outro escutei o barulho da porta da sala se abrir.

O momento tinha se despedaçado tão lindamente quanto promessas de amor não cumpridas. Continuei tocando mesmo sabendo quem era. Certamente, meu irmão devia achar que Julies ainda estaria esperando por ele no quarto, como uma submissa, e Lauren me encontraria pelo som

NACIONAIS - ACHERON

das notas que percorriam cada canto da casa. Escutei o tom melódico de sua voz; senti-a eriçar cada pelo em meu corpo, então ela sorriu e caminhou até mim, envolveu meus ombros com os braços e afagou meus cabelos, gentilmente. Parei de tocar e me virei.

Vamos, amor frágil^[19]

Bati o livro na palma da mão e entrei timidamente em seu quarto. Cedrico sorriu e fechei a porta.

— Como foi o seu dia?

— Entediante. Espero que não se importe. — Ergui o livro.

— Claro que não. Vou tomar um banho.

— Quero falar com você depois. — Ele sorriu e entrou no banheiro.

Acabei pegando no sono em dez minutos e Cedrico tirou o cabelo do meu rosto.

— Por quanto tempo eu apaguei? — Sentei, olhando em volta, procurando por qualquer coisa que me informasse as horas.

— Uma hora, mais ou menos. — Ele tirou o cabelo que caía em meu rosto. — Não quis te acordar, mas você está do lado errado da cama. —

Ele sorriu, tentando parecer despreocupado, mas havia uma sombra em seus olhos que me causava um aperto no peito. Não tínhamos conversado no dia anterior, porque estávamos cansados demais, mas era inevitável. Fechei os olhos com força, tentando espantar o sono e sentei ereta. Tinha deitado horizontalmente, toda torta.

— Não consegui dormir noite passada. — Mordi o canto da minha bochecha, tentando me sentir menos constrangida. Mas, na verdade, era completamente esquisito estar na casa dele sem que pudéssemos ter nada físico, digamos. Não que parecesse ser um problema para ele, Cedrico parecia lidar com a situação perfeitamente bem.

— Está com fome? — Assenti, na verdade, meu estômago estava roncando antes de eu pegar no sono. Fomos até a cozinha e Cedrico disse que ia preparar o jantar em vinte minutos e não precisava de ajuda. — Espero que Rafael tenha se comportado, apesar de tê-la deixado com fome o dia inteiro.

— Ele foi gentil. — Disse, sentada no banco com os cotovelos apoiados na bancada enquanto Cedrico pegava alguns vidros no armário, em

NACIONAIS - ACHERON

seguida, acrescentei:. — E não era obrigação dele me alimentar.

— Você é nossa convidada, claro que era obrigação dele te alimentar. — Ele se virou para mim e pegou uma faca, cortando pequenos tomates. — Espero que goste de macarrão com queijo.

— Claro. — Murmurei, mas meus pensamentos andavam meio perdidos.

Comemos em silêncio e ajudei Cedrico a arrumar a cozinha. Ele limpou tudo e guardou os pratos, depois me ofereceu vinho. Eu não era nenhuma fã de bebidas, mas como estava precisando de algo mais forte que água, acabei aceitando. Ele acendeu a lareira na sala e sentamos, cada um com uma taça de vinho.

— Você está tensa. — Ele comentou num murmuro. Ergui os ombros, quase involuntariamente, ao me virar.

— Um pouco, com tudo o que aconteceu. — Em parte era verdade, mas não deixei de me sentir culpada por esconder coisas, mesmo confiando nele, não achei que fosse entender, claro que não ia, o que eu sentia quando Rafael estava por perto. —
NACIONAIS - ACHERON

Tenho me sentido sufocada, guardando segredos do meu melhor amigo. E isso está nos arrastando à um ponto de afastamento irremediável.

Cedrico se mexeu, desconfortável, assim como eu estava, antes de se aproximar, tirando uma incômoda mecha de cabelo que caía em meu rosto, colocando atrás da orelha.

— Conte a ele, Julies. — Ele demorou seus dedos em minha bochecha e sorri.

— Está falando sério? Rafael disse...

— Não escute Rafael o tempo inteiro. Ele pensa racionalmente demais na maioria das vezes. Vai ser complicado, mas ele é seu amigo e não é justo permitir que se afastem por segredos. Você confia nele. — Assenti e abracei-o, segurando a taça com cuidado.

— Obrigada. — Murmurei muito baixo.

— Posso pedir uma coisa? — Afastei-me e ele segurou a taça pelo bojo e balançou a haste.

— Claro.

— Não fale a ele sobre Lauren. É a única coisa que eu peço. — Pensei por nada mais que dois segundos antes de concordar.

— Rafael não se importa com esse
NACIONAIS - ACHERON

relacionamento de vocês? Quero dizer, você e Lauren passaram o dia inteiro juntos, e...

Ele riu e algo remexeu dentro de mim, espalhando um arrepio em minha pele. Por dentro e por fora.

— É impressão minha ou *você* está com ciúme? Eu já disse, Lauren e eu somos amigos, eu estava preocupada com ela e fomos dar uma volta. Foi Lauren quem floresceu minhas íxias, com magia. São nativas da África e não floresceriam aqui de outra maneira.

— Oh, eu não sabia. — Meu peito se apertou por fazer um interrogatório e ter que dar uma de namorada ciumenta.

— Tudo bem. De qualquer maneira, ela pareceu mais leve hoje. Podemos não falar nela?

— Nem em Rafael. — Ergui as sobrancelhas brevemente.

Aproximamos-nos ao mesmo tempo e ele passou o braço pelos meus ombros. Ficamos um longo tempo naquela posição, saboreando o vinho e a companhia um do outro.

Seu cheiro natural era delicioso, melhor ainda com seu perfume. Inspirei seu perfume com o nariz

NACIONAIS - ACHERON

em seu pescoço. Era quase embriagante.

— Senti sua falta hoje. — As palavras saíram espontâneas demais para que eu pudesse controlar. Ele virou a cabeça e sorriu.

— Eu também.

Ergui o rosto um pouco e beijei-o com vontade. Segurei seu rosto, respirando o mesmo ar que ele, o som do ar preenchendo meus pulmões. Cedrico pegou minha taça e esticou o braço para colocar as taças na mesinha de centro depois voltou a me beijar, segurando minha cintura e guiou meus movimentos quando passei a perna e sentei no colo dele. Ele jogou a cabeça para trás e segurei seu rosto, enfiei meus dedos nos cabelos de sua nuca; segurei seu cabelo com força, engolindo os sons suaves e sensuais que ele produzia.

Seus dedos foram da minha cintura aos meus antebraços quando ele praticamente me empurrou para longe dele. Pisquei atordoada com o que tinha acabado de acontecer. Minha cabeça estava explodindo e a sala começou a girar numa velocidade vertiginosa e assustadora.

— Você está bem? — Sentei-me, sentindo uma enorme pressão em meu peito que me impedia de
NACIONAIS - ACHERON

respirar. Cedrico me disse para abaixar a cabeça e dobrei minha coluna até meu rosto encostar-se a meus joelhos. Respirei fundo até meus pulmões doerem e levantei a cabeça.

— Uau, essa foi por pouco.

RAFAEL

O corpo dela estava úmido, como quem acaba de sair de um banho quente, quando deitou do meu lado às quatro da manhã. Era um bom convite ao sono. Sentir seu cheiro e a brisa suave que entrava pela janela naquelas manhãs quentes que precediam o inverno eram um enorme convite para acordar bem humorado. Lauren cutucou minhas costelas com o indicador e o dedo médio e gemi diante da dor. Quem diria que aquela garota angelical teria tanta força? E perversidade também.

— Hmm, ainda é cedo. — Cobri a cabeça com o travesseiro num gesto infantil que a fez rir. Sua risada melódica fez um arrepio percorrer minha espinha. Tinha tempo que eu não acordava daquele jeito e achei que nunca mais o faria.

— Acorda, dorminhoco. Quero uma despedida

NACIONAIS - ACHERON

adequada. — Tirei o travesseiro do rosto no mesmo segundo e levantei a cabeça, apoiando-me no cotovelo.

— Despedida?

— É. Estou indo para casa. — Ela sorriu e colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Pare com isso. — Ela estava de jeans e blusa de frio fina cinza com decote em V. — Temos o fim de semana inteiro. Sozinhos.

Enlacei-a pela cintura e puxei-a para baixo, beijando-a delicadamente. Ela tinha o cheiro do sabonete que estava no meu banheiro e do meu perfume quando meus lábios desceram pelo seu pescoço. O mesmo perfume que Julie tinha usado quando dormiu lá em casa da última vez. A lembrança fez com que eu me afastasse. Teoricamente não estávamos sozinhos. *Ela* estava lá com meu irmão, que nunca me deixava esquecer a quem pertencia.

— Vamos fazer alguma coisa hoje. — Dei um pulo da cama, só de cueca. Esperei que ela concordasse, mas tudo que Lauren fez foi me olhar com aqueles olhos docemente arregalados.

Saí do banheiro já vestido uma camisa de mangas longas e gola V. Lauren estava se vestindo, com a mesma blusa e deu um pulinho para a calça entrar.

Cutuquei-a, do mesmo jeito carinhoso que ela tinha me acordado, por cima da roupa, depois enfiei ambas as mãos por dentro da blusa e puxei seu corpo com força até o meu. Ela deu um gritinho e baguncei seu cabelo; ela não se importou enquanto rolávamos de volta para a cama.

Descemos feito um casalzinho, embora tenha sido meio estranho. Lauren não queria tomar café na minha casa, mas ia economizar um bocado de tempo, e acabei convencendo ela com um bocado de argumentos idiotas. Cedrico estava preparando panquecas na cozinha e Julie fazia café enquanto ria de alguma coisa; aquele sorriso harmonioso.

E, merda, aquela risada me desestabilizou um bocado. Ela parou de sorrir quando me viu e Cedrico se virou.

— Bom dia. — Ela disse com um sorriso forçado e retribui. Peguei duas canecas na bancada e desvirei-as. Ela nos serviu café, depois se virou, servindo a si mesma.

— Querem panquecas?

NACIONAIS - ACHERON

— Claro, estou morrendo de fome. — Lauren sorriu e meu irmão colocou um prato na frente dela, depois o chantilly. Peguei o tubo e fiz uma carinha feliz na panqueca, depois coloquei uma gota na ponta de seu nariz. Ela era tão linda que doía pensar na falta que ela tinha me feito naqueles meses todos. Doía mais do que as marcas que ela tinha me deixado nas costas.

— Você está gorda. — Disse enquanto comia minhas panquecas. Lauren se virou, fuzilando-me com o olhar.

— O quê?

— Geralmente é por isso que as roupas não entram nas pessoas, já que você já passou da fase de crescimento. — Ela percebeu bem que era uma brincadeira, mas que não ia deixar passar. Lauren pegou o tubo de chantilly e despejou nas panquecas, depois adicionou calda de chocolate e comeu.

— Eu não sou sua boneca Lolita, portanto posso comer o quanto quiser. Agora vamos, quero ver o que preparou. — Ela praticamente me puxou pelo braço.

Peguei as chaves do carro e saímos de conversível. Abaixei a capota e Lauren tirou meus óculos e colocou nela, sentindo a brisa no rosto e sorrindo à toa. E ficou sexy pra caralho com aqueles óculos de armação quadrada, sem maquiagem. Pensei em um milhão de maneiras, mas, quando falei, saiu natural.

— Eu falei com a sua mãe. — Finalmente disse e ela se virou, tirando os óculos. Ela não parecia estar com raiva, só surpresa pelo que eu tinha feito algo inesperado como falar com a mãe dela, mesmo que não nos déssemos bem num passado próximo. — Ela meio que quer que você volte para a escola.

— Rafael... — Sua expressão, sempre forte e determinada, foi substituída por algo próximo a vulnerabilidade.

— Me escute. — Reduzi, antes de entrar na estrada, ainda na estrada da propriedade da minha família. Ela ficou olhando para o chão e parei, virando-me para ela. Eu tinha todos os argumentos para convencê-la. — Sei que sua magia pode ser meio... descontrolada às vezes, mas eu estou aqui agora. — Segurei suas mãos entre as minhas e ela prendeu a respiração.

— Eu vou pensar e te dou uma resposta até o
NACIONAIS - ACHERON

domingo. — Ela se afastou.

— Sêrio? — Ela assentiu.

— É isso que você queria me mostrar? — Entrelacei meus dedos aos seus ao entrarmos no colégio.

— O que você está perdendo estudando em casa. Vem. — Passamos pelo saguão e fomos para o meu quarto. Pedi mentalmente para que Alex estivesse comendo minha irmã, mesmo que a ideia fosse nojenta, para ele não fazer interrogatórios sobre Lauren nem citar meus breves amassos com Alice ou com todas as outras garotas.

Fomos até o meu quarto e a porta estava trancada, sinal que não devia ter ninguém.

— Você tem um colega de quarto. — Ela olhou para a cama de frente para a porta e se sentou na minha, adivinhando pela bagunça que estava desde que eu tinha dormido lá. Estava meio que evitando meu colega de quarto e dormindo em casa há algumas semanas.

— Tenho, não que seja um problema. Ele é amigo da Jules. — Nem sei por que disse aquilo ou por que a chamei pelo apelido que nunca usara

NACIONAIS - ACHERON

antes. — De Juliette.

Lauren apoiou as palmas na borda do colchão e me olhou de maneira estranha, quase como uma gatinha abandonada e sentei ao lado dela, beijando-a e deitando-a na cama. Lauren levantou as pernas e envolveu meus quadris com elas, puxando minha camisa para cima; meu corpo começou a pegar fogo saqueei seu lábio, chupando-o e segurei sua nuca com força, angulando seu rosto. Puxei sua camisa e tirei-a. Beije seu pescoço suavemente e passei o braço pela sua cintura. Lauren arqueou as costas ainda mais e passou os braços pelo meu pescoço. Apoiei meu peso num dos joelhos e ela abriu o zíper da minha calça, tateando cegamente.

— Qual a probabilidade do seu colega de quarto aparecer? — Ela perguntou, sorrindo ofegante.

— Não faço ideia, ele pode aparecer aqui agora mesmo. — Empurrei a calça com o pé e ela abaixou as pernas, esfregando os pés nos meus, ainda me beijando, mas menos feroz; mais romântica. Suas unhas, pintadas de azul-marinho, rasgaram minhas costas, rasgando mais que na noite anterior.

Cravei os dentes na base de seu pescoço e ela

NACIONAIS - ACHERON

gritou, apertando ainda mais os braços em torno do meu pescoço a ponto de doer.

— Filho da puta. — Beije-a e abri o botão e o zíper da sua calça. Lauren arqueou as costas e me livre dela, jogando no chão e caiu perto da porta. Escutei o som de risadas no corredor, mas pareceu muito distante, então nem me importei. Lauren colocou o indicador em meus lábios e afastei meu rosto, sem nem ligar, quando escutei a porta se abrir e notei que aquela risada era familiar demais.

Às minhas costas, minha gêmea se calou e Lauren fechou os olhos e soltou o ar em seus pulmões.

— Puta que o pariu. — Praguejei e levantei, só de cueca. Lauren levantou e Alex encarou-a com o cenho franzido. Puxei minha calça e enfiei-a, olhando em volta a procura da de Lauren.

— Mais uma? — *Filho da puta*, pensei, mas só o olhei feio. Ele estava com o braço em torno dos ombros de Cassie.

— Como assim *mais uma*? — Lauren esperou que eu explicasse, só de lingerie; preta e de renda.

— Ahn... não é nada, Lauren. Alex, essa é... — Cass se afastou, procurando uma palavra adequada.

NACIONAIS - ACHERON

Alex avaliou cada um de nós

— Namorada. — Ela estendeu a mão para Alex.

Merda. Peguei o jeans dela e sua blusa. Lauren era moderna, e feminista, a ponto de nem se importar se estava seminua na frente de um estranho, mas eu me importava e estava afim de dar um murro em Alex se ele não parasse de olhar para Lauren e pegasse logo na mão dela. Ele finalmente pareceu perceber que ela estava diante dele e pegou na mão dela, mas mais como se fosse um objeto frágil do que um ser humano.

Lauren enfiou a blusa e depois a calça em dois segundos enquanto Alex disse que ia pegar alguma coisa. Cassandra encarou Lauren com uma expressão neutra. Minha irmã gêmea era idêntica a mim; cabelos, olhos, inclusive a expressão que ela fazia quando estava se contendo para não dizer algo e cruzava os braços na altura do peito e colocava a perna esquerda a frente da direita. Ela devia estar se perguntando por que estávamos nos pegando depois do que tinha acontecido.

Plausível, claro. Lauren consertou a camisa e vi o sangue em seu pescoço, depois o sangue em meu lábio inferior quando me virei e vi a mim mesmo

NACIONAIS - ACHERON

no espelho.

— Que porra é essa? — Cassandra falou mais alto que o normal e Alex saiu do banheiro. Ele parou e Cassie deu um passo até Lauren e viu a pequena marca que eu tinha deixado no pescoço dela. Lauren deu de ombros.

— Não é nada. — Alex viu o sangue no pescoço dela e ofereceu uma toalha úmida. A primeira coisa útil que ele tinha feito desde que nos conhecíamos.

— Não parece *nada*. — Ele me fuzilou com o olhar quando entregou a toalha a Lauren. — Que porra você fez com ela? — Por um lado, ele era nobre, por estar tentando defender a pobre donzela de um filho da puta como eu e eu o entendia.

— Está tudo bem. — Lauren disse, esfregando a mancha de sangue e mostrando que tinha ficado uma cicatriz.

A expressão no rosto de Alex não abrandou e Cassie pousou a mão em seu antebraço.

— Vamos sair daqui, Alex. Deixa esses dois se resolverem sozinhos. — Ela também estava puta comigo. E me tornei, rapidamente, o vilão da história.

— Não sei que tipo de babaca doentio você
NACIONAIS - ACHERON

pensa que é, mas se encostar em um fio de cabelo da Julies, eu quebro a sua cara. — Ele deu as costas e abriu a porta num solavanco e fechou com força quando Cassie e ele saíram.

— Você tem coisas a me explicar. — Agora era a vez de Lauren ficar puta comigo. Sentei na cama, soltando uma lufada de ar e enquanto ela andava de um lado para o outro.

— Puta que pariu, você não vai surtar por isso, vai? — Ela me olhou feio.

— Você transou com ela?

— Lauren! — Levantei com raiva pelo uso de palavras dela.

— Me responde.

— Não, porra. Você sumiu por meses e agora está *me* culpando por ter pegado uma e outra... foi *você* quem sumiu. Quem simplesmente desapareceu da minha vida, então não venha me culpar com essa merda ou... vir com esse drama para fazer com que eu me sinta culpado.

— Não estou falando de *uma e outra*, estou falando da Juliette. — Ela gesticulou, nervosa e sentei na cama de novo. Lauren respirou, tentando

NACIONAIS - ACHERON

se acalmar, mas era impossível naquele estado em que se encontrava.

— Eu nunca tive nada com ela. Ela é a namorada do Cedrico, pelo amor de Deus. — Lauren respirou devagar, mordeu o lábio com força a ponto de sangrar e balançou a cabeça antes de sair, tempestiva.

O lado escuro da lua^[20]

— Esqueci-me de agradecer o presente. — Mostrei a bota que estava usando. — Mas Dia das Bruxas não é o tipo de feriado para presentear. — Ele deu de ombros, me ignorando e comeu uma uva em seu prato.

— Lembrei-me de você quando vi. — Ele sabia que eu tinha uma dezena de botas parecidas com aquela. Tínhamos ido para o colégio porque eu tinha uns trabalhos para fazer, assim como ele, e acabamos indo parar lá no jantar, comendo uvas e morangos, grudados um no outro.

— Obrigada. — Ele mexeu no meu cabelo. Era uma das coisas mais prazerosas, quando alguém fazia cafuné. Seus dedos massagearam-nos e encostei a cabeça em seu ombro. Distraí-me e levantei a cabeça quando Lauren se sentou na cadeira a nossa frente.

— Quero fazer uma proposta e vou direto ao ponto, mas quero fazer uma pergunta antes. — Ela me olhou com expressão neutra, mas havia algo feroz em seus olhos. — Você transou com o meu namorado?

— O quê? Claro que não! — Agora ele já era *namorado* outra vez. Respirei fundo, contendo minha raiva por ela fazer uma pergunta daquelas.

— Ótimo, isso é tranquilizante. Estou aqui para ajudar vocês. — Ela olhou para um Cedrico furioso ao meu lado. — Vocês querem quebrar a maldição e eu quero ajudar.

— Por quê? — Cedrico finalmente perguntou, inclinando-se.

— Porque você é meu amigo. Pode canalizar de mim para fazer o feitiço, eu só quero uma coisa em troca. — Ela olhou para mim por um longo momento, depois de voltou para Cedrico. — Você sabe que eu tenho o poder para isso e, aparentemente, sou a única disposta a ajudar.

— E o que você quer em troca? — Perguntei, sem acreditar que eu estava relevando o que aquela vadia estava propondo.

— O *Liber spiritus*. — Franzi o cenho ao escutar
NACIONAIS - ACHERON

aquele nome mais uma vez.

— O que você quer com aquele livro? — Fiquei em silêncio enquanto Cedrico fazia perguntas mais relevantes do que eu poderia.

— Um feitiço específico que abre um mundo prisão. — Outra palavra que eu já tinha escutado. Daquela vez, algo me fez estremecer. Lauren continuava com os olhos fixos no meu namorado e cruzei os braços na altura do peito.

O que diabos ela poderia querer? Ou melhor, quem ela queria colocar ou tirar de um mundo prisão? Era um motivo para ir para casa no Dia de Ação de Graças.

— Precisamos conversar. — Cedrico entrou por último e fechou a porta do meu quarto. Permanecemos de pé e coloquei a mão direita na cintura, nervosa. — Você confia nela?

— Confio, mas não sei o que Lauren quer com esse feitiço. Preciso descobrir antes que pense em fazer o que está pensando. — Ele sabia exatamente o que eu estava pensando e soltei o ar preso em meus pulmões, cansada. Não eram nem sete da noite e eu queria cair na cama e só sair de lá na segunda.

NACIONAIS - ACHERON

— Está bem. — Ele se aproximou e me abraçou, acalmando, temporariamente, meus demônios.

Comecei a me mover, assustada e soando. Estava tudo tão escuro que meu peito apertou até doer, batendo forte demais contra minhas costelas. Senti mãos firmes em meus ombros.

— Julies, acorda.

— Me solta. — Ergui os joelhos, tentando livrar do toque. Chutei-o e ele me segurou com mais força, imobilizando-me e ofeguei. Ele me soltou e dei um pulo da cama, ficando de pé. Ele acendeu o abajur que iluminou apenas parte de seu rosto, revelando sua expressão preocupada quando se sentou.

— Você está bem? — Balancei a cabeça, meio perturbada com o que tinha acontecido e vi que minhas roupas estavam rasgadas, como se alguém quisesse me rasgar com garras. Cedrico se sentou na borda de sua enorme cama de casal para me olhar nos olhos.

— Acho que sim. — Saí e disse a ele para voltar a dormir. Troquei de roupa e peguei o notebook, descendo as escadas. Sentei na sala da casa ainda
NACIONAIS - ACHERON

vazia e fantasmagórica e abri para checar e-mails às três e meia da manhã.

Jon, como sempre, era o primeiro da lista, mas ignorei quando vi que não era nada importante. Apaguei alguns e decidi entrar no meu perfil de uma rede social que eu tinha abandonado há quase um ano. Tinha umas fotos antigas, com Chris, meu ex-namorado, que decidi apagar. Sabia que teria que falar com alguém sobre tudo que tinha acontecido e o que estava acontecendo, mas não me sentia nem remotamente pronta para lidar com nada naquele momento.

Apaguei quase tudo e deixei uma foto minha na praia, que estava no perfil, e uma com Ana num barzinho de NY. Eu parecia estar feliz naquela foto, sorrindo, mas na verdade estava puta. Eu me lembrava daquela foto e daquele bar que frequentávamos aos fins de semana, mas não conseguia sentir falta. Era como se estivesse completa com Cedrico, mesmo naquela confusão, ele fazia tudo fazer sentido. Fechei o notebook com raiva, inundada por lembranças e senti as lágrimas se acumularem em meus olhos.

— Juliette. — Escutei alguém me chamar no
NACIONAIS - ACHERON

escuro e olhei na direção que vinha a voz. Ele acendeu o abajur e vi Rafael parado a minha frente.

— Você está chorando?

— Não. — Limpei as lágrimas quando elas escorreram pelo meu rosto.

— O que aconteceu? — Claro que ele não ia cair naquela que não era nada. — Se for o meu irmão que tiver feito você ficar assim... eu quebro a cara dele.

Sorri, meio que involuntariamente e ele se sentou ao meu lado, no escuro parcial.

— Não foi isso, eu estou bem. — Tentei parecer sincera e natural, mas meu tom soou horrivelmente choroso e meus olhos ardiam com mais lágrimas que insistiam em surgir.

— Porra nenhuma. Me diz o que é. — Foi quase um pedido e notei a sinceridade em seu tom.

— Eu estou confusa com tudo isso. — Murmurei, quase como se não quisesse que ele escutasse. — Com essa coisa toda. Eu não faço a menor ideia de como é ser uma bruxa, no que isso implica... eu nunca pratiquei e acabei provocando a morte de alguém...

— Ei. — Seu tom meigo me fez levantar a

NACIONAIS - ACHERON

cabeça. Eu podia ver a ferocidade brilhar em seus olhos naquele escuro. — Nem por um segundo se culpe pelo que aconteceu. Nada foi culpa sua. — Ele enfatizou e assenti depois de um longo momento sustentando seu olhar.

— Achei que estava dormindo. — Tentei mudar de assunto depois do embaraçoso silêncio.

— Eu estava tentando. — Ele ergueu os ombros.

— Lauren foi embora? — Ele assentiu e recostou no sofá. Ficamos naquele silêncio por mais um longo tempo. Eu estava encarando-o mais que abertamente.

— O que está fazendo aqui? — Ele perguntou olhando para o vazio diante dele e relaxei, soltando o ar que estava, inconscientemente, prendendo em meu peito. Passei a língua pelos lábios, pesando uma resposta adequada.

— Ahn...

— Quer ver um filme comigo?

Acordei depois das sete no domingo com um aperto sufocante, causado ainda pelo sonho horrível da noite anterior. Respirei fundo por um longo tempo, sentada sozinha na cama. Cedrico tinha o péssimo

NACIONAIS - ACHERON

hábito de me deixar sozinha e aquilo sempre me causava uma sensação ruim no peito. Livrei-me dos lençóis, suando frio e tomei um banho frio e coloquei a roupa mais quente que eu tinha ali. Uma camisa de algodão, preta, de mangas longas e gola V, jeans confortáveis. Esfreguei as mãos geladas uma na outra e desci as escadas, procurando por Cedrico. A sala estava vazia, como sempre estava ultimamente. Encontrei-o na cozinha sem camisa, cozinhando. Lindo, de tirar o fôlego se eu já não estivesse sem.

— Bom dia. — Ele nem se virou quando entrei e me ofereceu uma caneca de café, que aceitei sem relutância. Não tinha dormido quase nada e passei a madrugada assistindo Laranja Mecânica com Rafael, que eu duvidava que estivesse sem sono como eu, já que ele dormiu na metade do filme enquanto eu não conseguia pregar os olhos. Apesar de apreciar seu esforço em me fazer companhia, mesmo que fosse dormindo ao meu lado na sala da TV.

— Bom dia. — Sorri depois do primeiro gole de cafeína e ele apoiou-se na bancada, com uma expressão intensa no rosto. Sabia que estava pálida

NACIONAIS - ACHERON

e não era nenhuma representação de saúde naquele momento, mas o olhar dele me inquietava. Sentei no banco e coloquei a caneca na bancada.

— Você parece... cansada. Com cara de quem não conseguiu dormir direito, quero dizer. — Ele deu um meio sorriso e meu coração bateu mais rápido.

— Não consegui. — Contornei a borda da caneca com o indicador sem conseguir encará-lo direito. Cedrico ficou de frente para mim.

— Ei. — Levantei os olhos. — Pode me dizer o que estiver acontecendo... ou o que estiver sentindo. — Ele sorriu e fez o mesmo.

— Só não consegui dormir direito. — Ele assentiu e ofereceu um pãozinho doce delicioso. — Eu vou engordar desse jeito.

— Já é domingo, estou procurando influências para fazê-la voltar. — Ele se debruçou sobre a bancada e colocou um pedaço na minha cabeça. Me senti um passarinho sendo alimentado na boca e dei uma risada quando ele se afastou.

— Não vai se livrar de mim tão cedo. Mas... — Ele limpou o açúcar derretido na minha boca com um guardanapo e sorri. — Queria falar Alex hoje. E
NACIONAIS - ACHERON

talvez vá levar um tempo...

— A ideia de passar o fim de semana aqui, para mantê-la segura, era que você realmente ficasse aqui. — Suspirei, meio puta com a ideia de segurança deles em me deixar trancada.

— Eu já disse o que acho disso? — Ele balançou a cabeça negativamente e ficou ereto, com as palmas apoiadas na bancada. — Um saco. Eu vou sair com Alex, você pode me dar uma carona?

Ele não respondeu e imaginei se ele não daria para me manter presa, então, Cedrico relaxou a postura autoritária.

— Claro. — Ele saiu da cozinha, dizendo que precisava colocar uma roupa.

Cedrico não falou muito, só pilotou rápido demais. Segurei-o com força, ainda nem um pouco a vontade naquela moto, que ele tinha escolhido para me provocar por eu não querer estar com ele ou segura com ele. Também não me esforcei muito para conversar. Quando ele parou no colégio, tirei o capacete e dei a ele, nem um pouco gentil ou paciente.

— Ei, vem aqui. — Ele chamou quando subi o primeiro degrau. Parei e virei-me. Ele andou até

NACIONAIS - ACHERON

mim e tirou o capacete. Cheguei mais perto e ele enlaçou minha cintura com força, me beijando e permiti-me relaxar, derretendo em seus braços. Passei os braços pelo seu pescoço, sentindo meu corpo formigar e estremecer desde a espinha com a sensação deliciosa de ele estar perto.

Fiquei na ponta dos pés, chegando mais perto com sua perna direita entre as minhas, beijando-o com vontade.

— Calma aí. — Ele murmurou contra meus lábios, desequilibrando-se em cima da moto e sorri. — Cuidado com o que vai falar com seu amigo.

— Como assim? — Continuei agarrando-o enquanto ele tentava falar e Cedrico segurou meu queixo, deslizando o indicador pela minha bochecha e me afastou alguns centímetros.

— Você vai assustá-lo com essa conversa, então... — Beije-o de novo, prendendo seu lábio inferior, e seus lábios se moveram firmes nos meus. — Vá com calma. Preciso ir. — Ele se afastou e me deu um último selinho antes de colocar o capacete e ir.

Alex estava no quarto, finalmente estudando. Bati
NACIONAIS - ACHERON

antes, embora soubesse que Rafael não estava lá, e esperei ansiosa até ele dizer que eu poderia entrar.

— Oi. — Fechei a porta atrás de mim e ele fechou o notebook, com uma expressão fechada no rosto. Seu cabelo estava mais longo que o normal, uma mecha caía sobre sua testa e estava até bonitinho, apesar de ele estar meio zangado quando viu que era eu.

— Ei. — Ele sentou ereto e esperou que eu falasse o que eu queria. Sentei na cama de Rafael e coloquei a bolsa ao lado.

— Precisamos conversar.

— Estive esperando que me dissesse isso, mas tudo que você tem feito foi criar uma mentira em cima da outra.

— Eu sei. — Relaxei os ombros, suspirando. Era verdade, tudo que eu tinha dito para eles tinham sido mentiras. — Eu te disse muitas coisas para evitar a verdade desde que chegamos aqui. — Comprimi os lábios um contra o outro e inspirei profundamente. — Mas não quero mais segredos entre nós, Alex. Eu sinto muito a sua falta...

Alex fitou-me intensamente e senti um aperto no peito que doeu mais do que outra coisa. Mexi nas

NACIONAIS - ACHERON

minhas mais e coloquei-as espalmadas em meus joelhos, fazendo uma leve pressão. Mordi o lábio com força, sem saber como falar.

— Eu sou uma bruxa. — Falei rápido demais e meu corpo estava frio de nervosismo. Alex ergueu as sobrancelhas com o cenho franzido.

— Você enlouqueceu?

— Não, Alex. Eu estou falando muito sério. — Balancei a cabeça quase imperceptível, de maneira a enfatizar o que eu tinha acabado de dizer. Mas Cedrico estava certo, aquilo era muita loucura, só que eu não fazia ideia de como preparar o terreno antes de falar algo como aquilo. — Não surta, esta bem? Eu só precisava tirar isso de mim porque estou enlouquecendo...

Ele levantou, com a expressão tensa.

— Eu não sei o que dizer.

— Quero te mostrar uma coisa. — Ele assentiu, ainda meio sem reação. Fiquei de pé e respirei fundo, estendi a mão e me concentrei. Eu tinha praticado algumas coisa com Rafael nas últimas semanas, mesmo que não estivéssemos nos falando direito.

Minha intenção era abrir a janela a dois metros
NACIONAIS - ACHERON

de nós, mas acabei quebrando o vidro e abaixei a mão. Não tinha certeza se daria certo, mas meio que deu e já era um meio começo.

— Uau. — Ele recuou dois passos.

— Tem mais que você precisa saber. — Virei-me para ele. Alex estava tentando agir racionalmente, mas aquilo não tinha nada de racional. — Cassie também é uma bruxa.

— Espera aí. Acho que sou eu que estou surtando. — Ele sentou e fiquei de frente para ele. — É essa a coisa que você tem com os Hamilton? Porque é muita loucura, mas... agora faz todo o sentido.

— Eu não queria contar pra não te envolver nisso, mas não quero continuar mentindo e Rafael não queria que eu contasse... — Sentei do lado de um Alex imóvel e peguei a mão dele; dei um sorriso torto.

— O que precisa de mim? — Apoiei a cabeça em seu ombro e Alex me encarou.

— Só que fique do meu lado.

— Foi fácil falar com ele. Quero dizer, mais ou menos. — Apoiei o celular no ombro e destranquei

NACIONAIS - ACHERON

a porta do quarto.

— Como ele reagiu? — Cedrico estava bem mais relaxado que eu do outro lado da linha. Segurei o celular e olhei para a pequena bagunça que era o meu quarto, soltei um suspiro e passei a língua pelos lábios.

— Ele ficou surpreso e achou que eu estava louca, então não tem como saber direito. Deixar ele pensasse sobre isso sozinho foi minha melhor opção nesse momento. — Quase podia ver a expressão tranquila de Cedrico enquanto ele assentia. — Estou com saudades. — Sorri feito idiota, mas até aquilo me deixava contente ultimamente. Cedrico sorriu também.

— Eu apareço aí à noite pra te ver. Elena está calma e pensativa, o que já é uma evolução. Mas, como regente, ela precisa tomar uma decisão imparcial.

— O que isso significa? E o que quer dizer com *regente*? — Sentei na cama com o cenho franzido. Parecia algo importante pelo nome, o que tornava o fardo dela mais pesado.

— Elena é a regente de todos os covens de Salém, como tal, Lauren precisa ser julgada pelo NACIONAIS - ACHERON

crime que cometeu. Elena está dividida e eu a entendo, mas também está furiosa e não gosta da Lauren.

— O que ela poderia fazer?

— Eu não sei. Sinceramente, Elena é uma caixinha cheia de surpresas e tem agido impulsivamente nos últimos dias. Eu gostaria de poder ajudar, mas Elena não quer a ajuda de ninguém.

— Onde ela está? — Não podia negar que estava bem preocupada com ela e, em algum nível, me sentia culpada pelo desastre que tinha sido o Dia das Bruxas.

— Com a mãe dela. — Demorei dois segundos para assimilar Jane a esta imagem da mãe de Elena. Não parecia que Cedrico estava falando da mesma pessoa. — Mas não se preocupe.

— Não estou preocupada. — Menti, depois mudei de assunto. — Já estou com saudade... tem alguém batendo na porta. Nos vemos a noite.

— Estou ansioso por isso. — Desligamos e levantei para abrir a porta. Rafael entrou feito um furacão no meu quarto.

— Me diga que você enlouqueceu quando contou
NACIONAIS - ACHERON

tudo à Alex. — Respirei fundo, nem um pouco afim de ter aquela conversa de novo, ainda mais depois de eu ter dito tudo à Alex.

— Não, eu não enlouqueci. — Apertei o celular com mais força contra a palma.

— Seria mais explicável do que você ir até ele e contar uma coisa dessa dimensão. Você não deve fazer a porra da ideia do que isso significa, não é?

— Ele estava fora de si, gritando e gesticulando como um maluco.

— Não grita comigo!

— No que você estava pensando, porra?

— Eu confio no Alex, ao contrário de você. Saí do meu quarto. — Comecei a tremer de raiva.

— Você quer se livrar do problema se livrando de mim.

— Você é o único problema aqui e também é o único que enlouqueceu pra vir até aqui e achar que pode falar comigo desse jeito. — Ele me fuzilou com o olhar e se aproximou, prendendo-me entre ele e a porta.

— Eu espero que você esteja certa sobre ele, Julie. — Ele nunca tinha me chamado daquele jeito. Algo em seu tom me deixou nervosa e preendi

NACIONAIS - ACHERON

a respiração; meu peito doendo, queimando, com minha incapacidade de soltar o ar nele. — Espero mesmo. E eu vou te ensinar magia, você querendo ou não.

— Você vai me obrigar? — Conseguir dizer num sussurro; minhas pernas estavam bambas.

— É, eu vou. Não sou o mesmo cavaleiro que meu irmão, então acho melhor você colaborar. Esteja lá em casa depois da aula. — Ele foi para o lado e abriu a porta com tanta força que a maçaneta bateu no meu braço, acima do cotovelo, depois Rafael a puxou e bateu com força.

— Ela pediu uma reunião pra amanhã. Provavelmente para pedir um julgamento e fazer um discurso. — Ele ergueu os ombros e levou a mão aos meus cabelos, fazendo cafuné até eu fechar os olhos, sonolenta. Cedrico apareceu no meu quarto perto da uma da manhã e se acomodou confortavelmente à minha cama.

— Estou cansada. — Meus olhos estavam pesados de sono. Cedrico estava, estrategicamente, deitado atrás de mim, com o braço em torno da minha cintura.

NACIONAIS - ACHERON

— Desculpe. — Ele afrouxou o toque na minha cintura e enfiou os dedos os dedos em meus cabelos. Senti seus lábios na parte detrás do meu pescoço e sorri lentamente. — Pode dormir.

— Você está preocupado e eu não estou te escutando.

— Não quero te preocupar com isso. — Virei e ele tirou o cabelo do meu rosto.

— Não, diz. Eu estou sempre te enchendo com minhas coisas. — Ele ficou tenso e deslizei os dedos pelo seu rosto.

— Só preocupado com minha família, nada que eu possa resolver.

— Você vai amanhã? — Meus dedos traçaram círculos em seu peito, meus olhos fixos nele, na abertura em formato V da sua camisa.

— Claro. Queria te chamar para sair amanhã à noite. Pra uma casa noturna que eu gosto. — Senti que ele estava mudando de assunto e soltei o ar em meus pulmões, levantando os olhos.

— Não, você não quer. — Eu estava dando uma de analista irritante, mas ele precisava escutar também. — Você acha que amanhã vai ser horrível e está se preparando para sair e beber... encher a
NACIONAIS - ACHERON

cara até cair. Não é a solução.

— Normalmente eu diria algo para confortá-la, mas você não está enganada. Fora a parte de cair.

— Acabei sorrindo, mas ele estava meio que sério.

— Está bem, eu quero sair com você, mas isso não significa que você vai beber. — Ergui-me um pouquinho e beijei-o. Comecei devagar e ele ficou parado, tenso. Pousei a mão em seus músculos rígidos e subi até seu pescoço. Seus lábios se moveram firmes sob os meus e ele agarrou minha nuca. — Depois, você vai descobrir o que a Lauren quer, quando demos a ela...

Não continuei. Passei por debaixo das cobertas e joguei-as sobre mim, beijando-o por debaixo delas num incontrollável frenesi, sentindo minhas veias pulsando rápido demais para algo estar normal. Aquele feitiço estava mesmo nos afetando como uma praga. Cedrico tinha sido a primeira pessoa por quem eu tinha sentido aquela atração física, capaz de provocar uma explosão, completamente animalesca; algo que me mantinha fora de mim enquanto eu o tocava. Ele rosnou contra meus lábios, mantendo minha excitação em algo quando me segurou pela parte interna da coxa, bem firme

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

perto dele, antes de me afastar.

NACIONAIS - ACHERON

Já estamos fora de perigo?[\[21\]](#)

Acordei pior na segunda do que em qualquer outro dia, mas não queria preocupar ninguém por causa de uma febre, então fui para a aula de história, depois a de biologia quase caindo pelo corredor.

A última aula antes do almoço era de ocultismo e nem consegui me lembrar de como cheguei lá e sentei ao lado de Cedrico, dizendo que estava bem quando ele perguntou. Ele me lançou um olhar estranho. Elena entrou na sala e vi Rafael do outro lado, com Lauren. Eu estava péssima sem precisar ver aqueles dois juntos, e pior, eu me sentia mal mesmo por vê-los juntos, como se realmente me afetassem. Tentei me concentrar nas palavras de Elena, mas estava meio complicado. Ela começou a falar sobre os julgamentos que aconteceram

naquela cidade, principalmente, no ano de 1692.

JULGAMENTOS, ela escreveu no quadro-negro e limpou as mãos do giz.

— O que vocês entendem de julgamentos no século em que vivemos não é exatamente o mesmo conceito aplicado algumas centenas de anos atrás. — Ela usava vestido cinza de tecido pesado, para o dia nublado, porém sem mangas. — Qualquer um poderia ser acusado pela prática de bruxaria, mas, principalmente mulheres e negras. Se eu não gosto de alguém. — Ela olhava, ameaçadoramente, para Lauren. — Eu mando esta pessoa à julgamento. Ela é condenada e eu, rapidamente, me livro da pedrinha no meu sapato. — Ela se virou para o resto da classe. — E é assim que se inicia um ciclo vicioso de condenações durante a Idade das Trevas. Milhares de bruxos foram assassinados, até que tais julgamentos chegaram até nós e, no ano de 1692, bruxas foram mandadas à fogueira pela suposta prática. Por isso, celebramos esta data hoje. Todos vocês sabem da festa da fogueira. Alguém pode me dizer por que ela acontece?

Lauren levantou a mão, quase que encarando o desafio de ter de conviver com Elena, que deu a vez

NACIONAIS - ACHERON

à ela de falar.

— É celebrado o dia em que as bruxas foram mandadas à fogueira, então, acendemos a fogueira para comemorar termos nos livrado delas. — Ela falou em tom normal, olhando para cada um de nós. — Era comemorado no fim de outubro, mas a cidade decidiu transferir a data para novembro por conta de outras datas comemorativas serem próximas demais.

— Aluna nova. — Elena sorriu. — Obrigada.

— Você quer ir à fogueira?

— Ahn?

— Quer ir à fogueira comigo mais tarde? — Ele jogou um panfleto na minha mesa e levantei os olhos para Alex no refeitório. Meio tonta, peguei o papel com imagens simbólicas de bruxas sendo queimadas, gritando, agonizando. Era uma espécie de sátira que não devia ser nada engraçado para Cedrico e a família dele. De repente, lembrei de como os pais dele tinham morrido e achei a celebração ainda mais mórbida.

— Está tudo bem? — Ele balançou a cabeça, saindo do transe, olhando para outro panfleto em NACIONAIS - ACHERON

sua mão, e levantou a cabeça.

— Claro, só fiquei...

— O que deu em você? — Alex olhou para ele com uma expressão interrogatória no rosto.

— Desculpe. — Ele amassou o papel em preto e branco e jogou na lixeira à cinco metros de distancia com uma habilidade perfeita. — Meus pais morreram num incêndio. Foi só uma coisa meio esquisita. — Ele se virou para mim. — Você quer ir?

— Não se importa? — Ele ergueu os ombros, mas imaginei que devia se importar, sim. — Claro.

Tentei parecer empolgada por um segundo e Alex levantou, dizendo que ia me deixar sozinha com o Hamilton bonzinho.

— Tem certeza que quer ir nessa coisa? — Segurei o panfleto que Alex tinha deixado comigo. Cedrico assentiu

— Por que não? Vai ser divertido, além disso, vale uma boa nota em ocultismo. — Não que ele se importasse de fato. Assenti e enfiei aquele papel o mais fundo possível na minha bolsa.

Decidi que deveríamos matar todas as aulas da
NACIONAIS - ACHERON

tarde para ir até aquele tal de campo de íxia e passar uma tarde inteira nele e foi o que fizemos. Na verdade, eu estava arriscando demais ser pega, e expulsa. Mas valia todo o perigo. Deitamo-nos na grama e fizemos um piquenique na parte mais alta, onde a grama era curta e macia.

— O que eu uso naquela fogueira idiota? — Perguntei já perto da hora em que deveríamos voltar. A tarde pareceu voar enquanto estávamos juntos e acabamos deitados na grama, com o braço de Cedrico em torno dos meus ombros. Estávamos de óculos escuros e sorrindo enquanto o sol nos queimava. — Você não se importa *mesmo*? — Estava muito preocupada com aquilo. Talvez o suficiente para não conseguir relaxar.

— Geralmente, eu vou. Não que eu faça questão de ir a um lugar onde queiram homenagear a morte dos meus semelhantes e planejar a minha. — Ele ergueu os ombros. — Pode ir com o que quiser, mas acho que você fica mais bonita de vestido.

— Mesmo? — Ele balançou a cabeça e pousou os lábios na minha testa, demorado, demorando seu olhar naquele horizonte imenso, enquanto estávamos bem agarradinhos.

NACIONAIS - ACHERON

RAFAEL

Dei o primeiro soco e Cedrico desviou dele. Não curtia lutar com raiva, mas precisava extravasar tudo aquilo que estava sentindo, aquela loucura estava me consumindo por inteiro e eu queria usar as o treino de MMA para socar Cedrico, todo sorridente com a garota que deveria ser minha. Tentei acertar mais dois, mas ele ergueu a guarda e me acertou um gancho no queixo que me fez cambalear e quase cair.

— Não está concentrado. — Ele disse, provocativo. Cedrico sabia que eu podia ganhar dele em outro momento, mas estava fora de mim naquele, ele só não sabia que era por causa da namorada dele.

— Lauren está me tirando o sono. — Aproximei-me com aquela mentira e tentei acertá-lo, mas sem me defender direito, nem um pouco concentrado, e ele acabou me acertando com um soco. Com força.

— Deixe-a fora disso. — Ele falou com raiva e pressionei o antebraço contra o lábio para ver o sangue.

NACIONAIS - ACHERON

— Está querendo descontar algo em mim? — Perguntei, com a mesma raiva que ele depositara em mim no segundo anterior. Cedrico balançou a cabeça e inclinou-a num gesto irônico que não era de seu feitio.

— Não banque o cínico pro meu lado. — Fui para cima dele cheio de raiva e acertei um soco em seu rosto, sentindo a maçã de seu rosto sobre meu punho, aproveitando a sensação de enfiar a mão na cara dele. Cedrico ficou de pé e me acertou um soco, espumando de raiva. — Eu tenho visto você babar pela minha namorada, mas não falei nada, esperando que tivesse vergonha na cara pra cuidar da sua namorada e deixar a minha. Eu sei que você foi ao quarto dela ontem à noite.

— Eu nunca dei em cima da Julie, mesmo gostando dela. — Dei alguns passos cambaleantes para trás, me desequilibrando e quase caindo.

— Tudo bem com vocês? — Ric entrou no tatame e percebeu que deveria intervir em breve. Nenhum de nós respondeu e olhei com raiva para o meu irmão.

— Então você admite que gosta dela, seu filho da puta? — Ele veio pra cima de mim e me acertou

NACIONAIS - ACHERON

mais algumas vezes.

Não sei por que não me defendi, mas ele se lançou sobre mim, derrubando-me e começou a me acertar com uma violência que eu nunca tinha experimentado por parte dele. Cedrico não era daquele jeito, ele estava tomado por algo mais forte que ele. A paixão que ele sentia por aquela garota; a mesma que eu. Acertei um murro que pareceu ter deslocado seu maxilar e saí e debaixo dele, sentindo o rosto latejar e sangrar. Ric veio correndo até mim e colocou a mão no peito de Cedrico, impedindo-o de se aproximar.

— Achei que fossem os únicos que não se atracariam nas aulas. Que porra é essa? — Respirei bem fundo e toquei o lábio inferior inchado. Cedrico manteve as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo.

— Deixa quieto, Ric. — Disse, com a respiração entrecortada e Cedrico deu as costas pelo lado oposto ao que eu saí.

Juliette estava andando de um lado para o outro na sala de TV. Ela era a última pessoa que esperava encontrar ali quando fui pegar meu celular. A
NACIONAIS - ACHERON

televisão enorme estava ligada, passando Entrevista com o vampiro, e ela estava mais, muito mais que linda.

— Seu celular estava tocando. — Ela desabou no sofá sem olhar para mim e fechei a porta, penetrando o ambiente escuro. Sentei ao lado dela e peguei o celular, cheio de chamadas perdidas e mensagens da Lauren. A sala estava escura e pensei em sair logo antes que alguém aparecesse. — Ei, olha pra mim.

Virei a cabeça, devagar e ela pareceu assustada. Eu deveria estar horrível, com a cara toda quebrada e Julie estendeu o braço e tocou minha bochecha. Estremeci sob o toque de seus dedos longos, frágeis e frios; meio trêmulos.

— O que aconteceu com você? — Ela murmurou, meio horrorizada. Eu devia estar mesmo horrível. Respirei com força e ela arquejou.

— Cedrico e eu nos desentendemos. — Ela se afastou, com o cenho franzido.

— Por quê? — Seu tom denunciou algo que eu não tinha percebido até então.

— Não vou mentir. — Virei-me para a tela, sem querer encará-la, mas também sem querer mentir.

NACIONAIS - ACHERON

Estava na clássica cena em que Lestat transformava Cláudia. — Nós brigamos por sua causa.

— *O quê?* — Ela franziu o cenho suavemente e meus olhos desceram até suas coxas, onde acabava seu vestido preto de bolinhas brancas. E belas pernas. Ergui os olhos para encontrar os dela e Juliette me olhou paciente, esperando-me responder.

— Acho melhor deixar que Cedrico te responda isso. — Levantei, sem esperar que ela perguntasse mais, e saí.

JULIETTE

Cedrico abriu a porta do carro para eu entrar e nem nos falamos direito. Eu estava, em parte nervosa, em parte irritada depois de ter encontrado Rafael todo quebrado na sala de vídeo. Cedrico não estava nem um pouco melhor e pude ver que seu olho estava começando a inchar, e tinha uma marca em seu rosto, logo abaixo do olho esquerdo. Não falei nada e esperei que ele me dissesse o que tinha acontecido entre ele e o irmão, mas estava ansiosa para saber sem querer parecer enxerida.

NACIONAIS - ACHERON

— Deve estar se perguntando o que foi isso. — Ele finalmente disse, depois de um quilômetro, quando entramos na estrada.

— É, eu estou. Eu encontrei Rafael... ele sempre cai fora antes de dizer o que aconteceu, mas não estava nem um pouco melhor e disse que vocês brigaram...

— Por sua causa? — Ele se virou parcialmente, sem tirar os olhos da estrada. Não respondi e ele também ficou em silêncio por algum tempo. Daquela vez, a pista não estava vazia como antes; dezenas de carros passaram por nós e percebi que ele não estava nem a 40km/h. — Não foi exatamente por sua causa. Rafael tem estado estranho desde que você apareceu em nossas vidas, e sei que ele sente algo por você. Embora isso me irrite, também sei que Lauren reaparecer agora bagunçou a cabeça dele, mas Rafael não é nenhum inocente e está agindo como se nós fôssemos culpados. Lauren e eu.

— E você quis quebrar a cara dele para ficarem quites? — Perguntei com o cenho franzido. Cedrico me lançou reprovador que me fez relaxar os ombros, mas daquela vez era ele quem estava

NACIONAIS - ACHERON

agindo como se eu fosse a culpada.

— Eu não *quebrei* a cara dele. Caso não tenha reparado, nenhum de nós é santo. Ele veio para cima de mim no treino de MMA. — Soltei um suspiro exasperado, sem querer insistir naquela conversa, mas ainda tínhamos o que dizer sobre aquilo.

Só que, com a noite inteira pela frente, discutir só ia atrapalhar meus planos frustrados de diversão. E os de esquecer tudo por uma noite que fosse, mesmo que num lugar que me lembrasse bruxos. Que gritasse a palavra bruxaria, mas que não seria sobre nós e seria nossa primeira chance de parecer um casal normal em público. Respirei devagar e fiquei em silêncio, contendo tudo dentro de mim. tudo que eu queria falar, mas me segurei para não estragar tudo. O que, tendenciosamente, eu estava tentada a fazer.

— Eu não quero brigar. — Disse, finalmente. A fogueira seria na floresta depois de passarmos pelo centro, que nos fez parar no semáforo lotado. A cidade parecia quase tão viva quanto no tal festival; que eu nem queria lembrar, nem daquela dança com Rafael. — Só quero aproveitar a noite.

NACIONAIS - ACHERON

Ele me olhou com o canto dos olhos, depois se virou, baixando a guarda; mais ou menos como eu queria e sorriu. Era o tipo de sorriso amável que me fazia feliz somente ao contemplá-lo.

— Eu também. Só quero que você aproveite. — Sorri de volta e Cedrico finalmente parou, um quilômetro a frente, na tal festa.

Estava tudo lotado e Cedrico enfiou o carro de qualquer jeito no meio da floresta de copas baixas e cheias, fácil de se perder. Ele segurou minha mão e arranhou-me uma cerveja um segundo depois de chegarmos. Beberiquei a bebida de gosto horrível e fiquei segurando, para parecer com aqueles adolescentes normais que estavam se divertindo, mas *ainda* não estava. Virei e parei a frente de Cedrico, em meio a todas aquelas pessoas; coloquei a mão livre em seu pescoço e ele sorriu, me beijando rapidamente.

— Vamos só aproveitar hoje, ta? — Nossos narizes roçaram um no outro; o dele estava quente e o meu gelado. Cedrico balançou a cabeça e me beijou devagar.

— Talvez nem tudo sejam flores hoje. — Ele
NACIONAIS - ACHERON

falou, olhando por sob meu ombro com o braço segurando-me firme pela cintura. Virei para ver Rafael do outro lado da enorme fogueira praticamente engolindo aquela loira aguada. Revirei os olhos antes de me voltar para Cedrico e fingir que estava tudo bem. — Eu preferiria evitar atritos e preferiria que um de nós não viesse. Imaginei que fosse ele.

— Ainda está meio recente, tenho certeza que daqui alguns dias vocês estarão se falando de novo.
— Ergui os ombros e andamos na direção contrária.
— Melhores amigos.

Virei a cerveja na boca e alguém esbarrou em mim, propositalmente, fazendo com que o conteúdo fosse todo no meu decote. Apertei o copo de plástico com raiva e levantei os olhos para ver Lauren me olhando com uma expressão cínica. O copo caiu no chão e tive vontade de esfregar a cara dela nele.

— Me desculpe, Juliette. Foi *totalmente* sem querer. — Ainda me perguntava como ela tinha chegado ali tão rápido quando Rafael apareceu ao lado dela com uma bebida e olhou para Cedrico, depois seu olhar se demorou em mim de maneira
NACIONAIS - ACHERON

incômoda.

— O que aconteceu? — Ele franziu o cenho enquanto Lauren sorria.

— Eu sou muito desastrada. — Ela falou e Cedrico a fuzilou com o olhar.

— Não seja cínica, Lauren. — Ele disparou antes que eu tivesse a chance, porém mais calmo do que eu poderia ser naquele momento. — Você fez de propósito. — Senti os olhos de Rafael em mim, principalmente no decote no vestido, cheio de cerveja barata, depois na mão de Cedrico em torno da minha cintura; tudo em um segundo antes de se voltar para Lauren, afastando-a de nós.

— Vamos sair daqui. — Eu disse, por fim. Rafael levou a namorada irritante dele para longe da minha vista e Cedrico e eu andamos de volta até o carro dele. Meu vestido estava todo molhado e eu precisava de um banho imediatamente para tirar aquele cheiro horrível de cerveja, que grudava em mim. — Que nojo.

— Me desculpe por isso. — Ele abriu a porta do carro, irado, e entramos. — Não vou embora sem antes dar o troco neles.

— Ei, Cedrico, olha para mim. — Quando ele o
NACIONAIS - ACHERON

fez, pude ver o ódio brilhar em seus olhos. — Deixa eles para lá. — Segurei seu rosto entre as mãos e vi algo faiscar em seus olhos, então ele os fechou, desvencilhando-se com cuidado do meu toque.

Conseguimos ceder em algum ponto no meio da estrada. Concordei que nossa noite não ia acabar estragada e fui tomar um banho rápido antes de voltarmos para a fogueira. Daquela vez, coloquei jeans e camisa de mangas longas e as botas que Cedrico tinha me dado. Deixei os cabelos soltos e passei um gloss vermelho e encontrei-o do lado de fora. Tínhamos perdido uma parte da diversão, mas não toda ela e voltamos para a floresta do outro lado da cidade.

Não parecia que tínhamos perdido nada; parecia melhor do que quando saímos. Todo mundo estava parcialmente bêbado e a música tocava alta, a batida era sensual e a maioria das pessoas estavam dançando, nem que fosse só pelo efeito da bebida. Tinham barris de cerveja em todo o lugar e era fácil ficar bêbado e conseguir esquecer do resto das coisas, mas eu não conseguia tirar Elena e o tal julgamento da cabeça.

NACIONAIS - ACHERON

— Vamos fazer certo dessa vez. — Cedrico pegou uma cerveja e virei na boca com um sorriso de quem estava afim de se embebedar. — Vai com calma. — Peguei mais uma enquanto ele estava na primeira. — Não que eu me importe em carregá-la de volta para o seu quarto. — Um sorriso despontou dos seus lábios e senti o álcool da bebida ruim percorrer minhas veias e começar a me soltar. Foi até bom conseguir aquele efeito através da bebida.

— Vamos aproveitar. — Ergui o copo antes de matar a bebida num gole só.

— Parece que alguém está aproveitando a noite. — Virei-me e vi Alex atrás de mim, todo taciturno e joguei os braços em torno dele, fazendo com que ele soltasse a mão de Cassandra.

— Achei que não tinha vindo.

— Achou que eu ia perder essa? — Ele me fez soltá-lo, visto que eu o estava apertando demais, quase sufocando-o com os braços. — Já estamos indo.

— Tão cedo? — Mordi o lábio e percebi minha intromissão imediatamente e me corrigi com um *Oh* que soou surpreso demais. Cassandra riu e

NACIONAIS - ACHERON

puxou Alex pelo braço, dizendo que precisavam ir. Alex acenou e saiu, deixando-nos outra vez a sós na sufocante multidão.

— Não foi muito educado perguntar. — Cedrico riu com o copo ainda cheio na mão. Sorri também e passei os olhos pela multidão de alunos, moradores locais e turistas que ocupavam aquela pequena área de floresta.

— Vamos nos divertir dessa vez. — Talvez não fosse a melhor ideia passar tanto tempo ao lado de um barril de cerveja, mas me servi da terceira ou quarta cerveja; provavelmente mais do que eu já tinha bebido a vida inteira, antes de tomar coragem de chamar Cedrico para dançar. — Venha, vamos dançar.

Ele concordou, relutante e terminou a cerveja. Antes que saíssemos de lá, Alice surgiu em meu campo de visão. Cogitei se não teríamos paz a noite inteira, apenas desfrutando da companhia um do outro. Soltei um longo suspiro por ter que lidar com todos os problemas do mundo inteiro, sem nem ter direito a um descanso.

— Precisamos conversar. — Ela disse séria demais para a quantidade de bebida que eu tinha

NACIONAIS - ACHERON

acabado de ingerir.

— Ela está bêbada. — Cedrico disse, gesticulando com o copo na minha direção, o que considereei, particularmente, ofensivo.

— Eu não estou bêbada. — Voltei-me para Alice. — Eu sei que tenho te evitado, mas não podia falar sobre feitiços agora.

Ela assentiu e peguei outra cerveja, virando a metade na boca, sentindo a necessidade de ficar mesmo bêbada para evitar a metade das conversas que queriam me forçar a ter naquela noite.

— Claro. É demais. — Ela revirou os olhos e enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo. — Eu falo com você depois.

Alice se virou para sair e terminei a cerveja.

— Eu sei que não quer que Cedrico saiba. — Ela se virou, esperando pelo que quer que eu fosse dizer. Sorri, sem me mover. — Relaxa, eu não vou contar para ninguém.

— Contar o quê? — Ele arqueou a sobrancelha.

Alice me deu as costas e fechei os olhos por um segundo.

— Você está fria. — Cedrico tocou meu pescoço com as costas da mão.

NACIONAIS - ACHERON

— Acho que sim. — Disse, sentindo-me fraca de repente. — Acho que deveríamos...

— Wow. Vou te levar ao hospital. — Ele me segurou pela cintura e passei o braço pelos seus ombros. Amaldiçoei-me pela noite acabar pela segunda vez de maneira tão frustrada. Ele me colocou com cuidado no carro e fechei os olhos assim que saímos. — Como está se sentindo?

— Merda. Eu não queria ter estragado a noite. Talvez seja algum efeito idiota dessa maldição. — Falei, gesticulando sutilmente.

— Não diga bobagens. — Ele revirou os olhos e girou o volante.

Joseph passou os dedos pelos cabelos. Eu estava deitada numa maca num quarto na clínica que parecia assombrada àquela hora da noite, completamente vazia.

— É só uma virose, Juliette. — Ele sorriu, como se fosse engraçado e me ajeitei, sonolenta. — Desta vez você está livre de magia e envenenamento. Vou receitar algo e pode ir.

— Simples assim? — Meu tom foi embargado pelo sono e apoiei as palmas no colchão para

NACIONAIS - ACHERON

assimilar o que ele estava falando. Antes de Joseph responder, Jon entrou pela porta e soltei o ar em meus pulmões, cansada demais para discutir com ele. — O que está fazendo aqui?

— Eu o chamei. — Arqueei a sobrancelha. — Você é menor de idade, é um procedimento legal.

— Você está bem? — Ele deu uma de preocupado e amaldiçoei Joseph por tê-lo chamado para ficar ao meu lado fingindo se importar.

— Estou, Joseph disse que posso ir embora. — Ele parou diante de Joseph.

— Vou te levar para casa. — Levantei, cansada e apoiei-me nele para ficar de pé. Cansei de resistir aos esforços dele e disse que iria para o apartamento dele.

Cedrico deu o fora quando viu Jon e eu o entendia, mas estava meio bêbada, então apenas deixei Jon me levar dali até um Bentley estacionado minuciosamente próximo ao meio-fio.

— Quando bebeu?

— Um bocado. — Soltei-me dele e abri a porta do carro, tropeçando nos saltos que eram altos demais. Jon abriu a porta direito, esperou que eu me sentasse e a fechou, dando a volta.

NACIONAIS - ACHERON

Ele não disse nada por ter que ir me buscar numa clínica, tarde da noite, caindo de bêbada. Fechei os olhos e peguei no sono rápido.

Lar^[22]

O sol queimava minha pele e ardia meus olhos, já alto no céu. Esfreguei-os e olhei as horas num rádio relógio ao lado da cama. Dei um pulo; eu estava *muito* atrasada para a aula, isso se conseguisse assistir alguma às nove da manhã. Passei os dedos pelos cabelos e me senti amassada pelo jeans e com a cabeça explodindo. O quarto que eu estava era pequeno, mas confortável com uma cama de casal, criado-mudo, guarda-roupas e uma estante de livro na lateral, ao lado da porta. Uma janela de visão panorâmica tinha as cortinas abertas e permitia a entrada do sol.

Tinha um banheiro do lado esquerdo e achei escovas de dente. Arrumei o cabelo e saí do quarto, sonolenta e apoiando-me nas paredes para ficar de pé. Passei pelo pequeno corredor do moderno apartamento, completamente iluminado e encontrei

Jon na cozinha, todo casual, de moletom e camisa larga de mangas longas. Ele estava estranhamente bonito enquanto preparava o café da manhã e esqueci por um minuto o monstro que ele poderia ser. Saí de detrás da parede e vi Izabel sentada de frente para ele com uma caneca de café, rindo de algo que Jon dizia. Ele também sorria de maneira natural e relaxada, assim como ela.

— Ahn... oi. — Os dois se viraram sérios e Izabel adotou uma postura tensa.

— Bom dia. — Dei um sorriso meio forçado e atravessei a sala de estar até a cozinha, apreciando o bom gosto de Jon, imaginando como ele tinha se livrado de todo o luxo e conforto de seu apartamento no Central Park para viver em algo tão minúsculo, mesmo que não passasse tanto tempo nele. Passei a língua pelos lábios e peguei um pouco de café, sentindo-me estranhamente feliz por estar ali. Eu sabia que tinha sentido falta daquelas coisas, mas depois do que eu sabia sobre meu pai, parecia meio errado.

Porém, não consegui me recriminar por sentar num banquinho ao lado de Izabel e sentir o cheiro do café maravilhoso que meu pai fazia. Parecia

NACIONAIS - ACHERON

perfeito demais para mim, mas tentei relaxar.

— Por que não me acordou? Eu tinha aula hoje.

— Peguei uma fatia de bacon e ele levantou os olhos. Seu cabelo, negro como o meu, estava maior do que o normal; curto nas laterais e meio irregular em cima, com uma mecha caindo, vez ou outra, em sua testa e olhos. Ele era mesmo bonito, isso era inegável, assim como perverso.

— Você caiu na cama ontem a noite. — Ele levantou os olhos e mordeu o lábio, comendo bacon e ovos. — E parecia bêbada, além de doente, então achei que um dia de aula não fosse fazer diferença.

Izabel estava estranhamente quieta; pensativa.

— Tudo bem? — Voltei-me para ela e minha mãe se virou, com um sorriso radiante que desfazia minhas dúvidas sobre o estado de espírito dela com relação ao meu pai.

— Estou ótima, meu amor. — Ela passou os dedos pelos meus cabelos, calmamente e sorriu quando ela se afastou. — Eu só dei uma passada aqui antes de ir para o trabalho. Terei que voltar à Praga por um tempo; há certas coisas que não posso fazer daqui. — Ela se levantou e meu sorriso desapareceu completamente, murchando minhas
NACIONAIS - ACHERON

expectativas de que passaríamos algum tempo juntas, mas na verdade, eu é que não tinha estado muito disponível para ela desde que tínhamos voltado para a vida uma da outra. Izabel depositou um beijo na minha testa. — Preciso ir. Dê uma chance a Jon. — Ela murmurou antes de ir.

Jon e eu ficamos em silêncio por um longo tempo. Ele de pé, tomando o café preto e forte, e eu sentada, comendo.

— Gostaria que fosse a um lugar comigo hoje. — Ele pousou a caneca, com cuidado na bancada. Franzi o cenho e engoli em seco. — Não estou impondo nada. Estou dando uma escolha.

Pensei se deveria, mas no fim das contas, eu ainda confiava cegamente nele; como uma criancinha deve acreditar nos pais. Respirei fundo e assenti, devagar: —Tudo bem, eu vou.

— Você não disse para onde estávamos indo. — Protestei sob o frio cortante quando entramos no avião particular dele. Nova York ficava a um pulo, mas parecia muito mais distante nos meus pensamentos.

— Está um gelo aqui. — Ele esfregou as mãos

NACIONAIS - ACHERON

sob uma luva cara de couro e se sentou. Sentei a frente dele e uma aeromoça nos disse para por o cinto. Eu só tinha uma jaqueta por cima da roupa que estivera usando na noite anterior e segurava minha bolsa. — Vamos dar uma passada em casa e podemos pegar algo para você vestir. — O piloto surgiu da cabine atrás de Jon e eles se cumprimentaram como se fossem velhos amigos; não daquela maneira distante com que ele cumprimentava um acionista ou alguém com quem estava fechando um negócio. — Vamos sair de Nova York às 22h00, me avise se tivermos algum problema com o tempo por lá.

O piloto acenou e me cumprimentou antes de entrar na cabine. O tempo voou dentro do avião; Nova York estava congelando em vários graus abaixo de zero. O pai de Alex, motorista do meu pai, estava nos esperando no aeroporto com uma postura rígida; meio cansada até. Dei um abraço forte nele, sentindo saudades de casa quando coloquei os pés naquele lugar.

— Dave. — Envolvi meus braços em torno do seu pescoço, com força. Ele me abraçou de volta na mesma intensidade antes de eu soltar, sentindo-me

NACIONAIS - ACHERON

sem forças. Jon parou ao meu lado e sorriu. — Eu sinto muito sua falta. Disso tudo.

— Pensei que estaria no colégio...

— Eu a sequestrei por um dia. — O tom de Jon foi quase divertido quando entrou no carro.

O apartamento no Central Park estava escuro, mas as luzes iluminaram tudo quando entramos. Jon deu os primeiros passos e eu fiquei parada na porta, olhando aquilo tudo, quase deslumbrada. Consertei a bolsa no ombro e entrei, tremendo de frio. Meu celular vibrou com uma mensagem de Cedrico, que respondi num segundo e voltei minha atenção ao ambiente.

Onde você está?

NY.

Jon tirou o cachecol e o sobretudo. O ambiente foi se aquecendo aos poucos, bloqueando em mim aquela sensação de frio; tirei a jaqueta e coloquei no sofá, junto da bolsa.

— Está com fome?

— Onde você queria me levar? — Ele abriu a
NACIONAIS - ACHERON

porta da geladeira e não tinha quase nada. Com tantas viagens e poucos dias em casa, seria uma enorme surpresa se tivesse algo descente para comer.

— Vamos dar uma volta; não se preocupe. Vou te deixar no seu colégio, pronta para a aula de amanhã. — Dei alguns passos hesitantes e tirou queijo da geladeira, depois suco de caixinha. — É tudo que tenho a oferecer.

Assenti e me sentei no banco na bancada, de frente para onde Jon preparava um sanduíche e queijo, alface e peito de peru.

— Achei que fôssemos para a casa do vovô. — Falei meio hesitante, sem saber se deveria mesmo tocar no assunto. Minha relação com Jon tinha passado de distante para completamente fria depois de toda aquela coisa de bruxaria.

— Nós vamos; só achei que seria melhor começarmos por aqui. — Ele me ofereceu um sanduíche e comeu outro de pé, bem rápido. — Vamos lá?

Assenti. Saímos do prédio. Jon estava com o celular na mão, planejando alguma coisa, e eu com o sanduíche comido pela metade, a bolsa e a

NACIONAIS - ACHERON

jaqueta pendurada no braço. Nova York era um sopro de vida; só de sentir aquele ar fresco em meus pulmões eu já me sentia viva. As cores pulsantes e a vida ao meu redor faziam a viagem ter valido a pena sem que eu soubesse o que Jon queria que eu soubesse ou visse. Não importava.

Só aquela cidade importava. Dave abriu a porta do carro e entrei depois de Jon. Ele parecia saber exatamente para onde ir e voamos até a casa do meu avô, meio afastada daquela agitação, passando pela sede das empresas dele no caminho. A casa parecia abandonada e gritava por luz do dia desesperadamente. Jon apenas me pediu para segui-lo, mas meus olhos vagueavam por cada canto em cada cômodo da casa em que eu tinha crescido. Subi as escadas até a pequena biblioteca anexa à suíte que pertencera ao meu avô. Não consegui impedir que lembranças felizes de tempos de alegria extrema permeassem meus pensamentos, distraíndo-me do que estava à minha frente.

Na biblioteca, havia somente livros, em estantes que iam do chão ao teto, em todas as paredes, uma escrivaninha de madeira velha que meu avô insistia em manter e um tapete felpudo. Eu me lembrava

NACIONAIS - ACHERON

que Friedrich gostava de andar de um lado para o outro enquanto lia algum clássico alemão ou inglês, até mesmo para mim. Num canto esquecido, havia uma poltrona de couro em que ele sentava, mas há muito tempo. Tanto tempo já poderia ter levado embora aquelas memórias, mas continuavam tão vívidas que doíam como agulhas em minha pele.

— O que estamos fazendo aqui? — Parei perto da porta, agarrando minha jaqueta com força.

— Quero te dar uma coisa. — Ele se aproximou da escrivaninha e abriu uma das gavetas, tirando de lá um livro grosso e antigo, aparentemente feito a mão. A capa era de couro e tinha um círculo e dentro dele um triângulo; aparentemente eram apenas desenhos bobos, mas não conseguia negar que tinha sentido algo estranho quando o vi.

— É o...

— Livro dos espíritos. É seu, pegue. — Ele estendeu e toque sua borda, relutante e senti a magia que pulsava naquela coisa, mas eu sabia que não era uma magia boa. Não soltei, determinada a descobrir qual era a coisa por trás daquilo. Segurei-o com as duas mãos e olhei para Jon, com sua expressão neutra, mas eu sabia o que ele pensava

NACIONAIS - ACHERON

daquilo.

— Podemos ir?

Nas primeiras horas da tarde, Jon e eu estávamos mais próximos do que estivemos em muitos meses antes; talvez a vida inteira. Comemos tacos num restaurante enquanto ele falava abertamente sobre magia. Foi, com certeza, a conversa mais estranha que tivemos durante toda a minha vida, mas foi bom. Ninguém nunca tinha me dito aquelas coisas daquela maneira antes; e parecia certo estar ali naquele momento.

— Vejo que está feliz com aquele rapaz. — Seu tom mudou um pouquinho e mordeu o lábio. Nunca seria o forte de nenhum pai falar sobre o namorado da filha, mas eu via o esforço que ele estava fazendo.

— Estaríamos mais felizes se não houvessem feitiços entre nós. — Ele ergueu as sobrancelhas e deu uma mordida no taco, como se aquilo não fizesse a menor diferença.

— Eu sei. Quero explicar isso também. — Ele tomou um gole da Coca e relaxou um pouco, ou ao menos tentou parecer relaxado. — Eu quero

NACIONAIS - ACHERON

desfazer isso, Julie. Eu sei todas as merdas que eu fiz, e não estou pedindo desculpas, mas eu quero começar a consertar isso.

— Por que agora? — Franzi o cenho, paralisada pelas suas palavras. Nada daquilo fazia mais sentido. Ele tinha colocado a maldição em Cedrico e eu e agora estava se oferecendo para quebrá-la; comecei a questionar as intenções dele com aquela viagem. Jon se inclinou sobre a mesa e uniu as mãos.

— Sei que pode não fazer sentido, mas tudo isso de maldição e feitiço foi ideia de Friedrich. Eu só tinha dezessete anos na época, nem sabia o que estava fazendo. Foi *ele* quem me disse para fazer isso; para me vingar de Izabel e de todos que tinham ajudado-a. Mesmo que isso afetasse você, eu não pensei muito. Além disso, eu sei que você e Alice querem trazê-lo de volta do mundo prisão, e não aconselho que o faça.

— Como você sabe disso? Alice...

— Ela me disse. À propósito, fui eu quem criou o mundo prisão que ele está.

— Foi você que o prendeu? — Falei mais alto do que deveria, exasperada com tudo que Jon estava

NACIONAIS - ACHERON

me dizendo.

— É, foi. Mas seu avô estaria morto agora se eu não tivesse feito isso. Apenas me escute. Quando o avião de Friedrich apresentou problemas, eu o coloquei num mundo prisão, onde ele está seguro, porém, contido das atrocidades que cometeu a vida inteira. Friedrich não merece viver. — Ele disse com tanta ênfase que fez com que eu me encolhesse.

— E foi *você* quem decidiu isso?

— Não, um conselho de bruxos que o julgou por suas práticas, mas, pense. Ninguém o condenou, foi um problema mecânico no avião. — Jon ergueu os ombros, totalmente alheio às próprias palavras. — Eu só o coloquei lá.

Fiquei parada por um longo momento, olhando para o vazio em um ponto qualquer a minha frente, meio desnorteada por tanta informação. Vi Jon pedir a conta, mas continuei estática. Então me levantei e saí antes dele, enquanto pegava as notas e guardava a carteira. Jon me alcançou do lado de fora e parei na calçada movimentada. Vi os seguranças meio perdidos por conta de tanto movimento e entramos no carro. Fiquei mais quieta

NACIONAIS - ACHERON

pelo resto do trajeto do que tinha estado o dia inteiro e Jon não forçou a barra, me dando um tempinho para pensar antes de seguirmos para o próximo lugar no tour. O carro parou na sede da Hohenfels, Inc. e Jon saiu do carro, deixando-me parada feito boba por alguns segundos antes de fazer o mesmo.

— É aqui que acaba o nosso passeio. — Ele olhou o relógio e dei uma espiada para ver que já passava das oito da noite. O dia tinha passado tão rápido que eu quase nem tinha me dado conta. Subimos até o penúltimo andar do prédio comercial, onde muita gente ainda trabalhava a todo vapor, apesar de ser tão tarde. Jon me guiou até uma das salas de reunião e fechou a porta. Observei a vista, com os braços cruzados, meio tensa com tudo que eu tinha descoberto sobre ele num só dia. Sobre meu avô, que tinha sido mais meu pai do que Jon; tudo que eu sentia era forte demais.

— O dia foi cheio hoje. — Ele veio caminhando da porta até a janela de visão panorâmica onde eu observava a lindíssima vista de NY. Assenti e dei um meio sorriso. — Por isso estamos aqui. Para NACIONAIS - ACHERON

relaxar, e porque ainda tenho algumas coisas a dizer. Primeiro, eu vou quebrar aquele feitiço maldito assim que chegarmos em Salém, segundo... quero que veja tudo isso como eu vejo, Jules. Nada aqui é estranho, você nasceu aqui também. Assim como eu, você também ama essa cidade e tudo isso. Embora tudo possa oferecer certo *encantamento* nesse momento, você é uma garota esperta, qualidade que puxou de mim, e que sabe discernir as coisas. Por mais complexas e estranhas que possam parecer. Sei que isso assusta e dá um frio na espinha. Sei que eu fiz coisas horríveis, mas... — Ele se aproximou um pouco mais e pude sentir aquele frio na espinha à que ele se referia quando seus olhos pousaram em mim, fitando-me até a alma.

“Quero que saiba que eu te amo e que você foi a melhor coisa que me aconteceu nessa vida, Jules. Você é a pessoa mais importante que eu tenho, mesmo que eu possa ter desvalorizado isso. Eu sinto muito se fiz tantas coisas detestáveis. Eu entendo sua raiva e a aceito; eu a quero, mas... acima de tudo, não se esqueça que tudo isso. — Ele fez um gesto abrangente com a mão direita. — é

NACIONAIS - ACHERON

seu. Quando eu morrer, será tudo seu. Independente de qualquer coisa.

Engoli o choro e fechei os olhos com força, virando-me.

— Eu não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. — Permaneci de costas para Jon por muito tempo, olhando as avenidas lotadas lá embaixo. Jon saiu e me deixou desabar sozinha.

Fiquei muito tempo sentada na mesa enorme e retangular, com uma TV de tela plana atrás de mim. Meu celular vibrou e vi que era Alice ligando. Suspirei.

— Oi. — Disse meio cansada.

— Está tudo bem?

— Sim. — Murmurei.

— Quero que saiba que... — A ligação estava falhando e levantei, procurando por um sinal melhor.

— Não estou te escutando, a ligação está horrível.

— Juliette, o feitiço está em andamento. Preciso de um agente místico de ligação. Algo como seu
NACIONAIS - ACHERON

sangue...

— O quê? — Perguntei meio confusa, sem entender de que feitiço ela estava falando.

— Julie, preciso de você aqui... por favor. — Ela parecia quase desesperada e a ligação caiu. Segurei o celular para ver que tinha desligado.

— Argh! — Saí da sala de reuniões e fui recebida por uma secretária solícita que me guiou à sala de Jon, que ocupada um espaço enorme, uma parede inteira de vidro que se tornava opaco quando ele queria. O que era o caso. O vidro estava embaçado e eu não conseguia ver nada do lado de dentro. Bati e empurrei a porta. Ele estava com o *headset* e gritava pela sala, gesticulando e andando de um lado para o outro com papéis nas mãos.

— Quero tudo pronto na quarta. — Ele agitou os papéis e me viu, relaxando a postura. — Vou esperar sua resposta em breve. Não estarei em Nova York até quinta, mas não estarei incomunicável.

Ele desligou e sentou, parcialmente, na mesa, com as palmas sobre elas.

— Posso usar seu telefone? — Bati o celular na palma na mão esquerda, meio desconcertada.

NACIONAIS - ACHERON

— Claro. — Ele tirou o telefone do gancho e peguei, lembrando que eu não fazia a menor ideia de qual era o número de Alice e meu celular tinha desligado. Coloquei o telefone de volta ao gancho, meio frustrada com a minha idiotice.

— Precisamos ir embora. Acho que Alice precisa de mim. — Falei, nervosa.

— Merda! — Ele esbravejou. — Alice não sabe o que está fazendo invocando aquele demônio.

Jon pegou o celular e praguejou em alemão quando a pessoa não atendeu, depois ligou de novo.

— O avião está pronto? — Seu sotaque britânico transpareceu mais do que ele gostaria. Jon desligou e seguiu-o quando ele saiu da sala, como uma tempestade furiosa. Peguei minha bolsa e entrei no elevador, correndo atrás de Jon com aquelas botas; altas demais. Na rua, Jon foi a passos firmes até o carro e abriu a porta, esperou-me entrar e mandou o motorista ir para o aeroporto. Sua expressão era dura e implacável, não deixava transparecer absolutamente nada. Pegamos o avião e Jon me emprestou o celular dele para ligar para Cedrico.

— Alô. — O tom dele era meio sonolento e incrivelmente sexy.

NACIONAIS - ACHERON

— Onde Alice está?

— Julies... ahn, eu não sei. Quero dizer, ela estava comigo, mas já foi embora. Está acontecendo alguma coisa?

— Eu não sei. — Relaxe e pressionei as costas das mãos contra a testa.

— Vou falar com ela e te ligo.

— Estou sem bateria, pode ligar para este número. — Ele desligou e fechei os olhos com força por um longo momento, tentando absorver todas as informações. Eu sabia exatamente o que diabos Alice estava aprontando, mas feitiços não eram o meu forte.

— Tudo bem? — Jon digitava alguma coisa em seu notebook, olhou-me bater com seu celular na palma de minha mão num ritmo irritante. Balancei a cabeça.

— Não sei. Acho que estou... preocupada com ela. — Olhei para Jon, que parecia entender exatamente o que eu dizia e sentia naquele momento. Ele abaixou um pouco a tela do notebook e franziu o cenho.

— Ela é sua tia. — Ri e ele fez o mesmo, mais sutil que eu. — Pode parecer estranho, mas
NACIONAIS - ACHERON

algumas coisas são de jeito que não podemos controlar. Sei que Alice quer desesperadamente uma família que ela nunca teve, mas ela não faz ideia do que Friedrich pode ser. Eu me importo com ela da mesma maneira, e tentei colocar isso na cabeça dela, por mais difícil que seja. — Ficamos nos olhando por um momento profundo demais antes de ele voltar ao que estava fazendo.

Tomei uma enorme caneca de café durante o voo, esperando Cedrico me ligar. Esperando Alice cair em si e perceber algo que eu ainda tinha dificuldade quando cheguei em Salém; meu corpo implorava por uma cama quentinha, mas minha família, recém descoberta, e louca, precisava de ajuda.

O Bentley estava estacionado de maneira desajeitada e Jon abriu a porta para mim, inflexível na postura, e, segurando o notebook, entrou e mandou o motorista ir até um endereço que eu não fazia a menor ideia de onde era. O celular de Jon vibrou na minha mão e vi o número de Cedrico.

— Não faço a menor ideia de onde Alice está. Se Jon está com você, sugiro um feitiço localizador. — Ele desligou rápido e suspirei. Jon e eu nos

NACIONAIS - ACHERON

entreolhamos. Tive a impressão de que Cedrico estava bravo comigo por algum motivo. Devolvi o celular de Jon e ele ligou para Alice, que não entendeu.

— Para o cemitério. — Ele disse ao motorista, olhando as horas. Ele jogou o celular no banco de couro e enfiou o rosto entre as mãos, aparentemente nervoso. O motorista parou e vi o ferro retorcido em formato de arco com o nome *Cemitério de Essex*. Algo percorreu minha espinha; uma sensação ruim de instalou dentro de mim. — Fica no carro.

Ele saiu e a porta provocou um som que fez meus pelos se eriçarem. Jon passou pelo portão de ferro. A neblina se erguia fantasmagórica, ocultando a maior parte do cemitério. Eu estava tremendo quando abri a porta do quarto. A porta da frente abriu e fechou ao mesmo tempo.

— Srta. Hohenfels, seu pai quer que você fique aqui. — Olhei para o motorista e segurança de aparentes trinta anos e postura firme. Ele poderia muito bem me impedir, mas não sem que eu lutasse.

— Eu prefiro ir. — Dei alguns passos e ele
NACIONAIS - ACHERON

cortou a distancia entre nós com um.

— Senhorita, eu insisto. — O motorista segurou meu cotovelo e me fez girar, com violência, empurrando-me contra o carro.

— Fique longe dela. — Escutei uma voz atrás do segurança e ele caiu, com as mãos na cabeça, gritando. Cedrico ergueu a mão, com o indicador e o dedo médio erguidos e os outros dobrados, agitando-a suavemente. O homem caiu no chão e percebi que o ar estava preso em meu peito por um tempo longo demais. — Você está bem?

Engoli em seco, sem ter certeza do que tinha acabado de acontecer. Cedrico tinha acabado de derrubar um homem com apenas um gesto e eu não sabia como reagir àquilo. Expirei e assenti. Cedrico puxou-me pela mão até seu peito. Percebi que estava tremendo quando ele me abraçou, aquecendo-me com seu corpo.

— Você está fria. — Ele disse baixo.

— Tem alguma coisa errada acontecendo... — inclinei a cabeça e Cedrico assentiu, virando-se para o cemitério, depois para o homem caído no chão.

— Eu sei. — Ele olhou com repulsa para aquele
NACIONAIS - ACHERON

homem e recuou um passo, puxando consigo. — Não suporto ver alguém perto de você, mas suponho que seu pai está certo. É melhor você ficar aqui.

— Não! — Segurei sua mão com mais força, tentando fazê-lo entender que eu precisava fazer alguma coisa, assim como ele. — Eu preciso fazer alguma coisa, não posso ficar aqui, de braços cruzados.

— Ei, olha para mim. — Ele me segurou pelos ombros. — Eu preciso encontrar Alice e não posso fazer isso se tiver que me preocupar com você. Por favor, confie em mim.

Eu queria. Queria muito, mas não conseguiria simplesmente cruzar meus braços e esperar que Cedrico e Jon entrassem num cemitério e fizessem alguma coisa. Respirei devagar, livrando-me daquele sentimento de dominação que ele me fazia sentir; livrando-me da submissão que ele exercia sob mim, afastei-me e balancei a cabeça devagar e rápido.

— Não posso. Eu vou com você.

— Juliette. Fique aqui. — Ele me olhou intensamente.

— Podemos ficar aqui a noite inteira ou tentar encontrar Alice. A escolha é sua. — Ele franziu o cenho.

— Não saia de perto de mim.

Ancestrais

Permaneci atrás de Cedrico enquanto ele penetrava a neblina; ele não parecia ter medo de nada ali, ao contrário de mim que estava tremendo. De frio, de medo e tudo que eu pudesse estar sentindo. Talvez até medo de que Alice tirasse Friedrich do mundo prisão, se ele fosse mesmo o demônio que Jon dizia, embora parecesse que era outra pessoa, totalmente diferente da que eu tinha conhecido.

Cedrico passou o braço à minha frente, fazendo-me parar numa curva entre as catacumbas. Minha pele estava arrepiada e meu coração batia tão forte que parecia que ia explodir. Ele segurou minha mão, indo para a direita e me puxando junto.

— Para onde estamos indo?

— Alice está aqui em algum lugar.

Ele se virou tão abruptamente que me assustou. Achei que meu coração poderia pular do peito quando o senti tão próximo e vi seus olhos tão

NACIONAIS - ACHERON

perto. Seus lábios eram convidativos e encontravam-se tão perto dos meus que quase me esqueci do que tínhamos ido fazer naquele cemitério e o agarrei. Ele pousou as mãos com cuidado em meus ombros, prendendo-me entre ele e uma catacumba de pedra bem alta com uma imagem de anjo no alto. Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e afagou minha bochecha com carinho, gesto que me fez fechar os olhos por um momento e inclinar-me ao seu toque.

— Preciso canalizar de você, se me permitir. — Ele murmurou. Senti seu hálito quente e fresco perto da minha boca quebrar a mágica do momento. Endireitei-me e fiz que sim, saindo do transe.

— Claro, o que eu preciso fazer?

— Nada, só... fique quietinha. — Ele se inclinou para me beijar com cuidado; a ponta de seus dedos passeando pelos cabelos da minha nuca, acariciando-os. Não senti nada quando ele me tocou, segurando minha nuca com a mão direita e meu pulso com a esquerda. Nada no sentido da magia que eu sentia em cada gota do meu sangue, em cada célula, quando ele me tocava ou me beijava.

Cedrico se afastou devagar e abriu os olhos,
NACIONAIS - ACHERON

relutante, sem querer que o acabasse tão precocemente.

— Eu sei onde Alice está. — Foi tudo que ele disse antes de continuar andando e me puxar junto dele.

— O que acabou de acontecer? — Meus pés estavam esmagados naqueles saltos enquanto eu corria para acompanhar os largos passos de Cedrico.

— Eu canalizei de você, foi mais agradável para mim do que costuma ser. — Sorri e segui-o numa curva. Aquele cemitério era enorme e repleto de curvas para todos os lados; se estivesse sozinha, eu me perderia em um segundo ali dentro.

— Eu não senti... nada do que costumo sentir. Você sabe...

— É o cemitério, estamos protegidos por magia ancestral aqui. Não existe maldição, em outras palavras. — Ele parou, virando-se para a direita. — Quero que fique aqui.

— Onde ela está? — Ele gesticulou em direção à um jazigo com o nome Hamilton em belas letras. Engoli em seco, vendo o brilho das velas. — Não me faça discutir isso de novo... — Ele balançou a

NACIONAIS - ACHERON

cabeça e parou de tentar me impedir; seus dedos entrelaçaram-se aos meus antes de me soltar completamente.

Cedrico deu um pontapé na porta com uma enorme violência que fez com que eu me encolhesse. Os caixões ficavam em compartimentos semelhantes a gavetas enormes nas paredes e Alice estava de pé em frente à uma mesa de pedra esculpida com velas acesas em torno dela. Tudo cheirava a umidade e mofo e Alice se virou, calma.

— O que você está fazendo aqui? — Cedrico parou a porta e fiquei ao lado dele, quase invisível aos olhos de Alice, mas ela me viu, claro, embora a pergunta não tivesse sido para mim.

— Eu vim te alertar da insanidade que está tentando cometer. Alice, me escuta... — Ela fez um gesto e ele se calou. Alice andou até ele, fitando-o com o cenho franzido.

— Você sabe pelo o que estou fazendo, não seja hipócrita.

— Alice. — Escutei a voz irritada de Jon atrás de mim. Virei e dei de cara de com ele atrás de mim, sem entender por que ninguém fazia nada para

NACIONAIS - ACHERON

impedir Alice de fazer aquilo. — Fique longe deles; você não vai tirar Friedrich do mundo prisão.

Ela olhou para ele com raiva, depois sorriu.

— Você não pode me impedir. — Seu tom foi irônico e vi alguém diferente de quem ela realmente era. Jon inclinou a cabeça. — Juliette, seu sangue.

Será que ela estava mesmo achando que eu daria meu sangue para aquele feitiço? Franzii os lábios. Ela revirou os olhos e ergueu a mão, fazendo com que Cedrico caísse a dez metros adiante. Ele bateu a cabeça numa lápide e caiu desacordado. Jon deu um passo e ergueu o braço. Não entendi bem no começo, então Alice caiu com as mãos na cabeça enquanto Jon repetia o mesmo gesto de Cedrico, aproximando-se dela.

— Eu não queria te machucar, mas isso não está certo. — Ele ajoelhou ao lado de Alice e comecei a tremer e olhei para Cedrico; indo até ele, ajoelhei ao seu lado e coloquei sua cabeça em meu colo, ignorando o drama entre Alice e meu pai, julgando que ele poderia lidar com ela.

Meus dedos trêmulos, gelados e pálidos tocaram seu rosto lindamente esculpido e mordi o lábio, sem

NACIONAIS - ACHERON

fazer a menor ideia do que fazer; frustrada. Engoli em seco e me concentrei na magia que Jon disse que tinha dentro de mim mais cedo. Ele tinha que estar certo, porque o pulso de Cedrico estava muito fraco. Alice o tinha jogado a uma altura consideravelmente alta, depois feito com que ele batesse a cabeça antes de cair no chão.

Por favor, por favor... senti a magia se movendo por mim, quase me entorpecendo, de uma maneira como nunca pude senti-la antes. Comecei a sentir uma conexão direta entre nós de uma maneira quase louca; meu corpo formigava e meus olhos se fecharam com minhas mãos pousadas em seu peito. Eu não me senti mais no controle de mim mesma. Abri os olhos e vi milhares de vultos a minha frente e suas vozes murmurando coisas incoerentes, palavras numa língua desconhecida.

Num segundo estavam lá e no outro simplesmente desapareceram. Arquejei e olhei para Cedrico, que abriu os olhos e soltei o ar em meus pulmões. Ele parecia desorientado, mas bem e era tudo que importava. Dei um leve sorriso antes de olhar para trás e ver Jon ajoelhado ao lado de Alice. Apesar de precisar contê-la, ele parecia

NACIONAIS - ACHERON

genuinamente preocupado, ainda mais com seu estado de espírito. Cedrico apoiou suas palmas na estrutura de pedra da tumba ao lado e se sentou, ainda meio tonto. Levantei e fui até Jon, que segurava Alice com todo o cuidado em seu colo, pronto para ir embora.

— Precisamos sair daqui. — Ele anunciou e ajudei Cedrico a se levantar. Jon foi na frente com ela nos braços e Cedrico e eu andamos mais devagar, porém, sem perdê-lo de vista.

— Você está bem?

— Graças a você. — Ele sorriu com o braço em torno do meu ombro. Eu estava tremendo, mas daquela vez era mais de frio, já que a situação assustadora tinha passado. — Estou preocupado com Alice. — Ele franziu o cenho e olhei para frente, de onde já podia ver a saída vários metros a frente. A voz de Cedrico não passava de um sussurro de seu hálito quente no frio cortante da noite gélida. — Suspeito que ela esteja sob influência de Friedrich. — Olhei, confusa para ele, com o cenho franzido. — Alice não teria me atacado dessa maneira; ela poderia ter me matado se os ancestrais não intervissem através de você.

NACIONAIS - ACHERON

— Cedrico beijou minha testa e relaxei por um segundo. Jon colocou Alice no banco detrás do Bentley e esperou que chegássemos até ele para entrar.

— O que aconteceu lá dentro? — Perguntei. O motorista louco ocupava seu posto atrás do volante e Jon encostou-se ao carro com uma expressão pensativa.

— Acho que Friedrich estava controlando Alice, mesmo do lado em que ele está. — A expressão dele era carregada de algo que eu nunca tinha visto antes. Respirei devagar, tentando imaginar se falávamos da mesma pessoa.

— Você pode fazer alguma coisa para cortar a ligação dele? — Cedrico perguntou, ríspido.

— Não, ele está usando Alice como ponte. O sangue dela é o agente de ligação, não há como ser cortado. — Ele disse preocupado, sem nem sequer levantar os olhos para encarar meu namorado enquanto falava. — Eu deixo vocês no colégio.

— Eu estou de carro, deixa a Alice comigo. — Jon continuava olhando ora para o nada ao lado dele, ora para o chão, mas nunca para Cedrico, mas imaginei que a situação fosse ruim para ambos.

NACIONAIS - ACHERON

— Você não vai dirigir assim. Me dê as suas chaves, eu dirijo. — Cedrico me olhou intrigado, por um segundo antes de perceber que era a melhor solução, então me entregou as chaves.

Meus olhos quase se fecharam, sonolentos, no meio da estrada e peguei no sono por dois minutos quando deixei Cedrico em casa. Ele levou Alice para dentro e fiquei do lado de fora, para evitar perguntas desnecessárias. Cedrico levou algum tempo, talvez se explicando para a família porque ela estava desmaiada e confusa, com sangue saindo de seus olhos e boca. Ele saiu de lá, meio alheio a situação, mas talvez o problema fosse meu sono que não estava me deixando pensar direito.

— Deixa que eu dirijo, você está quase dormindo. — Pulei para o outro banco, tremendo de frio quando ele deu a partida. Cedrico me olhou por um segundo e tirou o casaco. — Você está tremendo.

— Foi um longo dia. — Foi tudo que eu disse até chegarmos a escola.

O quarto de Cedrico era perfeitamente arrumado e
NACIONAIS - ACHERON

organizado, mas havia uma pequena bagunça em sua prateleira, com livros de magia e de literatura. Foi só então que me lembrei o que ainda estava na minha bolsa enquanto ele tomava banho. Já tinha tomado o meu e usava uma calça listrada de dormir e camisa larga e de mangas, bem quente. Mexi em alguns dos livros de magia, que ensinavam alguns feitiços, com línguas difíceis, ilustrações e uma e outra erva dentro de algumas páginas. Passei os dedos pelas folhas do papel amarelado e a porta do meu lado direito se abriu.

— Fique com ele. — Virei e o vi. Lindo, usando só uma calça xadrez enquanto secava o cabelo com uma toalha.

— Ahn... obrigada. Tenho uma coisa para te mostrar. — Ele ergueu as sobrancelhas e pendurou a toalha antes de apagar a luz. Sentei na borda de sua cama com minha bolsa na mão e ele ficou de pé, observando-me com cuidado quando tirei o livro e mostrei a ele. — Jon me deu isso hoje.

— Por quê? — Seu cenho estava franzido e sua expressão carregada. Ergui os ombros.

— Eu também quero saber, mas ele pareceu... perturbado demais hoje. — Fiz uma pausa e
NACIONAIS - ACHERON

Cedrico finalmente pegou o livro que estava estendido em sua direção, deslizando a ponta dos dedos pelo símbolo na capa, depois voltou a atenção novamente para mim.

— Gostaria de falar sobre isso com você, mas em outro momento. Posso? — Assenti e ele colocou o livro sobre a mesa de frente para sua cama, a três ou quatro metros. Em seguida, Cedrico deitou em sua cama, enganchando seu braço em minha cintura e deitando-me ao seu lado.

— O que aconteceu hoje me fez pensar sobre algumas coisas que eu não tinha cogitado antes. — Fiquei de lado, de frente para ele, fitando-o com calma. Seus contornos, que pareciam desenhados a mão, se ergueram num sorriso quase imperceptível; ele esperou, paciente, que eu continuasse e procurei formular direito meus pensamentos. — Me fez pensar em mortalidade. De que, apesar de tudo... somos apenas mortais.

— Isso te assusta? — A pergunta dele me pegou desprevenida.

— Acho que esta não é a palavra certa, mas me deixou com medo naquele momento. Eu tive medo de perdê-lo e isso foi capaz de me machucar como

NACIONAIS - ACHERON

não achei que fosse capaz. — As palavras foram saindo sem controle, e quando dei por mim, já tinha dito aquilo. Seu nariz tocou o meu de maneira sutil e Cedrico segurou minha nuca com cuidado, erguendo minha cabeça.

— Você não vai me perder. — Funguei, erguendo minha boca até a sua, sentindo-a, lenta sob a minha.

— Você precisa prometer. — Sussurrei, sentindo-me mais idiota do que achei que pudesse, mas era o que eu precisava escutar. Cedrico riu contra meus lábios e me beijou com força; embora seus movimentos fossem suaves, eram firmes e decididos.

— Eu prometo.

O que antecede a tempestade

Acordei às cinco da manhã no dia seguinte, depois de Cedrico que já estava lindo e vestido, enquanto eu estava jogada na cama, toda descabelada. Coloquei jeans e camisa, depois peguei uma jaqueta, por conta do frio. Tínhamos que encontrar Jon no cemitério antes da aula, e ele não estava nem um pouco melhor que eu. Parecia cansado e cheio de olheiras, ao contrário de Izabel, que era o retrato da saúde e beleza.

No centro exato do cemitério, segundo meus pais, num altar de pedra, um recipiente de barro tinha sido preparado, assim como alguns ingredientes e uma adaga, que me perguntei para que servia, mas decidi que era melhor ficar quieta. Estava parcialmente escuro e a neblina ainda pairava por todo o cemitério. Jon foi até o altar e

NACIONAIS - ACHERON

segurou as mãos de Izabel, como que num ritual sinistro, e Cedrico e eu ficamos ao lado.

— Eles estão misturando os ingredientes, formando um agente místico. Ligando-os, depois o feitiço pede sangue para finalizar a ligação. — Cedrico explicou e me arrepiei na parte do sangue como agente de ligação, mas fazia todo o sentido. — Essa coisa de sangue...

— Eu tenho horror a sangue, mas se isso vai nos livrar dessa coisa... tem que valer a pena, certo? — Ele sorriu e afagou meus cabelos, depois beijou minha testa de maneira protetora.

Aproximamo-nos deles e Izabel pegou minha mão. Fechei os olhos com força e agarrei a mão de Cedrico com outra quando ela cortou a palma e deixou sangrar; em seguida, fez o mesmo com Cedrico. Jon continuava repetindo as mesmas palavras que não pareciam pertencer a nenhuma língua. Havia ainda velas, que eu não tinha percebido que estavam ali, e se acenderam, com chamas altas. Funguei e Jon parou de falar; as velas se apagaram.

— Está feito. — Ele olhou para mim, depois para Izabel.

NACIONAIS - ACHERON

— Aquilo foi *muito* estranho. — Falei com Cedrico depois de me sentar para a aula de ocultismo. Ele ergueu as sobrancelhas. Claro que eu deveria parecer, no mínimo, surpresa com aquela primeira experiência, mas tentei me conter. — O que importa é que a maldição está quebrada. — Acrescentei por último quando Elena entrou na sala, ainda vazia.

— Fiquei sabendo que estavam na floresta, realizando rituais na aurora do dia. — Ela comentou, mexendo em alguns papéis, tentando parecer distraída.

— Você sabe o que estávamos fazendo. — Cedrico soou meio sério demais, mas estava sorrindo. Elena sorriu de volta enquanto ele entrelaçava seus dedos aos meus e acariciava a parte de cima da minha mão e traçava círculos na palma com o polegar.

— Isso quer dizer que vou vê-los agarrados o tempo inteiro. — Cedrico ergueu os ombros e Elena ficou séria. — O julgamento é amanhã à meia-noite. Quero vocês dois lá.

NACIONAIS - ACHERON

O sinal tocou e os alunos começaram a entrar, inclusive Rafael e Lauren, agarrados, mas aquilo não me afetou de jeito nenhum. Ignorei-os completamente a aula inteira, mesmo ainda estando puta com o que Lauren tinha feito na fogueira, decidi ignorá-la ou invés de retaliar. Parecia algo mais superior a se fazer.

— Lauren não parece estar se importando com esse papo de julgamento. — Murmurei enquanto Elena dava seguimento a sua última aula sobre julgamentos.

Cedrico ergueu os ombros sem desviar a atenção de Elena.

— Está, sim. Nós conversamos ontem enquanto você estava em Nova York. Qualquer um se preocuparia, ela pode ser banida para sempre de todos os *covens* de Salém. Ela só quer ser durona e não demonstrar fraqueza, mas ela matou alguém e para cada crime existe uma punição.

—Ela tem direito a alguém que a defenda? — Não me reconheci perguntando uma coisa daquela. Como se eu quisesse que ela fosse inocentada... eu queria mais que ela se ferrasse.

—Talvez. — Ele ergueu os ombros, fitando-me, NACIONAIS - ACHERON

pensativo. — Mas há centenas de testemunhas... não quero que ela seja banida porque ela tem muita magia e não consegue controlá-la, entende? — Balancei a cabeça, mas na verdade eu não entendia.

— O que isso quer dizer? Que ela deixa de ser uma bruxa ou algo assim?

— Não, ela só deixa de ter um *coven*, alguém à quem responder. Isso só a torna descontrolada. Por isso, eu disse a Elena que deveríamos usar a magia da Lauren ao invés de bani-la, mas Elena dificilmente vai me escutar.

— Talvez Lauren não queira controle. — Cedrico me olhou meio irritado. — Desculpe, mas você sempre enxerga algo bom nas pessoas, e eu amo isso, mas você pode se enganar às vezes. Ter muita magia não significa que ela não possa controlar a si mesma.

Ele ficou em silêncio por muito tempo, olhando para Elena, fingindo que estava prestando atenção, mas eu sabia que não estava.

— Talvez você esteja certa. Eu acredito na Lauren e em todo mundo... mas sempre espero que haja um lado bom nas pessoas e não posso ir contra isso.

NACIONAIS - ACHERON

Não sabia o que diabos estava acontecendo, mas eu estava perturbada demais para conseguir voltar a dormir, até com remédio receitado por Joseph. E daquela vez o sonho era mais estranho que antes; eu estava me afogando, coisa que eu morria de medo depois que eu quase tinha me afogado nos Hamptons. Levantei da cama no escuro e fui até o banheiro, lavei o rosto fiquei um tempo com as palmas contra o mármore da pia. Acendi a luz e soltei um grito alto de susto quando vi meu espelho manchado com palavras em vermelho que pareciam ter sido escritas com sangue. Meu coração disparou no peito a ponto de explodir. Pousei a mão sobre o peito e respirei fundo, sentindo uma vontade incontrolável de ser abraçada e confortada por Cedrico até o pânico se estabelecer em mim. Eu poderia ir até o quarto dele, mas era tarde demais e não sabia se ele estava lá.

Além disso, era só um medo bobo causado pela sensação de solidão que eu sentia quando tinha aqueles sonhos medonhos. Tinha quase certeza que aquilo era sangue, não tinta, enquanto escorria.

NACIONAIS - ACHERON

MINHA, uma única palavra, mas que tinha me assustado como o inferno. Peguei um pedaço de papel higiênico e passei pelo espelho, com raiva, tentando apagar as palavras que se tornaram borrões, mas continuaram lá. Joguei o papel no lixo, dando-me por vencida, apaguei a luz e voltei ao quarto, tremendo e vi que a janela estava aberta.

— Merda! — Aproximei-me dela e olhei a grama lá embaixo, apreciando a vista com um misto de medo e raiva. Bati a janela, furiosamente e me virei para o quarto vazio. — Você quer me assustar? Então aparece ao invés de mandar recadinho. — Joguei-me na cama, enfiando o rosto entre as mãos, com raiva; peguei o celular e mandei uma mensagem para Cedrico.

Acordado?

Não consegue dormir?

Pesadelo. Acho que alguém está entrando na minha cabeça. Alguém escreveu com sangue no meu espelho.

Bati o celular contra a palma e esperei-o responder, por longos minutos até que deitei com o celular na mão. A porta se abriu; Cedrico entrou no meu quarto e sentei com a mão apoiada no colchão, meio tonta com aquela visão dele usando só camiseta e calça. Ele se sentou na beirada da minha cama com o olhar preocupado, passeou os dedos pelos meus cabelos, de maneira tão agradável que voltei a me deitar.

— O que houve? — Sua voz era suave na penumbra.

— Eu não sei exatamente o que aconteceu. — Soei horrivelmente sonolenta.

— Me diz o que foi, de qualquer jeito. — Apoiei-me em meu cotovelo, ficando quase da altura dele, alguns centímetros abaixo, mas perto o bastante.

— Tinha sangue no meu espelho, foi horrível. E estava escrito *minha*. — Senti um calafrio só de lembrar e Cedrico afagou meu rosto suavemente.

— Eu estou aqui, pode voltar a dormir. — Ele olhou por sob meu ombro e me virei, vendo dois frascos de remédios sobre ele. — O que você está tomando?

Ele franziu o cenho, sutilmente, e olhei para os frascos.

— Remédio para dormir. Joseph receitou quando eu disse que estava com problemas.. você sabe, depois desses sonhos todos.

— Eu quero que você durma agora. Só descanse e prometo que tudo vai ficar bem amanhã. — Ele beijou minha testa e deitei gradual e hesitantemente. Cedrico colocou o cobertor sobre mim e olhei para ele no escuro.

— Fica aqui comigo. — Murmurei e fechei os olhos sentindo-me estranhamente sonolenta depois daquela onda de adrenalina. Senti sua mão afagar meus cabelos, carinhosamente, antes de eu adormecer.

Acordei envolta em lençóis frios e atormentada pelos acontecimentos da noite anterior, que mais pareciam um pesadelo horrível na minha cabeça. Sentei, com a cabeça explodindo e vi o dia nublado do lado de fora. Nublado e chuvoso, como meu humor. Cedrico tinha aquela mania de me deixar sozinha sempre que eu pegava no sono, mas

NACIONAIS - ACHERON

daquela vez, ao menos, não tínhamos dormido juntos. Peguei o cordão que ele tinha me dado, deixado sobre o criado-mudo por ele e sorri de maneira boba, lembrando do ultimato de Rafael sobre eu praticar magia com ele. Eu tinha me esquecido de falar com Cedrico sobre aquilo, mas depois de tudo o que tinha acontecido já sabia qual seria a opinião dele, por mais que ele afirmasse que não podia desempenhar aquele papel. Nem Jon podia, então pensei num meio-termo. Alguém neutro. Liguei para a minha mãe, sem fazer a menor ideia de qual era o fuso em Praga e ela atendeu quando achei que fosse cair na caixa postal.

— Julie, oi, tudo bem?

— Sim. — Ajeitei-me na cama, sem saber como escolher as palavras. — Liguei para pedir uma coisa, se não for incômodo, claro.

— Não é, pode dizer. — Respirei fundo.

— Eu contei a Alex sobre eu ser uma bruxa, contraria a opinião da maioria. Dos Hamilton, eu quero dizer, mas isso não importa. Talvez Rafael esteja certo sobre algumas coisas, como eu ter de praticar e achei que, talvez, *você* fosse a pessoa

NACIONAIS - ACHERON

mais indicada a me ensinar. — Ela demorou a responder e imaginei se não estava pedindo demais.

Segundo Jon, e Elena também, tinha me dito, Izabel não conseguia controlar sua magia quando me deu à luz, mas ela tinha passado muito tempo em Praga com a tal *última necromante*, então, ela tinha aprendido algo antes dessa mulher morrer e ela começar a trabalhar como editora numa revista mundialmente famosa. Escutei sua voz falhar e alguém a chamou de *Izzie* num sotaque bem acentuado.

— Estarei em Nova York amanhã. — Ela disse, finalmente. — Que tal eu dar uma passadinha aí para tomarmos um café?

Ao menos ela soava entusiasmada, além disso, eu entendia sua preocupação em falar daquele assunto estando no trabalho. Era algo que tínhamos que falar pessoalmente. Marcamos de tomar um café, e eu teria de matar a última aula, e desliguei, mais disposta a começar aquele dia nebuloso, que começou triste e estava fadado a acabar melancólico.

— Oi. — Cheguei por trás dele e deposei um
NACIONAIS - ACHERON

beijo em seus lábios, meus cabelos caindo para frente, de cabeça para baixo. Cedrico ficou completamente surpreso, mas sua língua tocou meus lábios, fazendo-me dar a volta e ficar de frente para ele.

— Oi, pra você também. — Ele sorriu quando me sentei ao lado dele, virada para o lado de fora no banco. — Conseguiu dormir bem? — Ele colocou meu cabelo atrás da orelha.

— Hum-run. — Alex chegou com Cassandra e sentou a certa distância. Claro que ele não ia falar nada ali, mas sabia que precisávamos conversar direito em algum momento e queria que fosse naquele dia, mas naquele momento só queria ficar ali com Cedrico; com o braço dele enganchado na minha cintura e eu ao lado dele, bem perto. Olhei para Alex e ele sustentou meu olhar por um bom tempo, fingindo que a comida o estava entretendo.

— Para de me olhar assim ou vou vomitar. — Ele levantou a cabeça para me encarar abertamente e senti que não era tão ruim quanto eu tinha pensado.

— Você fica se agarrando com sua namorada o tempo inteiro, é minha vez de ser feliz um

NACIONAIS - ACHERON

pouquinho. — Passei os braços em torno do pescoço de Cedrico, dando um beijo estalado nele, feliz por não ter mais nada entre nós.

Sentindo que finalmente podíamos ter o relacionamento normal que merecíamos; com um passo de cada vez, sem ter que parar no início. Continuei com o braço direito em torno de Cedrico e me virei para a esquerda, onde Alex e Cassie estavam dando gargalhadas daquele grude todo.

— Vocês merecem. — Cassandra disse e encarei-a, vendo-a quase como a boazinha e sorri de volta.

— Obrigada.

Não consegui parar de pensar no tal julgamento que Elena tinha dito que nos queria à noite. Fiquei meio nervosa quando pensei naquilo e no que poderia acontecer, mais ainda depois que Cedrico tinha dito que era no cemitério. Provavelmente seria horrível e senti pena de Lauren; meu lado humano gritava, embora eu preferisse ignorar.

— Eu não quero que ela seja punida. — Disse de repente e Cedrico se virou. — Lauren, estou
NACIONAIS - ACHERON

falando dela. Não sei porque eu me importo, nem sei se eu me importo, mas... eu sinto algo que não consigo ignorar, por mais que eu queira.

Soltei o ar preso em meus pulmões e ele segurou minha mão com carinho na aula de história. O professor tinha acabado de sair da sala para pegar alguma coisa em sua sala.

— Talvez você não deva ir. — Ele falou firmemente e observei-o com calma, com o rosto voltado para o caderno enquanto escrevia sem nem ter lido o assunto sobre a Guerra Civil.

— Eu *quero* ir, o problema é... — Eu não sabia, então calei a boca e peguei o lápis, batendo contra o caderno, inquieta. Relaxei um pouco, sem conseguir colocar em palavras o que queria expressar. A aula passou voando, embora eu não fizesse a menor ideia do que o professor tinha dito.

Minha mente vagava pelos lugares e situações mais improváveis e idiotas que eu poderia imaginar. Não era Lauren quem estava me afetando, talvez fosse Rafael. Ele ficaria magoado se a decisão de Elena afetasse a namorada dele, e eu podia ver em seus olhos que ele a amava. Talvez aquele fosse o problema.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

Parte 4 — Descida em espiral

Buraco do coelho

Amores sangrentos

Das cinzas, aos vivos

Meu coração vai seguir

O diabo que você conhece

Abandone a esperança

Epílogo

Parte 4

*Descida em
espiral*

Buraco do coelho^[23]

— Você está brava comigo, do jeito que só uma garota linda e britânica poderia ficar. Minha garota linda. — Cedrico tirou o cabelo do meu pescoço com calma e começou a beijar a pele exposta e sensível na última fileira da sala escura, onde assistíamos a um filme horrível. *Romeu e Julieta*. Minha pele ficou arrepiada, mas permaneci de costas para ele, imaginando que todos poderiam ver, inclusive Thomas, que estava sentado a um mundo inteiro de distância de nós. Tudo em que eu conseguia me concentrar era no toque macio e sedoso dos lábios de Cedrico tocando meu pescoço.

Ele estava estrategicamente sentado atrás de mim e fingi que escrevia alguma coisa, mas acabaram se transformando em rabiscos em nexo. Não queria prestar atenção em Cedrico, queria que ele parasse de monopolizar as coisas em torno dele e depois me

seduzir para consertar as merdas. Seus dentes roçaram levemente a veia no meu pescoço e ele passou o braço pelo meu peito.

— Não deveria prometer coisas que não pode cumprir. — Murmurei muito baixo para ninguém mais escutar; ele afrouxou o aperto e me obrigou a encará-lo, tirando minha concentração, que já era quase nula, do filme.

— Meu anjo. — Meu coração quase derreteu quase ele disse aquelas palavras, tão perto de mim, seus lábios próximos dos meus. — Minha família é complicada, isso é algo que você sempre soube. — Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Alice precisava de mim.

Cedrico virou meu rosto de volta para a tela e fez cafuné no meu cabelo.

— Ela sempre precisa de você. — Disse, emburrada, com os braços cruzados.

— Eles são a minha família, Julies. Alice é a minha família, não importa o que você diga. — Ele é quem parecia zangado agora. Fiquei quieta por um longo momento, olhando para a tela, pensando sobre o que ele tinha acabado de dizer, mas não queria ser tão racional quanto ele queria, e

NACIONAIS - ACHERON

precisava, que eu fosse.

Não queria pensar do modo que ele estava me dizendo para fazê-lo, queria continuar com ciúme dela, sem pensar direito se aquilo fazia sentido. Soltei o ar preso em meu peito e olhei para Cedrico, captando seu olhar por menos de um segundo; ele estava certo e eu estava sendo irritante com ciúme de Alice. Eu gostava dela e ainda assim não conseguia suportar o fato de Cedrico me deixar para passar à tarde com ela.

— Desculpe-me. — Disse sem olhar para ele. — Eu deveria entender isso porque minha família também é um poço de problemas...

Enfiei os dedos nos cabelos e fechei os olhos com força, suspirando. Cedrico pousou a mão em meu ombro, fazendo-me ficar ereta. Senti o olhar de Thomas sobre nós e fingi que prestava atenção no filme, assim como Cedrico, mas era óbvio que nenhum de nós conseguia se concentrar.

ALICE

Meus dedos estavam trêmulos quando enfiei a blusa larga de mangas longas pela cabeça, depois

NACIONAIS - ACHERON

do jeans que peguei de Renée; claro que tinha ficado largo, mas era confortável. Elena estava parada na porta quando saí do quarto de Cedrico.

— Achei que tivesse aulas para dar. — Disse quando passei por ela. Elena me acompanhou escada abaixo.

— Não agora. Tenho algumas coisas a planejar para mais tarde. Gostaria de vir comigo? — Ela pegou as chaves do carro e seguiu-a, com os braços cruzados.

— Você está afim de ferrar a Lauren. — Sorri e saímos. O dia estava nublado e prestes a chover quando entrei no carro de Elena e ela saiu, calmamente, com toda habilidade ao volante.

— Não quero ferrar a Lauren, só quero que ela seja punida pelo que fez. Ela entrou na nossa vida há dois anos, bagunçou a cabeça do meu filho. Em que parte disso eu não posso dizer nada?

— Você está certa. — Afundei no banco macio e Elena me deu uma olhadela. — Ela voltou agora para bagunçar com Rafael de novo, depois de todo o esforço que ele teve para apagá-la do coração, mas não adianta, Elena. — Fiz com que ela olhasse para mim. — Rafael sempre vai amá-la, não

NACIONAIS - ACHERON

importa o quanto isso o machuque. E Lauren sabe disso.

Elena não disse nada por um bom tempo, só apertou o volante até os nós de seus dedos ficarem brancos.

— Ela não vai usar meu filho para me manipular.
— Ela finalmente disse, decidida.

O cemitério estava vazio e frio. Meu celular vibrou com uma mensagem de Cedrico perguntando como eu estava enquanto eu seguia Elena em meio aquele labirinto. Primeiro, achei que fosse bom voltar lá; talvez eu pudesse lembrar o que tinha acontecido enquanto Friedrich me controlava, mas não estava sendo daquele jeito, e segundo, eu queria me desculpar com Cedrico por quase tê-lo matado.

Não que eu merecesse, mas ele sempre era um amor comigo, sempre me entendendo, mesmo deixando claro que era comprometido. Revirei os olhos e coloquei o celular de volta no bolso, sem respondê-lo, ainda conflituosa com relação a meus sentimentos; eu tentei me manter afastada de Cedrico, embora fosse complicado em meio a tanta coisa acontecendo. Ainda tínhamos que lidar com

NACIONAIS - ACHERON

minha irmã maluca, e com minha recém-descoberta insanidade; eu queria saber como Friedrich tinha me controlado mesmo do lado em que ele estava.

Tinha muita coisa que eu precisava saber, e precisava de Cedrico para descobrir, por isso não podia me afastar dele, mas ignorá-lo era diferente. Segui Elena até onde as bruxas estavam reunidas naquele frio de fim de tarde; ela penetrou o espaço que se abriu para ela por entre as bruxas dos nove *covens* de Salém e segui-a, taciturna. Um pouco intimidada por tanta gente estar me encarando, mas a atenção estava completamente voltada para a regente. Cruzei os braços, andando atrás dela até onde seria realizada a cerimônia. Vi Lauren vestida com um vestido branco e longo.

Ela estava linda enquanto o vento fazia seu vestido esvoaçar, assim como seu cabelo loiro-claro; de costas, ela se curvou um pouco e se virou, dando de cara com Elena, com uma expressão firme; Elena estava relaxada e Rafael saiu de detrás da namorada e me encarou enquanto as duas se encaravam a uma distância aparentemente segura.

— Oi, Elena. — Lauren sorriu, segura e cheia de si. Entrelacei meus dedos, nervosa, sem saber se

NACIONAIS - ACHERON

deveria fazer alguma coisa.

Rafael estava de pé num degrau de uma catacumba, mais alto que Lauren com os dedos pousados no ombro dela. Ele nem olhou para Elena, mesmo que ela o tivesse fitado intensamente no segundo em que o viu. Os bruxos se afastaram de Lauren e passei por eles, cortando os cinco metros entre Elena e eu. Pousei a mão no cotovelo da minha tia e ela se virou, entendendo o que eu quis dizer e deu às costas a eles, então entramos no jazigo da nossa família.

As velas estavam queimadas pela metade e me sentei no chão, no degrau no altar de pedra que servira para um ritual algumas horas atrás; um *quase* feitiço que traria alguém perverso de volta à terra.

— Está se sentindo bem? — Meu rosto estava enfiado entre as mãos e o cabelo caía, impedindo que vissem meu rosto e que eu visse o que estava acontecendo do lado de fora. Mas aquela voz, aquele timbre me era quase familiar. Levantei a cabeça devagar e vi meu irmão parado diante de mim.

NACIONAIS - ACHERON

Era estranho vê-lo daquele jeito, mas, querendo ou não, Jon era o meu irmão. Tentei sorrir, mas saiu como algo estranho, então ele se sentou ao meu lado.

— Eu estou bem. Obrigada pelo que fez por mim. — Parei de sorrir e só respirei devagar, encarando-o; vendo como nós parecíamos em alguns traços. Ele sorriu e vi as linhas finas em suas bochechas. Seu cabelo escuro caía pela testa e era tão bonito quanto Juliette e eu, embora meu cabelo loiro pudesse esconder que houvesse qualquer semelhança entre nós.

— Você está horrível. E precisa de respostas que não sei se posso te dar, mas vou tentar. — Ele suspirou e assenti, ansiosa pelo que quer que ele quisesse me dizer. — Ainda não estou completamente habituado com a ideia de você ser minha irmã, sendo você quem é. — Ele olhou por cima do meu ombro, para cima, para se certificar que Elena estava longe o bastante. — Você é a prova de que nossas famílias não estão tão distantes, Alice.

“Eu sinto muito pelo nosso pai não ser quem você precisava que ele fosse. *Eu sinto muito*, mas
NACIONAIS - ACHERON

não posso te dar todas as respostas que você quer. Você precisava de uma família, e achou que Friedrich pudesse ser o que você precisava, mas ele não é e jamais poderá ser. Ele te manipulou, de alguma maneira que não consigo entender, usando magia do outro lado. — Senti as lágrimas se acumularem em meus olhos. — Você ainda tem a sua família. Tem a Rose, Elena e todos os outros, até a mim... então, esqueça Friedrich. — Ele segurou minhas mãos entre as suas, aquecendo-as e me paralisando com aquele olhar.

— Você não entende. — Consegui dizer, com a voz embargada enquanto as lágrimas rolavam pelo meu rosto, copiosamente. — Eu não tenho nada. Minha mãe me odeia, essa família é praticamente uma farsa; eu nem pertenço a nenhum *coven* porque meus pais foram expulsos daqui. Aqui não é meu lar, não é nada para mim.

— Não importa o que for, podemos resolver isso, de alguma maneira. — Agradei, mentalmente, aos ancestrais por me deram um irmão tão bom, mesmo com todo o passado que ele tinha, quando meu pai morto era uma possível amostra do inferno na terra. Joguei meus braços em torno dele, sem pensar e

NACIONAIS - ACHERON

Jon ficou sem reação, paralisado por um longo tempo antes de me envolver com os braços; meio relutante, então me apertou firme e pousei a cabeça em seu ombro.

— Wow, o que diabos está acontecendo aqui? — Afastei-me de Jon, confusa e com a cabeça latejando para ver Juliette e Cedrico parados à porta. Limpei aquelas lágrimas ridículas o melhor que pude, mas mesmo assim não foi o bastante; meu rosto estava horrível. Tudo amassado e logo mais, inchado. Não me levantei, afinal não devia nenhuma satisfação a nenhum deles.

Jon retirou, cautelosamente, a mão do meu antebraço e passou os dedos pelos cabelos antes de entreabrir os lábios, porém, Cedrico o interrompeu.

— Quero falar com você. — Levantei e segui-o. Pelo tom de voz seco e áspero, supus imediatamente que o assunto seria ligeiramente desagradável. Fomos até um jazigo aberto e úmido, quando Cedrico me puxou e me colocou, literalmente, contra a parede. — O que estava acontecendo entre você e Jon antes de eu chegar? — Ele estava fora de si e encarei-o sem hesitar.

— Estávamos conversando sobre Friedrich e
NACIONAIS - ACHERON

sobre família...

— Família? — Ele me deu as costas, depois virou como se eu tivesse dito algo engraçado, e sorriu com escárnio. — *Eu* sou sua família. — Ele apontou ligeiramente para si mesmo e tremulei por um momento. — Você deveria confiar em mim ao invés de em um estranho que acabou de pular de paraquedas na sua vida, como se tivesse direito a algo, como se fosse algo seu...

— Aquele estranho é meu irmão, quer você goste quer não. Para qualquer coisa. — Desencostei-me da parede, mas era quase impossível me levar a sério. Eu parecia uma criança esperneando; uns vinte centímetros mais baixa que meu primo, ou mais. Retorci os lábios e cruzei os braços.

— Família não é constituída por laços de sangue. — Ele captou minha atenção. — *Família* são aqueles que lutam por você e aqueles pelos quais você luta. — Ele me deu as costas para sair, então se virou outra vez. — Fique longe dele.

— Espera. — Segurei seu cotovelo e ele olhou para minha mão até eu afastá-la. — Eu tive um sonho esquisito. Acho que foi alguma... coisa de bruxa.

NACIONAIS - ACHERON

— O que era? — Relaxei. Ele ainda tinha aquela postura de durão, mas seus ombros relaxaram e vi aquele cara que se importava por trás de qualquer coisa.

— Eu sonhei com a Brie. — Ele franziu o cenho.

— Ela está morta, Alice. Deixe os mortos descansarem em paz. — Ele se foi, sem esperar que eu dissesse o que tinha a dizer.

A cerimônia em si era somente mais em ritual maluco de bruxas. Todos de preto, como se estivessem em um velório; só Lauren estava de branco, como que para demonstrar oposição. Fiquei completamente deslocada sem saber perto de quem ficar. Elena ficava na frente, como no início de um longo corredor em meio ao cemitério, onde eles se dispunham lado a lado até o fim, onde dobrava a esquerda e todo o resto era oculto pela neblina densa. Eu sabia que tinham mais bruxos, eu só não podia vê-los. Juliette, Cedrico e Jon estavam de um lado ao qual eu não pertencia, então fiquei perto do altar de pedra, o mesmo que Jon tinha usado num feitiço pouco tempo antes. Ninguém estava ao lado de Lauren, somente contra ela, e embora eu quisesse fazê-lo com Rafael não queria parecer uma

NACIONAIS - ACHERON

traidora da minha própria família, como Cedrico já me via.

Entrelacei os dedos e Elena olhou para o céu; a lua que surgia parecia atraente para um bom e velho ritual quando ela se posicionou para falar.

— Como regente dos nove *covens* de Salém, detentora do poder dos ancestrais, eu declaro iniciada uma reunião para punir Lauren Claire pelo assassinato de um semelhante, Heinrich Meyers. — Ela olhou para Lauren, cheia de ódio e quase pude escutar o ar travando no peito dela. — Como todos já sabem, ela é a bruxa mais poderosa de seu *coven*. — Elena ergueu o queixo, demonstrando toda a sua imponência diante de todos. — E, como punição, os ancestrais dizem que Lauren deve ser banida de seu *coven* e sua magia e contato com a natureza devem ser revogados *terminantemente*.

Senti Lauren perder o fôlego. Quis cortar aquele espaço entre nós, mas sabia que não podia, além disso, ela tinha Rafael. Sempre teria, então permaneci em silêncio, quieta num canto enquanto o burburinho se estendia por todo o cemitério, e em breve por todo o território de Essex. Há muito tempo uma bruxa não era banida de seu *coven*.
NACIONAIS - ACHERON

Além de mim, claro, que nunca tive nenhum, o que significava que não tinha ninguém a quem responder nem recorrer. Como parte da cerimônia, Lauren deveria deixar o cemitério e sair da cidade, mas era difícil realizar a última parte. Ela tirou os braços de Rafael dela e se afastou, tomando um sopro do ar quente da noite antes de se virar, com seu vestido branco esvoaçando, assim como seu cabelo. Devia ser horrível não poder se comunicar com os ancestrais; eu sentia falta, embora nunca tivesse tido acesso aquele tipo de magia.

Lauren se virou uma última vez, rápido demais para captar meu olhar de consolo e se virou enquanto os membros, bruxos, davam às costas a ela. Seu corpo se curvou, involuntariamente e soube que ela sentia dor física enquanto eles lhe davam as costas, afinal, ela estava perdendo parte da sua magia. Perdendo a fonte que a ligava aquele lugar. Agora Lauren era uma planta solta no ar, sem raízes. Ela continuou tão firme o quanto pôde e ergueu o queixo, respirando fundo. Eu a vi ir embora e quis fazer o mesmo; afinal, aquele lugar não me pertencia tanto quanto não pertencia a ela.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Amores sangrentos

Apareci de surpresa na mansão dos Hamilton no dia 18 de novembro para fazer uma surpresa para Cedrico, já que era aniversário dele. Não soube o que comprar, então passei numa livraria e acabei comprando Mia Couto para lermos juntos depois do jantar e bombons; talvez por falta de opções. Joseph chegou, segundos antes de mim, e entrei silenciosa quando ele disse que Cedrico devia estar no quarto e eu poderia ficar a vontade. Subi as escadas com um sorriso bobo e com o presente dele em mãos, até escutar sua voz, um tanto agitada.

— Você só pode estar brincando comigo.

— Não estou. — Me detive no último degrau quando escutei a voz de uma garota em seu quarto.

— *Não está?* — Ele falou mais alto. — Você sumiu por um ano inteiro e deve estar louca se acha que pode aparecer e destruir toda a minha sanidade num segundo quando não significa mais nada para

NACIONAIS - ACHERON

mim.

Aquilo deveria ter representado algum alívio, o modo como Cedrico disse aquelas palavras me fez acreditar que era verdade, mas não houve nenhum. Eu deveria ir embora, não ficar escutando conversa atrás da porta, mas eu precisava saber quem era aquela garota e o que ela significava para ele, algo que Cedrico jamais diria se fosse me magoar. Meus lábios tremularam e minhas palmas estavam suadas.

— Eu tive que fazer isso. Eu estava uma bagunça. — Escutei passos no assoalho; o som de botas de movendo. — Você não iria me querer daquele jeito.

Mais passos, dessa vez mais firmes. Como se Cedrico estivesse se afastando dela, mas eu não podia ter certeza de nada, claro.

— Eu a queria do jeito que você estivesse. Quebrada, despedaçada... não importava.

— Não importa. — Ela o corrigiu.

— Estou com alguém agora, então não faz diferença. — Seu tom foi indiferente, mais baixo que antes e soltei o ar preso em minha garganta.

— O que você está fazendo aqui? — Olhei para
NACIONAIS - ACHERON

o lado e vi Rafael dois degraus abaixo de mim, encarando-me com uma expressão até meio amigável. Balancei a cabeça, meio desnorteada com a pergunta, sem saber exatamente o que responder.

— Seu pai disse que eu podia entrar.

— Eu sei o que ele disse, mas você está escutando atrás da porta, o que significa que não deveria estar aqui. — Ele subiu e ficou acima de mim, quase que intimidando-me.

— Eu queria fazer uma surpresa. — Disse estupidamente; soltei o ar em meus pulmões e ele olhou para o livro.

— Então entre. — Ele fez um gesto indicando o quarto de Cedrico e abaixei a cabeça.

— Talvez eu devesse ir embora. Não precisa dizer a ele que eu estive aqui. — Me virei para ir embora e descii alguns degraus, mas Rafael foi mais rápido e me fez parar no caminho.

— Você não deveria ir embora. — Encarei aqueles olhos verde-musgo, tentando raciocinar alguma desculpa para ele sair do meu caminho quando escutei uma porta de abrir.

— Julies, o que está fazendo aqui? — Me virei
NACIONAIS - ACHERON

em direção ao som de sua voz com aquela caixa estúpida nas mãos e minha bolsa que caía do ombro de maneira idiota, que me deixava ainda mais nervosa, assim como uma irritante mecha do meu cabelo meio molhado que caía no rosto.

— Eu vou embora. — Passei por Rafael nas escadas e cheguei à sala em três segundos, procurando pela saída. Pareceu um alívio quando a encontrei, mas antes que abrisse a porta, senti pegada firme e rígida de Cedrico; sua palma agarrou meu cotovelo com força e me fez girar, pressionando seu corpo contra o meu.

— Eu sei o que você provavelmente escutou, mas você não vai embora antes de conversarmos. — Minhas pernas ficaram bambas quando meus olhos se encontraram aos seus, me fazendo derreter e me amaldiçoei por aquele efeito que ele tinha sobre mim.

— Solte-me, eu não quero escutar. — Puxei meu braço com força, mas tudo que consegui foi me machucar. Cedrico me segurou perto dele.

— Não vou te deixar ir embora assim. Você pode se sentar e me escutar, como alguém civilizada ou

NACIONAIS - ACHERON

eu posso te obrigar a fazê-lo.

— Olha quem está falando em civilidade. — Tentei me soltar outra vez e Cedrico pareceu perder o resto da paciência que lhe faltava, puxando com ele pela sala. — Eu não quero te escutar, me larga.

— Solta-a. — Escutei Rafael aos pés da escada enquanto Cedrico me segurava pelo cotovelo, nada gentil ou paciente a respeito do que eu queria ou não fazer.

— Não se mete! — Subi as escadas outra vez, sentindo-me patética com aquele presente idiota nas mãos quando o que eu queria fazer era jogá-lo na cara de Cedrico. Ele me fez entrar no quarto dele, que estava com as janelas abertas pela primeira vez, apesar do frio, com aquela garota.

Claro que ela era tão linda quanto uma modelo, sentada na ponta da cama, tão exasperada quanto ele. Seus cabelos claros caíam pelos seus ombros em cachos pouco ondulados e seus olhos eram de um azul feroz. Abaixei o braço e meus ombros se ergueram quase que involuntariamente quando Cedrico bateu, com força, a porta atrás de mim e andou até o centro do quarto. Fiquei realmente tentada a correr, mas eu queria saber o que estava

NACIONAIS - ACHERON

acontecendo ali, quando estava óbvio que eles eram alguma coisa, ou tinham sido num passado não muito distante; não distante quanto eu gostaria que fosse.

— Juliette, esta é a Brie, minha ex-namorada que estava *morta* e agora é uma vampira. — Sua voz soou meio rouca e sexy, embora o peso delas tivessem paralisado-me no tempo. Ele a olhava fixamente para e pisquei, tentando assimilar as coisas.

Vampiros existem. Certo. Balancei a cabeça, mais do que perturbada quando achei que já sabia de tudo.

— Só preciso de um favor. — Sua voz era fria e impassível quando se levantou e me fuzilou com um olhar mortífero.

— E eu disse que não vou fazer, você pode ir embora agora? — Brie o fuzilou e respirou devagar, aproximando-se dele.

— Ainda é dia. — Ela gesticulou em direção a janela aberta. — Por favor, faça isso por mim.

Sentia o cheiro de brisa de Cedrico. Brisa e mar, e finalmente notei que seus cabelos estavam molhados e ele tinha acabado de tomar banho. Brie
NACIONAIS - ACHERON

suspirou pesadamente e fechou os olhos por dois segundos. Ela chegou até a porta em menos de um segundo, mais rápido que um piscar de olhos, e achei que fosse embora, então ela mordeu seu pulso, rasgando sua pele e me obrigou a beber seu sangue. Meu coração disparou e o sangue quase ferveu em minhas veias quando ela se afastou, limpando uma gota que escorria do canto de sua boca.

— Ou você me dá o que eu quero ou mato a sua namorada. — Ela sorriu e ergueu os ombros; pela primeira vez vi Cedrico sem saber o que fazer. — A escolha é sua. Você tem até o crepúsculo.

Ela abriu a porta e se foi.

— Você está bem? — Cedrico me fez sentar em sua cama enquanto eu sentia meus olhos tremerem, quase que tocando um no outro por uma fração de segundo. Balancei a cabeça negativamente e ele pousou a mão em meus ombros, confortando-me no mesmo segundo.

— Eu não sei como estou, mas foi a coisa mais estranha do mundo. Quem é ela?

— Brie é minha ex, como eu disse. — Ele se
NACIONAIS - ACHERON

sentou ao meu lado. — Ela se fingiu de morta há um ano e simplesmente desapareceu. Ela quer um objeto mágico que permite que ela ande ao sol e eu não quero dar porque ela é uma assassina à noite, a luz do dia... Deus sabe o que ela pode fazer.

Suspirei, percebendo sua dificuldade em falar no assunto. Devia ser difícil estar apaixonado por alguém e depois descobrir o quão pouco conhece essa pessoa.

— Por que ela me fez beber o sangue dela? — Ele me olhou intensamente sem querer responder.

— Ela disse... que se eu não desse o que ela quer, ela iria te matar. Mas não é exatamente isso. Se você morrer com sangue de vampiro no organismo, você...

Fiz ele parar de falar só com o olhar assustado de quem tinha acabado de entender tudo e estava na que horrorizada com tudo aquilo: —O que você pretende fazer?

— Dissecá-la e deixá-la apodrecer no sótão. — Ele murmurou calmo, mas não certo do que estava dizendo.

Cedrico desceu as escadas rapidamente e começou a conjurar palavras em latim enquanto sua

NACIONAIS - ACHERON

ex-namorada gritava, como se estivesse morrendo dolorosamente. Rafael se juntou a ele, repetindo as mesmas palavras e ergueu a palma, enquanto o corpo da vampira dissecava bem a minha frente. Ficando cinza e cheio de veias, algo digno de um filme de vampiros, embora estivesse tremendo demais para achar qualquer coisa. E, finalmente, só restou um vampiro dissecado no chão da sala de estar.

Cedrico ficou comigo na cama por um longo tempo, mas eu não estava afim de conversar depois do que tinha acontecido; embora tivesse perguntas, não conseguia falar, só escutar o filme da ação que estava passando da TV à nossa frente. Ele não parecia concentrado em coisa alguma, assim como eu, mas nem fingia que o filme era superinteressante; o ignorava facilmente. Eu estava ficando maluca enquanto os personagens conversavam de maneira difusa, então afundei na cama. Cedrico finalmente olhou para mim e virei o rosto, sentindo vontade de ir embora, de uma hora para outra. Frustrada de como ele não tinha me contado sobre sua ex e vampiros e aquilo tudo

NACIONAIS - ACHERON

estava me assustando além do que qualquer um deles geralmente conseguia; assustou-me mais do que quando Lauren matou aquele homem. Um inferno a mais.

Chutei o cobertor para o lado e sentei, calçando minhas botas e Cedrico virou na cama, agarrando meu braço, atrás de mim; seu corpo lindamente estendido em toda a cama e seu rosto perto do colchão.

— O que está fazendo? — Ele me soltou, mas ficou me olhando com uma expressão de cãozinho abandonado que quase me fez desistir de ir embora, mas eu precisava colocar a cabeça no lugar depois daquilo tudo.

— Indo embora. — Levantei e achei minha bolsa no chão ao lado da porta, caminhando decidida até ela e peguei-a, junto com o livro que eu não tinha dado a ele. Abri a porta e Cedrico me alcançou, franzindo o cenho quando lhe entreguei o livro. — Eu não sabia o que te dar. — Expliquei-me desconfortável. Sentia o cordão que ele tinha me dado balançar por dentro da minha blusa de lã azul-marinho.

— Obrigada. — Ele abaixou o braço e cortou a

NACIONAIS - ACHERON

distância entre nós. — Mas eu dispenso seu presente. — Meu coração acelerou diante de suas palavras nada dóceis. — Prefiro que você fique. — Então se acalmou e relaxei os ombros. O aperto em meu peito se desfez e respirei devagar.

— Não sou capaz de estar aqui depois do que aconteceu. Desculpe-me, mas preciso ir. — Ele se aproximou com cautela e deu um passo, quase do lado de fora.

— Posso me desculpar antes? — Hesitei, por fim, soltei a maçaneta e ele passou um dos braços pela minha cintura e parou. Depois veio até mim e não pude resistir, derretendo em seus braços, esquecendo minhas defesas de lado quando ele colocou sua boca na minha com ternura; estava quente, assim como seus braços quando me envolveu.

Ele girou, rápido e me colocou contra o batente da porta enquanto eu o segurava com cada vez mais necessidade, como se precisasse dele para respirar, sentindo-me demasiada intoxicada pelos meus sentimentos. Eu deveria me afastar antes que meu cérebro fosse ignorado em nome dos meus sentimentos pulsantes dentro de mim, mas não

NACIONAIS - ACHERON

consegui. Ergui-me, arqueando meu corpo em direção ao seu, cada vez mais perto, com os braços em sua nuca e meus dedos enfiados em seus cabelos. Então, ele se afastou.

— É uma boa despedida. — Ele sorriu e fez o mesmo, bobamente. Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e me dei conta do quanto devia estar bagunçado. — Desculpe por tudo o que aconteceu hoje. Por ter acabado te envolvendo nisso, meu anjo.

— Meu anjo, é? — Sorri, ignorando gentilmente suas palavras. Não queria discutir com ele, na verdade. Só queria ficar sozinha ao mesmo tempo em que queria que ficássemos juntos até o dia seguinte; talvez em sua cama...

— É. Quer que eu te leve para o colégio? — Balancei a cabeça.

— Eu vou para casa. — Sorri e fiquei na ponta dos pés para me despedir com um mísero selinho. Ele nem se moveu, tenso; seus músculos pareciam rochas firmes e eu sabia por quê, embora talvez não quisesse falar com ele sobre aquilo. — Nos vemos amanhã?

Ele assentiu e descí as escadas até o Range
NACIONAIS - ACHERON

Rover.

Coloquei as chaves numa mesinha ao lado da porta, sabendo que Jon não estava em casa. Estava cansada e fui direto para o banheiro, enchi a banheira quase até a borda, com um cálculo preciso para não transbordar e passei meia hora nela, até que a água esfriasse. Na verdade, quase peguei no sono lá dentro e decidi pegar uma taça de vinho, já que Jon não estava em casa. Foi um trabalho enorme encher a banheira outra vez. Coloquei a taça ao lado da banheira e soltei o cabelo, preso num coque hábil, e mergulhei, prendendo a respiração.

Acordei sobressaltada com o som da campainha e esfreguei os olhos no escuro. Estava só de pijama quando fui dormir, o que segundo meu relógio, tinha sido só uma hora atrás, mais ou menos. Levantei e fui andando, tateando o caminho cegamente até a sala, onde acendi o abajur; a campainha continuou soando, meio perturbadora até.

— Já vai. — Falei meio sonolenta, mas alto e o
NACIONAIS - ACHERON

som parou, aquietando meus nervos. Olhei pelo olho mágico e vi Cedrico, magnífico à minha porta, de jaqueta de couro e calça preta. Soltei um suspiro antes de abrir somente uma fresta da porta. Minha cara estava toda amassada e ele estava todo irresistível, claro que eu não queria que ele me visse. — Oi.

— Você está bem? — Não estranhei a pergunta, e sim o tom com que ele a pronunciou. Entreabri os lábios e abri a porta de vez, convidando-o a entrar. Esfreguei os olhos, ainda me adaptando à luz quando meus dedos encontraram o interruptor da sala.

— Eu estou bem. — *Não estou e você sabe disso, senão não estaria aqui; se não soubesse o que aconteceu.* Respirei com calma, ciente de que tudo já tinha passado como se se tratasse de um sonho ruim, como os outros. Não sabia como, mas Cedrico sempre sabia quando eu precisava dele. Ele entrou com cautela e convidei-o a se sentar enquanto ele olhava para cada canto da casa.

— O que aconteceu? — Ergui os ombros e dei a volta na bancada para pegar café e ofereci a ele, assim como disse para ele se sentar. Cedrico sentou

NACIONAIS - ACHERON

a minha frente e dei café a ele, pegando para mim e me inclinei sobre a bancada apoiada nos cotovelos.

— Eu não sei direito. Eu estava na banheira e algo tentou me afogar, mas lembrei de um feitiço que Rafael me ensinou... não sei o que aconteceu, mas parou. — Ele franziu os lábios lindamente e passou os dedos pela barba por fazer, bem clara. Na verdade, seus cabelos também pareciam mais claros, quase loiros. Ou talvez sempre fossem daquela cor.

— Eu não confio em Rafael *te ensinando* feitiços, mas não posso me opor quando não posso fazer melhor que isso. — Ele se levantou, exasperado, mas contido.

— Entendo suas oposições, mas Rafael tem a melhor das intenções. — Tentei sorrir, mas ainda estava assustada e percebi que meu lábio inferior estava tremendo. Cedrico se virou de repente e deu a volta na bancada, chegando até mim em poucos segundos e me puxou para si. Afundei meu rosto em sua camisa e pousei as mãos em seu peito, tremula.

— Eu estou aqui agora. — Seus lábios foram até meus cabelos, depositando um beijo suave e me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

acalmei, assentindo.

— Obrigada.

NACIONAIS - ACHERON

Das cinzas, aos vivos

— Quero que tome cuidado. — Escutei a voz dele sem conseguir assimilar o que Jon falava. — Estou saindo de Nova York amanhã de manhã. Mas quero que me prometa que ficará segura até lá.

— Não estou te entendendo. — Sentei-me na cama, acendi o abajur e verifiquei a hora. 4h02.

— Nossa família é cheia de inimigos, Juliette. Talvez estejam mais perto do que pensei. Friedrich tinha certa fama e seu sangue é a única coisa que pode trazê-lo de volta do mundo prisão. Ninguém quer isso, então me prometa que ficará no apartamento até eu voltar. Ou no colégio. Só tome cuidado. — Suspirei, meio que entendendo o que ele queria dizer. Olhei para Cedrico, adormecido ao meu lado e desliguei o celular, deslizando até ele com as luzes apagadas.

Ele estava de cueca, mas coberto até a cintura; de braços e com o rosto virado para o outro lado.

NACIONAIS - ACHERON

Estendi minha palma e deslizei-a pelas suas costas, excitando-me ao sentir sua pele macia e seus músculos relaxados sob meu toque que se estendeu até sua nuca; enfiei os dedos em seus cabelos e beijei sua nuca. Ele se moveu e mordisquei-o suavemente. Cedrico gemeu, tateou cegamente e segurou minha cintura sob o tecido fino.

— Eu deveria ter ido embora. — Ele gemeu novamente, um som gostoso e excitante saindo de sua garganta, então se virou.

— Fico feliz que não tenha. — Abaixei para beijá-lo quando ele se virou para mim. — Jon me disse para tomar cuidado. Que nossa família tem muitos inimigos... — Suspirei e senti seus dedos em meu rosto, tocando minha bochecha, queixo e maxilar, explorando-me doce e delicadamente.

— Ele está certo, mas alguém deve estar próximo se ele pareceu tão preocupado.

Cedrico puxou-me, cobriu-me e aninhou meu corpo ao dele, aquecendo-me. Comecei a pensar em meus sentimentos, sentindo seu braço em meus ombros, mas desisti porque não tinha necessidade de dar nome a nenhum deles. Estavam bem como estavam e não precisava dizer palavras que não

NACIONAIS - ACHERON

mudariam nada, obviamente. Eu sabia que estava apaixonada por ele como nunca tinha estado por ninguém, que meu peito doía quando ele se afastava ou se fechava, ou se brigássemos. Que seu humor me afetava, quase fundindo-se ao meu, mas sempre que eu pensava, parecia esquisito de se dizer, então deixei para lá, acalmando meus pensamentos, sentindo-me segura em seus braços. O bastante para conseguir pegar no sono.

Saí do apartamento assim que amanheceu, bem depois das seis, e coloquei os fones enquanto andava pela cidade quase vazia, antes de chegar ao fim da rua principal, dei a volta e circulei por todo o centro, correndo muito rápido. Tão rápido que quase caí quando alguém esbarrou em mim, vindo do nada.

— Desculpe, eu te machuquei? — Balancei a cabeça.

— Não. — Ergui os olhos e tirei os fones, ofegante, e sorri para Rafael. Até que vínhamos nos dando bem ultimamente, mas nossa relação era clara e limitada. Ele me ensinava magia. Ponto.

— Posso te oferecer um café?

— Hum... — A proposta era tentadora, embora
NACIONAIS - ACHERON

eu preferisse tomar um banho antes.

— Podemos ir até o parque, preciso falar com você. — Finalmente assenti e achamos uma lanchonete aberta na mesma rua. Fiquei do lado de fora, tomando o ar fresco e meu celular tocou, anunciando uma nova mensagem enquanto Rafael pegava os dois cafés.

Não foi muito educado me deixar sozinho. Jon me preocupou com a ligação, quero que fique perto de mim. Encontre-me no colégio.

Sorri e Rafael me entregou o café.

— Meu irmão? — Sorri timidamente e guardei o celular depois de digitar uma rápida resposta, mas toda piegas.

— O que queria falar comigo? — Tomei um gole do café enquanto andávamos até a praça no fim da rua, a alguns metros.

— Eu tive uma visão... Dos ancestrais. De que sua avó está de volta. — Parei e fiquei na frente dele.

— Do que você está falando? — Franzi o cenho.

— Eles disseram algo que não pude entender.

NACIONAIS - ACHERON

Mas ela está aqui, a mãe de Izabel. — Voltamos a andar, mais devagar enquanto eu processava as informações e bebia o café forte.

— O que ela poderia fazer aqui? — Ele ergueu os ombros.

— Os ancestrais falaram sobre deter um mal maior, mas não faço a menor ideia do que possa ser isso. — Sentamo-nos em um banco e ficamos olhando enquanto a cidade ganhava vida, lentamente.

— Jon me disse para tomar cuidado com *nossos inimigos*. — Suspirei, segurando o copo com mais força.

— Você deveria, mas saiba que está segura comigo, com Cedrico ou com qualquer um de nós. — Me virei para olhá-lo e sorri, agradecendo. — Vou ver se Elena descobre alguma coisa.

Chequei o relógio. 07h47.

— Preciso ir. Nós temos aula. — Ele assentiu e me levantei. — Obrigada pelo café.

Ele me beijou como se quisesse me devorar por inteiro e tirou meus pés do chão, inacreditavelmente no meio do corredor. Coloquei

NACIONAIS - ACHERON

as mãos em seus ombros e deslizei até o pescoço.

— Hum, bom dia. — Dei-lhe um último beijo antes de entrarmos na sala de aula. Ocultismo era sempre excelente para começar o dia, mas não consegui me concentrar em nada naquele dia. Primeiro, alguém tentava me afogar na banheira; sobrenaturalmente. Segundo, a ligação de Jon e agora, aquilo da minha avó *estar de volta*. Ainda mais uma que eu não conhecia. A hora passou rápido até o almoço e Cedrico e eu fomos até um restaurante perto do apartamento de Jon. Sentamo-nos em uma mesa do lado de fora; o dia estava nublado e nos sentamos lado a lado.

Queria arrancar algumas informações sobre a ex dele, pois aquele era um dos assuntos que tinha me incomodado durante o dia inteiro, e decidi ir direto ao ponto ao invés de dar voltas no assunto:

— Eu quero saber sobre a Brie. — Cedrico ergueu os olhos, desconcertado, do cardápio e me olhou estranho. — Eu tenho o sangue dela nas minhas veias pelas próximas horas, então acho que tenho o direito de saber. Até onde for conveniente que eu saiba. — Ele sabia que deveria excluir quaisquer detalhes se fosse abrir a boca para falar dela.

NACIONAIS - ACHERON

— Você tem esse direito. Por onde deseja começar? — Hesitei e ele se inclinou um pouco ao meu lado. — Podemos começar quando a conheci. Brie era humana, até onde eu sabia, mas estava envolvida nessa coisa de bruxos. Nos conhecemos numa loja voodoo enquanto ela comprava ervas para a tia adotiva, que é bruxa. Eu estava começando a ter mais contato com minha magia e passava boa parte do meu tempo na companhia de Rose ou na de Lauren, que eu tinha acabado de conhecer.

"Brie era linda e cheia de vida. A coisa meio que aconteceu sem que eu me desse conta. Quando percebi, estava louco por ela. — Não gostei de ouvi-lo falar daquele jeito de outra pessoa, mas permaneci calada. — Então, ela morreu e eu pensei que ela estivesse *mesmo* morta. Segui em frente com a minha vida, *com você*, e ela apareceu agora. Nossa história não foi profunda ou marcante, nem tampouco inesquecível, e embora eu ainda goste dela... É de um jeito diferente.

Fiquei pensando, por tempo demais, se o que ele sentia por Brie antes era diferente do que sentia por mim agora. Como algo passageiro, só para passar o

NACIONAIS - ACHERON

tempo, e meu peito se apertou um pouquinho mais.

— O que ela queria mesmo? — A garçonete nos interrompeu e pedimos rápido.

— Um anel com um feitiço que a permitiria andar a luz do dia.

— E por que você não fez? — Franzí a sobancelha. Eu teria feito, no lugar dele. Ao menos em nome do que eles tiveram um dia, por mais que me incomodasse. Um junco suave se formou entre suas sobancelhas, e desapareceu tão rápido quanto um piscar de olhos.

— Eu preciso pensar primeiro. Não sei como a Brie é como vampira, não sei se ela pode controlar a fome. Seria imprudente dar a ela algo do tipo sem saber como ela é agora. Se ela for impulsiva, poderia ter condenado todos que passassem pelo seu caminho. — Fazia todo o sentido do mundo. — Prometi a ela que iria pensar, mas vou pesar também a ameaça que ela fez contra você.

— Falou com ela? — Meu tom denunciou minha surpresa.

— Sim, quando ela foi embora. Na verdade, ela foi o motivo de eu não ter conseguido ir até você quando precisou de mim. Sinto..

NACIONAIS - ACHERON

— Eu não precisei. — Falei asperamente e ele ficou quieto quando a garçonete voltou com nossos pedidos.

Claro que eu precisava. A cada segundo, só havia certa mágoa em meu peito naquele momento. Por fatos que nenhum de nós conseguia controlar.

— Encontrei Rafael hoje cedo quando saí para correr. — Cortei o bife e Cedrico ergueu o olhar para captar o meu. — Ele disse que minha avó está de volta. Achei que ele estava meio estranho.

— Não o vi hoje. Mas se ela está de volta, há um propósito. — Seu tom foi frio e distante, assim como eu merecia. Comi em silêncio por longos dez minutos, assim como ele, que parecia mais pensativo do que distante, não que fizesse tanta diferença.

— O que acha que ela está fazendo aqui? — Ele se virou para mim e consertei-me na cadeira, desconfortável com o olhar que recebi. — Quero dizer, não deve ser todo dia que os mortos começam a subir de suas tumbas.

— É, se ela está aqui é por que os ancestrais a mandaram, então há um propósito obscuro em seu retorno. Izabel deve saber disso. — Ele pegou o

NACIONAIS - ACHERON

celular e pousei a mão em seu braço.

— Eu falo com ela mais tarde. — Ele guardou o aparelho e toda a tensão que antes habitava seu rosto, se desfez naquele toque curto, porém lento, como se ambos estivéssemos paralisados. Soltei-o e ele segurou meu rosto, devagar, e me beijou. Fui até ele com mais voracidade até me lembrar que estávamos do lado de fora do restaurante e do número de pessoas que passavam por nós naquele momento.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Vem a um lugar comigo hoje a noite. — Mordi o lábio e ele pediu a conta. Revirei os olhos enquanto a garçonete quase se atirava para cima do meu namorado e ele sorria de volta para ela. Minha pele ardeu de raiva e ciúme enquanto os peitos daquela loira oxigenada praticamente pulavam até ele, assim como ela.

— Jon quer uma reunião de família quando voltar de NY. — Ele pagou e levantei-me, quase deixando claro que não queria permanecer nem mais um segundo naquele lugar. Cedrico me acompanhou e passei o braço pelo dele, aquecendo-me enquanto atravessávamos a rua.

NACIONAIS - ACHERON

— Queria que fosse a um lugar comigo no fim de semana, então. Sei que vai gostar.

— Tudo bem. Mas se vai continuar com os enigmas, é melhor me dar algumas dicas. — Ele respirou devagar e olhou para mim enquanto andávamos.

— É relativamente frio nessa época do ano, mas precisa levar roupas de banho. É longe e ficaremos sozinhos lá o fim de semana inteiro. É tudo o que eu posso dizer. — Eu não fazia a menor ideia de onde era e aquilo nem podiam ser consideradas dicas, porque, pelos padrões Hamilton, poderia ser qualquer lugar do mundo.

— Isso não é muita coisa, mas parece ser um lugar interessante.

— E é. Gostaria que fosse comigo ao cemitério. *Os ancestrais* gostariam, na verdade. — Respirei devagar porque era um lugar que sempre me dava calafrios, mas um chamado dos ancestrais não era algo que se pudesse recusar, então decidi que estava mais do que na hora de engolir meus medos idiotas. Eles eram apenas bruxos mortos, fonte de uma enorme fonte de energia a todos os bruxos, de *todos os covens* de Salém.

NACIONAIS - ACHERON

— Claro, você sabe do que se trata? — Ele ergueu os ombros e destrancou o Corvette, abrindo a porta para mim.

— Não, Elena me pediu para avisá-la. — Assenti e entrei no carro.

Tirei um cochilo depois da aula e sonhei que estava em uma praia.

A areia era muito escura e eu usava um vestido branco e justo, de alcinhas. Cedrico apareceu nessa praia e corri até ele, mas quando o beijei, ele desapareceu, dando lugar a novas imagens. De repente, eu estava no meio de uma estrada completamente deserta. Era noite e olhei ao redor, consciente de que aquilo era um sonho, mas sem saber onde ia parar ou quem o tinha projetado e o que queria que eu visse. De repente, apareceu alguém, caído no chão, ao que corri para ver que era eu, com um dos braços estendidos e o outro sob o peito; cuspiendo sangue e aquilo me gelou por dentro.

Meu Range estava parado no meio da estrada e Lauren saiu dele, de jeans e camiseta, correndo. Recuei um passo e ela verificou meu pulso,
NACIONAIS - ACHERON

tremendo, e murmurou algumas palavras em latim, murmurando-as num cântico sombrio, mas senti o que ela estava fazendo: tentando me salvar, embora um buraco no meu peito me dissesse que ela não podia fazê-lo. Meus dedos tremeram e Lauren parou quando os ancestrais surgiram, murmurando numa língua que eu não entendia.

“Permitam-me salvá-la, ela não tem culpa por eu ter sido banida”, ela implorou como se minha vida tivesse algum significado para ela.

As ancestrais desapareceram e ela desabou, em seguida, ergueu-se e pegou meu celular, com os dedos trêmulos e sujos de sangue, e levou-o ao ouvido.

“Preciso de uma ambulância, Joseph. Na estrada 22, seja rápido”, ela falou rápido e desesperada e jogou meu celular para o lado. “Vamos, me deixe ver seus olhos, só lute um pouco mais. Por favor, por mim”.

O sonho foi desaparecendo e me vi no cemitério, caída no chão com um vestido longo e azul. Ergui-me e vi que Cedrico corria até mim, tirando-me do chão frio e me ajudando a sentar em um tumulo, agachado a minha frente.

NACIONAIS - ACHERON

“Eles querem me ver morta”, a Juliette do sonho estava pálida como um papel e tossiu como se estivesse tísica, sob a palma da mão. Tossiu sangue. Cedrico tirou o cabelo do meu rosto com um olhar profundo, cortante e desolado.

“Eu sinto muito... Era minha última opção”.

Despertei de repente com uma luz se acendendo e Jon na porta do meu quarto segurando um pano de pratos. Sentei-me, gelada, sem lembrar-me do sonho, mas assustada; passei a mão pelos cabelos e olhei as horas. 19h48:. — Nossa, acho que dormi demais. — Joguei as pernas para fora da cama e esfreguei os olhos.

— Achei que estivesse pronta. O jantar está pronto e sua mãe está aqui. — Murmurei algo relacionado a “*estou indo*” e ele fechou a porta. Minha pele estava incrivelmente fria, apesar de eu ter estado sob um cobertor bem quente nas últimas horas e o quarto estar quase um forno com o termostato ligado no máximo. Enfiei-me em um moletom quente e calcei meias antes de sair para a sala. Peguei uma borrachinha e preendi o cabelo em um rabo de cavalo torto. Izabel estava linda com

NACIONAIS - ACHERON

um vestido preto que delineava sua cintura; suas mangas eram longas e ele ia até o meio das coxas. Realmente, era uma visão de tirar o fôlego. Ela estava detrás da bancada, ajudando Jon a preparar o jantar e desviou-se dele para abrir o armário e pegar taças.

— Estão se divertindo? — Ela sorriu, estonteante, e Jon sentou-se a mesa do outro lado da cozinha. Ambos me olharam, esperando que eu me juntasse a ele e foi o que fiz.

— Você parece... Doente. — Izabel comentou e Jon me passou o prato. Balancei a cabeça e ele o recolheu, servindo-me com carne de panela, legumes e salada. Um prato muito bonitinho, mas que não me interessou muito quando Jon o colocou a minha frente, mesmo assim, peguei o garfo e comi um pouco de vagem.

— Só estou com frio, sonolenta, mal-humorada... — Cortei a carne e senti o olhar de Izabel em mim.

Meus pais voltaram a falar de trabalho, tentando me incluir em algum assunto, mas estava totalmente apática e sem vontade nenhuma de ter aquela conversa. Só queria comer e me arrastar de

NACIONAIS - ACHERON

volta até a cama, onde parecia seguro estar.

— Você tem praticado? — Jon perguntou, de repente, de pé ao meu lado, parecendo maior do que era e assustador também.

— Um pouco. Com Rafael. — Ele tirou os pratos e percebi que tinha comido tudo sem nem perceber. Fiz menção em me levantar, mas Jon fez um sinal para eu me sentar novamente.

— Fique aí, vou pegar a sobremesa. — Acomodei-me novamente e Izabel fitou-me com aqueles intensos olhos verdes; iguaiszinho aos meus, esperando que eu detalhasse minhas atividades com Rafael, mas não estava a fim de fazê-lo, então me limitei a cruzar os dedos sobre o colo e olhar para os lados. Jon voltou e colocou uma taça de sorvete a frente de cada um de nós.

— Isso não é *bem* sobremesa. — Ele franziu os lábios e se sentou.

— Eu cheguei de NY há três horas, Julies. É um tempo plausível para preparar um jantar. — Claro que era. Jon era espetacular em tudo o que ele fazia. Fosse na cozinha ou nos negócios.

— Você estava me falando sobre Rafael. O que ele vem te ensinando? — Ela franziu o cenho de

NACIONAIS - ACHERON

forma quase imperceptível.

— Ahn... Começamos com feitiços de ocultação, localização. — Tomei uma colherada do sorvete, falando de boca cheia. — Não sou muito boa nisso. — Gesticulei com a colher. — Por que vocês sempre têm tantas perguntas sobre Rafael? Falam como se não confiassem nele.

Jon franziu o cenho e ele e Izabel se entreolharam:. — Não é isso. Rafael é meio instável. — Izabel disse, por fim. E ele era mesmo. Até praticando magia ele era incerto. Eu nunca sabia que direção tomar com ele, nem como me sentia. Era tudo esquisito e confuso.

— Eu sei disso. — Finalmente disse e levantei-me, com a desculpa de que estava cansada. Deixei-os a sós e liguei para Cedrico, sem estar certa sobre a que horas eu deveria encontrá-lo.

— Oi. — Dei um sorrisinho idiota de sempre e entrei no banheiro, acendendo a luz antes de colocar meus pés nele, para me olhar no espelho. Eu tinha emagrecido desde que chegara ali, mas não estava com aparência esquelética. Só magra e sem curvas e sem graça. Soltei o cabelo; liso e levemente repicado até os ombros e maior nas

NACIONAIS - ACHERON

costas, indo até o meio ou um pouco acima. Talvez um corte fosse mudar um pouco a aparência sem vida que eu tinha naquele momento.

Eu estava mais branca que um papel e meus lábios estavam pálidos. Tirei o moletom e fiquei com uma camiseta sem mangas.

— Não vejo a hora de nos vermos. — Ele finalmente disse e continuei sorrindo para mim mesma através do espelho.

— Nem eu. Eu passo aí pra te pegar e vamos juntos... Talvez pudéssemos...

— Sair depois? — Ele terminou minha frase e soltei o ar preso em meus pulmões.

— É, quase não saímos no meio dessa loucura. Tenho sentido falta de alguma normalidade ultimamente. — Desabafei e pressionei a palma esquerda contra o mármore frio.

— Você está certa. — Ele sorriu do outro lado e meu peito afundou em algo bom. — Depois que nos livrarmos dessa coisa chata de ancestrais podemos ir até um bar da estrada. Conversar, namorar...

— Perfeito. Eu te pego às dez.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Meu coração vai seguir^[24]

Cedrico não ficou quieto por um segundo durante a curta viagem ao assombrado cemitério de Essex.

Ele me beijou quando entrou em meu carro, colocou o cinto, depois o tirou, voltou a me beijar e falar de um feitiço que eu estava irritada de tanto saber. Parei no cemitério e ele finalmente se calou enquanto serpenteávamos as sinuosas curvas dos túmulos e catabumbas de centenas de anos que abrigavam os antigos. A maioria eram os ancestrais, como eu aprendera até ali. Entrei mais confiante do que antes naquela construção de pedra fria e úmida, o jazigo dos Hamilton. Cedrico falou as palavras do feitiço que eu levava em meu bolso com minha mão bem segura.

Meus olhos estavam firmemente fechados até

que senti meu corpo mais leve e abri os olhos, sentindo que a escuridão me consumia.

Então eu caí.

Eu não sentia meu corpo e não conseguia determinar se estava viva ou morta, mas levantei do chão do jazigo. Não sentia absolutamente nada e olhei ao redor. Tudo era vazio e eu sentia somente a escuridão, que me envolvia por todos os lados.

“Finalmente”, escutei uma voz atrás de mim e me virei para ela de modo abrupto. Não com medo, somente curiosa pelo fato de ter me parecido familiar. Dei de cara com uma mulher de olhos assombrosamente parecidos com os meus e os da minha mãe e soube quem ela era no mesmo segundo. Pouco mais velha que Izabel, porém com cabelos bem claros e rosto sombrio, mas belo, assim como seu corpo esguio e imponente.

“Você é...”.

“Ivy”, ela falou simplesmente, sorrindo de modo controlado, aproximando-se, vestida de negro. Um belo vestido que lhe caía muito bem. Embora não
NACIONAIS - ACHERON

se parecesse com uma avó, lembrei que ela tinha morrido antes de eu nascer.

Não tivera tempo para envelhecer, pensei e senti-me imediatamente culpada pelas circunstâncias de sua morte. Passei os braços em torno do meu corpo, em um gesto autodefensivo e ela parou a uma distância segura de mim.

“Não tenha medo, só quero mostrar uma coisa. No fim, a escolha será sua”. Segui-a pelo cemitério, do mesmo modo que estivera antes, mas aquilo se parecia com um sonho ou como se ela tivesse entrado na minha cabeça. Meu corpo permaneceu insensível a qualquer sentido e talvez fosse bom que estivesse daquele jeito, embora eu conhecesse mais ou menos o feitiço que achava que ela tinha usado. Meu corpo poderia muito bem se ferir enquanto eu estivesse adormecida naquele lugar.

“O que quer que eu veja?”, perguntei quando cansei de segui-la, mas Ivy não parou e me apressei em acompanhá-la.

“Não sou eu quem quer. São os ancestrais”. Ela parou diante do jazigo com o nome Claire. O sobrenome da família de Lauren. “Não se
NACIONAIS - ACHERON

preocupe com simbolismo, Lauren não tem nada a ver com isso”.

Continuei seguindo-a para dentro do jazigo, que igual a todos os outros.

“Seu sangue é a única coisa que pode tirar Friedrich do mundo prisão em que ele se encontra, e pelo que sei, você não está muito disposta a colaborar para que isso aconteça”, meu olhar a perfurou e ela me observou com cuidado antes de apoiar as mãos no altar de pedra e continuar: “Mas, Friedrich tem ajuda do lado em que está e conseguiu manter Alice, uma bruxa muito poderosa, sob seu controle por um enorme tempo. Ele pode e vai fazer de novo”.

“Qual o propósito disso tudo?”.

“Os ancestrais querem inutilizar seu sangue. É a única forma de acabar de vez com a ameaça que Friedrich representa”.

Minha pele gelou.

“De que maneira?”, minha voz não passou de um sussurro que se perdeu no frio da noite.

“Na verdade, o sangue de Alice também pode funcionar, mas posso garantir que a possibilidade é remota e mínima. O feitiço requer o sangue nobre
NACIONAIS - ACHERON

e Alice é a bastarda. Jon é antigo e sabe se defender. O problema não sou eu, os ancestrais querem sangue. Querendo ou não, você está ligada àqueles malditos Hohenfels e é deles que provém sua linhagem, o que significa que se um cair...”.

“Os outros também caem. Aonde você quer chegar com isso?”, comecei a ficar mais nervosa do que conseguiria esconder.

“Não me interrompa”, ela falou em tom doce e sorriu delicadamente. “O feitiço requer magia ancestral e precisa ser feito aqui. Você só precisa deixar esta cidade para trás e voltar ao brilho que NY te oferece. E deixar, é claro, Cedrico”.

“O quê?”, senti como se houvesse um buraco em meu peito de modo imediato; a primeira sensação que aquele lugar me proporcionou, de fato.

“Deixe sua magia aqui, encravada...”, ela ergueu o braço e uma adaga de punho escuro apareceu em sua mão, surgida do nada. “Neste punhal. Liberte-se disso e volte a sua vida normal, como antes. Sem complicações”, falar era mesmo muito fácil.

Ela se aproximou e senti o mesmo que teria sentido se ela estivesse retorcendo aquela adaga
 NACIONAIS - ACHERON

em minha carne, tal dor eu sentia ao vislumbrar uma vida sem Cedrico. Ela parou de sorrir e abaixou o braço.

“Mas você ama o mortal. Não ama?”, não tinha pensado muito naquela palavra ou como deveria saber se o amasse, mas pareceu óbvio quando saiu de seus lábios peçonhentos. “Ama o bastante. E arriscar-se-ia por isso”. Ela começou a se aproximar até me encurralar contra uma parede. “Se eu ordenasse que escolhesse, agora, entre Friedrich e Cedrico, a quem escolheria?”

Fiquei sem fôlego, mas não hesitei meio segundo em responder: “Cedrico!”. Ela sorriu com prazer e deleite com minha resposta.

“Ah! Parece-me que os laços de sangue nem sempre são mais fortes que os do coração”. Respirei fundo, processando suas palavras. “Infelizmente, isso não resolve nossos problemas com os ancestrais”.

“Você precisa de mim morta para quebrar a ligação”, murmurei depois de ter me dado conta há muito tempo antes.

“Não, meu Deus. Izabel se importa muito com você e eu me importo muito com ela. E ela não
NACIONAIS - ACHERON

suportaria perdê-la outra vez. Mas esta é minha última oferta. Abandone sua magia, abra mão de tudo isso e poderá viver longamente. Sem que os ancestrais a atormentem”.

Respirei devagar e ela deu um passo a frente, poucos centímetros mais alta do que eu. Surpreendi-me quando Ivy agarrou meus pulsos e se aproximou de maneira assustadora.

“Você terá que escolher entre a família e o seu coração. Provavelmente tomará um caminho errado e egoísta, mas espero que encontre tudo o que deseja. Espero que encontre uma saída para manter Friedrich no mundo prisão antes que outro encontre”. Ela me soltou.

Estava escuro e abri os olhos com cuidado, testando aquele sentido, depois os outros até me dar conta de onde estava. No chão do jazigo com a cabeça pousada com cuidado sobre a perna de Cedrico. Levantei-me um pouco, apoiando as palmas no chão de pedra.

— Você está bem? — Ele tirou o cabelo do meu rosto com cuidado e me ajudou a levantar, tocando-me como se minha superfície fosse um vidro frágil.

NACIONAIS - ACHERON

— Acho que sim. — Minha cabeça doía, mas fora isso, estava tudo em ordem. Cedrico passou o braço em torno da minha cintura para ajudar-me a me equilibrar.

— O que Ivy te disse? — Franzi o cenho e dei um passo a frente, indo até a porta e puxando-o comigo.

— Ela precisa de uma resposta para manter Friedrich no mundo prisão que não seja me matando. — Atravessamos o cemitério em silêncio e Cedrico dirigiu, visto que eu me sentia tonta e desorientada. O relógio apontava 0h13, o que indicava que eu tinha passado muito tempo desacordada, embora a conversa com Ivy tenha sido um tanto breve.

Cedrico ficou em silêncio até que comecei a me preocupar e dei play num CD do The Smiths, que preencheu o ar no mesmo segundo, mas abaixei-o para oferecer-lhe a chance de fazer perguntas e contar o que Ivy tinha me dito, fora a parte de que eu o amava e eu não ter negado.

— Ela me assusta. — Encolhi o corpo, puxando os joelhos até o peito.

— Eu vou procurar alguma coisa. — Ele parou o
NACIONAIS - ACHERON

carro na casa dele. Parecia vazia e inabitada. — Quer entrar ou tem hora para chegar em casa?

Um sorriso malicioso despontou dos seus lábios e desdobrei os joelhos, indo até ele e enfiando os joelhos nos bancos nas laterais de seu corpo, acima dele enquanto o beijava de modo suave.

— Eu deveria estar em casa há. — Consultei meu relógio inexistente no pulso ao mesmo tempo em que seus dedos passeavam pela pele na minha cintura, enfiando-se por baixo da minha blusa. — Duas horas, mas não acho que vá ser um problema.

Voltamos a nos beijar e os dedos dele subiram até a base das minhas costas, apoiando-me e me jogando para frente, inclinando seu corpo sobre o meu até eu me sentir apoiada sobre o volante. Sua boca macia me lembrava pecado, quando joguei a cabeça para trás num rompante, acariciando a pele do meu pescoço; seus dentes a roçaram levemente, excitando-me. Sua língua percorreu o caminho pela veia em meu pescoço; envolvi-o com as pernas, puxei-o mais para mim e levei os dedos meio trêmulos aos botões de sua camisa.

Num segundo, ela se abriu para mim e seus ombros se moveram, numa visão que me deixou

NACIONAIS - ACHERON

boquiaberta; seu peito nu, mesmo que em uma dolorosa penumbra, quando puxei sua camisa para baixo, encontrando o assoalho em seguida. Depois foi a vez da minha blusa de lã que Cedrico forçou para baixo e arrancou-a, com a mesma voracidade, como se estivéssemos numa mesma sintonia, na mesma intensidade. Nossos corpos trabalhando em uma mesma frequência que enfraqueceu meus sentidos como uma droga. Minha blusa de alcinhas flutuou até o painel do carro e...

Um segundo depois, a porta do carro se abriu e a luz acima da minha cabeça acendeu, revelando minha quase nudez. Fiquei vermelha no mesmo segundo, antes mesmo que os olhos verde-musgo de Rafael encontrassem aos meus.

— Que porra é essa? — Cedrico esbravejou e pegou minha blusa de lã no banco ao lado para me cobrir. Vesti-a em um segundo, mas deixava um decote que eu preferiria não exhibir, ainda mais na frente de Rafael.

— O que *vocês* estão fazendo aqui? — Não foi exatamente uma pergunta, mas saí de cima de Cedrico.

— Você *enlouqueceu*? — Peguei minha blusa e

NACIONAIS - ACHERON

saí do carro, seguida por Cedrico, que vestia sua camisa. Bati com força a porta do Range e cruzei os braços na altura do peito, segurando minha blusa para me cobrir do melhor modo possível.

— Você é que está se pegando na frente de casa.

— Ele olhava para mim enquanto falava —, como se fosse uma prostituta.

Nem percebi o que estava fazendo, quando me dei conta, minha mão encontrou seu rosto em um tapa sonoro que deixou minha palma latejando. Cedrico se colocou entre nós no segundo em que Rafael se virou, com o rosto vermelho e marcado pelos meus dedos.

— Olha como fala com ela, seu babaca. — Ele fuzilou Cedrico com o olhar, mas, para mim, foi neutro e fechado. Rafael se foi e passei um longo segundo encarando o lugar onde ele estivera até Cedrico se virar.

— Eu deveria ir. — Deixei meus braços caírem em torno do corpo.

— Provavelmente deveria se vestir antes. — Ele sorriu, quase sem graça por termos sido interrompidos daquela maneira. — Me desculpe por Rafael e... Por ter te atacado daquele jeito.

NACIONAIS - ACHERON

— Você não... — Antes que terminasse minha frase, escutei o familiar som de pneus contra a terra, passando pelas minúsculas pedrinhas no chão de terra batida e os faróis acesos em meu rosto, cegando-me. Cobri o rosto com a mão, assim como Cedrico, quando o carro parou atrás do meu e a porta se abriu.

— Está um pouco tarde para os pombinhos estarem do lado de fora. — Reconheci a voz melódica de Renée e os faróis apagaram. Ela fechou a porta com força e Cassandra saiu do outro lado.

— Pensei que estariam em outro lugar. — Ela sorriu e caminhou até nós, passou pela frente do carro de Renée e ficou boquiaberta quando viu minha blusa na mão e a eu vestida somente com a blusa de lã, mostrando o sutiã preto que eu tentava cobrir com a mão.

— Eu bem que queria estar. — Cedrico ficou ainda mais sério e empertigou os ombros quando Renée deu um passo em nossa direção. — Vamos entrar.

Ele pegou a chave do meu carro e o fechou; as irmãs deram risadinhas e entraram. Coloquei minha

NACIONAIS - ACHERON

blusa e segurei a de lã, mesmo que estivesse bem frio. Cedrico segurou minha mão, acariciando a parte de cima com cuidado e passou o braço pelos meus ombros, de maneira confortável e segura. Ainda estava pensando na avó que eu nunca tinha conhecido quando entrei na mansão dos Hamilton. Estava vazia como era habitualmente e parcialmente escurecida. Cedrico pousou os dedos, delicadamente, na base da minha coluna, guiando-me até as escadas, depois ao seu quarto.

— Queria que ficasse aqui. — Ele finalmente falou, ainda no escuro e chutei uma cadeira no meio do caminho enquanto ele procurava pelo interruptor. — Você se machucou?

Balancei a cabeça e ele acendeu a luz, aproximando-se para tirar uma mecha de cabelo que caía em meu rosto.

— Você está linda. Esqueci-me de dizer isso. — Sorri e ele se aproximou mais devagar, beijando-me lentamente. Captando uma nuance de cor em meus olhos, ele sorriu brevemente contra meus lábios, sem me tocar; seus lábios roçando os meus com uma calma profunda.

— Eu adoraria ficar com você esta noite. —
NACIONAIS - ACHERON

Meus dedos passearam desinteressadamente pelo seu ombro quando afastei o rosto do dele e abri meus olhos. Um sorriso perfeito despontou de seus lábios e ele acariciou minha bochecha.

— Eu não contei tudo sobre Ivy. — Falei de repente e ele gemeu, murmurando alguma coisa antes de se virar para mim.

— O quê? — Cedrico me olhou no escuro; pude sentir que me observava.

— Ela me fez uma oferta. Livrar-me da minha magia e voltar para NY, ter uma vida normal longe de tudo isso, longe de você.

Ele ficou em silêncio por um longo momento e fechei os olhos, deduzindo que ele tinha dormido e eu deveria fazer o mesmo; talvez fosse melhor que não tivesse escutado, assim, não teríamos que discutir sobre o que sentíamos ou não um pelo outro.

— E o que você escolheu? — Ele pareceu temer a resposta e respirei fundo, tentando assimilar sua pergunta.

— Eu escolhi ficar. — Decidi contar logo tudo.

NACIONAIS - ACHERON

— Ela quis me testar, perguntando-me quem eu escolheria entre você e Friedrich, embora não fizesse nenhuma diferença. Ela quer brincar comigo e mexer com a minha cabeça. — Cedrico estava mais baixo que eu, seu corpo afundado no colchão e embolado em cobertas, enquanto eu estava quase sentada, com as costas apoiadas numa pilha de travesseiros empilhados contra a cabeceira.

— Vem cá. — Ele enganchou o braço na minha cintura e fui descendo até estar com o rosto em seu peito, aquecida em seus braços; comecei escutar o começo de uma chuva contra o telhado ao mesmo tempo em que Cedrico beijava meus cabelos e apertava-me contra ele, mantendo-me tão perto que eu mal podia respirar, nem tampouco pensar em me afastar. — Ela não vai conseguir nos afetar. Eu vou encontrar um jeito, prometo.

Até aquele momento, ele tinha cumprido todas as suas promessas e algo dentro de mim sabia que eu podia confiar nele. *Cegamente*. Não respondi e verifiquei se ele estava dormindo, deslizando a ponta dos dedos por cada traço de seu rosto. Embora não pudesse vê-lo, podia sentir.

Acordei cedo no dia seguinte, mas os lençóis estavam frios há muito tempo, assim como o vento cortante que entrava pela janela aberta, acordando-me às 5h36. Ainda no escuro, levantei-me da cama e procurei pelo interruptor, sem sorte, esbarrando em tudo pelo caminho. Antes de acender a luz, notei a do banheiro acesa e caminhei em sua direção; a porta estava entreaberta e meus pés descalços não produziram barulho algum, de modo que pude caminhar até lá sem chamar atenção, ao que o chuveiro se fechou o Box e empurrei a porta com cuidado.

— Vai com calma. — Parei quando escutei a voz de Rafael, e não a de Cedrico, mas eu já estava dentro.

Ele me olhou com uma expressão de divertimento no rosto e uma toalha indecente, completamente propensa a cair, enrolada em sua cintura. Seu abdome sexy tinha aquele V descendo pelos seus quadris. Não consegui parar de encará-lo, fitando sua tatuagem no formato de um triângulo e seus dedos pendendo suavemente na borda da toalha. Percebi que tinha estado encarando-o por um minuto inteiro, mas que

NACIONAIS - ACHERON

pareceu a eternidade; mordendo o lábio de maneira ridícula, observando as gotículas de água sobre sua pele e estudando com cuidado cada parte sensual do seu corpo.

Pisquei, voltando a mim, e ergui os olhos para seu rosto da melhor maneira que pude.

— Desculpe... Por ter entrado assim. — Pisquei mais algumas vezes, como se estivesse vendo coisas que não deveriam existir quando tudo à minha frente se parecia bem real. — Não sei o que deu em mim.

Ele segurou a toalha firmemente com a mão direita e deslizou os dedos entre os fios molhados do cabelo, sorrindo; divertindo-se pelo fato de eu estar completamente envergonhada, sem graça e com as bochechas vermelhas como um pimentão.

— Eu sei exatamente o que deu em você. — Lembrei-me do modo como ele tinha falado comigo na noite anterior, e na noite antes daquela, e que eu estava com raiva dele e esperava, no mínimo, um pedido de desculpas por ter me chamado de prostituta. Afinal de contas, ele era o responsável por praticar comigo. A menos que tivesse aberto mão daquele posto. — Se você

NACIONAIS - ACHERON

pudesse sair... — Demorei dois segundos para raciocinar aquilo e assenti, prestes a me virar. — Ou posso tirar isso de você. — Ele gesticulou brevemente, referindo-se ao pijama que eu usava. — E continuamos de onde tínhamos parado da última vez.

Abri a boca para resmungar qualquer resposta mal-humorada quando a porta do quarto se abriu com força e Cedrico apareceu ao meu lado antes mesmo que eu pudesse virar o rosto para vê-lo caminhar em minha direção.

— O que está havendo? — Sua expressão era dura, firme, e ele nem me olhou nos olhos, fitando Rafael, que se limitou a erguer os ombros, ainda sorrindo para mim; senti-me pequena entre eles, como se estivesse literalmente *entre eles* e meu coração bateu mais forte, ao que engoli em seco.

— Sua namorada parece estar carente de algum afeto físico. — Meu queixo caiu no mesmo segundo e tive vontade de ir até ele e esmurrá-lo, de dizer o quanto ele era um cretino. Meu lábio tremeu de raiva e meus ombros se ergueram quase que involuntariamente. Cedrico parecia estar tão fora de si quanto eu.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu me referia ao que *você* está fazendo aqui.

— Rafael pegou as roupas dele.

— Estou sem água quente no meu quarto. Achei que seria uma boa oportunidade para dizer *oi*. Pedir desculpas por ontem. — Ele ergueu os ombros, mas não era só pela noite anterior que ele deveria se desculpar. Girei o ombro quando ele passou por mim, de modo que não nos tocássemos. Quando chegou à porta, Rafael se virou:. — Nos vemos mais tarde.

RAFAEL

Ainda não era dia quando Cedrico saiu de casa. Assim como meus pais e Renée, e Cass ainda dormiam profundamente, de modo que não foi difícil ir até o quarto de Cedrico e encontrar Julies na cama dele. Seus cabelos estavam esparramados pelos lençóis brancos, que iam até a altura de suas costelas. Fechei a porta e abri a janela; sentei-me ao lado dela com cuidado e observei-a enquanto respirava, calma em seu sono às 4h57 da manhã.

Ergui a mão, no escuro do quarto, e pousei dois dedos em sua bochecha, sentindo sua maciez e

NACIONAIS - ACHERON

meus olhos desceram pelo seu corpo. Sua pele branca, seus braços nus e a curva de seus seios sob o tecido de seu pijama de flanela. Meus dedos desceram suavemente pelo seu maxilar até o pescoço. Ela se moveu minimamente e recolhi a mão, fitando o cordão que ela nunca tirava, como se fosse um amuleto; mas não tinha nada a ver com sorte. Era só porque meu irmão tinha dado a ela. Enquanto eu pensava naquilo, olhos verdes me encararam como se me vissem pela primeira vez, assustados, porém plácidos. Algo no modo inocente e surpreso em que ela me fitava me aprazia.

— Rafael. — Seu tom era sonolento e sensual e ela se ergueu de repente, como se se dando conta de que eu estava a sua frente. — O que está fazendo aqui?

— Só te vendo dormir. — Aquilo soou realmente estranho. Tentei encontrar as palavras corretas, mas elas não existiam.

— Isso é... *Esquisito*. — Juliette apoiou a mão no colchão, sentando-se. — Quer me dizer alguma coisa?

— Só que você é muito bonita enquanto dorme. — Claro que eu teria que mexer um pouco com a

NACIONAIS - ACHERON

memória dela depois daquela esquisitice toda. Apoiei a mão mais a frente no colchão e ela olhou-a, ergueu os olhos, fitando-me.

— Rafael, é sério, isso...

— Eu sei o que você vai dizer e concordo com você. — Não dei oportunidades a ela de me parar.

— Você vai dizer que eu não deveria estar aqui, quando eu sei que não deveria. Vai que dizer que está com meu irmão, quando eu já sei que está e isso só vai partir meu coração mais um pouco. Vai dizer que eu deveria ir, quando já deveria estar longe de você há muito tempo.

— Mas você ainda está aqui. — Ela falou de repente e parei de falar, voltando a olhar em seus olhos, perdendo o foco do que estava dizendo.

— Porque preciso dizer uma coisa, pela última vez, com todas as palavras que devia ter dito quando te conheci. Quando nos vimos pela primeira vez...

— Eu não acho...

— Não. — Ergui o braço, gesticulando, e ela se calou quando pousei o indicador sobre seus lábios, momentaneamente. — Eu preciso dizer e você só precisa escutar. — Balancei a cabeça e fiz uma
NACIONAIS - ACHERON

curta pausa, deixando as palavras saírem. — Eu sou um desastre, algo de ruim esperando para acontecer, é por isso que Renée disse aquelas coisas... — A confusão se formou em seu rosto, mas ela permaneceu em silêncio absoluto. — Na primeira vez em que a vi... Você me paralisou. Paralisou-me como ninguém tinha feito antes, nem a Lauren. — A comparação foi idiota, porém útil. — Eu te vi primeiro e estava tomando coragem para te chamar para sair quando meu irmão apareceu e se meteu entre nós, então eu recuei e achei melhor não me envolver em um triângulo amoroso. Mas conviver com você está forçando tudo isso dentro de mim, remoendo algo que eu nem sabia que estava aqui.

Juliette inspirou e expirou pesadamente.

— O que você quer dizer com isso? — Julies se mexeu e colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha, inquieta.

— Que eu me apaixonei por você desde o começo. Que eu amo você agora com tudo que há em mim e que escolho não ser egoísta com você. E que... Quero ter certeza que fiz a escolha certa. Não por mim, mas por você. — Juliette pareceu

NACIONAIS - ACHERON

surpresa demais para dizer qualquer coisa e nem dei tempo a ela para que o fizesse:. — Só quero que saiba disso. — Ela inclinou o rosto para a esquerda e seu cabelo caiu novamente em seu rosto.

Daquela vez, senti quase uma obrigação em estender o braço e tirá-lo de lá; joguei aquela mecha por cima de seu ombro e coloquei a parte mais curta atrás de sua orelha.

— Por que está me dizendo essas coisas *agora*?
— Aproximei-me o suficiente para ver que seus olhos, expressivos e cheios de vida, estavam cheios de lágrimas que insistiam em não cair.

— Porque preciso tirar esse peso do peito. — Olhei-a nos olhos e meu peito se apertou. Inclinei-me um pouco; não o suficiente para fazê-la recuar, mas o bastante para que prendesse o ar em seu peito. — Porque estou te deixando ir.

— É o mais nobre a se fazer?! — Soou como uma pergunta e uma afirmação. Não dava para ter certeza. Afastei meu toque de sua pele fria e seu corpo quente, pois soava como um convite irrecusável que eu tinha de declinar. Assenti, finalmente me lembrando do que ela tinha acabado de dizer. — Eu tentei fazer isso há algum tempo.

NACIONAIS - ACHERON

Não deu certo.

Juliette ergueu o corpo, levantou a cabeça e sua boca encontrou facilmente o caminho até a minha. Não me movi, surpreso demais para conseguir mover meus lábios sob os dela, então me virei um pouco, ajustando-me ao ângulo em que ela estava, relaxando os ombros sob seu toque. Segurei sua cintura firmemente e ela pressionou o corpo contra o meu, agarrando meus ombros com as unhas, movendo os lábios sob os meus com perfeição. A pressão era ideal e seus lábios macios, volviam-se suavemente. E então, ela se afastou.

— Eu não deveria ter feito isso, não sei o que deu em mim. — Juliette cobriu os lábios com o cenho franzido e vi o arrependimento no brilho de seus olhos. Apesar de qualquer coisa que ela pudesse sentir por mim naquele momento, ela estava com meu Cedrico.

Com o *meu irmão*.

Fechei os olhos com força e levantei:. — Isso... Não deveria ter acontecido. — Ela se limitou a me encarar, o que dificultou o que eu teria de fazer a seguir. Sentei, para garantir que funcionaria, e segurei sua mão, murmurei algumas palavras em

NACIONAIS - ACHERON

latim e *voilà*. — Quero que esqueça que estive aqui, esqueça tudo o que aconteceu. Volte a dormir, se se lembrar de algo será apenas um sonho.

O diabo que você conhece

Bati na porta do quarto de Alex duas vezes antes que ele abrisse. Quando o fez, ao invés de me convidar a entrar, ele saiu e fechou a porta, como se houvesse algo que eu não pudesse ver lá dentro.

— O que está acontecendo? — Apontei para o quarto e ele fechou a porta do quarto com cuidado atrás de si, oferecendo-me um sorriso torto.

— Precisava mesmo sair. Tomar um ar. — Ele sorriu, forçado. Estava congelando, mesmo que estivéssemos com casacos o suficiente.

— O que está rolando aí dentro? É algo que não quer que eu veja. — Enfiei a mão e coloquei-a na maçaneta, mas Alex me impediu de abrir.

— Não é nada, não tem ninguém aqui dentro. — Ele tentou desviar minha atenção, mas cheguei meu corpo mais perto e escutei um barulho. Com um

NACIONAIS - ACHERON

sorriso convencido, girei a maçaneta, mas a mão de Alex estava por cima na minha, impedindo-me de abrir a porta.

— Qual é! O que pode ser tão grave a ponto de eu não poder ver? Tem alguém aí, não tem?

— Você não precisa ver isso. — Ele finalmente admitiu, sério.

— O que é? E por que não? Eu sou virgem, não sou idiota. — Sorri, com a mão por baixo da sua.

— Meu Deus, Julies! Você não desiste. Vamos sair daqui. — Ele se distraiu por um segundo, procurando meu olhar de uma maneira quase desesperada. Quando abri a porta de uma vez, meu corpo tomou um enorme impulso para frente e eu teria caído se Alex não tivesse me agarrado pela cintura e me colocado de pé.

Quase caí pela segunda vez quando vi o que estava acontecendo. Rafael estava na cama, *em cima* de uma mulher, que parecia bastante com uma prostituta, no meio de alguma coisa que eu, claramente, jamais deveria ter interrompido. Alex tirou as mãos de mim, devagar, e pisquei para ter certeza de que estava vendo algo real. Senti-me idiota, ansiando desesperadamente por um lugar

NACIONAIS - ACHERON

onde enfiar o rosto. Ao menos ele estava coberto até a cintura e senti um nojo enorme dele naquele segundo.

— Bela interrupção. — Seu braço direito estava apoiado na cabeceira da cama e ele sorriu, lascivamente, antes de continuar:. — Que belo *ménage* não daríamos.

— Olha como fala, seu filho da mãe. — Fiquei parada sem conseguir dizer nada, sentindo-me tola e patética. Virei para ir embora e passei por Alex, na porta, mas Rafael me chamou e virei a cabeça quase que automaticamente.

— Me avise se meu irmão não estiver dando conta. — Ele piscou e engoli em seco, erguendo o queixo antes de enfiar as mãos nos bolsos do sobretudo e sair.

Não consegui sentir nada por ele além de nojo.

Meu celular vibrou sobre a mesa e vi uma mensagem de um número que eu não conhecia. Peguei-o enquanto deveria estar prestando atenção ao trabalho de ocultismo que valeria minha nota do semestre. Olhei para a tela do celular até apagar e senti o olhar de Cedrico em mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Você está bem? Parece distante...

— Estou bem. — Peguei o celular. — Só distraída.

Podemos nos encontrar mais tarde no Walter's? Às 16h50 se estiver tudo bem para você.

Fiquei surpresa com aquela mensagem de Lauren, mas apaguei a tela sem responder, tentando prestar atenção a parte normal da minha vida. Estava um inferno de frio do lado de fora, e ali também. Depois da aula, marquei com Cedrico que finalmente iríamos sair para nos divertir mais tarde, mas a verdade era que eu não estava no clima e minha cabeça estava explodindo, então era provável que adiássemos mais uma vez.

Respondi a mensagem de Lauren, dizendo que estava a caminho, em cima da hora e ela confirmou que estava me esperando. Não sabia o que ela queria, mas decidi confiar em meus instintos. Tomei um banho escaldante e rápido, trocando o vestido cinza sem mangas por jeans e blusa de lã enorme, por baixo da jaqueta, acompanhado de botas. Encontrei o lugar que ela tinha me dito e vi-a

NACIONAIS - ACHERON

antes de entrar; de costas, deslizando o indicador pela borda de uma caneca. Manobrei, meio distraída, e o carro ficou de qualquer jeito na vaga. Sentei de frente para ela, observando a chuva cair do lado de fora através das janelas de vidro.

— Oi. — Disse, depois de tirar o casaco e me sentar. Por um momento, Lauren limitou-se a um amistoso sorriso.

— Fico feliz que tenha decidido vir. — Sorri de volta. A garçonete se aproximou e pedi o mesmo que Lauren. Chocolate quente.

— Espero que não tenha feito com que eu saísse nesse tempo horrível para uma troca de cordialidades. — Ela balançou a cabeça e balançou a cabeça, inclinou o corpo e uniu os dedos.

— Não, claro que não. — Tentei me lembrar de algo que dissesse o motivo de ela ter me chamado ali e só consegui me lembrar do *Liber Spiritus*. Abri a boca para falar, mas fui interrompida pela garçonete.

— O livro... Você o quer.

— Só um feitiço. — Seu tom mudou e captei cada nuance.

— Por quê? — Fui incisiva e Lauren hesitou.

NACIONAIS - ACHERON

— Meu pai está no mundo prisão, preso com Friedrich. Eu sei como selar aquele diabo lá para sempre, mas não vou fazer isso enquanto meu pai estiver com ele. — Um quase sorriso despontou dos meus lábios quando percebi que Lauren era a solução para todos os meus problemas.

— É isso. Nós tiramos seu pai de lá e prendemos Friedrich para sempre. — Ela ergueu as sobrancelhas, não compreendendo o sorriso sem sentido em meu rosto, então franziu o cenho.

— Ivy! Ela te procurou? Se sim, é um problema. — Hesitei por um segundo antes de tomar a caneca entre minhas mãos e responder.

— Sim, ela quer uma solução para manter Friedrich preso e você é essa solução *se* esse feitiço existir mesmo.

— E existe. — Ela enfatizou, apoiando os cotovelos na mesa quadrada.

— Como seu pai foi parar lá, com Friedrich? — Lauren recostou na cadeira com a caneca entre os dedos enquanto eu bebia o chocolate quente. — E por que está me dizendo isso justamente agora?

— Digamos que meu pai tinha certas desavenças com Friedrich, e eu já tinha te pedido isso antes, NACIONAIS - ACHERON

mas em troca de outro feitiço. — Quase vi alguma emoção em seus olhos.

— Certo.

LAUREN

Não estava nem acreditando que seria tão fácil, mas afinal, eu tinha uma coisa que Juliette queria muito e talvez fosse o suficiente para superar as desavenças iniciais entre nós. Tomei meu chocolate quente com um sorriso de vitória, talvez cedo demais, mas era minha e ninguém poderia tirá-la de mim.

Com exceção de certa bruxa morta que tinha acabado de voltar. Foi tudo rápido; num segundo Juliette estava sentada à minha frente, perfeitamente bem e saudável, e no outro ela começou a tossir sem parar. Tossir *sangue*. Eu conhecia muito bem aquele feitiço. Levantei, dando a volta na mesa em meio segundo, antes que alguém percebesse o que estava acontecendo, e coloquei uma nota de vinte dólares sobre a mesa.

— O que está acontecendo comigo? — Segurei-a pelos ombros e ajudei-a a se levantar.

NACIONAIS - ACHERON

— Um feitiço. Acho que sei quem o está fazendo. — Guiei-a até a saída e percebi que tinha parado meu carro longe demais, há uns duzentos metros. Juliette, então, entregou-me suas chaves e seu corpo se dobrou para frente; ela apoiou a mão na porta do carro, equilibrando-se ao abrir a porta, pegando uma caixa de lenços de lá. Entrei pelo outro lado e dei a ré.

— Quem você acha que está fazendo isso? Ivy?
— Ergui os ombros e girei o volante. Ela continuou a tossir. — Sabe como parar isso?

— Não sei se consigo, eu sou uma bruxa banida pelos ancestrais. — Ela continuou a tossir; mais sangue e usou o lenço. Peguei seu celular e liguei para Rafael cinco vezes, seis, depois dez. — Merda! — Bati as mãos com força contra o volante.

— Ele não vai atender. — Olhei para ela. — Ele está deixando ir para a caixa postal porque está vendo que sou eu.

Quando o sangue parou, ela provavelmente achou que tinha acabado ou que aquela era a pior parte, mas não poderia estar mais enganada. E iria piorar.

Juliette levou as mãos às têmporas, sentindo a
NACIONAIS - ACHERON

provável pior dor de cabeça de sua vida. Dividindo minha atenção entre a rua e os carros ao meu redor, tentei ligar para Cedrico, mas deu desligado. Já começava a escurecer, mesmo que fosse cedo demais para tanto. Eu deveria levá-la aos Hamilton, não ao cemitério. As ancestrais não ajudariam muito naquele momento.

Devolvi-lhe o celular e ela o guardou no bolso de dentro da jaqueta.

Comecei a tremer e apertei o volante ainda mais, tentando conter meu nervosismo. Juliette era a única pessoa que não podia morrer de um feitiço que eu podia curar; era a única de quem eu precisava, desesperadamente. Tanto pelo feitiço pelo que ela faria com ele. Tentei respirar fundo e fitei-a, vendo que ela fazia o mesmo, com os olhos fechados.

— Você está bem? — Tive medo da resposta, mas ela assentiu, embora sentisse uma dor catastrófica. Entramos na estrada vazia e dei uma olhada nela, quando me volvei para a estrada, uma mulher de preto estava na nossa frente a duzentos metros. Amaldiçoei-me por hesitar tanto quando precisava ser forte e acelerei, ao invés de parar, NACIONAIS - ACHERON

mesmo que Ivy talvez não morresse. Ela estava murmurando um feitiço e minha cabeça começou a explodir. Num segundo, eu tinha consciência e controle de tudo e, em outro, a dor era tão insuportável que perdi a consciência.

Estava tudo escuro e eu estava de cabeça para baixo, contudo, ao abrir os olhos, pude sentir cada dor. Gemi, sentindo os estilhaços de vidro em minha pele. Graças a Deus não tinha colocado cinto, assim, apoiei as palmas e tomei fôlego antes de abrir a porta e rolar para o asfalto da estrada vazia. Fora o vidro em minha pele, não parecia estar quebrada. Passei o braço direito pela minha barriga e vi que Juliette estava muito fora da estrada.

Andei até ela o mais rápido que pude, sentindo dor em cada músculo enquanto o fazia. Ela parecia... *Morta*. Horrivelmente. Ajoelhei ao seu lado, perto do seu rosto, e chequei seu pulso. Suspirei aliviada, mas, ao tocar algo escuro em seu abdome, meus dedos ficavam ensopados de sangue e usei a mão esquerda para estancar o sangramento.

NACIONAIS - ACHERON

Raciocinei rápido. Magia era inútil, talvez mais que isso. Com a mão direita, suja de sangue, peguei seu celular no bolso da jaqueta e limpei o polegar na minha camiseta branca para que o *touch* funcionasse. Tentei Joseph e ele atendeu no segundo toque.

— Preciso de uma ambulância, Joseph. Na estrada 22, seja rápido. — Falei rápido, desesperada, como se a rapidez e urgência em minha voz fossem fazê-lo chegar mais rápido. Ele devia fazer alguma ideia do que era, porque apenas confirmou que chegaria em cinco minutos. Deixei o celular de lado para me concentrar em fazê-la parar de sangrar. — Vamos, me deixe ver seus olhos, só lute um pouco mais. Por favor, por mim. *Vamos lá.*

Ela estava sangrando muito na altura do abdome, mas não fazia a menor ideia do que poderia tê-la ferido; só pressionei com força para não sangrar tanto. Ela já estava branca, feito papel. O celular começou a vibrar e ajeitei as pernas e a postura, ficando mais ao lado do seu corpo para pressionar o ferimento.

— Oi. — Minha voz era trêmula e assustada enquanto eu sentia a vida deixar seu corpo, assim

NACIONAIS - ACHERON

como sua magia fluir para fora dele. E eu não podia fazer nada para impedir que acontecesse.

Em meio a tanto pânico, nem me lembrei de olhar quem era antes de atender:. — Por que está com o celular da Juliette? — Meio segundo de pausa e ele pareceu surtar. — Ela está bem?

— Não, eu acho que não. — Merda. Eu estava quase desabando.

— O que aconteceu, porra? Fala onde ela está que eu estou indo. — Expliquei o melhor que pude e disse onde era. Ele desligou na minha cara e vi as luzes piscando antes de ver a ambulância. Joseph desceu de lá e me mandou levantar, segurando meu cotovelo enquanto a levavam numa maca.

— Não deixe que ela morra. — Ele me levou até uma segunda ambulância, falando sobre um curativo.

— Deixe-me cuidar de você e fazer o melhor que puder por ela. — Peguei o celular de Juliette e enfiei no bolso de trás do jeans, assentindo.

Abandone a esperança

Era escuro onde acordei, mas não escuro como o inferno, só como o quarto de um hospital. Agulhas perfuravam o meu braço, injetando soro e medicamento em minha veia. Tentei enxergar alguma coisa e vi sombras do lado de fora do quarto.

Alguém se levantou do sofá e a luz se acendeu. Suspirei quando vi que era Cedrico, não qualquer outra pessoa. Talvez uma personificação do mal.

— Você está bem? — Fiquei feliz ao escutar sua voz meio rouca e sentir seus dedos acariciando meus cabelos.

— Acho que sim, há quanto tempo estou aqui?

— Dois dias. — Ele ergueu a sobrancelha brevemente e segurei sua mão pelo que pareceu uma eternidade de silêncio, até que Joseph entrou. De jaleco e com um prontuário.

— Como está se sentindo? — Respondi a uma
NACIONAIS - ACHERON

dezena de perguntas, do tipo, como estava minha dor e depois o fiz responder às minhas. Cedrico não estava muito falante, então me contentei com as respostas de Joseph. Lauren arranjou a erva para curar o feitiço de Ivy, mas Cedrico quem o havia desfeito, de fato, já que ela estava meio fora do ar nos últimos tempos; desde que fora banida. Eu teria que agradecer a ela, mas só depois de saber por que Cedrico estava todo esquisito comigo. Joseph saiu para nos deixar sozinhos e meu namorado se sentou ao meu lado, fitando-me profundamente.

— Rafael quer te ver. — Ele foi direto ao ponto. — E, só para que fique claro, não estou nem um pouco confortável com isso depois do que aconteceu. Sei que não deveria te encher com isso agora, porque você quase morreu, mas depois do que aconteceu lá em casa, não consigo ignorar que ele é...

— Eu não quero vê-lo. — Falei, convicta. Cedrico franziu os lábios e tomou minha mão que não tinha uma agulha entre as suas, cuidadosamente, e depositou um beijo na parte de cima.

— Certeza?

NACIONAIS - ACHERON

— Sim. Tenho toda a certeza. — Tentei me sentar e ele ajudou. — Além disso, quem eu quero está bem aqui. — Ele sorriu e lembrei que devia estar horrível, toda bagunçada depois de passar dois dias no hospital enquanto perdia e recobrava a consciência.

Acabei acordando de madrugada e tive confiança o suficiente para levantar e achar minhas roupas, vesti-las e parar por alguns segundos para ver Cedrico adormecido no sofá ao lado da porta, de frente para a cama.

Tive que levar o soro comigo e encontrei Joseph em sua sala.

— Você não deveria sair do quarto. — Ele levantou quando parei na porta.

— Eu sei, mas estou morrendo de fome. — Ele me acompanhou e saímos juntos.

— Estava saindo para comer alguma coisa. Quer me acompanhar? — Não esperei que ele insistisse, acompanhei-o até uma lanchonete do outro lado da rua e ele me comprou cheeseburger; foi esquisito estar com um soro, embora ele tivesse dito que estava tudo bem. Voltamos ao hospital e comemos

NACIONAIS - ACHERON

no refeitório vazio. Um relógio dizia que eram 2h57 da manhã. 22 de novembro. Realmente, dois dias dormindo. Comecei a devorar o cheeseburger e notei que Joseph me encarava.

— Onde Rafael está? — Não era aquela a pergunta que eu queria fazer, mas saiu, de qualquer maneira.

— Em casa. Ele esteve aqui. — Ele disse como se devesse significar um alívio, quando ele sabia que não era. — Eu sei que vocês brigaram e não estavam se falando antes, mas ele se importa muito com você e queria que soubesse disso.

Olhei para a comida e tomei um gole de Coca.

— Eu sei, mas não posso estar com ele agora. Nem vê-lo. — Joseph assentiu e levantou, olhou para os lados e jogou seu cheeseburger comido pela metade na lata de lixo.

— É uma pena que um dos meus filhos esteja tão feliz e o outro tão infeliz. Volte para o quarto quando terminar de comer. — E ele se foi.

Encontrei o quarto e vi que estava escuro e vazio. Sentei na cama e recoloquei o sono no suporte, desabando, ainda muito fraco. Adormeci num segundo e acordei uma hora depois quando a porta

NACIONAIS - ACHERON

se abriu. Meus olhos se recusaram a abrir e me movi, puxando a coberta até a altura do peito. A porta se fechou e imaginei que devia ser enfermeiros ou alguém a fim de perturbar meu sono, até mesmo Cedrico. Mas eu não estava nem para ele naquele momento, só podia me concentrar em me recuperar. Escutei passos no quarto e abri os olhos, assustada, sentando-me parcialmente no escuro; senti algo sobre mim e vi Ivy ao meu lado.

Seus olhos brilhavam como brasa, aquele verde que eu conhecia bem. A luz se acendeu a ela fez um gesto, impedindo-me de respirar. Coloquei as mãos na garganta, em um ato desesperado, tentando respirar, ao sentir o gosto metálico de sangue em minha boca.

— Você devia ter morrido. — O quarto começou a girar a uma velocidade vertiginosa e senti que perderia a consciência. Tentei lutar; em vão. Era como se a magia não a afetasse, e talvez não pudesse, já que ela estava morta. Tentei outra vez, mas era inútil e caí na cama. — Eu sinto muito. — Ela girou a mão e senti aquele aperto em meus pulmões. Ivy pegou um travesseiro e minha cabeça caiu contra o outro na cama. — Sinto mesmo. Mas

NACIONAIS - ACHERON

por Izabel, não por você.

RAFAEL

Corri pelo hospital como louco até aquele maldito corredor e encontrei Jon do lado de fora, assim como Izabel, sentada. Ela chorava e foi tudo que pude notar antes de passar por Joseph, que me mandou parar, mas não pude fazê-lo. Abri a porta com força e aquela visão me paralisou.

— Rafael. Pare! — Ele esbravejou em um tom de autoridade que eu quase não reconhecia, mas parei por vontade própria. Por não ter capacidade de continuar. Meus olhos arderam e dei um lento passo para dentro. Joseph segurou a porta, esperando que eu saísse, mas já deveria saber que eu não ia fazer. Cedrico que saísse.

Se Julies estava morta era por culpa dele e tive vontade de agarrá-lo pelo colarinho da camisa e deixar isso claro, mas não fui capaz. Caminhei até onde ela estava, mais pálida do que fora antes. Seus lábios estavam quase roxos e ela vestia jeans e blusa vinho de lã. Contive qualquer coisa dentro de mim e cheguei mais perto. Estranhamente, Cedrico

NACIONAIS - ACHERON

se levantou e saiu, deixando-me sozinho no necrotério. Segurei sua mão e puxei um banquinho, observando seu rosto plácido de maneira mais do que mórbida.

Ela já deveria ter acordado. Por que estava demorando tanto? Não aguentava a espera e a expectativa. Izabel abriu a porta. Senti seu perfume e escutei-a fungar; ela era a única que chorava. Eu também tinha vontade de fazer isso, mas algo me consolava. Talvez, até mesmo a imagem de Juliette; seu corpo a minha frente reprimia em mim esse impulso. Izabel ficou parada atrás de mim e não me virei para, como todos os outros, dizer que sentia muito. Ela era minha também, ou talvez devesse ter sido e eu tinha sido um babaca filho da puta da última vez em que nos vimos.

Aquilo doía dentro de mim como o inferno.

— Ela vai acordar? — Assenti, morrendo de vontade que ela saísse logo dali. E estaria com ela com acordasse, e ninguém além de mim. Izabel suspirou. — Acha que ela preferia estar morta? — Izabel se sentou ao meu lado, mas, ao contrário de mim, não olhava para o corpo de Juliette. Ignorei-a por longos segundos.

NACIONAIS - ACHERON

— Não diga bobagens. — Falei, acariciando a parte de cima da mão de Juliette. Era macia, como antes, porém, agora fria.

— Não é uma bobagem, ela nunca desejou se tornar algo assim, e mesmo assim...

— Eu também nunca desejei. Eu morreria por ela. — Olhei fixamente para Izabel. — Se eu pudesse, eu morreria por ela.

— Eu sei que você...

— Você não sabe. — Desviei os olhos e a atenção dela. — Só quero esperar que ela acorde e ajudá-la a passar por isso. É o que você deve fazer, não chorar por quem não está morto. — Ela fungou e fechou os olhos.

— Ela *está* morta... — Izabel se levantou e pediu que eu avisasse quando Julie acordasse, mas eu não ia e ela provavelmente sabia.

Meus olhos não desviaram dela por um segundo durante os trinta minutos que se seguiram. Sua pele estava fria e num tom cadavérico. De repente, seus olhos se abriram e ela tomou fôlego; o ar ficou preso em seus pulmões enquanto ela arfava por ele. Juliette arquejou e olhou a sua volta, assustada, sem

NACIONAIS - ACHERON

se mover. Então seus olhos encontraram os meus e fiquei de pé num pulo, ao que ela se sentou na espécie de bandeja metálica do necrotério.

— O que está acontecendo? — Ela murmurou sem ar e segurou minha mão com força a ponto de quase quebrar meus ossos. Lembrei-me do que ela era agora e que poderia, de fato, fazê-lo. Respirei devagar, calculando as palavras. Deslizei os dedos pelos seus cabelos e ela me olhou com medo. Seus dedos deixaram uma marca arroxeadada em minha mão, mas não soltei. — Eu deveria estar morta. — Ela começou a se mover, fora de si. — Eu não deveria estar aqui, Rafael. O que está acontecendo? — Juliette mal conseguia respirar e segurei seu rosto na vã tentativa de acalmá-la, mas, ela se desvencilhou do meu toque e, enquanto ficava de pé devagar, como se testasse seus membros, ajudei-a a se equilibrar.

— Precisamos conversar. — Falei lentamente e ela quase caiu, mas aparei-a, segurando-a firme pela cintura. Não fazia a menor ideia do que fazer ou de como contar a ela a merda que meu pai e meu irmão tinham feito, ao mesmo tempo em que vi o ato deles como sendo certo.

NACIONAIS - ACHERON

Tudo se divergia em minha cabeça. Mas tudo que eu conseguia pensar era que ela estava em meus braços; seu corpo ficando quente aos poucos. Peguei-a no colo e Julie encostou a cabeça em meu peito quando a levei para longe dali, para longe da morbidez do necrotério, onde tinham tido a infeliz ideia de colocar seu corpo. Levei-a ao consultório do meu pai, que estava vazio, e deitei-a na maca. Tirei seu cabelo do rosto e fiquei de pé ao seu lado.

— Rafael, por favor. — Vi as lágrimas começarem a acumular em seus lindos olhos verdes e, dentro de mim, algo se quebrou. — Me diz o que está havendo. Por que eu não...

— Quando Joseph te trouxe para cá... — Ela se sentou, secando com as costas das mãos, as lágrimas que escorreram pelo seu lindo rosto. Afastei-me da maca. — Você estava machucada. Mais machucada do que ele poderia te ajudar, então Cedrico tomou uma decisão... — Por Deus, como eu deveria continuar? — Joseph usou o sangue da Brie para curá-la e quando Ivy...

— Você quer dizer que eu... — Ela começou a tremer e colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha, aos pouco entrando em pânico. Aproximei-

NACIONAIS - ACHERON

me e segurei suas mãos trêmulas entre as minhas. — Me diz... Diz que eu entendi errado. — Ela apertou minhas mãos com força e ergui a mão direita para limpar uma lágrima em seu rosto.

— Eu sinto muito... Mas você precisa se alimentar.

— Não, eu não vou. — Juliette afastou minha mão e enxugou suas próprias lágrimas. — Não posso me tornar esse monstro, Rafael. Acredito que Joseph tenha tentado ajudar, mas...

— Vou te deixar pensar. — Depositei um beijo em sua testa e me virei no segundo que a porta se abriu e Cedrico entrou por ela. Ela passou os braços em torno do pescoço dele, abraçando-o com força.

JULIETTE

— Eu vou encontrar um jeito. Um feitiço... *Alguma* coisa. — Cedrico estava fora de si pelo seu quarto enquanto eu estava sentada em sua cama. Não conseguia sentir nada além do frio que revestia e residia em minha pele.

— Eu estou morta. Acho que feitiços não vão resolver muita coisa. — Ele parou de andar e me
NACIONAIS - ACHERON

fitou.

— Você fala como se não se importasse. — Cedrico se aproximou e sentou ao meu lado, inspirando longamente. — Foi tudo minha culpa.

— Não, tudo bem. — Ajeitei-me sob os lençóis e ele fechou as cortinas para me proteger do terrível amanhecer, embora o sol apenas formigasse em minha pele. Só passaria a queimar *quando* eu completasse a transição. Cedrico me mantivera confortável e evitara o assunto, mas ele esperava que eu fosse fazê-lo mais tarde. — Escute. — Segurei a mão dele no escuro parcial do quarto. — Eu não posso fazer isso. Não posso ser uma vampira. — Apertei sua mão levemente e tentei esboçar um sorriso, um tanto triste. — Eu estava cheia de vida, e agora me sinto vazia. Não consigo me imaginar desse jeito...

— Não diga isso. — Ele balançou a cabeça e mordeu o lábio, afastando seu toque quente.

— Só me escute. — Fiz uma longa pausa, fitando-o profundamente. — Eu passei *toda* a minha vida com essa mesma sanidade. Eu não sei o que ou quem vou me tornar, mas sei que não sou capaz de fazer isso. Não seria capaz de aguentar se

NACIONAIS - ACHERON

ferisse alguém... Então, por favor, só diga que me entende.

Cedrico manteve o silêncio entre nós por um longo minuto, então se levantou.

— Sei que está confusa agora, mas você tem o dia inteiro antes que precise se alimentar. Até lá, vou esgotar cada possibilidade que esteja ao meu alcance... *Qualquer coisa* para trazê-la de volta. — Discutir com ele só iria me esgotar; ele continuaria obstinado a reviver algo que já estava morto.

Fiquei trancada por horas no quarto de Cedrico, o que me deu tempo de sobra para pensar sobre tudo. Não conseguia ficar completamente triste, mas algo dentro de mim estava quebrado para sempre. O que, naquele caso, eram somente algumas horas. Às 17h59, quando o sol já tinha quase desaparecido por completo, saí da cama e coloquei um jeans limpo com minha camiseta com os dizeres *I love you, Bristol* que eu tinha deixado lá na última vez.

Saí do quarto e encontrei Rafael no corredor.

— Você pode me dar uma carona? — Ele assentiu, meio desconfiado, mas aceitou ser meu motorista nas horas que me restavam. Primeiro, fui

NACIONAIS - ACHERON

ao apartamento de Jon e deixei uma carta curta, dizendo o quanto amava ele e a minha mãe. Saí rápido antes que ele aparecesse e falei a Rafael para onde ir.

Quieta, fiquei passando as fotos no celular. Eu estava em paz com aquilo, de uma maneira estranha que eu não conseguia explicar para mim mesma, mas era como eu me sentia. Apesar da fome, estava tudo correndo como o planejado. Guardei o celular e fitei Rafael, que estava concentrado na estrada. Ou ao menos fingia bem.

Na escola, despedi-me de tudo aquilo que eu tinha deixado lá com uma suave tristeza. Peguei uma página do *Liber Spiritus* e o diário que Alex tinha me dado. Escrevi algo bonito no diário e coloquei uma foto nossa marcando a página. Senti as lágrimas quentes em meu rosto e solucei, engolindo tudo, jogando para o lugar mais fundo em meu peito. Rafael fez menção em se aproximar, mas recuei um passo.

— Não fique perto de mim, posso sentir o sangue pulsar na sua jugular. — Sou estranho e insano, mas eu realmente *sentia*. Ele recuou e entreguei-lhe o que levava em minhas mãos, explicando que o NACIONAIS - ACHERON

diário era para Alex e a página para Lauren, esperando que ele me fizesse aquele último favor. Sentei-me no banco de trás de seu carro, tentando conter o impulso assassino que uivava em minhas veias mesmo que fosse forte e opressor.

— Você ainda tem uma chance. — Ele disse enquanto dava a ré para continuarmos com a nossa rota da morte.

— Não, só queria poder me despedir das pessoas que eu amo sem tentar arrancar a garganta de nenhuma delas. — Ele ficou em silêncio e disse a ele para onde ir. Rafael se virou, brevemente, para me olhar. — Quando nos conhecemos eu senti *tudo* por você, mas escolhi ignorar essas coisas estando com Cedrico, porque parecia certo e eu precisava *tão desesperadamente* de algo normal na minha vida. Mas você não faz ideia do quanto eu *era* apaixonada por você, antes de morrer. Só que eu também amava seu irmão.

“E eu achei que poderíamos funcionar, eu e você. Achei que poderíamos ser amigos se eu tentasse com afinho deixar meu coração um pouco de lado. Eu estava completamente apaixonada por Cedrico; não duvide disso por conta do que eu sinto por

NACIONAIS - ACHERON

você. — Engoli as lágrimas e suspirei. — Parece que foi a uma vida inteira atrás. — Abaixei meus olhos para o assoalho do carro. — E eu sei que você também sente algo por mim ou não estaria aqui *agora*. Eu queria ter feito tudo diferente. — Quando aquilo ficou forte em meu peito, deixei que saíssem e as lágrimas escorreram suavemente pelo meu rosto —, eu não teria permitido que abrisse mão de mim assim tão facilmente. Nem que *eu* abrisse mão de você...

Ele parou o carro e saiu dele. Quando achei que ele não ia dizer, ele abriu a porta e me puxou pelo pulso e fechou a porta com um movimento do punho; minhas costas bateram firmemente contra a porta do carro. Fechei os olhos por um segundo, tentando controlar as lágrimas de escorreram pelas minhas bochechas.

— Desculpe-me por todos os erros que eu cometi. — Seu tom era ora firme, ora hesitante. — Eu deveria ter lutado por você. — Ele deslizou o indicador pela minha bochecha e, sem pensar, nos aproximamos ao mesmo tempo. Nossas bocas se tocaram no mesmo segundo e senti minha sede pelo sangue dele crescer vertiginosamente. Esfreguei os

NACIONAIS - ACHERON

lábios aos dele, sofregamente e abracei-o para mim, sentindo seu corpo quente contra o meu quando ele se afastou e me abraçou.

— Preciso ficar sozinha. — Murmurei e me afastei devagar, como se deixasse para trás uma parte minha.

Passei pelos portões do cemitério e meu corpo se dobrou. Não sabia se estava morrendo ou se não era bem-vinda naquele lugar, mas eu queria estar ali. Só tinha uma pessoa da qual eu nunca conseguiria me despedir. Sentei-me no chão, aos pés de um tumulto qualquer.

Ainda eram 19h23 quando meu celular vibrou.

— Não posso me despedir de você. — Disse antes que ele pudesse pensar em algo.

— Por favor, não me diga que espera que eu fique parado enquanto você morre num lugar qualquer. Só me diga onde você está, e eu prometo que não vou tentar te convencer. — Olhei em volta e enfiei o rosto entre nos joelhos.

— Tudo bem. — O tempo que Cedrico demorou a chegar ao cemitério foi uma verdadeira eternidade. Permaneci onde estava, no chão, vendo-

NACIONAIS - ACHERON

o correr até mim. Cedrico ajoelhou-se ao meu lado e sentou.

— Eu não sei o que dizer. — Ele disse depois de um longo minuto ao meu lado. — Tem um milhão de coisas na minha cabeça agora, mas eu prometi que não tentaria te convencer. Eu tentei te trazer de volta, mas não consegui. Os ancestrais...

— Eles me querem morta, Cedrico. Assim como Ivy, então não há nada que você possa fazer. Só quero que saiba disso. — Voltei-me para ele. Convenci Cedrico a ir embora e me despedi o melhor que pude, sentando-me no chão.

Sentia como se pudesse tossir meus pulmões a qualquer momento; tossi sangue e olhei em volta, consciente da presença dos espíritos que eu não podia mais ver. De todos os ancestrais que estavam a minha volta, como na noite em que me ajudaram a salvar Cedrico, e suspirei. De qualquer maneira, morta ou viva, eu esperava que Friedrich permanecesse onde estava, que Lauren conseguisse salvar o pai dela e selar o mundo prisão permanentemente. Que tudo desse certo e já estava bom; eu só lamentava ter que deixar as pessoas que eu amava daquela maneira tão abrupta e repentina.

NACIONAIS - ACHERON

Chequei as horas. 22h57.

— Adeus. — Murmurei para ninguém em especial, olhando para os túmulos dos antigos, e por fim, para as estrelas no céu, com o cenho franzido por um longo momento.

Epílogo

— Não tão cedo. — Ergui os olhos para ver Alex e Rafael diante de mim. Alex começou a se aproximar e me levantei em um pulo, escutando seu coração bater, o sangue fluir por cada veia do seu corpo. Comecei a andar para trás e estendi o braço em sua direção, em uma tentativa de parar sua aproximação, para que ele voltasse de onde quer que tivesse saído.

— O que você está fazendo? Fique longe de mim!

— Eu não ia te deixar sozinha nesse momento. Achou que uma carta ia fazer com que eu me conformasse? Que aceitasse? — Ele continuou se aproximando.

— *Fique longe de mim!* — Gritei para ele. Minhas presas se alongaram e comecei a me transformar, mas consegui me conter no último segundo. Por um único fio.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu não tenho medo de você. — Alex continuou caminhando na minha direção e parei, sem palavras. — Eu estou do seu lado. Quando você era uma bruxa, e agora que é uma vampira. Eu *sempre* estarei ao seu lado. — Recolhi as presas sem saber direito como fazia aquilo e tomei fôlego antes cortar o espaço entre nós com breves passadas e agarrá-lo para mim, abraçando-o com força, quase chorando.

Porém, um momento depois, a fome voltou e meus caninos se alongaram sob sua jugular. Sabia que não conseguiria mais me conter.

— Julies. — A voz de Rafael me tirou do transe. Não conseguia mais suportar aquela sensação e Rafael segurou meu cotovelo para que eu girasse, segurou meus ombros com força, na tentativa de me conter. — Não o machuque.

— Eu não consigo. — Rosnei. Senti Alex se afastar atrás de mim, mas meu olhar estava preso naquele verde-musgo intenso. Meus olhos estavam vermelhos e a íris negra; as veias saltadas abaixo dos meus olhos e meus lábios entreabertos, exibindo as presas que eu queria esconder, mas sentia que tudo era mais forte do que eu tinha

NACIONAIS - ACHERON

forças para conter, como se tivesse mais alguém dentro de mim, lutando, querendo sair.

— Alimente-se. De mim, não dele. — Relaxei e respirei, aproximando-me. Quando Rafael mandou Alex embora, ele o fez sem delongas, possivelmente assustado com minha reação animalesca.

Não consegui mais pensar uma vez que Rafael inclinou a cabeça para o outro lado. Cravei meus dedos em seu ombros para me apoiar e enfiei as presas em seu pescoço, perfurando-o. Ele gemeu, uma mistura de dor e alguma coisa que não consegui nomear, e movi meus dedos até a sua nuca, sugando seu sangue com agressividade. Algo dentro de mim mudou. Era como se eu sentisse uma enorme fome, sem comer por dias, como se o sangue dele fosse a eletricidade e minhas veias fossem cobre, transmitindo aquela sensação inebriante pelo meu corpo com um enorme impulso e com toda a força. Minha intenção inicial era tirar dele apenas o suficiente, mas quando comecei, não consegui mais parar. Puxei um pouco mais os seus cabelos erguida na ponta dos meus pés e inspirei lentamente ao continuar tomando mais e mais dele.

NACIONAIS - ACHERON

Seu corpo começou a ficar frio e lembrei que deveria soltá-lo se não pretendia tirar sua vida, mas parecia doloroso ter de abandonar aquela sensação. Tudo em que eu conseguia pensar era em mais, mas então algo se revirou em meu peito. Eu não podia matá-lo, é claro que não. Mal conseguia pensar em respirar sem ele. Comecei a me afastar lentamente e vi que meus dedos tinham deixado uma marca roxa onde eu o tinha segurado, no antebraço e em sua nuca. O sangue escorria pelo seu pescoço em dois filetes e Rafael o tocou com a ponta dos dedos trêmulos antes de girar e sentar-se, aparentemente tonto, em um dos túmulos.

Seus lábios tinham perdido a cor, como sua pele. Deslizei o polegar pelo meu lábio inferior para limpar o sangue que escorria e o levei aos lábios para, um momento depois, ajoelhar-me diante de Rafael com a mão esquerda espalmada em seu joelho. Em parte para manter o equilíbrio que eu não sabia se podia manter sozinha, em parte, para checar se ele ainda estava vivo.

— Você está bem? — Foi uma pergunta estúpida, porém necessária, e só pude respirar novamente uma vez que ele agitou a cabeça em um

NACIONAIS - ACHERON

gesto afirmativo. Capturei seu olhar e o fiz olhar para mim, então desabei no chão ao lado dele com as costas contra a pedra fria do túmulo. — O que você me fez fazer? — De modo repentino, porém intenso como um tsunami, senti que havia lágrimas em meu rosto.

Passada a sensação de entorpecimento, como se eu tivesse experimentado uma droga forte, percebi que estava no apartamento de Jon, no meu quarto cor-de-rosa. O sol entrava através da janela e estranhei o fato de não ter me carbonizado, assim, me sentei devagar na cama, ainda acostumando-me com aquele novo corpo, para ver Rafael sentado na poltrona no canto do quarto. E, por fim, o motivo de eu não ter me queimado: havia um anel delicado em meu dedo médio da mão direita, adornado com uma pedra negra e oval.

— Você pode andar ao sol, o anel é um feitiço. — Ele se levantou, saindo lentamente da escuridão, e pude notar o curativo em seu pescoço. Tudo começou a voltar lentamente. Eu me alimentando dele...

NACIONAIS - ACHERON

— Ontem à noite... — Minha cabeça estava explodindo e pisquei algumas vezes. — Eu te machuquei.

— Eu vou ficar bem. — Levantei com cuidado e fiquei de frente para ele, com uma profunda inspiração.

— Desculpe. — Ergui os dedos até seu pescoço, mas, daquela vez, não senti como se devesse atacá-lo. Talvez pelo fato de estar *alimentada* e saciada. — Eu não queria ter feito isso, mas você estragou tudo aparecendo lá ontem.

— Eu sei, mas... — Não consegui desviar os olhos dos dele. Rafael se calou e entreolhamo-nos por um longo momento, então ele concluiu o que ia dizer, mais baixo: — Não poderia simplesmente deixá-la partir, se insistisse mais nessa hipótese, seria a pessoa mais egoísta do mundo.

— Essa escolha cabia a mim e a mais ninguém. — Afastei-me, sentindo uma raiva que eu não queria sentir me invadir aos poucos.

— Eu sei e sinto muito por forçá-la. — Ele se aproximou e recuei um pouco mais, daquela vez, na direção oposta, da janela. Além da raiva cega, minha cabeça começou a explodir e minha visão

NACIONAIS - ACHERON

ficou turva. — Juliette. — Desabei na poltrona e meus olhos se fecharam. Uma onda de coisas apareceu na minha cabeça e comecei a por em dúvida minha sanidade antes que as imagens fizessem sentido.

— *Estou te deixando ir. — Rafael estava diante de mim, mas não estávamos mais na minha casa, mas na dele. No quarto de Cedrico. Eu estava sentada na cama diante dele, mas não era exatamente eu, já que eu estava diante daquela versão minha e dele, como uma expectadora.*

— *É o mais nobre a se fazer?! — A Juliette da estranha visão perguntou e Rafael assentiu, hesitante. — Eu tentei fazer isso há algum tempo. Não deu certo.*

Para minha surpresa, ela, ou eu, o beijou e meu corpo se arrepiou. O que diabos ela estava fazendo? Alguém não avisou que ela tinha um namorado enquanto estava beijando outro cara? Irmão errado, por sinal. Ciente de que não poderiam me ver, e que eu estava presa naquilo até acabar, fiquei vendo para ver onde ia dar. Ao
 NACIONAIS - ACHERON

mesmo tempo em que me perguntava por que diabos eu não me lembrava daquilo.

Lembrei-me do que Rafael tinha me dito certa vez sobre ter dado um jeito nas memórias de Thomas. Talvez ele tivesse feito o mesmo comigo e já que eu estava morta, as coisas estavam voltando.

— Eu não deveria ter feito isso, não sei o que deu em mim. — Ela cobriu os lábios com o cenho franzido e vi o arrependimento no brilho de seus olhos. Talvez ela tivesse lembrado, finalmente, que estava com Cedrico. Rafael se levantou e ficou olhando para a Juliette da visão.

— Isso... Não deveria ter acontecido. — Ele se sentou e murmurou algo em latim. Eu sabia! — Quero que esqueça que estive aqui, esqueça tudo o que aconteceu. Volte a dormir, se se lembrar de algo, será apenas um sonho.

Rafael estava ao meu lado quando abri meus olhos e dei um pulo da poltrona, exasperada.

— Como pode fazer isso, seu filho da mãe? — Fiquei longe dele, o máximo possível para evitar machucá-lo, embora estivesse enlouquecida de

NACIONAIS - ACHERON

fúria por dentro.

— Eu não poderia deixá-la saber — Ótimo que ele tinha deduzido o que eu tinha visto, pois ter que me explicar seria um ponto negativo. Para a raiva que continuava se acumulando dentro do meu peito enquanto eu tentava fazer aquilo parar. — Seria uma lembrança corrosiva, só faria com que se sentisse culpada. Com que... Contasse ao meu irmão e isso não ia resolver *porcaria* nenhuma. — Ele finalmente se lembrou de respirar, fora de si e quase sem fôlego.

— Apesar de tudo, fui eu quem o beijou, você não me obrigou a nada — Comecei a raciocinar e deixar os sentimentos confusos de lado. Rafael assentiu — Acho melhor você ir embora.

Ele ergueu a sobrancelha com o cenho franzido, por fim virou-se para ir.

— Não importa o quão furiosa esteja comigo agora, estarei por aqui se precisar. — Ele se virou para dizer, com a mão na maçaneta.

Assenti, engolindo todas as palavras desastrosas que eu poderia ter dito a ele. Enquanto Rafael abria a porta para ir embora, meu coração acelerava, pedindo que ele ficasse, mas permaneci onde

NACIONAIS - ACHERON

estava, incapaz de dar um passo. Fiquei onde estava, encarando o local onde ele estivera depois de ele ter ido embora, por fim, desabei na poltrona sem forças. O sol tinha acabado de nascer, revelando-me a um milhão de possibilidades que eu ainda não conseguia assimilar. Eu queria que Rafael tivesse permanecido comigo enquanto seu sangue ainda corria em minhas veias.

Como ele mesmo tinha dito, teria sido egoísta partir, mas eu sabia que seria mais egoísta ainda pedir para que ele ficasse. Fitei o anel, sentindo o vínculo eterno a partir dali e no fim de tudo, pensei em Cedrico. Eu o amava, afinal, ainda o queria.

Não haveria mais complicações depois de tudo e eu estaria com quem havia escolhido muito antes. Eu o amava o bastante para tentar e fazer dar certo com ele, só tinha dúvidas se aquele amor todo seria o bastante para eu ignorar o que sentia por Rafael.

E o que eu sentia por Rafael era impossível de ignorar.

Nota do autor

As coisas entre o *quase* triângulo amoroso podem parecer confusas no início, meio e um pouco no fim, mas nas últimas páginas tudo será doce e romanticamente resolvido.

Se o diabo está nos detalhes, ele cerca estes personagens com suas travessuras de milênios, magia ancestral e feitiços. Como em qualquer romance, é difícil permanecer no amor criado através da adversidade, mas espero que, assim como vocês, eles consigam vencer seus adversários e que tenha um *felizes para sempre* do jeito que merecem.

Como sempre, tenho de dedicar a alguém. Juliana, que me apoia em todas as minhas loucuras

quando idealizo algo de novo. Ao *Sixpence None The Richer*, por terem escrito a canção *Kiss me*, que é inspiração suficiente para uma saga inteira de livros.

E, enfim, espero que gostem e me acompanhem até o fim desta viagem.

Leia um trecho da aguardada
sequência da saga VERFLUCHT:

PERIGOSAS

Predestinados

NACIONAIS - ACHERON

O lugar era uma loucura, cheio de luzes piscando a nossa volta e foi impossível não mover meu corpo em direção aquela música cheia de vida. A cadência era diferente do que eu sentia quando era humana, assim como o ritmo e a pulsação que percorria meu corpo de maneira elétrica.

— Vamos lá. — Chamei Rafael, que estava atrás de mim e nos aproximamos do bar. Inclinei meu corpo na bancada de madeira antiga e pedi duas tequilas. Rafael deslizou uma nota de vinte e peguei as bebidas, entregando a dele antes de virar a minha.

— Você está faminta. — Rafael falou mais alto que a música e finalmente assenti. Ele já sabia disso há muito tempo, mas queria que eu confirmasse. Ficamos de costas para o bar, encarando a multidão de corpos naquela dança

frenética e até um pouco sem sentido, mas não se você estava bêbado ou chapado. — Escolha alguém, se alimente, depois o cure e apague. Todo mundo aqui está drogado demais para reparar suas presas no pescoço de alguém.

Então eu hesitei. Minha mão tremulou e limpei as palmas no vestido, com o cenho franzido. Rafael estava me observando com cuidado; as luzes quase nos cegavam e o barulho atrapalhava meus pensamentos. Eu não estava certa sobre me alimentar de alguém. Não estava certa se eu teria algum controle quando o fizesse, e se eu machucasse alguém...

— Como foi quando me alimentei de você? — Estava certa de que estávamos perto demais um do outro, mas se outra maneira ele não teria me escutado. Eu tinha dado meu sangue a Rafael depois do impacto de ter acordado no meu quarto, com aquele anel e as lembranças.

— Doeu. Mas não foi o tipo de dor que sinto normalmente. — Ele estava olhando em meus olhos, nossos lábios próximos demais... — Eu queria que você o fizesse e saber que meu sangue te manteria viva, de certa maneira, me fez ignorar

NACIONAIS - ACHERON

essa dor. Era intensa e me senti fraco, morrendo... então você parou e senti vida em mim novamente. — Ele se aproximou ainda mais, o som da música eletrônica ensurdecadora me deixando maluca, assim como seu toque quando ele estendeu o a mão, pousando-a em meu braço.

— Eu não quero machucar ninguém.

— Tudo que você precisa é saber quando parar. Sentir a cadência do coração da sua vítima. — Ele pousou a mão exatamente onde meu coração batia acelerado e, naquele momento, olhando em seus olhos, senti como se não tivesse mais ninguém a nossa volta; o som também parecia ter diminuído até quase cessar e sua voz era a única coisa que eu podia escutar. — Sua respiração se torna mais fraca, seu corpo vai perdendo a vida. Então, você deixa seu lado humano assumir o controle, ignora o predador dentro de você e se lembra de que há mais centenas de corpo a sua volta. Esperando para serem experimentados. *E você para.*

A música voltou com tudo, o som das conversas e todo o tipo de ruídos das pessoas a nossa volta, mais alto do que nunca e Rafael se afastou. Duvidei que tivesse aquele controle todo, mas era como se

NACIONAIS - ACHERON

ele me inspirasse a tentar porque eu precisava daquilo. Respirei devagar e meus olhos ficaram negros ao invés de verdes, sem que eu realmente começasse a me transformar; caminhei ao ritmo da música, permitindo seu envolvimento sobre mim. Fechei os olhos, sentindo a eletricidade pulsar pelo meu corpo, guiando-me até o meio da multidão e quando os abri já sabia quem seria minha primeira vítima. Sabia que Rafael estava bem atrás de mim, dançando de maneira sensual e magnética, atraindo a atenção das mulheres em torno dele.

Estava muito cheio, lotado e caminhei até o cara que eu tinha escolhido, sentindo Rafael me acompanhava com o olhar, mesmo de costas, e comecei a dançar mais sensualmente perto dele, jogando meu cabelo para o lado. Nenhum cara resistia aquilo. E ele veio até mim. Charmoso, chapado e bêbado; uma conveniente combinação. A música mudou e ele chegou ainda mais perto, meio que empurrado pela multidão, mas ele queria também. Meus olhos voltaram ao verde e mordi o lábio sentindo o calor da sua pele mesmo que ele usasse uma camisa preta de mangas sob seu corpo irresistível. Dançamos no mesmo ritmo por cerca

NACIONAIS - ACHERON

de 30 segundos e ele se aproximou ainda mais. Aquela presença me inebriava, a promessa do sangue. Sua jugular pulsando irresistivelmente acelerada pelo álcool e a excitação. Envolvi sua nuca com uma das mãos, da mesma altura que ele por conta dos saltos e olhei em seus olhos castanhos e escuros.

— Isso não vai doer nem um pouco, portanto não grite. — Lambi os lábios e senti minhas presas se alongarem um segundo antes de afundá-las em seu pescoço macio. Diferente da primeira e única vez que me alimentei de sangue direto da veia, de Rafael, senti a sensação do que era realmente fazê-lo.

Primeiro, o álcool, depois a cocaína que fazia seu sangue ter um gosto diferente. Mas não senti aquela eletricidade percorrer meu corpo, me intoxicando. Era apenas sangue, como os outros. Desliguei-me do resto, tentando aproveitar, mas estava sendo o contrário do que pensei; não foi a mesma coisa de quando provei o sangue de Rafael e me dei conta de que jamais seria. Segurei sua nuca com mais força, sugando mais dele, sem me importar com nada. Deixei o lado predador assumir,

NACIONAIS - ACHERON

inconsequentemente bebendo mais do que devia e seus batimentos começaram a diminuir. Larguei-o, abruptamente e ele cambaleou vários passos, esbarrando em Rafael atrás dele. Andei, predatoriamente até ele, farta daquilo tudo.

— Esqueça o que aconteceu. — Falei sem emoções e ele assentiu, desaparecendo em meio a multidão.

— Você não o curou. — A voz de Rafael fez com que eu me virasse e percebi, só naquele momento, que estava com raiva.

Raiva por um cara qualquer não conseguir fazer com que eu me sentisse como quando ele era a presa. Inspirei longamente, sem olhá-lo nos olhos, e limpei o sangue que escorria pela lateral da minha boca com o polegar e o lambi.

— *Eu não o matei.* — Meu olhar encontrou o seu e Rafael permaneceu inabalado e neutro. Falei como se fosse algo que ele devesse agradecer e lhe dei as costas.

Mantenha contato com através das
redes sociais:

 www.aneholtmuller.weebly.com

 www.instagram.com/annehmullerfc

 www.facebook.com/aneholtmuller

 www.amazon.com/author/aneholtmuller

 www.skoob.com.br/autor/7924

 www.goodreads.com/author/show/15449960.Ane_

Se você gostou, deixe sua

avaliação ♥

Se quiser receber informações e novidades por e-mail, basta assinar a newsletter acessando o site ou enviando um e-mail para anneholtmuller@gmail.com, até mesmo com suas dúvidas e impressões.

Boa leitura!

[1] Eu te amo, Bristol.

[2] Emissora de TV americana voltada para o público jovem.

[3] Saudável, em inglês.

[4] Referência à canção “Follow Me Down”, The Pretty Reckless.

[5] Referência à canção “Skinny Love”, Bon Iver.

[6] Referência à canção “Comfortably Numb”, Pink Floyd.

[7] *Skins* é um papel usado para enrolar baseado e também uma série britânica do canal E4.

[8] “Merda”, em alemão.

[9] Referência à canção “Gamble”, Lucy Rose.

[10] Referência ao trecho canção “Style”, Taylor Swift.

[11] Parada respiratória.

[12] Estado doentio caracterizado por indiferença, sonolência e apatia.

[13] Referência à canção “It’s All Over”, Broken Band Family.

[14] Referência à canção “I Knew You Were Trouble”, Taylor Swift.

[15] Referência ao trecho canção “Nicotine Dreams”, Laurel.

[16] Referência à canção “More Than You Know”, Billie Holiday.

[17] Referência à canção “Wildest Dreams”, Taylor Swift.

[18] Referência à canção “Dauðalogn”, Sigur Rós.

[\[19\]](#) Referência à canção “Skinny Love”, Bon Iver.

[\[20\]](#) Referência ao álbum “The Dark Side Of The Moon”, Pink Floyd.

[\[21\]](#) Referência à canção “Out Of The Woods”, Taylor Swift.

[\[22\]](#) Referência à canção “Home”, Birdy.

[\[23\]](#) Referência ao trecho da canção “Terrible Love”, The National.

[\[24\]](#) Referência à canção “My Heart Will Go On”, Celine Dion.